



PROFLETRAS

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL  
EM LETRAS (PROFLETRAS)**



**KLAUBER FRANCO DE SOUZA**

**GÊNERO ENTREVISTA RADIOFÔNICA: UMA PROPOSTA DE  
MULTILETRAMENTOS PARA O NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**UBERLÂNDIA  
2018**

**KLAUBER FRANCO DE SOUZA**

**GÊNERO ENTREVISTA RADIOFÔNICA: UMA PROPOSTA DE  
MULTILETRAMENTOS PARA O NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação, como trabalho de conclusão final, apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção do Título de Mestre em Letras.

**Linha de Pesquisa:** Leitura e Produção Textual – diversidade social e práticas docentes.

**Área de concentração:** Linguagens e letramentos.

**Orientadora:** Profa. Dra. Simone Azevedo Floripi.

**UBERLÂNDIA  
2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

S729g  
2018 Souza, Klauber Franco de, 1986-  
Gênero entrevista radiofônica : uma proposta de multiletramentos para o nono ano do ensino fundamental / Klauber Franco de Souza. - 2018.  
207 p. : il.

Orientadora: Simone Azevedo Floripi.  
Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Letras (PROFLETRAS).  
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.912>  
Inclui bibliografia.

1. Linguística - Teses. 2. Letramento - Teses. 3. Gêneros discursivos - Teses. 4. Rádio na educação - Teses. I. Floripi, Simone Azevedo. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em Letras (PROFLETRAS). III. Título.

---

CDU: 801

**KLAUBER FRANCO DE SOUZA**

**GÊNERO ENTREVISTA RADIOFÔNICA: UMA PROPOSTA DE  
MULTILETRAMENTOS PARA O NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

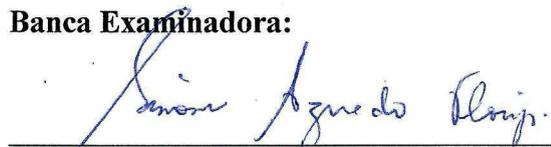
Dissertação, como trabalho de conclusão final, apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção do Título de Mestre em Letras.

**Linha de Pesquisa:** Leitura e Produção Textual – diversidade social e práticas docentes.

**Área de concentração:** Linguagens e letramentos.

Uberlândia (Minas Gerais), 26 de fevereiro de 2018.

**Banca Examinadora:**



\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Simone Azevedo Floripi – (UFU) (Presidente)



\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Maria Aparecida Resende Ottoni (UFU)



\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Cláudia Goulart Moraes (ESEBA/ UFU)

Dedico este trabalho a todos que me apoiaram durante essa trajetória. Em especial, aos meus pais, Jacira e Francisco; aos meus irmãos, Elisângela, Flávia, Francarlos, Gláucia e Milena; à minha companheira de viagens, Cleidiana, e aos demais integrantes do G7; a todos os meus outros amigos e colegas de profissão; a todos os meus educandos; e aos professores do Profletras (UFU).

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, a Deus que esteve à frente deste trabalho, guiando e iluminando todos os meus passos.

Aos estudantes que se dispuseram a participar e que enriqueceram o projeto de rádio escolar com suas experiências.

À minha orientadora, Dra. Simone Azevedo Floripi, pelas suas revisões e contribuições.

Às professoras, Dra. Maria Aparecida Resende Ottoni e Dra. Talita de Cássia Marine, pelas valiosas contribuições no exame de qualificação.

À Cleidiana Cardoso Nazareno, pela amizade e pelas riquíssimas discussões e revisões durante a elaboração desta dissertação.

Aos professores do Profletras (UFU), que colaboraram profundamente para uma reflexão produtiva sobre minha prática docente.

Aos companheiros da turma de mestrado, por compartilharem suas experiências de ensino e por dividirem conosco momentos inesquecíveis.

A todos que direta ou indiretamente colaboraram e me apoiaram durante todo o percurso de elaboração deste trabalho.

A grande tarefa [...] não é transferir, depositar, oferecer, doar ao outro, tomado como paciente de seu pensar, a inteligibilidade das coisas, dos fatos, dos conceitos. A tarefa coerente do educador [...] é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de inteligir, desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado (FREIRE, 1996, p. 38).

## RESUMO

Estamos cada vez mais imersos em um mundo tecnológico e novas maneiras para o ensino são necessárias para que as escolas contribuam com os multiletramentos exigidos pela contemporaneidade. Nesse sentido, entre as muitas possibilidades para a renovação educacional está a rádio escolar. Partindo desse pressuposto, definimos como objetivo central desta pesquisa a elaboração de uma proposta de multiletramentos centrada no ensino do gênero entrevista radiofônica. Para tanto, este trabalho foi desenvolvido em uma escola da rede pública do Distrito Federal e envolveu estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, tratando-se de uma pesquisa-ação (THIOLLENT, 1996) com percurso metodológico de caráter qualitativo. Construímos a nossa proposta de ensino por meio do contato com a pedagogia dos multiletramentos (ROJO, 2012), com a abordagem sociodiscursiva de gênero (BAKHTIN, 1997), com orientações teórico-práticas da literatura jornalística (FERRARETTO, 2014; LAGE, 2009; PRADO, 1989; dentre outros) e com estudos na área de linguística que envolvem o gênero entrevista radiofônica (ARAÚJO, 2013; FARNEDA, 2007). Por meio da aplicação da pesquisa, construímos uma rádio escolar e escolhemos o nome InterAção, democraticamente, com a ajuda da comunidade escolar. Além disso, com a criação de um programa de entrevista, os estudantes puderam intervir em problemas, tais como, a depressão, a intolerância, alguns transtornos alimentares e o consumo compulsivo, colocando essas temáticas em evidência na escola. Mediante a análise, pudemos perceber que atingimos os nossos objetivos, pois elaboramos e desenvolvemos ações que procuraram respeitar a multiculturalidade da comunidade escolar e proporcionaram aos estudantes trabalharem com uma multiplicidade de linguagens, presente nos textos, ao produzirem o gênero entrevista para um programa de rádio da instituição de ensino. Observamos que a maioria dos aprendizes apresentou uma participação ativa e consciente, buscou soluções para os desafios em que estavam envolvidos, escolheu com liberdade a área de interesse e de intervenção e teve compromisso com as ações do projeto de rádio escolar. Com a análise comparativa das entrevistas inicial e final dos estudantes, percebemos que eles progrediram significativamente em relação a aspectos sugeridos na literatura jornalística para a realização de uma entrevista radiofônica. Já com a análise dos aspectos externos às atividades propostas, notamos que a falta de compromisso e a inassiduidade de alguns foram conflitantes; por outro lado, a assiduidade, a iniciativa e o envolvimento da maioria dos participantes foram favoráveis. Por fim, em relação aos princípios para encaminhar uma pedagogia dos multiletramentos, entendemos que as ações realizadas proporcionaram aos estudantes se desenvolverem como usuários funcionais, criadores de sentido, analistas críticos e como agentes transformadores.

**Palavras-chave:** Rádio escolar. Entrevista radiofônica. Multiletramentos.

## ABSTRACT

More and more we are immersed in a technological world and new manners to education are necessary in order to schools contribute with the multiliteracies requested by contemporaneity. In this sense, among the many possibilities to Educational Renewal is the School Radio. Based on this assumption, we defined as the central objective of this research the construction of a multiliteracies proposal that is focused in the teaching of the genre radiophonic interview. Therefore, this study was performed in a public school of Federal District, involving students from the ninth grade of elementary school, in relation to an action research (THIOLLENT, 1996) with qualitative methodology. We developed our teaching proposal through the contact with multiliteracies pedagogy (ROJO, 2012), with the socio-discursive approach (BAKHTIN, 1997), with theoretical and practical orientations of literature of Journalism (FERRARETTO, 2014; LAGE, 2009; PRADO, 1989; among others) and with studies in the area of linguistics that involve the genre of Radiophonic Interview (ARAÚJO, 2013; FARNEDA, 2007). With the research application we developed a School Radio and we chose the name of Interaction, democratically, with the help of the community scholar. Furthermore, through the creation of an interview program students could step in problems such as depression, intolerance, some eating disorders and compulsive consumption, inserting these themes in evidence at school. With the analysis we could observe that we have achieved our goals because we have elaborated and developed actions that looked for respect the multiculturalism of the community scholar and provided to the students work with variety of languages that were present in texts when they have developed the interview genre for a radio program of educational institution. We observed that the majority of trainees presented an active and conscious participation, looked for solutions for the challenges that they were involved, freely chose the area of interest and intervention and commit with actions of radio school project. With the comparative analysis of the initial and final students interview we observed they improved significantly in relation to aspects suggested in literature of Journalism to realize a radiophonic interview. With respect to analysis of the external aspects of submitted activities we observed that lack of commitment and of attendance were unfavorable; in contrast assiduity, initiative and involvement of majority of participants were favorable. Finally, in relation to principles for guiding a multiliteracies pedagogy we understand that the actions realized have provide the development by the students as functional users, meaning creators, critical analysts and transforming agents.

**Keywords:** Radio School. Radiophonic Interview. Multiliteracies.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Sugestão de <i>slides</i> com informações sobre a situação de comunicação.....	63
FIGURA 2 - Sugestão de <i>slides</i> para oficina sobre o <i>Audacity</i> .....	99
FIGURA 3 - Sugestão de <i>slides</i> sobre a aplicação de efeitos no <i>Audacity</i> .....	107
FIGURA 4 - Fotografia da urna produzida pelos estudantes .....	124
FIGURA 5 - <i>Print</i> dos cartazes produzidos pelos estudantes .....	125
FIGURA 6 - <i>Print</i> do resultado da votação para a escolha do nome da rádio escolar.....	125
FIGURA 7 - <i>Print</i> da proposta 1 de logotipo para a rádio escolar.....	126
FIGURA 8 - <i>Print</i> da proposta 2 de logotipo para a rádio escolar.....	126
FIGURA 9 - <i>Print</i> das novas propostas de logotipo para a rádio escolar .....	126
FIGURA 10 - Questionário elaborado por uma estudante/participante .....	144
FIGURA 11 - Fotografia das avaliações positivas dos ouvintes em relação aos temas do programa.....	153
FIGURA 12 - Fotografia das avaliações negativas dos ouvintes em relação aos temas do programa.....	154
FIGURA 13 - Fotografia dos temas sugeridos por meio da avaliação dos ouvintes e que foram abordados nos programas .....	154
FIGURA 14 - Fotografia dos temas sugeridos por meio da avaliação dos ouvintes, mas que não foram abordados nos programas .....	155
FIGURA 15 - Fotografia da avaliação positiva dos ouvintes sobre a seleção musical.....	155
FIGURA 16 - Fotografia da avaliação negativa dos ouvintes sobre a seleção musical .....	155
FIGURA 17 - Fotografia da avaliação dos ouvintes sobre a qualidade do som.....	156
FIGURA 18 - Fotografia de outros comentários feitos pelos ouvintes .....	156
FIGURA 19 - <i>Print</i> dos lembretes feitos pelo pesquisador no Grupo de <i>WhatsApp</i> .....	178
FIGURA 20 - Fotografia do diário de bordo de uma estudante com o relato sobre a experiência de entrevistar .....	179

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Ferramentas tecnológicas à disposição dos estudantes em suas casas .....	118
GRÁFICO 2 - Preferência de estilos musicais dos estudantes .....	118
GRÁFICO 3 - Redes sociais usadas pelos participantes do projeto .....	119
GRÁFICO 4 - Indicação dos estudantes dos principais problemas que envolvem a escola e a comunidade.....	119
GRÁFICO 5 - Resultado da votação dos conteúdos que devem ser priorizados na rádio escolar.....	123
GRÁFICO 6 - Conceito inicial de entrevista dos estudantes .....	127
GRÁFICO 7 - Experiências anteriores de entrevista dos estudantes .....	127
GRÁFICO 8 - Conhecimento prévio dos estudantes acerca dos elementos da estrutura de uma entrevista.....	128
GRÁFICO 9 - Conhecimento prévio dos estudantes em relação a programas de edição de áudio .....	128

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Mapa dos Multiletramentos .....	30
QUADRO 2 - Estrutura da entrevista radiofônica .....	46
QUADRO 3 - Critérios para a análise da proposta aplicada relacionados à primeira questão de pesquisa .....	59
QUADRO 4 - Critérios para a análise da proposta aplicada relacionados à segunda questão de pesquisa .....	59
QUADRO 5 - Critérios para a análise da proposta aplicada relacionados à terceira questão de pesquisa .....	59
QUADRO 6 - Organização da proposta em blocos e número de encontros previstos .....	60
QUADRO 7 - Previsão de realização dos onze primeiros blocos em aulas e em encontros ...	61
QUADRO 8 - Previsão de realização das atividades de gravação e edição do 12º bloco em encontros.....	61
QUADRO 9 - Sugestão de questionário para conhecer os estudantes e os problemas que envolvem a escola e a comunidade.....	64
QUADRO 10- Sugestão de perguntas para a exploração do conhecimento prévio sobre os tipos de rádio .....	66
QUADRO 11 - Sugestão de texto sobre rádio comercial.....	66
QUADRO 12 - Sugestão de texto sobre rádio comunitária.....	66
QUADRO 13 - Sugestão de texto sobre rádio educativa .....	67
QUADRO 14 - Sugestão de texto sobre rádio escolar .....	67
QUADRO 15- Sugestão de perguntas para orientar a tomada de decisões coletivas sobre a criação da rádio escolar .....	67
QUADRO 16 - Sugestão de texto sobre o processo de criação de uma rádio escolar .....	68
QUADRO 17 - Sugestão de perguntas para promover o debate sobre os procedimentos necessários para a criação de uma rádio escolar.....	68
QUADRO 18 - Sugestão de perguntas para nortear o debate e a definição de uma linha editorial para a rádio escolar.....	69
QUADRO 19 - Sugestão de questionamentos para a definição de mais características da rádio escolar.....	69
QUADRO 20- Sugestão de questionário para auxiliar o professor a fazer levantamento do conhecimento prévio dos estudantes em relação à entrevista radiofônica .....	70
QUADRO 21 - Sugestão de perguntas para a exploração do conhecimento prévio sobre o tema da entrevista .....	72
QUADRO 22 - Sugestão de atividades para a exploração da entrevista sobre gravidez na adolescência.....	74
QUADRO 23 - Sugestão de atividades para a exploração das entrevistas.....	79
QUADRO 24 - Sugestões de temas para a realização da produção inicial .....	82

QUADRO 25 - Roteiro para análise da abertura da produção inicial .....	84
QUADRO 26 - Roteiro para análise da fase de perguntas e respostas.....	84
QUADRO 27 - Roteiro para análise do encerramento da produção inicial .....	85
QUADRO 28 - Tema, finalidade e interlocutores das entrevistas radiofônicas.....	89
QUADRO 29 - Superestrutura da entrevista radiofônica.....	90
QUADRO 30 - Estilo verbal - Marcas da Linguagem Oral .....	91
QUADRO 31 - Sugestão de perguntas para observação das crenças atreladas às atitudes diante das variedades linguísticas.....	92
QUADRO 32 - Marcas linguísticas presentes nas entrevistas de rádio .....	92
QUADRO 33 - Sugestão de perguntas para a percepção da diversidade linguística nas entrevistas .....	92
QUADRO 34 - Sistematização das características do gênero entrevista radiofônica .....	93
QUADRO 35 - Sugestão de perguntas para a reflexão sobre o valor-notícia dos possíveis temas das entrevistas .....	94
QUADRO 36 - Sugestão de formulário de pauta .....	94
QUADRO 37 - Entrevista como diálogo ou como técnica .....	95
QUADRO 38 - Sugestões de perguntas para análise da entrevista como diálogo ou como técnica.....	96
QUADRO 39 - Sugestões de perguntas para discussão sobre a fase de preparação das entrevistas .....	97
QUADRO 40 - Sugestões para a realização de uma boa entrevista.....	97
QUADRO 41 - Comandos para a realização de edição no <i>Audacity</i> .....	106
QUADRO 42 - Definição de vinheta .....	110
QUADRO 43 - Perguntas para a análise de vinhetas .....	110
QUADRO 44 - Relação de temas, entrevistados e entrevistadores para a gravação da produção inicial .....	133
QUADRO 45 - Análise da abertura das produções iniciais .....	135
QUADRO 46 - Análise da fase de perguntas e respostas das produções iniciais .....	135
QUADRO 47 - Análise do encerramento da produção inicial .....	136
QUADRO 48 - Decisões coletivas da reunião de pauta.....	142
QUADRO 49 - Modelo de Convite.....	149
QUADRO 50 - Relação de temas, entrevistados, forma de realização da entrevista e datas de gravação.....	149
QUADRO 51 - Autorização dos responsáveis para saídas da escola.....	150
QUADRO 52 - Modelo de avaliação dos programas de rádio .....	152
QUADRO 53 - Avaliação das atividades desenvolvidas no projeto de rádio .....	157
QUADRO 54 - Pontos positivos das atividades do Projeto de Rádio apresentados pelos participantes.....	157

QUADRO 55 - Pontos negativos das atividades do Projeto de Rádio apresentados pelos participantes.....	158
QUADRO 56 - Apreciação dos participantes em relação às atividades propostas com o gênero ..	159
QUADRO 57 - Relato da experiência dos estudantes com o programa <i>Audacity</i> .....	159
QUADRO 58 - Outros comentários dos estudantes sobre o projeto desenvolvido.....	160
QUADRO 59 - Comparação dos elementos contemplados na abertura das produções inicial e final .....	167
QUADRO 60 - Comparação dos elementos contemplados na fase de perguntas e respostas das produções inicial e final .....	168
QUADRO 61 - Comparação dos elementos contemplados no encerramento das produções inicial e final .....	175

## LISTA DE TRANSCRIÇÕES

Transcrição 1 - Trecho de entrevista em questionário para auxiliar o professor a fazer levantamento do conhecimento prévio dos estudantes.....	70
Transcrição 2 - Entrevista sobre gravidez na adolescência .....	72
Transcrição 3 - Entrevista sobre escolha profissional .....	75
Transcrição 4 - Entrevista sobre intolerância .....	78
Transcrição 5 - Entrevista sobre racismo .....	86
Transcrição 6 - Entrevista sobre intolerância religiosa .....	87

## SUMÁRIO

<b>1 DAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS, DAS JUSTIFICATIVAS E DOS OBJETIVOS</b> .....	17
<b>2 A PEDAGOGIA DOS MULTILETRAMENTOS</b> .....	25
2.1 Os multiletramentos: manifesto, conceito, multiculturalidade e multiplicidade de linguagens dos textos.....	25
2.2 Novas práticas de ensino e os textos multimodais .....	29
2.3 Princípios e movimentos pedagógicos favoráveis à promoção dos multiletramentos ...	30
<b>3 ABORDAGENS SOBRE OS GÊNEROS DISCURSIVOS, A ENTREVISTA EM GERAL E A ENTREVISTA RADIOFÔNICA</b> .....	33
3.1 Abordagens sobre os gêneros discursivos.....	33
3.2 A abordagem Sociodiscursiva na perspectiva de Bakhtin .....	35
3.3 Gênero discursivo entrevista: definições, características e orientações teórico-práticas	38
3.4 O Gênero Discursivo Entrevista Radiofônica: suas especificidades e orientações teórico-práticas.....	44
3.5 A entrevista radiofônica temática, dialogal, gravada e editada.....	52
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	54
4.1 Dos pressupostos metodológicos .....	54
4.2 Dos procedimentos metodológicos .....	54
4.3 Dos critérios para a análise da proposta aplicada.....	58
<b>5 APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA DE MULTILETRAMENTOS</b> .....	60
BLOCO 1 - Apresentação da proposta, geração de dados e negociação dos temas.....	62
BLOCO 2 - A criação de uma rádio escolar.....	65
BLOCO 3 - Exemplares do gênero entrevista radiofônica.....	69
BLOCO 4 - Reunião de pauta .....	81
BLOCO 5 - Produção inicial .....	83
BLOCO 6 - Análise das primeiras produções .....	83
BLOCO 7 - Estilo, conteúdo temático e construção composicional das entrevistas.....	85
BLOCO 8 - Reunião de pauta .....	93
BLOCO 9 - A entrevista diálogo e o processo de entrevista em fases.....	94
BLOCO 10 - <i>Audacity</i> .....	98
BLOCO 11 - Análise e produção de vinhetas de rádio .....	109
BLOCO 12 - Produção Final: produção, gravação, edição, transmissão e avaliação .....	111
<b>6 A PROPOSTA APLICADA: O RELATO, A AVALIAÇÃO FEITA PELOS ESTUDANTES E A ANÁLISE</b> .....	115
6.1 Relato da aplicação da proposta.....	115
6.1.1 <i>Relato do primeiro bloco</i> .....	115
6.1.2 <i>Relato do segundo bloco</i> .....	120

6.1.3 Relato do terceiro bloco .....	127
6.1.4 Relato do quarto bloco .....	133
6.1.5 Relato do quinto bloco .....	134
6.1.6 Relato do sexto bloco .....	135
6.1.7 Relato do sétimo bloco .....	137
6.1.8 Relato do oitavo bloco .....	141
6.1.9 Relato do nono bloco .....	143
6.1.10 Relato do décimo bloco .....	145
6.1.11 Relato do décimo primeiro bloco.....	145
6.1.12 Relato do décimo segundo bloco.....	148
6.2 Avaliação da proposta de multiletramentos pelos estudantes/participantes .....	157
6.3 Análise da aplicação.....	160
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>185</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>191</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>196</b>
Anexo A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	197
Anexo B - Termo de Assentimento para o Menor .....	198
Anexo C - Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).....	199
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>200</b>
Apêndice A - Proposta inicial de linha editorial para a rádio InterAção elaborada pelos participantes do projeto juntamente com o professor/pesquisador.....	201
Apêndice B - Transcrições das produções iniciais .....	202

## 1 DAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS, DAS JUSTIFICATIVAS E DOS OBJETIVOS

Os gêneros discursivos<sup>1</sup> fazem parte de nossas vidas e os usamos a todo momento para interagirmos e nos comunicarmos com os outros. O pressuposto de que a comunicação verbal só é possível por meio de algum gênero é defendido por Bakhtin (1997) e é adotado pela maioria dos autores que tratam a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos. Acreditamos nessa concepção e, por isso, tomamos o gênero como objeto de ensino de Língua Portuguesa.

Sabemos que para atender aos estudantes da contemporaneidade e ajudar no seu desenvolvimento pleno como cidadãos críticos e participativos, a escola precisa mudar. Dessa maneira, são necessárias novas formas de ensino e aprendizagem; e a rádio escolar é uma das muitas possibilidades que contribui para essa renovação, pois pode ser um instrumento para o ensino de atividades relacionadas à Língua Portuguesa como a leitura e a produção textual.

Tendo isso em vista, esta dissertação tem como temática o ensino do gênero entrevista radiofônica por meio de uma proposta de multiletramentos<sup>2</sup> para o nono ano do Ensino Fundamental e está vinculada<sup>3</sup> à linha de pesquisa Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes do Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Letras (Profletras).

Para sua aplicação, utilizamos o método de pesquisa-ação, proposto por Thiollent (1996), e elaboramos uma proposta de ensino a partir dos princípios empregados para encaminhar uma pedagogia dos multiletramentos e baseada nas sequências didáticas de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Inicialmente doze estudantes do nono ano do Ensino Fundamental participaram do projeto. Com ele, construímos um programa radiofônico de entrevista em uma escola da Rede Pública do Distrito Federal.

Acreditamos que a rádio no ambiente escolar pode ser um meio para a promoção dos multiletramentos. Isso porque, com esse veículo de comunicação é possível levar em conta, em práticas de leitura e de escrita, as multissemoses, a multiculturalidade e ainda integrar tecnologias da informação e da comunicação ao conteúdo. Deste modo, ao ter contato com o gênero entrevista radiofônica, sobretudo, ao executar a produção dos programas, os estudantes

---

<sup>1</sup> Nesta dissertação, usaremos a designação de gêneros discursivos ou gêneros do discurso, pois estamos seguindo a perspectiva adotada por Bakhtin (1997).

<sup>2</sup> O conceito de multiletramentos, de acordo com Rojo (2012, p. 13), abrange dois tipos específicos de multiplicidade: "a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica".

<sup>3</sup> A dissertação também está vinculada ao projeto de pesquisa As tradições discursivas da Professora Dra. Simone Azevedo Floripi.

podem se apropriar de práticas de leitura, de escrita e de expressão oral. Ao mesmo tempo, as pautas e os programas produzidos podem respeitar a multiculturalidade da comunidade escolar. Além disso, ao produzir um programa, os participantes podem ter contato com uma multiplicidade de linguagens e mídias.

A experiência como professor de Língua Portuguesa da Rede Pública do Distrito Federal, no Ensino Fundamental II, tem nos levado a perceber que os gêneros orais frequentemente têm sido deixados de lado nas instituições de ensino. Sabemos que, no contexto escolar brasileiro, os gêneros orais sempre estiveram em segundo plano no que se refere aos conteúdos estabelecidos como ensináveis nos materiais didáticos. A oralidade é vista no cenário pedagógico como um fator não sistematizado que dispensa a análise, a reflexão e a avaliação de contextos, formas, suportes e linguagens. Nessa mesma perspectiva, um estudo realizado por Magalhães, Silva e Oliveira (2012) revelou que existem poucas ocorrências do gênero entrevista de forma sistematizada nos manuais de Livros Didáticos de Língua Portuguesa (LDLP). Ao analisar quatro manuais de LDLP do 6º ao 9º ano, as pesquisadoras perceberam que há ocorrências de uso da modalidade falada semelhantes à entrevista, no entanto, só existe a entrevista completa em uma ocorrência. Concluíram que, como há poucos exemplares do gênero nos livros, existe também uma falta de preparação e orientação para realizar as atividades de cunho oral. Outra constatação das autoras foi que os objetivos das atividades dos LDLP, que envolvem a entrevista, não priorizam o ensino do gênero e suas especificidades, mas outros aspectos. Perceberam que, na maioria das vezes, quando as entrevistas aparecem nos livros são para obter algum tipo de informação relacionada ao conteúdo que estava sendo trabalhado.

Dessa forma, observamos que há muitas lacunas<sup>4</sup> no ensino do gênero entrevista. Entretanto, acreditamos que a proposta de ensino apresentada, nesta dissertação, possa ajudar a preencher algumas delas. Primeiro porque, ao tomar a entrevista como o centro da nossa proposta de multiletramentos, estamos dando destaque a um gênero oral que muitas vezes é deixado de lado no livro didático e, conseqüentemente, nas salas de aula<sup>5</sup>. Segundo porque buscamos, em nosso projeto de rádio escolar, trabalhar com exemplares completos<sup>6</sup> do gênero e apresentamos atividades sistematizadas que procuram priorizar o ensino da entrevista e suas especificidades, de acordo com a teoria sociodiscursiva de Bakhtin (1997). Outro motivo é

---

<sup>4</sup> Usamos o termo lacunas em relação ao ensino do gênero discursivo entrevista, pois acreditamos que as pesquisas realizadas podem apresentar limitações.

<sup>5</sup> Assim como destaca Bezerra (2002), o livro didático constitui, em muitas escolas públicas brasileiras, se não o único material de ensino/aprendizagem, o mais importante.

<sup>6</sup> Os exemplares são apresentados na íntegra, sem cortes.

que, como são escassos os estudos sobre o assunto, a nossa proposta pode contribuir para a prática dos docentes e servir na orientação de uma atividade de cunho oral. Assim, esses pontos ajudam a justificar a relevância do nosso objeto de pesquisa.

A partir da pesquisa bibliográfica, foi possível encontrar estudos realizados por meio de projetos de rádios escolares. Entre eles, observamos as experiências relatadas por Assumpção (2008) e por Baltar (2012). Porém, identificamos que elas apresentam enfoques diferentes da nossa proposta.

Nesse sentido, percebemos que Assumpção (2008) criou em 1994, como parte constitutiva de sua dissertação de mestrado, o projeto Radioescola que foi implantado e gerenciado pela Secretaria de Educação de Curitiba em várias escolas municipais. Os professores recebiam capacitação da Secretaria de Educação e, ao chegar às escolas, os docentes orientavam os estudantes/participantes do projeto que, por sua vez, produziam programas de quinze minutos e veiculavam semanalmente na hora do recreio. O projeto foi realizado com alunos das terceiras e quartas séries do Ensino Fundamental e funcionou como instrumento pedagógico interdisciplinar.

Assumpção (2008) realizou também um estudo comparativo entre duas escolas<sup>7</sup>, comprovando que o uso da rádio escolar promove a criatividade, a socialização, a cidadania, o desenvolvimento da fala e da escrita, desperta o gosto pela pesquisa e leitura, eleva a autoestima e o interesse do educando na sala de aula. Para a autora, a rádio escolar permite que o educando tenha iniciativa na construção e mediação do conhecimento, além disso, pode levá-lo a desenvolver a reflexão sobre a linguagem e sobre a programação radiofônica, sobretudo se ele é locutor e interlocutor ao mesmo tempo.

Já Baltar (2012), em sua obra *Rádio Escolar: uma experiência de letramento midiático*<sup>8</sup>, concebe as rádios escolares como um meio para a ensinagem<sup>9</sup> de gêneros orais e escritos. Nesse sentido, esses veículos de comunicação nas instituições de ensino se diferenciam dos outros tipos de rádio por se configurarem como instrumentos de interação sociodiscursiva entre os membros da comunidade escolar. Partindo de projetos desenvolvidos em escolas públicas de cidades do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, Baltar (2012) discute os efeitos da implantação de rádios escolares, considerando-as como projeto de

---

<sup>7</sup> As duas instituições de ensino eram da rede pública do estado do Paraná, localizadas em Curitiba. Uma fazia parte do projeto Radioescola; já a outra não, e os estudantes participantes do estudo desconheciam o trabalho com a rádio.

<sup>8</sup> O livro citado é fruto de uma pesquisa-ação realizada pelo grupo de estudos Gêneros Textuais Orais e Escritos (EGET) da Universidade de Caxias do Sul (UCS), de 2006 a 2009.

<sup>9</sup> O termo ensinagem é empregado por Baltar (2012) para ressaltar uma posição contrária à dicotomia ensino-aprendizagem.

letramento que possibilita a criação de um espaço midiático discursivo nas instituições de ensino.

O quadro teórico-metodológico do projeto de rádios escolares proposto por Baltar é o interacionismo sociodiscursivo<sup>10</sup>, de Jean Paul Bronckart e seus colaboradores. De acordo com o autor, a rádio escolar, além de suporte para trabalhar gêneros para o ensino de conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, pode trazer benefícios em direções variadas. No decorrer das atividades de implantação, segundo Baltar (2012, p. 150), os participantes "passam a demonstrar crescente desenvoltura na leitura e na produção oral e escrita, além de mobilidade, trânsito e reconhecimento sociocultural da comunidade escolar". Desenvolvem também a criatividade e a imaginação. O autor, em seu trabalho, conclui ainda que a rádio escolar encoraja a aprendizagem colaborativa e o desenvolvimento individual e coletivo.

A obra de Baltar (2012) está organizada em duas partes complementares. Na primeira, descreve experiências de rádios escolares e propõe uma oficina para a implantação desse veículo de comunicação nas instituições de ensino. Na outra, sugere sequências didáticas para o trabalho com gêneros orais que podem ser veiculados nos programas radiofônicos. O autor descreve várias experiências, dentre elas, a da Rádio Espaço Jovem que foi criada a partir da insatisfação de uma professora de Língua Portuguesa com os métodos tradicionais de ensino. A docente, depois de ter participado de uma oficina de rádio, promovida pelo grupo de estudos de Gêneros Textuais Oraís e Escritos (EGET) da Universidade de Caxias do Sul, implantou uma rádio na sua escola. O seu projeto inicial era construído de forma assistemática, levando em consideração mais o produto do que o processo. Fez dez programas ao vivo com os seus estudantes e procurou novamente o grupo de pesquisadores para aprimorar seu trabalho. As intervenções feitas pelo grupo de estudos visaram a potencializar o trabalho com a rádio na escola, adotando procedimentos para a sistematização da dinâmica de produção. Foram adotados cronogramas de trabalho que proporcionaram à professora e aos estudantes avanços no sentido de sistematizar a realização de cada uma das atividades referentes à produção de programas.

Os estudos de Assumpção (2008) e de Baltar (2012) até sinalizavam para questões concernentes aos multiletramentos, mas não aprofundaram o olhar nessa questão, pois essas não foram o foco de suas pesquisas. Nessa perspectiva, a pesquisa desenvolvida nesta

---

<sup>10</sup> Segundo Baltar (2012, p. 23), em suma, o interacionismo sociodiscursivo postula que as atividades e as ações humanas devem ser tratadas discursivamente em suas dimensões individuais-psicológicas e coletivas-sociológicas.

dissertação foi concebida de forma diferente das investigadas por esses autores, porque concebemos nossa proposta de ensino como um projeto de multiletramentos. Dessa forma, voltados para o conceito dos multiletramentos e os seus princípios, procuramos respeitar a multiculturalidade da comunidade escolar, promover o domínio de ferramentas tecnológicas e a apropriação de textos multimodais<sup>11</sup>. O nosso projeto visou à construção de um programa radiofônico de entrevista. Para a sua produção, os temas dos programas foram escolhidos com a ajuda da comunidade escolar<sup>12</sup>, procurando sempre respeitar a multiplicidade de culturas. Além disso, os participantes precisaram aprender a usar o *Audacity*<sup>13</sup> para a edição das gravações por meio desse *software* e se apropriar das características do gênero discursivo entrevista radiofônica.

Assumpção (2008) e Baltar (2012) trabalharam a rádio escolar de forma ampla. Nos trabalhos descritos e investigados por esses autores, encontramos propostas com vários gêneros orais. Porém, no trabalho com gêneros sabemos que a apropriação pelos estudantes demanda tempo e é preciso atentar-se para as suas especificidades. Assim, o nosso estudo fez uma espécie de recorte dentro do suporte rádio escolar, para se concentrar em um gênero específico que é a entrevista radiofônica.

Isto posto, analisamos que o diferencial de nossa pesquisa está em: apresentar uma proposta de ensino, de acordo com os princípios para encaminhar uma pedagogia dos multiletramentos; e concentrar o trabalho com a rádio escolar em um gênero específico - a entrevista radiofônica - com o intuito de que o trabalho proposto com as suas especificidades possibilite a sua apropriação.

As experiências relatadas por Assumpção (2008) e por Baltar (2012) revelam a potencialidade da rádio no ambiente escolar. Considerando os resultados positivos desses estudos, nesta pesquisa buscamos explorar o potencial de uma rádio para promover práticas de leitura e de produção por meio do gênero entrevista radiofônica.

Na escola, onde o projeto foi realizado, não existia uma rádio, mas havia equipamentos que puderam ser aproveitados nesse sentido. Essa instituição de ensino tinha algumas caixas de som, espalhadas pelos blocos de salas. Essa estrutura era usada apenas para

---

<sup>11</sup> Segundo Rojo (2012, p. 19), os textos contemporâneos são caracterizados pela multimodalidade ou multisssemiose, ou seja, têm em sua composição muitas linguagens (ou modos, ou semioses).

<sup>12</sup> Os estudantes, participantes do projeto, buscaram ouvir de colegas de turma, professores, pais e outros membros da comunidade escolar, as sugestões de temas para o programa.

<sup>13</sup> *Audacity* é um *software* livre de edição digital de áudio e está disponível principalmente para as plataformas: Windows, Linux e Mac e ainda em outros Sistemas Operacionais.

transmitir músicas no horário do recreio e para sinalizar a troca de sala dos estudantes<sup>14</sup> por meio de pequenos trechos musicais em vez da tradicional sirene. Com a criação de um programa de entrevista, pudemos perceber que contribuímos para: a intervenção em problemas; a descoberta e construção de novos conhecimentos; e para a abertura de caminhos de novos programas de rádio.

Nesta dissertação, como mencionamos anteriormente, elaboramos uma proposta de multiletramentos com o intuito de fornecer aos estudantes ferramentas necessárias para a apropriação do gênero entrevista e para a produção de programas de rádio. Tendo isso em vista, procuramos discutir as seguintes **questões de pesquisa**: a) como uma proposta de multiletramentos pode contribuir para o protagonismo<sup>15</sup> dos estudantes?; b) como se apresentam e quais aspectos são favoráveis e quais são conflitantes na realização de atividades para a apropriação da entrevista radiofônica pelos aprendizes? c) como a proposta pode ser analisada em relação aos princípios empregados para encaminhar uma pedagogia dos multiletramentos?

Com o intuito de discutir essas questões, apresentamos esta pesquisa, cujo **objetivo geral** é: elaborar e aplicar uma proposta de multiletramentos para o nono ano do Ensino Fundamental, centrada no ensino do gênero entrevista radiofônica. Já os **objetivos específicos** são: a) conhecer e analisar a bibliografia existente sobre os multiletramentos, sobre a abordagem sociodiscursiva dos gêneros, sobre a entrevista radiofônica e sobre a pesquisa-ação; b) elaborar e aplicar atividades para que os estudantes se apropriem das ferramentas necessárias à produção de programas de entrevista radiofônica; c) discutir como se configurou, na proposta aplicada, o protagonismo dos estudantes por meio da observação do professor/pesquisador, da gravação dos encontros e dos programas radiofônicos produzidos por eles; d) identificar e analisar os aspectos favoráveis e outros conflitantes na aplicação das atividades para a apropriação do gênero entrevista radiofônica pelos estudantes; e) avaliar como a proposta aplicada se configurou em relação aos princípios empregados para encaminhar uma pedagogia dos multiletramentos.

Embasamo-nos em Rojo (2012; 2013), Rojo e Barbosa (2015), Canclini (1989), Kersch, Coscarelli e Cani (2016) e Lemke (2010) para discorrer sobre os multiletramentos. Já para apresentarmos considerações sobre as abordagens dos gêneros, recorreremos a Meurer,

---

<sup>14</sup> A escola pesquisada faz uso de salas-ambiente e são os estudantes que se locomovem ao início ou término de cada aula.

<sup>15</sup> Para observar esse aspecto, usamos como instrumentos a gravação dos encontros, os programas radiofônicos produzidos e a própria observação do professor-pesquisador.

Bonini e Motta-Roth (2005), Bakhtin (1997), Rodrigues (2005) e Barros (2007). Por sua vez, as ideias de Lage (2009), Prado (1989), Morin (1973), Rabaça e Barbosa (1978), Medina (1986), Ferraretto (2001; 2014), Chantler e Harris (1998), Barbeiro e Lima (2003), Araújo (2013), Farneda (2007), Westphalen (2006) foram essenciais para as nossas reflexões sobre a entrevista em geral e também para a entrevista radiofônica.

Tendo em vista nossos objetivos e nossas escolhas teórico-metodológicas, organizamos esta dissertação em sete capítulos, incluindo esta introdução e as considerações finais. Destinamos o segundo capítulo, especificamente, aos multiletramentos. Inicialmente discorreremos sobre o manifesto *A Pedagogy of Multiliteracies - Designing Social Futures* (Uma pedagogia dos multiletramentos - desenhando futuros sociais), sobre o conceito de multiletramentos, sobre a multiculturalidade e sobre a multiplicidade de linguagens dos textos. Logo depois, discutimos as novas práticas de ensino e de aprendizagem e os princípios e os movimentos pedagógicos favoráveis à promoção dos multiletramentos.

No terceiro capítulo, tecemos algumas considerações sobre a organização das abordagens dos gêneros proposta por Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005). Logo depois, buscamos discutir os pressupostos teóricos nos quais nos apoiamos. Nessa parte, apresentamos as principais contribuições da abordagem sociodiscursiva na perspectiva de Bakhtin. Em seguida, discorreremos sobre o gênero discursivo entrevista. Nessa seção, apresentamos definições e algumas características e orientações teórico-práticas que envolvem o gênero de forma geral. Na parte seguinte, buscamos refletir especificamente sobre o gênero discursivo entrevista radiofônica e abordamos as suas especificidades e algumas orientações teórico-práticas.

O quarto capítulo está organizado em três seções e centra-se na apresentação da metodologia adotada nesta dissertação. A primeira contempla os pressupostos metodológicos da pesquisa, enquanto a segunda aborda a descrição dos procedimentos metodológicos empregados. Já na última, explicitamos os critérios usados para a análise da proposta aplicada.

No quinto capítulo, apresentamos a nossa proposta de multiletramentos que está organizada em doze blocos. Em cada bloco, detalhamos as atividades planejadas: para a criação de uma rádio na escola; para a apropriação, produção, gravação, edição e transmissão do gênero entrevista radiofônica; para o domínio de ferramentas de edição de áudio; e para a análise e produção de vinhetas de rádio.

Organizamos o sexto capítulo em três seções. Na primeira, relatamos como ocorreu a aplicação; na segunda, apresentamos a avaliação da proposta de multiletramentos feita pelos participantes; e, na terceira, analisamos os resultados, por meio da discussão das questões de pesquisa.

No último capítulo, tecemos as nossas considerações finais, retomando o percurso da pesquisa e os resultados dela.

## 2 A PEDAGOGIA DOS MULTILETRAMENTOS

A pedagogia dos multiletramentos é foco deste capítulo que está dividido em três seções. Na primeira, discorremos sobre o manifesto *A Pedagogy of Multiliteracies - Designing Social Futures* (Uma pedagogia dos multiletramentos - desenhando futuros sociais), sobre o conceito de multiletramentos e sobre a multiplicidade cultural e a multiplicidade de linguagens dos textos. Na segunda seção, discutimos a necessidade de novas práticas de ensino que atendam às exigências dos textos multimodais. Em seguida, na última seção, apresentamos princípios e movimentos favoráveis à condução de uma pedagogia para os multiletramentos.

### 2.1 Os multiletramentos: manifesto, conceito, multiculturalidade e multiplicidade de linguagens dos textos

A multiplicidade de culturas está presente nas escolas do mundo contemporâneo. Nesse ambiente, muitas vezes, as relações são marcadas pela intolerância na convivência com a diversidade cultural e com o outro. A partir de constatações como essa, foi elaborado, em 1996, o manifesto *A Pedagogy of Multiliteracies - Designing Social Futures* (Uma pedagogia dos multiletramentos - desenhando futuros sociais), fruto de um colóquio do Grupo de Nova Londres (doravante GNL). Esse documento alertava sobre a necessidade de a escola tomar como sua responsabilidade a apropriação, a discussão e a reflexão sobre os novos letramentos e a diversidade cultural (ROJO, 2012, p. 12).

Os membros do GNL percebiam essa necessidade, pois eram, em sua maioria, provenientes de nações em que o conflito cultural está presente "em lutas entre gangues, massacres de rua, perseguições e intolerância" e acreditavam que "o não tratamento dessas questões" na escola colaborava "para o aumento da violência social e para a falta de futuro da juventude", segundo Rojo (2012, p. 12).

Problemas assim são cada vez mais visíveis nas instituições de ensino. E os seus integrantes não podem passar por eles como se nada estivesse acontecendo, sendo necessárias intervenções para que essa intolerância seja amenizada. Nesse sentido, o projeto de entrevista radiofônica poderá ser um instrumento para atingir essa finalidade, pois podem ser realizados programas sobre temas que estejam relacionados à intolerância no convívio com o outro e

com a sua diversidade cultural a fim de promover o respeito e a tolerância na escola e no bairro.

O manifesto elaborado pelo GNL propunha uma pedagogia dos multiletramentos. Mas, afinal, o que são multiletramentos?

O conceito desse termo, conforme Rojo (2012, p. 13), abrange dois tipos específicos de multiplicidade: "a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica", ou seja, aponta para a multiculturalidade e para a pluralidade de linguagens e mídias envolvidas na criação dos textos.

Tanto no sentido da diversidade cultural de produção e circulação dos textos quanto no sentido da diversidade de linguagens que os constituem, Rojo (2012, p. 23) afirma que os estudos realizados apontam que os multiletramentos são: interativos, mais do que isso colaborativos; fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, sobretudo as de propriedade; e são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas).

As culturas, segundo Canclini (1989, p. 283), já não se agrupam em conjuntos fixos e estáveis, mas em "mesclas conflituosas", conforme sugere Rojo (2013, p. 8). Na contemporaneidade, enfraquecem-se as classificações que distinguem o culto do popular e a ambos do massivo. O que prevalece são os híbridos, as misturas e as mestiçagens.

Essa é uma concepção desessencializada de cultura que, segundo Rojo (2012, p. 13), não supõe simplesmente a divisão em pares antitéticos de culturas "entre culto/ inculto ou civilização/ barbárie". Isso ocorre, porque se vive "desde o início do século XX (senão desde sempre) em sociedades de híbridos impuros, fronteiriços" (ROJO, 2012, p. 14).

Atualmente são vistas ao nosso redor, como afirma Canclini (1989, p. 302-309) apud Rojo (2012, p. 13), "produções culturais letradas em efetiva circulação social, como um conjunto de textos híbridos de diferentes letramentos (vernaculares e dominantes), de diferentes campos (popular/ de massa/ erudito), desde sempre, híbridos".

A produção cultural atual, conforme Canclini (1989, p. 264), é caracterizada pela hibridização que envolve três processos: a expansão dos gêneros impuros; a desterritorialização, isto é, a perda da relação natural da cultura com os territórios geográficos e sociais e; a descoleção, ou seja, a quebra e a mistura das coleções que organizavam os sistemas culturais, o que permite a cada usuário fazer sua própria coleção, na qual pode combinar, por exemplo, o culto com o popular.

Embora esses processos sejam cada vez mais perceptíveis, as instituições escolares continuam dando atenção, em sua grade curricular, de acordo com Rojo e Barbosa (2015), quase que exclusivamente à cultura dita "cultura". Não levam em consideração "as práticas, os procedimentos e gêneros em circulação nos ambientes da cultura de massa e digital e no mundo hipermoderno atual" (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 135).

Nesse contexto, não existem motivos para lamentar a decomposição das coleções rígidas. Isso porque, segundo Canclini (1989, p. 286-287), ao separar o culto, o popular e o massivo, muitas vezes, eram promovidas desigualdades. Em sentido contrário, ao se permitir "esta apropriação múltipla de patrimônios culturais, abrem-se possibilidades originais de experimentação e de comunicação, com usos democratizadores" (CANCLINI, 1989, p. 286-287). Dessa forma, enquanto que a separação em culto, popular e massivo promove a desigualdade; a descoleção permite o uso democrático dos patrimônios culturais.

Nas escolas brasileiras, encontramos uma mistura de culturas, raças e cores. Segundo Rojo (2012, p. 15), embora isso não seja uma constatação nova, passa "o tempo todo quase totalmente despercebido ou propositadamente ignorado". O currículo tradicional escolar "se propõe a 'ensinar' ou apresentar o cânone ao consumidor massivo, a erudição ao populacho, o central aos marginais" (ROJO, 2012, p. 14).

No entanto, para atender à multiculturalidade escolar, é necessário "descolecionar os 'monumentos' patrimoniais escolares, pela introdução de novos e outros gêneros, ditos por Canclini 'impuros', de outras e novas mídias, tecnologias, línguas, variedades, linguagens" (ROJO, 2012, p. 16).

Um trabalho com os multiletramentos, de acordo com Rojo (2012, p. 8), caracteriza-se por partir "das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos", com o intuito de procurar um enquadramento "crítico, pluralista, ético e democrático - que envolva agência - de textos/discursos que ampliem o repertório cultural". Com a criação da rádio escolar, as culturas de referência do alunado foram discutidas e analisadas, pois eram temas de pautas do programa de entrevista radiofônica.

Para permitir essa apropriação múltipla de patrimônios culturais, é necessária uma nova ética e novas estéticas. De acordo com Rojo (2012, p.16), "uma nova ética que já não se baseie tanto na propriedade de direitos de autor, mas no diálogo - chancelado, citado - entre novos interpretantes". Novas estéticas que se manifestem com critérios próprios. Afinal, os critérios de gosto, de apreciação, de valor estético são diferentes entre as pessoas.

Os textos contemporâneos são caracterizados pela multimodalidade ou multissemiose, ou seja, têm em sua composição muitas linguagens (ou modos, ou semioses) (ROJO, 2012, p.19). Esses textos - digitais ou impressos - de jornais, revistas, rádios ou de outros suportes são impregnados por imagens, vídeos, áudios e por arranjos de diagramação, sendo carregados de sentido.

Para fazer significar, a multimodalidade necessita ser trabalhada com os alunos. As diferentes linguagens demandam capacidades e práticas de compreensão e produção de cada um dos estudantes. Nessa perspectiva, é preciso dar atenção, como afirmam Coscarelli e Kersch (2016, p.10), "aos elementos não verbais dos textos, uma vez que eles compõem o material e incorporam muita informação a ele". Esses elementos precisam ser interpretados e analisados pelos leitores e explorados pelos produtores. Nesse sentido, é necessário que o professor promova a discussão e a análise dos textos, conforme sugerem Cani e Coscarelli (2016, p.16), observando traços próprios de "suas configurações, como intenções, cores, formatos, tamanhos de fontes, sons, dentre outros".

Para que os professores consigam realizar essa tarefa, segundo Lemke (2010, p. 462), é necessário que compreendam, antes de ensinar, de que modo "vários letramentos e tradições culturais combinam estas modalidades semióticas diferentes para construir significados que são mais do que a soma do que cada parte poderia significar separadamente". A isso, o autor chama de significado multiplicador, pois "as opções de significados de cada mídia multiplicam-se entre si em uma explosão combinatória; em multimídia, as possibilidades de significação não são meramente aditivas", mas multiplicativas (LEMKE, 1994a; 1998 apud ROJO, 2012, p. 20).

Com os multiletramentos, são necessárias, de acordo com Coscarelli e Kersch (2016, p. 8), novas ferramentas - além daquelas relacionadas à escrita manual e à impressa - como câmeras, gravadores, editores de áudio, de vídeo, de tratamento de imagem, de diagramação de conteúdos que serão postados principalmente na internet. Isso deve ser aprendido e ensinado. Segundo as autoras, saber lidar com a diversidade de "modalidades e tecnologias mais adequadas a cada gênero parece ser a principal característica da escola contemporânea" (COSCARELLI; KERSCH, 2016, p. 8). Nessa perspectiva, o projeto de entrevista radiofônica poderá promover os multiletramentos ao possibilitar aos estudantes o domínio do gênero e também de ferramentas como as de edição de áudio.

Além do domínio dessas ferramentas, são imprescindíveis também novas práticas de produção e de análise textual que levem em conta o significado multiplicador das diferentes

linguagens dos textos. A seguir, discorreremos sobre a necessidade de novas metodologias que atendam às exigências do ensino de textos multimodais.

## 2.2 Novas práticas de ensino e os textos multimodais

Os jovens da contemporaneidade estão imersos nas mídias em geral e muitos já sabem lidar com as novas ferramentas. São "nativos digitais", conforme Rojo (2013, p. 8). Nesse sentido, é fato que os estudantes dominam alguns programas e comandos, entretanto, como alertam Coscarelli e Kersch (2016, p. 13), "há muito a ser ensinado" quando se pensa "no uso de tecnologias para produção de conhecimento".

Os desafios apresentados, segundo Rojo (2012, p.22), não estão nas características dos novos textos, mas na transformação das práticas de ensino de leitura e escrita. Há muito tempo, novas metodologias precisam ser adotadas. No entanto, muitas escolas têm permanecido presas a técnicas que não têm contemplado as necessidades de desenvolvimento pleno do estudante. De acordo com a autora, desde a era do impresso, os meios usados em sala de aula já eram limitados e insuficientes.

As escolas não têm ensinado os estudantes a fazerem uma integração, nem mesmo, de desenhos à sua escrita, "quanto menos imagens fotográficas de arquivos, videoclipes, efeitos sonoros, voz em áudio, música, animação, ou representações mais especializadas (fórmulas matemáticas, gráficos e tabelas etc.)", segundo Lemke (2010, p. 461).

Entretanto, a multimodalidade dos textos, como propõem Cani e Coscarelli (2016), exige novas práticas de leitura que incorporem e discutam "infográficos, sites, blogs, vídeos, quadrinhos, charges, cartuns, propagandas, dentre outros". É necessário analisar e refletir sobre esses textos "pelo viés de sua composição e do discurso que forma em sua criação e circulação" (CANI; COSCARELLI, 2016, p. 18).

Os currículos escolares precisam refletir sobre as demandas sociais. Com a finalidade de contribuir para uma participação qualificada dos estudantes nas práticas da *web*. De acordo com Rojo e Barbosa (2015, p. 135), a escola necessita "propiciar experiências significativas com produções de diferentes culturas e com práticas, procedimentos e gêneros que circulam em ambientes digitais". Para que isso ocorra, as autoras sugerem uma série de ações como:

[...] refletir sobre participações, avaliar a sustentação das opiniões, a pertinência e adequação de comentários, a imagem que se passa, a confiabilidade das fontes, apurar os critérios de curadoria e de seleção de textos/ produções, refinar os

processos de produção e recepção de textos multissemióticos (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 135).

Há pessoas que praticam essas ações sem refletirem sobre o que leem, apenas para não perder a oportunidade de se posicionar, na verdade, de aparecer ou de se satisfazer nas redes sociais, sobretudo no *Facebook* podemos perceber essa questão.

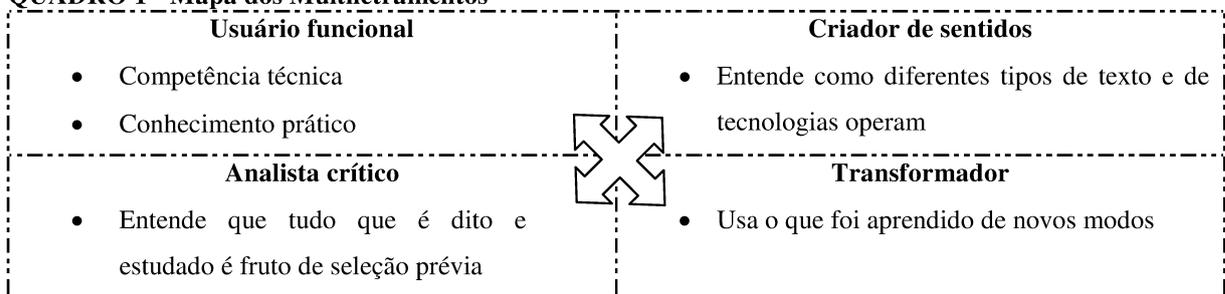
A leitura dos textos da internet, como alertam Cani e Coscarelli (2016, p. 18), exige que o leitor consiga "lidar com hipertextos digitais e com textos que exploram muitos recursos multimodais", sabendo navegar e usando boas estratégias de compreensão. Como bem lembram as autoras, as pessoas necessitam entender e analisar os textos com profundidade e senso crítico, "selecionando as informações pertinentes, separando o que é confiável do que é suspeito ou não parece seguro" (CANI; COSCARELLI, 2016, p. 18). Isso será fundamental no projeto, pois os estudantes deverão realizar pesquisas para que consigam se preparar de forma eficiente para a realização das entrevistas.

### 2.3 Princípios e movimentos pedagógicos favoráveis à promoção dos multiletramentos

Alguns princípios elaborados em 1996 pelo GNL apresentam um caminho que pode ajudar na condução de uma pedagogia para os multiletramentos. Esta pesquisa busca realizar uma proposta de multiletramentos centrada no gênero entrevista radiofônica, por isso, será encaminhada, buscando espelhar-se nesses princípios.

No quadro a seguir, apresentamos a configuração deles.

**QUADRO 1 - Mapa dos Multiletramentos**



Fonte: adaptado de DECS e UniSA (2006 apud Rojo, 2012, p. 29).

De acordo com Rojo (2012, p. 29) o usuário funcional tem competência técnica (sabe fazer), ou seja, tem o domínio das ferramentas/ práticas letradas/ textos que são "alfabetismos" indispensáveis às práticas de multiletramentos. Com a aplicação da proposta,

além de se apropriarem do gênero entrevista radiofônica, os estudantes poderão dominar ferramentas de edição de áudio, com a utilização do *software* livre *Audacity*. Os estudantes precisarão se desenvolver como usuários funcionais para que saibam fazer e possam usar o seu conhecimento prático na produção dos programas de entrevista radiofônica.

Nesse sentido, ao produzirem programas serão também criadores de sentidos. Segundo Rojo (2012, p. 29), a formação de usuários funcionais estaria voltada "para as possibilidades práticas de que os alunos se transformem em criadores de sentidos que entendam como diferentes tipos de texto e de tecnologias operam". Assim, a proposta apresentada buscará levar os estudantes a compreenderem e a refletirem sobre os sentidos criados com o tipo de entrevista produzida e com as tecnologias usadas.

Além de criadores de sentidos, buscaremos fazer com que os estudantes sejam analistas críticos, ou seja, entendam que tudo o que é dito e estudado é fruto de seleção prévia. Dessa forma, ao observar e analisar entrevistas, eles serão levados a entender que tanto o entrevistado quanto o entrevistador se prepararam previamente e selecionaram aquilo que acreditavam ser fundamentais para atingirem os seus objetivos. Os estudantes serão analistas críticos das suas produções textuais e isso poderá ser visivelmente observado no caminho traçado por eles nas etapas de seleção de pautas, pesquisa, preparação, gravação e edição da entrevista.

Outro princípio citado no mapa dos multiletramentos é o sujeito como agente transformador que, segundo Rojo (2012, p. 29), é aquele capaz de transformar os discursos e significações, usando o que foi aprendido de novos modos. Após várias atividades de observação e análise de diferentes exemplares do gênero, os estudantes serão agentes transformadores, pois estarão produzindo as suas próprias entrevistas, abordando temas relacionados com a comunidade escolar e intervindo em seus problemas.

Além de princípios para encaminhar uma pedagogia dos multiletramentos, o GNL apresentou alguns movimentos pedagógicos para que o processo de ensino-aprendizagem pudesse promovê-los: prática situada, instrução aberta, enquadramento crítico e prática transformada.

Segundo Rojo (2012, p. 30), a prática situada "remete a um projeto didático de imersão em práticas que fazem parte das culturas do alunado e nos gêneros e designs disponíveis para essas práticas, relacionando-as com outras, de outros espaços culturais". Podemos afirmar que o projeto proposto apresenta uma prática situada, pois os temas para as entrevistas abordarão a cultura do alunado e os problemas enfrentados pela comunidade

escolar. Os assuntos pautados serão escolhidos a partir de sugestões propostas pelos alunos, pais, professores e servidores em geral e serão explorados com o auxílio das entrevistas no universo do rádio.

Já a instrução aberta pode ser vista, de acordo com Rojo (2012, p.30), como "uma análise sistemática e consciente dessas práticas vivenciadas e desses gêneros e designs familiares ao alunado e de seus processos de produção e recepção". Nessa etapa, são introduzidos "critérios de análise crítica", isto é, os conceitos necessários "pela tarefa analítica e crítica dos diferentes modos de significação e das diferentes 'coleções culturais' e seus valores" (ROJO, 2012, p.30). Durante as fases de preparação e de gravação da entrevista, a instrução será aberta e permitirá que os estudantes analisem sistemática e conscientemente os temas elencados para os programas.

Por sua vez, com o enquadramento crítico, conforme Rojo (2012, p. 30), buscamos "interpretar os contextos sociais e culturais de circulação e produção desses designs e enunciados". Os problemas escolhidos para ser pauta dos programas serão enfocados criticamente durante a preparação e, principalmente, durante a gravação.

O último movimento pedagógico favorável à promoção dos multiletramentos é a prática transformada que pode ser realizada na recepção e na produção dos programas de entrevista. Por meio do projeto de rádio escolar, a transmissão dos programas produzidos pelos estudantes pode ajudar na intervenção de problemas escolares e da comunidade, contribuindo para a transformação dessa realidade.

### **3 ABORDAGENS SOBRE OS GÊNEROS DISCURSIVOS, A ENTREVISTA EM GERAL E A ENTREVISTA RADIOFÔNICA**

O foco deste capítulo recai sobre os gêneros discursivos, mais especificamente sobre a entrevista radiofônica. Desse modo, ele está organizado em cinco seções. Na primeira seção, mencionamos estudos relativos aos gêneros discursivos e apontamos as principais abordagens, seguindo a organização feita por Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005). Na segunda, discorremos sobre a abordagem Sociodiscursiva de Bakhtin (1997), a qual nos filiamos para elaborar as atividades com o gênero. A terceira seção contempla definições, características e algumas orientações teórico-práticas referentes à entrevista em geral. Na quarta, abordamos as especificidades e algumas orientações teórico-práticas da entrevista radiofônica. Por último, apresentamos o tipo específico de entrevista que foi trabalhado nesta pesquisa.

#### **3.1 Abordagens sobre os gêneros discursivos**

Há inúmeras teorias e abordagens sobre os gêneros discursivos. Adotamos a organização feita por Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005) que agrupam os trabalhos com os gêneros sob três termos gerais, em abordagens sociossemióticas, sociorretóricas e sociodiscursivas. Segundo esses autores, o prefixo sócio é usado em todos esses trabalhos, porque, de alguma forma, se prendem "mais ao caráter social da linguagem que ao estrutural". Os autores ainda garantem que esses termos são simplesmente didáticos e que não têm um caráter ontológico e, por isso, não devem ser vistos "como base de revisões da literatura sobre o tema" (MEURER; BONINI; MOTTA-ROTH, 2005, p.9).

Citaremos alguns aportes teóricos presentes em cada um dos grupos de abordagens e os seus principais colaboradores. No entanto, não devemos reduzi-las a tais contribuições, uma vez que os entrelaçamentos teóricos entre as abordagens são acentuados.

Segundo Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005, p.9), Hasan, Martin, Fowler, Kress e Fairclough apresentam abordagens sociossemióticas. Esses autores usam em maior ou menor medida contribuições da teoria sistêmica (funcionalismo de Halliday), das análises críticas<sup>16</sup> e da teoria textual.

---

<sup>16</sup> As abordagens sociossemióticas também receberam aportes da análise crítica do discurso (ACD) que, segundo Ikeda (2005, p. 46), busca "estudar o discurso como elemento socialmente constituído e constitutivo, desvendando seus efeitos ideológicos e sua naturalização".

De acordo com Eggins (1994) e Heberle (2000; 1997) apud Motta-Roth e Heberle (2005, p. 13), a denominação de sistêmica à linguística de Halliday deve-se ao fato de o autor se referir "à linguagem como redes de escolhas, relacionadas a variáveis de registro e de macro e microestruturas, e de funcional por sua relação com a atividade social em andamento num dado contexto".

Entre as abordagens sociorretóricas - segundo Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005, p.9) - encontramos os trabalhos de Swales e Miller que resgatam a retórica de Perelman; Olbrechts-Tyteca<sup>17</sup> (1958), a teoria do texto e as posições etnográficas acerca do discurso.

A teoria de gênero de Swales , segundo Hemais e Biasi-Rodrigues (2005, p. 127), foi inspirada em autores e áreas de estudo muito variados, "tais como a retórica, a linguística sistêmico-funcional de Halliday, a antropologia e a etnografia, com a atenção voltada para o ensino/ aprendizagem". Ainda de acordo com as autoras, a abordagem teórica inicial de Swales define gênero como "uma classe de eventos comunicativos", que possuem "um propósito comunicativo realizado por comunidades discursivas" as quais "reconhecem a lógica subjacente ao gênero, possuem um repertório de gêneros, desenvolvem um léxico próprio para o gênero e atribuem ao gênero as convenções discursivas e os valores adequados" (HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005, p. 127).

Já para Miller (1994a, p.36) apud Carvalho (2005, p.134), o gênero tem as seguintes características: "refere-se a categorias do discurso que são convencionais por derivarem de ação retórica tipificada; é interpretável por meio de regras que o regulam; é distinto em termos de forma, mas é uma fusão entre forma e substância; constitui a cultura; é mediador entre o público e o privado".

Em meio às abordagens sociodiscursivas - conforme Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005, p.9) - estão as contribuições de Bakhtin, Adam, Bronckart e Maingueneau. Esses autores utilizam aportes da teoria do texto, da análise do discurso e das teorias enunciativas. Para esta dissertação, selecionamos a abordagem e a perspectiva dialógica de Bakhtin (1997). Por isso, discorreremos mais detalhadamente sobre ela na próxima seção.

---

<sup>17</sup> O modelo de Perelman; Olbrechts-Tyteca (1969) apud Carvalho (2005, p. 131) centra-se nas estratégias argumentativas que melhor se adaptam ao tipo de público. Esses autores dirigem o foco de atenção para ocasião na e para a qual se produz determinado texto, enfatizando que "as estratégias argumentativas escolhidas pelo falante/ escritor estão condicionadas ao tipo de audiência que se deseja persuadir". Com a influência de trabalhos como esse, passa-se a perceber a fala ou a escrita como instâncias que têm como objetivo atingir a um determinado propósito em certa situação social.

### 3.2 A abordagem Sociodiscursiva na perspectiva de Bakhtin

Nesta seção, discorreremos sobre a abordagem Sociodiscursiva de Bakhtin (1997), a qual nos filiamos para elaborar as atividades com o gênero entrevista radiofônica.

As atividades humanas se relacionam ao uso da língua por meio dos gêneros. Bakhtin (1997, p. 279) afirma que qualquer enunciado isoladamente é individual, mas que cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso o que indica ser os gêneros do discurso. Ainda de acordo com ele, a língua é utilizada em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que provêm dos integrantes de uma ou de outra esfera da atividade humana. Bakhtin (1997, p.279) destaca três elementos que constituem indissolivelmente os enunciados.

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Como o autor afirma, o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional estão profundamente relacionados e não deveriam ser dissociados. Nas atividades que elaboramos para a análise de cada entrevista radiofônica, procuramos explorar cada um desses aspectos do gênero. Por motivos didáticos, em alguns momentos, fizemos a separação desses elementos nos exercícios propostos. No entanto, em todas as entrevistas usadas, procuramos analisar os três aspectos constituintes do gênero para que os estudantes percebessem sua presença em todos os exemplares.

Conforme indica Bakhtin (1997, p. 284), o gênero é um "dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico". Para que os estudantes pudessem perceber esse caráter relativamente estável do gênero, selecionamos exemplares de entrevistas radiofônicas que foram analisados de forma comparativa por eles.

De acordo com Rodrigues (2005, p. 163), Bakhtin considera "os gêneros a partir de sua historicidade e lhes atribui a mesma natureza dos enunciados (natureza social, discursiva e dialógica) ao tomá-los como tipos históricos". Rodrigues (2005, p. 164) destaca que a noção de gênero de Bakhtin contempla "uma tipificação social dos enunciados que apresentam

certos traços comuns, que se constituíram historicamente nas atividades humanas, em uma situação de interação relativamente estável, e que é reconhecida pelos falantes".

Discutindo as ideias de Bakhtin, Rodrigues (2005, p. 164) ressalta que o que constitui um gênero é a sua ligação com uma situação social de interação. Afirma que os gêneros correspondem a situações de interação verbal típicas (mais ou menos estabilizadas e normativas), estando vinculados a uma situação social de interação, dentro de uma esfera social, tendo uma finalidade discursiva e sua própria concepção de autor e destinatário.

Segundo Bakhtin (1997, p. 290), os interlocutores são compelidos a posicionar-se por meio de um ato individual e responsável em relação a tudo que não é "eu" e em relação ao outro. Defende que na interação tem de haver uma atitude responsiva ativa. Essa ideia tem permeado os estudos que levam em conta o social e o discursivo.

De fato, o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude *responsiva ativa*: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor (BAKHTIN, 1997, p. 290).

Bakhtin (1997, p. 325) ressalta o aspecto social dos gêneros discursivos, afirmando que o fato de possuir um destinatário, de dirigir-se a alguém, é uma característica constitutiva do enunciado, sem a qual não existe, e não poderia existir, enunciado. Segundo ele, as diferentes formas típicas de dirigir-se a alguém e as diferentes concepções típicas do destinatário são as peculiaridades constitutivas que determinam a diversidade dos gêneros do discurso.

Na perspectiva de Bakhtin (1997, p. 320), todo enunciado, além do objeto de seu conteúdo, sempre responde de uma forma ou de outra, a enunciados anteriores do outro.

O locutor não é um Adão, e por isso o objeto de seu discurso se torna, inevitavelmente, o ponto onde se encontram as opiniões de interlocutores imediatos (numa conversa ou numa discussão acerca de qualquer acontecimento da vida cotidiana) ou então as visões do mundo, as tendências, as teorias, etc. (na esfera da comunicação cultural). A visão do mundo, a tendência, o ponto de vista, a opinião têm sempre sua expressão verbal. É isso que constitui o discurso do outro (de uma forma pessoal ou impessoal), e esse discurso não pode deixar de repercutir no enunciado. O enunciado está voltado não só para o seu objeto, mas também para o discurso do outro acerca desse objeto (BAKHTIN, 1997, p. 320).

Nessa perspectiva, os interlocutores não podem ser tomados como caixas vazias de emissão e de recepção de mensagens, mas precisam ser considerados como sujeitos plenos ou preenchidos, ou seja, como seres sociais, históricos, culturais.

A concepção de Bakhtin sobre a linguagem e sobre a vida é dialógica. Refletindo sobre as contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso, Barros (2007) procura separar as duas concepções de dialogismo que permeiam os escritos de Bakhtin: uma é o dialogismo entre os interlocutores e outra é o dialogismo entre os discursos.

Barros (2007, p. 31) afirma que, nas duas concepções de dialogismo, Bakhtin insiste no fato de que o discurso não é individual, pois se constrói entre pelo menos dois interlocutores que, por sua vez, são seres sociais. Também não é individual porque mantém relações com outros discursos.

No que se refere ao dialogismo entre os interlocutores, Barros (2007, p. 27) cita quatro aspectos que decorrem do fato de Bakhtin fazer a opção pelo social: i) o fato de a interação entre os locutores ser o princípio constitutivo da linguagem; ii) o fato de o sentido do texto e a significação das palavras serem dependentes da relação entre os sujeitos; iii) o fato de a intersubjetividade ser anterior à subjetividade; iv) e o fato de existirem dois tipos de sociabilidade: entre sujeitos e dos sujeitos com o grupo social.

Já no que diz respeito ao dialogismo entre os discursos, Barros (2007, p. 31) procura elucidar alguns pontos presentes nos escritos de Bakhtin. Primeiro, que, para Bakhtin, as relações do discurso com a enunciação, com o contexto sócio-histórico, ou com o "outro" são relações entre discursos-enunciados. Um outro esclarecimento - feito por ela - é que o dialogismo leva para o texto o sentido de um "tecido de muitas vozes" ou de muitos textos ou discursos que se entrecruzam, se completam, se respondem, umas às outras ou polemizam entre si no interior do texto. Isto é, é preciso diferenciar o dialogismo interno ao texto das relações que se podem estabelecer externamente entre textos. A última observação refere-se ao caráter ideológico dos discursos definidos. Como nos discursos falam diferentes vozes que revelam "a compreensão que cada classe ou segmento de classe tem do mundo, em um dado momento histórico, os discursos são por definição, ideológicos, marcados por coerções sociais" (BARROS, 2007, p. 31-32).

Refletindo sobre as ideias de Bakhtin, Barros (2007, p. 32) destaca que para ele, a linguagem é, por constituição, dialógica e a língua não é ideologicamente neutra, mas complexa, pois nela se imprimem historicamente e pelo uso as relações dialógicas dos discursos. Barros (2007, p. 33) conclui que, para Bakhtin, a linguagem pensada como língua

ou como discurso é essencialmente dialógica. Nessa mesma perspectiva, para Bakhtin (1979, p. 268) apud Barros (2007, p. 33), ignorar a natureza dialógica é o mesmo que apagar a ligação que existe entre a linguagem e a vida.

### **3.3 Gênero discursivo entrevista: definições, características e orientações teórico-práticas**

Apesar de termos selecionado um tipo específico de entrevista para estudarmos nesta dissertação, percebemos a necessidade de tratarmos sobre ela de forma genérica. Afinal, as duas formas estão extremamente relacionadas, e uma está dentro da outra, já que a entrevista radiofônica é uma entrevista que se define por meio de seu suporte. Dessa forma, discorreremos, nesta seção, sobre algumas definições, características e orientações teórico-práticas da literatura jornalística sobre o gênero discursivo entrevista.

Ao entrar em contato com diferentes definições de entrevista, é importante ter ciência de que a palavra é ambígua e pode significar: "i) qualquer procedimento de apuração junto a uma fonte capaz do diálogo; ii) uma conversa de duração variável com personagem notável ou portador de conhecimentos ou informações de interesse para o público; iii) a matéria publicada" (LAGE, 2009, p. 73). Dos três significados citados, dois estão relacionados ao processo e um ao produto.

Entre os conceitos de entrevista, que selecionamos para esta dissertação, está o de Prado (1989). O autor concebe o gênero como um instrumento ágil para "dar a conhecer uma informação ou para aprofundar o conhecimento dos fatos e suas consequências, assim como para aproximar-se da personalidade dos protagonistas das histórias" (PRADO, 1989, p. 57). Nesse conceito, são colocados em destaque a informação, o fato ou protagonista. O que estará em evidência vai depender da finalidade da entrevista.

Já Morin (1973, p. 115) conceitua a entrevista como "uma comunicação pessoal, tendo em vista um objetivo de informação". Essa definição é partilhada pela entrevista científica e pela entrevista de imprensa. A diferença, segundo o autor, está na natureza da informação. Enquanto nas Ciências Sociais, a informação enquadra-se num sistema verificador, hipotético, metodológico e interessa a um pequeno grupo de pesquisadores. Nos veículos de comunicação, tem um fim espetacular e interessa a um vasto público.

Rabaça e Barbosa (1978, p. 184) definem a entrevista como "trabalho de apuração jornalística que consiste em contato pessoal entre o repórter e uma ou mais pessoas, de

destaque ou não, que se disponham a prestar informações para a elaboração de notícias". Embora esse processo esteja na base da maior parte dos noticiários, nem toda entrevista tem como produto a sua conversão em uma notícia. Há entrevistas que são, em si, o produto e que são transmitidas no formato em que foi feito.

De acordo com Medina (1986, p. 5-6), a entrevista pode ser vista como técnica ou como diálogo. Este é humanizado e interativo; já aquela, muitas vezes, é estanque e fria nas relações entrevistador-entrevistado. A entrevista vista como técnica é encaminhada por um questionário estanque ou por um entrevistador fixado em suas ideias preestabelecidas e é caracterizada muitas vezes pela ausência do diálogo. Nesse tipo de entrevista, o entrevistador não interage com o entrevistado, não ouve o que ele diz e não reformula questões. Preocupado apenas em cumprir determinada pauta e com o tempo, muitas vezes o entrevistador corta o entrevistado no meio de sua resposta. Entretanto, se a entrevista se aproxima do diálogo interativo, o entrevistador presta atenção nas respostas do entrevistado e percebendo que ainda não foi contemplado com o que queria, reformula as questões até conseguir obter a resposta desejada. Quando a entrevista se aproxima do diálogo interativo, como afirma Medina (1986, p.5), o leitor, o ouvinte ou o telespectador sente a autenticidade no discurso enunciado tanto pelo entrevistado quanto no encaminhamento das perguntas pelo entrevistador. Ocorre o fenômeno da identificação, isto é, os três envolvidos (entrevistador- entrevistado- ouvinte) se interligam em uma única vivência.

É característico da entrevista, além de difundir informações, a capacidade de revelar aquilo que estava desconhecido, oculto. Conforme Medina (1986, p. 8), este gênero constitui um meio cujo objetivo é o inter-relacionamento, "é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa" que quebra os "isolamentos grupais, individuais e sociais" e pode ter a função de pluralizar as vozes ou de distribuir a informação de forma democrática.

Na literatura do jornalismo, encontramos algumas orientações teórico-práticas que podem contribuir para a realização de uma boa entrevista. Nesse sentido, Ferraretto (2014, p. 174) alerta para o fato de que o contato feito durante a entrevista não deve ser confundido como uma relação objetiva e imparcial, condições distantes da realidade do jornalismo. Entrevistador, entrevistado e ouvinte carregam a sua bagagem pessoal, de formação como cidadão e de experiências cotidianas.

Antes da realização da entrevista, o planejamento é indispensável. Podem fazer parte dessa ação: a seleção de pautas e de entrevistados; o convite; o agendamento de data, hora e local; a pesquisa sobre o tema e o entrevistado; e a elaboração de um roteiro, esquema ou

questionário flexível. Observando esses procedimentos, podemos perceber que a realização de uma entrevista, assim como afirma Ferraretto (2014, p. 181), "não é um processo aleatório ou instintivo", mas "exige conhecimento técnico e planejamento".

Uma ação que merece atenção e que pode ser realizada durante a preparação da entrevista é a realização de uma pesquisa sobre o tema e/ou sobre a pessoa que vai ser entrevistada. Ferraretto (2014, p. 180) acredita nessas ideias e afirma que preparar a entrevista pode significar "pesquisar o tema e/ou a pessoa enfocada", estabelecendo uma lógica que oriente os questionamentos.

Além de lógica, é preciso propriedade, isto é, saber claramente sobre o que será falado. O entrevistador deve procurar "conhecer o assunto minimamente", de forma que consiga desencadear o diálogo (FERRARETTO, 2014, p. 182). Se houver lógica e propriedade, há possibilidade das perguntas feitas estarem relacionadas ao tema definido, evitando possíveis equívocos. Chantler e Harris (1998, p. 101) concordam com isso e afirmam que a pesquisa é necessária para que o entrevistador possa fazer perguntas pertinentes.

Adquirir o domínio de conhecimentos por meio da pesquisa, não inviabiliza fazer questionamentos sobre o assunto, uma vez que o entrevistador deve "colocar-se no lugar do ouvinte", lembrando-se de que, muitas vezes, o público desconhece aquela informação (BARBEIRO; LIMA, 2003, p. 59).

Após a realização da pesquisa, pode-se fazer um esquema, roteiro ou questionário que ajude a orientar a entrevista. É importante ter ciência de que esse instrumento precisa ser flexível, conforme aponta Prado (1989, p. 65). Segundo o autor, pode-se elaborar um esquema contendo "fundamentalmente os itens dos temas que devem sair obrigatoriamente". Contudo, esse esquema precisa ser flexível e "alterável em função do desenvolvimento da conversação"<sup>18</sup>, uma vez que durante a entrevista, podem surgir assuntos não previstos e, para serem aproveitados, necessitam da atenção do entrevistador (PRADO, 1989, p. 65). A elaboração de esquema, roteiro ou questionário não é garantia de sucesso. Lage (2009, p. 80), alerta que é um equívoco pensar que a preparação prévia de um questionário torna possível a realização de uma boa entrevista. O êxito vai depender muito da maneira como ela será conduzida.

Antes da entrevista, uma troca de cumprimentos e de palavras sobre o que será discutido ou qualquer outro assunto, pode auxiliar a tirar dúvidas que não deveriam surgir

---

<sup>18</sup> De acordo com Ferraretto (2014, p. 179), o entrevistador pode seguir um "roteiro de indagação", desde que nele exista uma "dose variável de improviso". O improviso se encaixa perfeitamente nos momentos em que assuntos não previstos são citados e precisam de um novo questionamento para serem elucidados.

durante a gravação, ajudar a estabelecer o contato e ambientar o entrevistado (BARBEIRO; LIMA, 2003, p. 60). Também é conveniente ter conversado com a fonte antes da entrevista, segundo Prado (1989, p. 61), para perceber como são "os ciclos expressivos de sua conversação, assim como seu ritmo". Isso pode ajudar a elaborar uma estratégia para pedir mais detalhes, em caso de entrevistado lacônico; ou solicitar objetividade, quando se tem uma fonte muito detalhista; ou ainda para cortar sua fala em um ponto lógico sem criar uma "tensão que prejudique a fluidez e a espontaneidade" (PRADO, 1989, p. 61).

A discussão antes da entrevista não deve ter muita profundidade. Chantler e Harris (1998, p. 103) alertam que se corre o risco de não se comentar, durante a entrevista, o que já foi discutido anteriormente ou ainda de o entrevistado responder a uma pergunta, afirmando já ter falado sobre o assunto.

Esse diálogo prévio dá ao entrevistado a oportunidade de saber sobre o que vai falar. É importante que ele não seja enganado sobre o tema da entrevista. Barbeiro e Lima (2003, p. 61) afirmam que não se deve convidar alguém "para discutir um assunto e partir para outro". Entretanto, esse contato antecipado não pode ser confundido com um compromisso para que, durante a entrevista, seja perguntado somente aquilo que foi previamente combinado. Se isso acontecer, segundo Chantler e Harris (1998, p. 103), "deixará de lado a oportunidade de fazer a entrevista crescer com a introdução de assuntos surgidos durante a sua realização".

Na realização de uma entrevista, ouvir é fundamental para que, a partir do que foi respondido, sejam elaboradas novas perguntas com o intuito de que o tema seja totalmente esclarecido e esgotado. Ferraretto (2014, p. 181) acredita que é importante que o entrevistador procure "esgotar cada subtema dentro do assunto central da entrevista, antes de passar para o outro". Para que isso aconteça, é importante acompanhar as opiniões, orientando-se e propondo novas questões a partir das respostas dadas.

Quando o entrevistado foge do assunto e apresenta um novo tema - que está fora do interesse público - deve ser reconduzido a ele pelo entrevistador que deve controlar todo o processo. Lage (2009, p. 80) sugere que o entrevistador mantenha o comando da entrevista, impedindo a fuga ao tema. A sugestão do autor, com o intuito de resolver esse problema, é fazer nova pergunta, mudando o assunto para, somente depois, retornar ao ponto problemático.

Perguntas bem elaboradas são a chave para o encaminhamento de uma boa entrevista. Chantler e Harris (1998, p. 106) afirmam que é importante pensar antes de fazer perguntas. Cada questão "deve ter um objetivo específico". É importante não se deixar "levar pela

facilidade de fazer perguntas óbvias" (CHANTLER; HARRIS, 1998, p. 106). As questões, segundo Prado (1989, p. 65), "devem ser curtas, claras e concisas"; assim, pode-se obter "respostas exatas e precisas".

Em caso de dúvidas sobre o que perguntar, Chantler e Harris (1998, p. 106) propõem o uso das perguntas básicas - o que, onde, por que, quem, quando e como - pois elas permitem conseguir informações rapidamente. Das respostas dadas em função dessas perguntas básicas, poderão surgir questionamentos relevantes.

É importante também não encadear muitas questões de uma só vez. Chantler e Harris (1998, p. 105) sugerem que: seja feito um esforço para não divagar; não sejam feitas duas ou mais perguntas de uma vez; não se inicie perguntas com alternativas; e não se pare no meio da frase.

O entrevistado, conforme Barbeiro e Lima (2003, p. 62), "tem o direito legal e ético de não responder a determinada pergunta e até mesmo de não dar entrevista, e tem de ser respeitado em sua decisão". É importante respeitar essa condição e não forçar ninguém a nada.

A forma de responder do entrevistado, dando respostas longas e confusas ou sendo lacônico, pode dificultar a realização de uma entrevista. Para evitar o uso de respostas compridas demais, Prado (1989, p. 66) sugere que o entrevistado seja avisado da conveniência de usar respostas curtas e concisas com intuito de que todos os temas previstos possam ser abordados. Caso ele se esqueça, pode-se recorrer ao uso de sinais com a finalidade de recordá-lo. E se continuar se alongando demais, o autor sugere a utilização de outras técnicas como observar os ciclos de respiração do convidado e aproveitar uma pausa para fazer uma pergunta. Outra técnica é recordar ao entrevistado, publicamente, a escassez de tempo e a necessidade de encurtar as respostas. Somente em último caso é que se deve interromper bruscamente o entrevistado. Ferraretto (2014, p. 186) concorda com esse posicionamento e sugere que o entrevistador deixe o entrevistado concluir o seu raciocínio e só o interrompa quando esse se estender demasiadamente. Segundo Barbeiro e Lima (2003, p. 60), "a interrupção no meio da resposta irrita o ouvinte e prejudica a edição". O entrevistador que tem o costume de cortar o entrevistado incomoda o público, levando-o a rejeitar aquele programa. Já se o entrevistador percebe que o entrevistado é lacônico demais em suas respostas, de acordo com Prado (1989, p. 67), para romper com essa dinâmica, pode-se "perguntar o motivo de suas afirmativas, pedir uma justificativa ou expor uma tese contrária".

O ouvinte ao acompanhar uma entrevista deseja ouvir a fonte. Ela é a estrela da conversa. Chantler e Harris (1998, p. 104) afirmam que o trabalho do entrevistador<sup>19</sup> é fazer perguntas que estimulem a fala do entrevistado. Isso precisa estar claro para o entrevistador, sendo muito importante que ele não se deixe levar pela tentação de dominar a conversa.

Seguindo essa lógica, de acordo com Ferraretto (2014, p. 182), é importante que em nenhum momento, a opinião do entrevistador se imponha à do entrevistado, "sobre quem se concentra o foco de interesse do público". O autor propõe que diante do entrevistado, o entrevistador "seja respeitoso e cordial, nunca subserviente ou agressivo" (FERRARETTO, 2014, p. 182).

Ainda em relação à opinião do entrevistador<sup>20</sup>, é importante evitar a concordância após uma resposta do entrevistado, procurando não dizer "sim", "é isso" ou qualquer expressão semelhante. Segundo Ferraretto (2014, p. 186), isso porque ele deve ser visto como um "observador do que está sendo dito e não como um participante com posição sobre o assunto". Em vez de emitir palavras de concordância com o entrevistado, pode-se estimulá-lo com o olhar<sup>21</sup>, tornando o contato mais amigável.

Alguns fatores, segundo Philippe Gaillard (1974, p.76) apud Ferraretto (2014, p. 180) interferem no processo de entrevista: "o assunto em si, a atmosfera e o caráter do entrevistado". Em relação ao primeiro fator, sabe-se que as perguntas variam em função do assunto, sendo elaboradas com base no tema, ou seja, ele condiciona as perguntas. Já a atmosfera é determinada pela relação entre entrevistador e entrevistado. A variação desse aspecto juntamente com o caráter do entrevistado vai definir o grau de formalidade (formal ou informal) e o ritmo (normal ou rápido) da entrevista.

Ferraretto (2014, p. 181) enumera alguns fatores que interferem na forma de realização da entrevista, independentemente do tipo ou do assunto dela:

- "O estilo individual, a empatia com o público e as qualificações do entrevistador" (FERRARETTO, 2014, p. 181). Se o público identifica-se com o comunicador, há mais possibilidades de acompanhar o seu programa. O ouvinte deseja se ver no entrevistador, afinal, ele o representa diante da fonte. O estilo e as qualificações do entrevistador podem

---

<sup>19</sup> Segundo Lage (2009, p. 80), o entrevistador deve ser discreto, aparecer em segundo plano, como um ator coadjuvante e, ao mesmo tempo, deve ser diretor de cena. Essa deve ser a sua conduta profissional.

<sup>20</sup> Lage (2009, p. 81) afirma que deve-se mostrar estar compreendendo e evitar reações de impaciência, discordância ou simpatia entusiasmada. Pode-se usar acenos de cabeça para mostrar que se está ouvindo e entendendo. Dizer expressões que evidenciam concordância ou discordância pode se tornar um aborrecimento ao se ouvir a gravação.

<sup>21</sup> Barbeiro e Lima (2003, p. 62) propõem que se deve olhar nos olhos do entrevistado. Segundo os autores, é necessário observar aquilo que não está sendo dito, ou seja, seus gestos, seu semblante.

gerar ou não empatia com o público. Se isso acontece, influenciará positivamente na audiência do programa.

- "As posições, o grau de informação e a representatividade do entrevistado" (FERRARETTO, 2014, p. 181). Se a fonte apresenta domínio dos dados, o diálogo fluirá com mais facilidade; em caso contrário, terá dificuldades para ser concretizado. Em relação à representatividade da fonte, quanto maior esta for, maior será a sua credibilidade.
- "O tempo disponível para a preparação e realização" (FERRARETTO, 2014, p. 181). Pouco tempo para a preparação ou para realização pode prejudicar o resultado da entrevista. Saber trabalhar com o tempo disponível, usando-o de maneira produtiva é fundamental.
- "A forma de transmissão (ao vivo, gravada ou mista)" (FERRARETTO, 2014, p. 181). As transmissões de entrevistas ao vivo têm um nível de dificuldade maior do que as gravadas, pois os erros não são permitidos. Se acontecerem, não há como voltar atrás. Pode-se pedir desculpas, no entanto, o equívoco cometido será conhecido por todos.
- "O tipo de assunto e os entrevistados" (FERRARETTO, 2014, p. 181). O assunto condiciona as perguntas. Elas são elaboradas de acordo com o tema selecionado. Cada entrevistado tem o seu próprio ritmo e o seu ciclo expressivo. Uns são lentos; outros, rápidos; há ainda aqueles que são moderados.
- "O estilo e o público da emissora" (FERRARETTO, 2014, p. 181). Esses fatores interferem também na forma de realização da entrevista. Umas são espontâneas; outras, mais sérias.

As informações, apresentadas nesta seção, são importantes para trabalhos realizados com qualquer tipo de entrevista. Na próxima, abordamos, especificamente, o gênero entrevista radiofônica.

### **3.4 O Gênero Discursivo Entrevista Radiofônica: suas especificidades e orientações teórico-práticas**

Voltamos a nossa atenção, nesta seção, para a entrevista radiofônica. Inicialmente, procuramos apresentar definições e características específicas do gênero. Em seguida, explicitamos alguns dos seus traços constituintes; seguindo Bakhtin (1997), discorreremos

sobre a construção composicional<sup>22</sup>, a unidade temática e o estilo verbal<sup>23</sup> da entrevista radiofônica. Por último, apresentamos orientações teórico-práticas, relacionadas ao gênero, presentes na literatura jornalística.

Pérez Cotten e Tello (2004, p.28) apud Araújo (2013, p.8) afirmam existir um formato ou gênero que recebe o nome de entrevista jornalística, e acrescentam que de acordo com "sua difusão em suporte papel ou por meios eletrônicos a entrevista jornalística é escrita, televisiva ou radiofônica". A partir dessas afirmações, podemos observar que a entrevista radiofônica é um dos diferentes tipos de entrevista que pertencem à esfera jornalística e que se define como gênero por meio do seu suporte.

O rádio, como afirma Araújo (2013, p.8), não modifica o sentido dos textos que são veiculados nele, no entanto define os gêneros. Segundo o autor, o rádio é "um suporte virtual convencional" (ARAÚJO, 2013, p.8). Nele não há as imagens da televisão nem é possível fazer releituras como no jornal impresso. Esses traços, ausentes no rádio, fazem com que a entrevista radiofônica se diferencie das entrevistas difundidas por outros suportes do mesmo domínio discursivo.

Na entrevista, o diálogo, segundo Araújo (2013, p.9), possui um modo bem definido e conhecido por seus participantes e é instaurado, geralmente, por dois atores, cujas funções estão bem determinadas: "um que se acredita dominar o conteúdo que está na pauta da entrevista e outro que, a partir do conhecimento superficial que adquiriu sobre o tema, conduz o debate, tentando facilitar, por perguntas, o descobrimento de novas informações sobre o assunto". Na entrevista radiofônica, esse diálogo adquire um caráter público, pois é construído essencialmente com o intuito de "difundir uma informação" e, "satisfazer o anseio que o ouvinte tem por determinado assunto" (ARAÚJO, 2013, p. 9).

Com diretrizes teóricas semelhantes, Farneda (2007, p.2) afirma que a entrevista radiofônica é um gênero jornalístico produzido no "encontro de um entrevistador (jornalista) e um entrevistado (especialista em um assunto em particular), cujo interesse é fazer falar o *expert* a respeito dos diferentes aspectos de uma questão" e, deste modo, transmitir "as informações fornecidas, por essa interação, a terceiros". O gênero contém "um caráter estruturado e formal, cujo objetivo é satisfazer as expectativas do destinatário", ou seja, dos terceiros, do público a quem pretende comunicar (FARNEDA, 2007, p.2).

---

<sup>22</sup> Sabemos que a construção composicional é mais que a superestrutura, no entanto, em nossa fundamentação teórica e em nossa proposta, contemplaremos apenas este aspecto.

<sup>23</sup> Na abordagem do estilo, poderíamos contemplar a análise das pessoas do discurso, dos tempos e modos verbais predominantes, dos tipos de frases predominantes, das relações gramaticais e semânticas etc. Entretanto, decidimos concentrar nossa atenção, em nossa proposta, no que é específico do oral.

A partir do que foi exposto na seção anterior e nas definições de Araújo (2013) e Farneda (2007), concluímos que, ao usar o termo entrevista radiofônica, estamos nos referindo ao processo ou ao produto do diálogo entre duas ou mais pessoas, transmitido pelo rádio, em que o(s) entrevistador(es) faz(em) perguntas ao(s) entrevistado(s), e que geralmente procura(m) abordar informações de interesse para o seu público ouvinte. Processo ou produto, porque a conversa entre entrevistador e entrevistado, no momento em que ocorre, é entrevista, da mesma forma como o seu resultado, ou seja, o produto transmitido pelo rádio.

Da mesma forma como acontece na psicologia social, é próprio da entrevista de rádio, de televisão ou de cinema o recolher informações e a possível liberação de uma energia afetiva. Essa energia, de acordo com Morin (1973, p. 127), nesse tipo de entrevista, será captada para ser projetada sobre um espectador, para lhe dar emoções, às vezes na mesma proporção de informações. Com pensamento semelhante, Barbeiro e Lima (2003, p. 59) afirmam que a entrevista em rádio tem o poder de transmitir emoção que pode se manifestar tanto no entrevistado quanto no entrevistador. Não são todas as entrevistas que têm essa marca, no entanto, as que emocionam têm um maior poder de atração sobre o ouvinte.

Qual seria o objetivo de uma entrevista radiofônica? Robert McLeish (2001, p. 43) apud Ferraretto (2014, p. 174) observa que "o objetivo de uma entrevista é fornecer, nas próprias palavras do entrevistado, fatos, razões ou opiniões sobre um determinado assunto, de modo que o ouvinte possa tirar uma conclusão no que diz respeito à validade do que está sendo dito".

A entrevista no meio radiofônico, segundo Ferraretto (2001, p. 277) apud Baltar (2012, p. 98), pode ser estruturada da seguinte forma.

**QUADRO 2 - Estrutura da entrevista radiofônica**



Fonte: esquema elaborado pelo pesquisador.

A estrutura do gênero é, conforme Baltar (2012, p. 98), em geral, constituída pela abertura, pela fase de perguntas e respostas e pelo encerramento. De acordo com ele, os itens modificados são o tema, a duração e o ritmo de cada parte.

No que se refere à entrevista radiofônica, tanto a abertura quanto o encerramento são realizados pelo entrevistador (GREATBATCH,1988 apud FARNEDA, 2007, p. 2). Esses dois elementos essenciais da estrutura do gênero, segundo Prado (1989, p. 67-68), devem ser breves.

Dependendo do tipo e da finalidade da entrevista, a abertura poderá conter elementos como: uma saudação entre entrevistador e entrevistado (STEWART; CASH, 2015), e uma saudação unilateral deles com os ouvintes<sup>24</sup>; uma apresentação do entrevistado e do entrevistador (BALTAR, 2012, p. 98); uma breve apresentação do tema e uma justificativa do motivo da entrevista (BALTAR, 2012, p. 98); entre outros elementos.

Os aspectos, citados no parágrafo anterior, podem aparecer ou não na abertura da entrevista. Nessa parte da estrutura do gênero, alguns elementos parecem ser estáveis e outros, "relativamente estáveis" (BAKHTIN,1997). Deste modo, o gênero exige a apresentação do entrevistado e do assunto para que os ouvintes possam compreender o que estão acompanhando e quem está falando, exige também a saudação inicial entre entrevistado e entrevistador. Já os outros elementos, citados no parágrafo anterior, são facultativos. Nesse sentido, não é sempre que o entrevistado e o entrevistador se lembram de fazer uma saudação ao ouvinte, da mesma forma como não é sempre que o entrevistador se apresenta, conforme pudemos observar nos exemplares transcritos<sup>25</sup> para a aplicação da proposta de multiletramentos.

O núcleo da entrevista, segundo Baltar (2012, p. 98), está na fase de perguntas e respostas, pois é nela que pode ocorrer o diálogo. De acordo com Prado (1989, p. 62-67), as perguntas devem suceder-se logicamente; pode-se repetir com frequência o nome do entrevistado, com o objetivo de identificá-lo e de apresentá-lo às pessoas que vão ligando o rádio; e o entrevistador deve fazer perguntas claras, curtas e precisas para lograr respostas exatas. Nessa etapa da estrutura do gênero, encontramos também alguns elementos obrigatórios e outros facultativos. Assim, a fase de perguntas e respostas exige que os questionamentos sejam realizados pelos entrevistadores e que terminem por uma interrogativa, exige também que o entrevistado dê apenas as respostas (GREATBATCH,1988

---

<sup>24</sup> Embora não tenhamos encontrado sugestões teóricas semelhantes, acreditamos que a saudação aos ouvintes seja importante para que ocorra a aproximação com o público. Denominamos de saudação unilateral em consonância com Prado (1989, p 58) que identifica o fluxo comunicativo do diálogo de entrevistado e entrevistador como interpessoal e bidirecional; já o fluxo com os ouvintes, quando não há a sua participação no programa como unidirecional.

<sup>25</sup> Os exemplares citados podem ser consultados no quinto capítulo e se referem às transcrições 2, 3, 4, 5 e 6.

apud FARNEDA, 2007, p. 2). No entanto, é facultativo que o entrevistador apresente o entrevistado mais de uma vez aos ouvintes.

Já o encerramento deve ser breve e o seu efeito pode ser o da redundância, no qual podem ser destacados os aspectos mais importantes da entrevista (PRADO, 1989, p. 63). Diferentes elementos podem entrar em sua composição: a repetição do nome do entrevistado e do tema abordado (PRADO, 1989, p. 67); uma concisa recapitulação dos assuntos abordados na entrevista (BALTAR, 2012, p. 98); a repetição de aspectos da última resposta (PRADO, 1989, p. 63); um breve agradecimento à fonte e ao público (BALTAR, 2012, p. 98); a despedida entre entrevistador e entrevistado, e a despedida unilateral deles com os ouvintes<sup>26</sup>.

Como na entrevista radiofônica há a presença direta de pelo menos duas vozes, Araújo (2013, p.11) alerta que o estudo de sua construção composicional precisa avaliar "o modo como, formalmente, está organizado o diálogo nessa interação verbal". Nessa perspectiva, Greatbatch (1988) apud Farneda (2007, p.2), concebe a entrevista radiofônica com o seguinte formato:

- Pré-alocação dos turnos: entrevistador e entrevistado ocupam posições assimétricas;
- O participante deve respeitar a agenda de perguntas previstas pelo jornalista;
- Os turnos de perguntas devem sempre terminar por uma interrogativa;
- O entrevistado dá apenas as respostas;
- O entrevistador não formula expressões de ratificação, opinião ou comentário, abstendo-se de formar opinião contra ou a favor do entrevistado;
- A abertura e o fechamento da entrevista devem ser feitos pelo entrevistador;
- A entrevista tem de passar a ideia de neutralidade, pois o interessado é o público (GREATBATCH, 1988 apud FARNEDA, 2007, p.2).

Com auxílio do *software tropes*<sup>27</sup>, Araújo (2013, p.13) conseguiu delinear<sup>28</sup> alguns traços constituintes do gênero entrevista radiofônica. A respeito do conteúdo temático, o *software* revelou o predomínio de debates sobre questões sociais. Entretanto, também foi apontada a presença de temas relacionados à arte e cultura, geografia e urbanismo, política, ciências e tecnologia, jogos e esportes, economia e finanças, alimentação, animais, saúde e doenças, emprego e trabalho, direito e justiça. Isto é, temas que abrangem "a vida cotidiana da

---

<sup>26</sup> Apesar de não termos encontrado sugestões teóricas semelhantes, acreditamos que a despedida aos ouvintes seja importante para que ocorra uma aproximação com o público. Essa despedida é unilateral, quando não se tem a participação do ouvinte no programa.

<sup>27</sup> O *tropes* é um *software* de processamento semântico.

<sup>28</sup> Araújo (2013) recorreu ao uso do *software* de processamento semântico *Tropes* para analisar um *corpus* composto pela gravação de entrevistas que circularam em rádios argentinas e, assim, mapear as características textuais preponderantes nos textos coletados.

sociedade e que, na esfera jornalística, são resgatados e transformados em notícias por serem de interesse do ouvinte" (ARAÚJO, 2013, p.13).

O conteúdo temático das entrevistas radiofônicas está relacionado à rotina produtiva dos jornalistas. Na rotina dos jornalistas, segundo Wolf (2003, p.190-196), existe um conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher dentre um número indefinido de fatos, uma quantidade finita para serem noticiados. Nesse meio, existem valores/notícia, ou seja, critérios de seleção que funcionam como linhas-guia para a definição do que deve ter visibilidade por meio da mídia.

Os valores/notícia são, portanto, regras práticas que abrangem um corpus de conhecimentos profissionais que, implicitamente, e, muitas vezes, explicitamente, explicam e guiam os procedimentos operativos redatoriais. [...] Os valores/notícia são qualidades dos acontecimentos, ou da sua construção jornalística, cuja presença ou cuja ausência os recomenda para serem incluídos num produto informativo. Quanto mais um acontecimento exibe essas qualidades, maiores são as suas possibilidades de ser incluído (GOLDING; ELLIOTT, 1979, p. 114 apud WOLF, 2003, p.196).

Para Wolf (2003, p. 195-196), "na seleção dos acontecimentos a transformar em notícias, os critérios de relevância funcionam conjuntamente". São as diferentes relações e combinações que se estabelecem entre diferentes valores/notícias, que conduzem à seleção de um fato. Um outro aspecto geral é que "os valores/notícia são critérios de relevância espalhados ao longo de todo o processo de produção", ou seja, participam também das operações posteriores à seleção das notícias (WOLF, 2003, p. 196).

Os valores/notícia são originados "de pressupostos implícitos ou de considerações relativas", conforme Wolf (2003, p.200), "às características substantivas das notícias, ao seu conteúdo", entre outras categorias. Em relação às características substantivas das notícias, isso diz respeito ao acontecimento a ser transformado em notícia. Segundo Wolf (2003, p.200), "os critérios substantivos articulam-se, essencialmente, em dois fatores: a importância e o interesse da notícia". E a importância é determinada por quatro variáveis: o grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento noticiável; o impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional; a quantidade de pessoas que o acontecimento envolve; e a relevância e significância do acontecimento quanto à evolução futura de uma determinada situação.

Em relação ao estilo verbal, Araújo (2013, p.14) garante que o *Tropes* revelou haver o predomínio das formas pronominais de primeira e de segunda pessoas do singular. O autor conclui que isso é "reflexo evidente da situação discursiva instaurada no gênero" em que duas

pessoas estão em diálogo direto, e também da "tendência da variedade linguística usada neste gênero aproximar-se do uso menos monitorado e espontâneo da língua" (ARAÚJO, 2013, p.14).

Apesar disso, Araújo (2013, p.15) alerta que é preciso considerar que, na entrevista radiofônica, "o falante é sensível à realidade linguística instaurada neste gênero e tende a se ater um pouco mais ao modo como fala". O autor adverte que dentro dos grupos de marcadores conversacionais da entrevista radiofônica podem ser encontrados traços que apontam para um monitoramento linguístico, tais como, repetições de palavras ou grupo de palavras; e também pausas na fala.

Portugal; Yudchak (2008, p.84) apud Araújo (2013, p. 12) ressaltam que na entrevista radiofônica há a preferência por uma linguagem simples. Com diretrizes teóricas semelhantes, Lage (2009, p. 86) afirma que, no rádio moderno, o tom coloquial é sempre o mais indicado<sup>29</sup>. Segundo o autor, usá-lo pode garantir mais fluidez na comunicação. Além de chegar mais rápido ao ouvinte, a linguagem coloquial o aproxima daquela informação e cria uma sensação de identificação.

Embora o tom coloquial seja o mais indicado para o rádio, nem sempre isso acontece. Há programas radiofônicos que podem apresentar um tom nada coloquial. Dependendo do público, a variedade linguística usada pode ser alterada. Nesse sentido, Westphalen (2006, p.63) afirma que no rádio há a "preocupação com a presença do outro na hora de construir um enunciado radiofônico". Segundo o autor, isso é evidente quando escutamos programas destinados a públicos distintos. "Se o programa for dirigido a jovens, crianças ou agricultores, poderá ter conteúdos semelhantes, mas os discursos, certamente, serão diferentes" (WESTPHALEN, 2006, p. 63).

O texto radiofônico, conforme Poletto (2003, p. 18) apud Westphalen (2006, p.63), é produzido a pelo menos duas mãos: locutor e ouvinte; da mesma forma como "se dá o comportamento discursivo de um, há reação na linguagem e no comportamento do outro". Ainda que silencioso, o papel do ouvinte pode alterar forma e conteúdo: "conforme o locutor percebe que sua audiência poderá modificar sua performance e seu texto" (POLETTTO, 2003,

---

<sup>29</sup> De acordo com Westphalen (2006, p.67), desde o surgimento do rádio no Brasil, existiu uma preocupação no sentido de criar uma linguagem específica para esse meio de comunicação. Os primeiros programas, na década de 20, eram muito amadores, não tinham um ritmo e um tom adequado ao veículo. A programação era feita pela elite e não agradava a todos os receptores. Casé e Roquette-Pinto, preocupados com os ouvintes e com a manutenção do rádio, começaram a popularizar o veículo, com a finalidade de estreitar um vínculo emissor/ouvinte. Foi a partir desse momento que começou a acontecer no rádio brasileiro o primeiro contrato de leitura, em que o enunciatador estrutura seu discurso a partir do comportamento, do gosto e do estilo do público que se pretende alcançar.

p. 18 apud WESTPHALEN, 2006, p.63). Nessa perspectiva, é possível perceber que a programação de uma rádio é arquitetada a partir do ouvinte pressuposto. A linguagem, os temas discutidos, até mesmo o modo de se comunicar dependem, essencialmente, do público-alvo.

Araújo (2013, p. 13) não acredita que o uso linguístico de "uma mídia de ampla difusão e expressividade" possa ser "exatamente igual ao uso comum, rotineiro e casual", em que "não se observa preocupação com a fala". O autor afirma que "diante dessa situação de enunciação, o falante tende a monitorar, ainda que discretamente, sua fala a fim de alcançar um padrão linguístico que esteja de acordo com um meio de maior prestígio e desenvolvimento tecnológico, como é a rádio" (ARAÚJO, 2013, p. 13).

Quanto ao estilo verbal, a entrevista radiofônica pode apresentar ser mais ou menos monitorada. O público, o entrevistado, o tema são alguns elementos do gênero que podem levar a essa variação. O estilo depende assim da situação comunicativa que envolve a entrevista.

Procuramos na literatura jornalística algumas orientações teórico-práticas que podem contribuir para a realização de uma boa entrevista radiofônica. Nesse sentido, uma técnica radiofônica - sugerida por Prado (1989, p. 67) - para fisgar novos ouvintes é a repetição do tema da entrevista e do nome do entrevistado várias vezes durante a sua realização. Barbeiro e Lima (2003, p. 60) concordam com essa ação e justificam com o argumento da audiência rotativa do rádio, ou seja, como a todo momento há pessoas ligando e desligando o aparelho, acompanhando e não acompanhando o programa, a repetição se faz necessária para atualizar os novos ouvintes sobre o que está sendo transmitido.

A linguagem das perguntas deve ser clara para os entrevistados e ouvintes. Segundo Ferraretto (2014, p. 186), é importante pensar no público-alvo. Assim, em caso de entrevista com alguém com um linguajar extremamente técnico, Ferraretto (2014, p. 186) propõe que o entrevistador conduza o diálogo de modo a traduzir para o ouvinte o que está sendo dito.

A entrevista radiofônica, de acordo com Chantler e Harris (1998, p. 102-103), pode ser realizada praticamente em qualquer lugar. O objetivo da realização de uma entrevista fora do estúdio é o de apresentar um quadro do ambiente para o ouvinte, isto é, contextualizá-lo com os sons locais. Contudo, é função do entrevistador zelar pela qualidade do som<sup>30</sup>, por isso,

---

<sup>30</sup> Chantler e Harris (1998, p. 104) lembram que se deve evitar colocar o microfone encostado no nariz do entrevistado. O ideal seria mantê-lo um pouco abaixo do queixo dele. Cabe ao entrevistador, de acordo com Lage (2009, p. 87), "zelar pela qualidade do som, fiscalizando a colocação do microfone e as interferências de ruído do ambiente".

deve tomar cuidado para que esses sons não fiquem muito altos e a entrevista não seja encoberta por eles.

É importante lembrar que a entrevista radiofônica é uma conversa para ser ouvida pelo ouvinte. Por isso, Ferraretto (2014, p. 182-183) sugere que, mesmo que se saiba muito a respeito do assunto, é fundamental o entrevistador colocar-se no lugar do público<sup>31</sup>, buscando, por meio de suas perguntas, levar o entrevistado a esclarecer as dúvidas ou questionamentos de quem vai ouvir o programa.

### **3.5 A entrevista radiofônica temática, dialogal, gravada e editada**

Antes da elaboração da proposta de multiletramentos, procuramos a categorização realizada por diferentes autores com o intuito de definirmos os tipos de entrevista que usaríamos. O contato com essas informações permitiu perceber a necessidade da realização de uma seleção dos tipos pertinentes ao ambiente escolar. Embora todas as espécies de entrevista possam ser conhecidas, acreditamos que nem todas convêm a uma rádio escolar. Por esse motivo, decidimos adotar e unir a entrevista temática, a dialogal, a gravada e a editada no tipo a que visamos no projeto.

A entrevista temática, conforme Lage (2009, p. 74), traz um assunto "sobre o qual se supõe que o entrevistado tenha condições e autoridade para discorrer". Pode ter a função de auxiliar no esclarecimento de um problema, expor uma opinião ou ponto de vista, reiterar uma linha editorial com o argumento de autoridade. É uma mistura da entrevista de opinião<sup>32</sup> de Bond (1962) apud Rabaça e Barbosa (1978, p. 184) e da conceitual<sup>33</sup> de Medina (1986).

Outra entrevista que buscamos adotar no projeto foi a dialogal. Segundo Morin (1973, p. 129), esse tipo de entrevista "é mais que uma conversação mundana", tem como objetivo "uma busca em comum". Nela, "o entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema" (MORIN, 1973, p. 129). Nessa entrevista, a palavra humana se descongela diante dos microfones. Para Lage (2009, p. 77), a entrevista dialogal "é a entrevista por excelência". É

---

<sup>31</sup> Barbeiro e Lima (2003, p. 59) afirmam que o entrevistador deve "colocar-se no lugar do ouvinte e perguntar aquilo que considera mais importante sobre o assunto pautado".

<sup>32</sup> Segundo Bond (1962) apud Rabaça e Barbosa (1978, p. 184), a entrevista de opinião "colhe o ponto de vista sobre determinado assunto".

<sup>33</sup> De acordo com Medina (1986, p. 16-18), na entrevista conceitual, buscam-se determinados conceitos que a fonte detém. Geralmente, os entrevistados são especialistas de várias correntes da informação e o entrevistador está interessado em conceitos e não em comportamentos.

marcada com antecedência, "reúne entrevistado e entrevistador em ambiente controlado", em geral, "sem a interveniência de aparato" [...] "capaz de estabelecer hierarquia". Ambos "constroem o tom de sua conversa", realizada a partir de perguntas propostas pelo entrevistador. No entanto, não se limitam a tópicos preestabelecidos: "permite-se o aprofundamento e o detalhamento" dos tópicos abordados (LAGE, 2009, p. 77).

Não escolhemos fazer entrevistas ao vivo, devido ao seu alto grau de dificuldade. Nesse sentido, decidimos fazer entrevistas gravadas e editadas. Prado (1989, p. 59) chama esse tipo de entrevista de diferida. Segundo o autor, ela é montada e editada antes da emissão, com a retirada de equívocos, a redução do tempo gravado ou ainda com a modificação da ordem de perguntas e respostas.

Como selecionamos a entrevista editada, procuramos na literatura jornalística algumas orientações para realizá-la. Prado (1989, p. 60) lembra que enquanto na imprensa a entrevista pode ser totalmente reelaborada; no rádio, a entrevista só pode ser parcialmente, com o objetivo de respeitar as unidades expressivas do entrevistado.

Na edição, de acordo com Lage (2009, p. 83), existem dois aspectos que precisam ser considerados: conteúdo e personalidade (simpática ou antipática) do entrevistado. O entrevistador ou editor não deve interferir nesse segundo aspecto, cortando na edição, pontos marcantes da entrevista. É preciso transmitir ao público o que a entrevista foi.

A maior parte das respostas têm duas fases distintas. Segundo Prado (1989, p. 59-60), "primeiro, uma fase expositiva e depois uma fase redundante". Na primeira fase, o entrevistado geralmente oferece espontânea e desordenadamente as informações que respondem ao questionamento. Na segunda fase, oferecem-se os mesmos dados, só que de forma mais elaborada. Na edição, pode-se suprimir "uma das duas partes da resposta, sem que isso diminua a quantidade de dados oferecidos ao público" (PRADO, 1989, p. 60). Com a montagem, pode-se ganhar clareza, agilidade e economizar tempo. Por outro lado, essa operação torna viável a modificação das perguntas que ficaram confusas e que possam causar confusão no fluxo comunicativo.

No que se refere à edição do conteúdo emocional, há controvérsia entre os jornalistas. Lage (2009, p. 83) afirma que, baseados no jornalismo impresso, em que os aspectos emotivos são suprimidos para a publicação, repórteres de rádio e de tevê costumavam ou costumam cortar também esses aspectos. No entanto, conforme o autor, a eliminação desses momentos pode significar a perda dos trechos mais significativos e importantes da entrevista.

## **4 METODOLOGIA**

O foco deste capítulo está na apresentação da metodologia que adotamos neste estudo. Deste modo, ele está estruturado em três seções. A primeira contempla os pressupostos metodológicos da pesquisa, enquanto a segunda aborda a descrição dos procedimentos metodológicos empregados. Já na última seção, explicitamos os critérios usados para a análise da proposta aplicada.

### **4.1 Dos pressupostos metodológicos**

Nesta dissertação, desenvolvemos uma pesquisa-ação que, de acordo com Thiollent (1996, p.14), "é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo". Nesse tipo de pesquisa, os participantes e os pesquisadores se envolvem de modo cooperativo ou participativo.

Ainda segundo Thiollent (1996, p.15), para que uma pesquisa seja qualificada como pesquisa-ação é necessário que haja realmente uma "ação das pessoas ou grupos implicados no problema sob observação".

Os propósitos deste estudo estão alinhados à definição de Thiollent (1996, p. 14) de pesquisa-ação, pois intervimos na resolução de problemas coletivos e tanto os pesquisadores quanto os participantes estiveram envolvidos de modo cooperativo.

Para a realização deste estudo, tendo em vista os nossos objetivos, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa e usamos metodologias de pesquisa-ação com análise descritiva, analítica e interpretativa.

Na seção seguinte, descrevemos os procedimentos metodológicos empregados em nosso estudo.

### **4.2 Dos procedimentos metodológicos**

Esta dissertação teve como tema o ensino do gênero entrevista radiofônica por meio de uma proposta de multiletramentos. Elaboramos e aplicamos uma proposta de multiletramentos que visou ao domínio de ferramentas de edição de áudio e também ao ensino

do gênero entrevista<sup>34</sup> e, para isso, baseamo-nos nas sequências didáticas<sup>35</sup> de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), na abordagem bakhtiniana dos gêneros, nos estudos sobre entrevista radiofônica, nos estudos sobre os multiletramentos. É importante ressaltar que apesar de termos sido influenciados pelas ideias de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), não desenvolvemos uma sequência didática nos moldes deles.

Por se tratar de uma pesquisa com seres humanos, antes de sua aplicação, o projeto foi submetido e aprovado<sup>36</sup> (Anexo C) pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Após a aprovação, a proposta foi aplicada com o consentimento de todos os envolvidos. Inicialmente, fizemos o convite a todos os estudantes<sup>37</sup> das seis turmas de nono ano da escola. Os interessados levaram um bilhete para suas residências, convocando seus responsáveis para uma reunião nas dependências da escola. Nessa reunião, esclarecemos o projeto aos responsáveis e aos educandos, lemos e apresentamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A) e o Termo de Assentimento para o Menor (Anexo B) e recebemos as assinaturas desses documentos. Todos aqueles que compareceram à reunião aceitaram participar da pesquisa.

A proposta foi aplicada pelo professor/pesquisador em uma escola de ensino integral<sup>38</sup> da rede pública do Distrito Federal, em encontros no turno contrário ao das atividades regulares, durante os meses de maio a setembro de 2017. Ela foi iniciada com doze e finalizada com nove estudantes do nono ano do Ensino Fundamental. Das três desistências, duas foram justificadas. Um garantiu ter ganhado uma bolsa de estudos em um curso profissionalizante e outra afirmou ter começado aulas de voleibol. A terceira desistência foi

---

<sup>34</sup> No trabalho com o gênero entrevista radiofônica, usamos alguns nomes semelhantes aos propostos por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 83): apresentação da situação, produção inicial e produção final. Não usamos o nome módulos na proposta elaborada. No entanto, algumas atividades, realizadas após a produção inicial, têm objetivos semelhantes aos módulos propostos pelos autores.

<sup>35</sup> Segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 82-83), as sequências didáticas são entendidas como um "conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero oral ou escrito", que têm "a finalidade de ajudar o estudante a dominar melhor um gênero, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação".

<sup>36</sup> O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), conforme o parecer (Anexo C) de nº 1.781.036, em 19 de outubro de 2016 e tem o seguinte número de processo: 59513316.8.0000.5152.

<sup>37</sup> Apesar de termos feito o convite a todos os estudantes do 9º ano, para participar era necessário ter disponibilidade para comparecer aos encontros semanais no turno contrário. Com essa condição, muitos que queriam fazer parte da pesquisa, não puderam participar, pois já tinham assumido outros compromissos. Por isso, iniciamos o projeto com 12 estudantes.

<sup>38</sup> O projeto Escola Integral objetiva ampliar o tempo de permanência de crianças e adolescentes da educação básica na escola, por meio da articulação de ações de ensino-aprendizagem com ações de cultura, esporte e lazer.

de uma estudante que faltou aos compromissos marcados de gravação. Ela não compareceu mais aos encontros e também não apresentou uma justificativa para a sua desistência.

Com o intuito de gerar e registrar dados, gravamos e transcrevemos os encontros em que as atividades foram aplicadas; utilizamos um diário de prática em que anotamos as observações, dúvidas e reflexões que tivemos durante a aplicação da proposta; e gravamos, transcrevemos e analisamos as produções (inicial e final) do gênero entrevista, feitas pelos estudantes durante a pesquisa. Além disso, a cada encontro, os participantes registravam suas impressões, dúvidas, inquietações, comentários e sugestões em um diário de bordo.

A proposta elaborada foi organizada em doze blocos e sua aplicação aconteceu em dois momentos. No primeiro, utilizamos dez encontros de três horas/aula<sup>39</sup> para executar as atividades previstas para os onze primeiros blocos. No segundo momento, realizamos as atividades previstas para o último bloco, gravamos todos os programas em sete encontros e fizemos as edições em oito. Ao todo, as ações foram desenvolvidas em vinte e cinco encontros.

No primeiro momento da aplicação, no laboratório de informática, realizamos uma discussão com os estudantes para que eles pudessem compreender os objetivos da proposta. Depois, os educandos preencheram um questionário<sup>40</sup> no *Google Docs* para que o professor/pesquisador pudesse conhecer o campo de pesquisa; os participantes; e estabelecer um primeiro diagnóstico dos problemas. Essa atividade fez parte da fase exploratória proposta pelo método de pesquisa-ação e foi conciliada com uma conversa/ negociação após a sua aplicação. Por meio dessas ações, foi possível adaptar as atividades à realidade e ao interesse dos participantes. A partir dos dados gerados por meio do questionário e do diálogo com os estudantes, decidimos as temáticas dos exemplares de entrevista que seriam usadas no projeto.

No encontro seguinte, buscamos explorar o conhecimento prévio dos estudantes sobre os tipos de rádio e discutimos sobre as suas características. Em seguida, discutimos os procedimentos necessários para a criação de uma rádio escolar e tomamos algumas decisões para sua implementação. Logo depois, iniciamos o processo de definição de uma linha editorial, discutimos os objetivos da rádio escolar, os conteúdos e a linguagem dos programas, e também os compromissos e as responsabilidades dos membros envolvidos com o veículo de comunicação.

Posteriormente, por meio de outro questionário<sup>41</sup> preenchido no *Google Docs*, fizemos um levantamento do conhecimento prévio dos participantes sobre o gênero entrevista

---

<sup>39</sup> Cada aula teve a duração de sessenta minutos.

<sup>40</sup> O questionário citado está presente no Quadro 9 e pode ser consultado no primeiro bloco do capítulo cinco.

<sup>41</sup> O questionário citado está presente no Quadro 20 e pode ser consultado no terceiro bloco do capítulo cinco.

radiofônica. Em seguida, possibilitamos aos estudantes o contato com alguns exemplares do gênero e, por meio de uma série de questões, exploramos as suas especificidades.

A ação seguinte foi a realização da primeira reunião de pauta para a definição dos entrevistados e dos temas que seriam usados na gravação da produção inicial. Resolvemos que, na primeira experiência, os entrevistados seriam os próprios participantes da pesquisa e que eles concederiam entrevistas sobre temas que se sentissem à vontade para falar. Agendamos a gravação de todas as produções iniciais para um mesmo dia da semana seguinte.

No outro encontro, realizamos a gravação das produções iniciais<sup>42</sup>. Cada participante do projeto ficou responsável por fazer a transcrição de sua entrevista e de enviá-la por e-mail ao professor/pesquisador. Com as transcrições feitas, fizemos a análise das entrevistas com base em critérios estabelecidos a partir de orientações teórico-práticas da literatura jornalística voltadas para o gênero (quadros 25, 26 e 27).

Logo depois, ouvimos mais exemplares de entrevista radiofônica, procuramos explorá-las de acordo com os elementos constituintes do gênero e preenchemos um quadro<sup>43</sup> para sistematizar as suas características.

Como atividade externa, os estudantes procuraram receber - entre colegas, professores e outros funcionários da escola - sugestões de temas para as entrevistas que seriam realizadas como produção final. Após a realização dessa ação, fizemos a nossa segunda reunião de pauta para a definição dos temas e objetivos da produção final.

Em seguida, apresentamos as principais ferramentas e funcionalidades para a edição de áudio no *software Audacity* e procuramos por meio de algumas atividades práticas fixar o conhecimento aprendido. Posteriormente, conversamos sobre alguns procedimentos para a aplicação de efeitos em áudios.

Depois, discutimos o conceito e as finalidades de uma vinheta de rádio, escutamos e analisamos os mecanismos usados na composição de algumas e produzimos as nossas próprias vinhetas para a rádio escolar e para o programa de entrevista.

Como produção final, realizamos onze entrevistas<sup>44</sup>, com oito fontes diferentes. As gravações foram realizadas presencialmente, via *WhatsApp* e por ligação telefônica. Com o objetivo de otimizar o tempo, procuramos gravar mais de uma entrevista no mesmo dia. Após as gravações, tentamos realizar as edições em duplas. A maior parte foi feita dessa forma.

---

<sup>42</sup> As produções iniciais dos estudantes estão disponíveis em: <https://producoesiniciais.tumblr.com/>

<sup>43</sup> Estamos nos referindo ao Quadro 34 que pode ser consultado no sétimo bloco do quinto capítulo.

<sup>44</sup> Os programas de entrevista produzidos pelos estudantes para a rádio escolar estão disponíveis em: <https://radiointeracao.tumblr.com/>

A última etapa da aplicação da proposta foi a transmissão das entrevistas. Os programas foram transmitidos às quartas-feiras durante o intervalo das aulas do matutino e foram avaliados pelos ouvintes em aspectos como temática, conteúdo, qualidade e outros pontos que pudessem contribuir para o seu aperfeiçoamento.

Após a execução da proposta, organizamos os dados gerados, fizemos o relato da aplicação e descrevemos a avaliação das atividades feita pelos estudantes. Por último, fizemos uma análise dos resultados e, para isso, seguimos os critérios apresentados na seção seguinte.

### **4.3 Dos critérios para a análise da proposta aplicada**

Por meio do método qualitativo, buscamos discutir as três questões de pesquisa que fazem parte desta dissertação. Os elementos que estavam no foco da análise eram: a participação dos estudantes durante a execução do projeto; a apropriação do gênero entrevista radiofônica pelos participantes da pesquisa; e a proposta em si e a sua relação com os princípios para a promoção de uma pedagogia dos multiletramentos. Para realizar essa discussão, usamos como instrumentos: questionários; a gravação dos encontros; as produções iniciais de entrevistas e os programas radiofônicos realizados como produções finais; o diário de bordo dos estudantes; e o diário de prática do professor/pesquisador.

Com a finalidade de nortear essa discussão, para cada questão de pesquisa, elaboramos alguns critérios de análise. Em nossa primeira questão, buscamos discutir como se configurou, na proposta aplicada, o protagonismo dos estudantes. Para essa finalidade, adotamos o conceito de protagonismo juvenil<sup>45</sup> do Grupo Interagir<sup>46</sup> (2006) e elaboramos os critérios de análise com base nos três pilares (liberdade, iniciativa e compromisso) que sustentam a definição proposta por essa ONG. Os critérios concebidos para discutir essa questão de pesquisa são enumerados no quadro a seguir.

---

<sup>45</sup> O Grupo Interagir (2006) apud Souza (2006, p. 330) concebe o protagonismo juvenil como uma atuação consciente e criativa do jovem na busca de soluções para os desafios dos ambientes em que vive e convive. De acordo com o grupo, o protagonista busca liberdade para escolher a área de interesse e a forma de ação e de intervenção, tem iniciativa para a realização de suas escolhas e estabelece compromisso com os resultados e com a avaliação dos impactos gerados ou obtidos. Iniciativa, Liberdade e Compromisso são os três pilares que sustentam a proposta de protagonismo juvenil do grupo Interagir.

<sup>46</sup> O Grupo Interagir, organização não-governamental formada por jovens do Distrito Federal, atua, desde o ano 2000, desenvolvendo ações regionais e nacionais com o intuito de estimular e articular o protagonismo juvenil.

**QUADRO 3 - Critérios para a análise da proposta aplicada relacionados à primeira questão de pesquisa**

Questão de pesquisa	Pilar que sustenta o conceito de protagonismo juvenil	Critérios de análise
Como se configurou, na proposta aplicada, o protagonismo dos estudantes?	Iniciativa	a) Como se apresentou a atuação dos jovens? Essa atuação juvenil foi consciente?
		b) Os jovens buscaram soluções para os desafios dos ambientes em que vivem e convivem? Como?
	Liberdade	c) Houve liberdade para os jovens escolherem a área de interesse e a forma de ação e de intervenção? Como?
	Compromisso	d) Os jovens estabeleceram compromisso com o projeto de rádio? Como?

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Para nossa segunda questão de pesquisa, procuramos discutir como se apresentaram e quais aspectos foram favoráveis e quais foram conflitantes na aplicação das atividades para a apropriação do gênero entrevista radiofônica pelos estudantes. Os critérios elaborados para discutir essa questão de pesquisa estão relacionados no quadro a seguir.

**QUADRO 4 - Critérios para a análise da proposta aplicada relacionados à segunda questão de pesquisa**

Questão de pesquisa	Critérios de análise
Como se apresentaram e quais aspectos foram favoráveis e quais foram conflitantes na aplicação das atividades para a apropriação do gênero entrevista radiofônica pelos estudantes?	a) Comparando as produções inicial e final dos participantes, percebe-se avanços ou não no que se refere à apropriação do gênero pelos estudantes? A que aspectos presentes nas atividades planejadas podem ser associados esses resultados?
	b) Percebe-se algum fator externo às atividades favorável ou desfavorável à apropriação do gênero pelos estudantes?

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Na última questão de pesquisa, procuramos discutir como a proposta aplicada se configurou em relação aos princípios empregados para encaminhar uma pedagogia dos multiletramentos. Os critérios produzidos para discutir essa questão de pesquisa são apresentados no quadro a seguir.

**QUADRO 5 - Critérios para a análise da proposta aplicada relacionados à terceira questão de pesquisa**

Questão de pesquisa	Princípios	Critérios de análise
Como a proposta aplicada se configurou em relação aos princípios empregados para encaminhar uma pedagogia dos multiletramentos?	Usuário funcional (ROJO, 2012).	a) A proposta aplicada possibilitou aos jovens se desenvolverem como usuários funcionais, ou seja, a adquirirem competência técnica e a usarem o seu conhecimento prático na produção dos programas de entrevista radiofônica?
	Criador de sentido (ROJO, 2012).	b) A proposta permitiu aos jovens se desenvolverem como criadores de sentido, ou seja, a refletirem sobre os sentidos criados e a entenderem como diferentes tipos de texto e de tecnologias operam?
	Analista crítico (ROJO, 2012).	c) A proposta permitiu aos jovens se desenvolverem como analistas críticos, isto é, a entenderem que tudo que é dito e estudado é fruto de seleção prévia?
	Transformador (ROJO, 2012).	d) A proposta aplicada possibilitou aos jovens se desenvolverem como agentes transformadores, ou seja, a serem capazes de transformar os discursos e as significações, usando o que foi aprendido de novos modos?

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

## 5 APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA DE MULTILETRAMENTOS

No presente capítulo, apresentamos a nossa proposta de multiletramentos e indicamos materiais didáticos necessários à produção, gravação e edição de um programa radiofônico de entrevista. Nas ações propostas, os exercícios indicados são alternativas de trabalho para outros docentes de Língua Portuguesa, principalmente, no que se refere ao ensino da entrevista radiofônica.

Nesse sentido, para a elaboração das atividades com esse gênero destinadas a estudantes do nono ano do Ensino Fundamental, escolhemos um aporte teórico condizente com os objetivos que pretendíamos alcançar e nos filiamos à abordagem sociodiscursiva na perspectiva de Bakhtin (1997). Dentro desse viés, ao trabalharmos com os exemplares, procuramos explorar o conteúdo temático, o estilo verbal e a construção composicional das entrevistas radiofônicas.

Contudo, as ações apresentadas não se limitaram às atividades que visam à apropriação do gênero pelos aprendizes. Além desses exercícios, detalhamos o planejamento: para a criação de uma rádio na escola; para a produção, a gravação, a edição e a transmissão da entrevista radiofônica; para o domínio de ferramentas de edição de áudio; e para a análise e produção de vinhetas de rádio.

Com o propósito de estruturarmos melhor as ações planejadas, dividimos as atividades em doze blocos. A seguir, apresentamos um quadro com a organização que fizemos para a nossa proposta de ensino.

**QUADRO 6 - Organização da proposta em blocos e número de encontros previstos**

Bloco	Título	Nº de encontros previstos
1	Apresentação da proposta, geração de dados e negociação dos temas	10
2	A criação de uma rádio escolar	
3	Exemplares do gênero entrevista radiofônica	
4	Reunião de pauta	
5	Produção inicial	
6	Análise das primeiras produções	
7	Estilo, conteúdo temático e construção composicional das entrevistas	
8	Reunião de pauta	
9	A entrevista diálogo e o processo de entrevista em fases	
10	<i>Audacity</i>	
11	Análise e produção de vinhetas de rádio	10
12	Produção final: produção, gravação, edição, transmissão e avaliação	

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Desse modo, a nossa previsão é aplicar os onze primeiros blocos em dez encontros de três horas/aula. Já o desenvolvimento das ações do último bloco demandará mais tempo por ser um trabalho que precisa ser individualizado e feito em pequenos grupos, pois nele são gravados e editados os programas. Sendo assim, acreditamos ser pertinente agendar até duas gravações para um mesmo encontro e realizar a edição dos programas em duplas. Conseqüentemente, mais dez encontros podem ser necessários para um grupo de dez estudantes, sendo metade do tempo destinado às gravações e a outra metade às edições.

No quadro a seguir, expomos uma previsão para a realização dos onze primeiros blocos em aulas e em encontros.

**QUADRO 7 - Previsão de realização dos onze primeiros blocos em aulas e em encontros**

Encontros	Aulas <sup>47</sup>		
	1ª aula	2ª aula	3ª aula
1º Encontro	Bloco 1	Bloco 1	Bloco 2
2º Encontro	Bloco 2	Bloco 3	Bloco 3
3º Encontro	Bloco 2	Bloco 3	Bloco 4
4º Encontro	Bloco 5	Bloco 5	Bloco 5
5º Encontro	Bloco 6	Bloco 6	Bloco 7
6º Encontro	Bloco 7	Bloco 7	Bloco 7
7º Encontro	Bloco 7	Bloco 7	Bloco 8
8º Encontro	Bloco 8	Bloco 9	Bloco 9
9º Encontro	Bloco 10	Bloco 10	Bloco 10
10º Encontro	Bloco 11	Bloco 11	Bloco 11

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Já no próximo quadro, é possível observar a nossa previsão de quantidade de encontros para a realização das ações propostas para o décimo segundo bloco.

**QUADRO 8 - Previsão de realização das atividades de gravação e edição do 12º bloco em encontros**

Encontros	Gravações		Edições	
	1ª gravação	2ª gravação	1ª edição	2ª edição
1º Encontro	Estudante 1	Estudante 2		
2º Encontro	Estudante 3	Estudante 4		
3º Encontro	Estudante 5	Estudante 6		
4º Encontro	Estudante 7	Estudante 8		
5º Encontro	Estudante 9	Estudante 10		
6º Encontro			Estudante 1	Estudante 2
7º Encontro			Estudante 3	Estudante 4
8º Encontro			Estudante 5	Estudante 6
9º Encontro			Estudante 7	Estudante 8
10º Encontro			Estudante 9	Estudante 10

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

<sup>47</sup> Para uma melhor visualização da quantidade de aulas necessárias para cada bloco, usamos uma cor diferente para cada um deles. Assim, por exemplo, temos dois retângulos vermelhos, conseqüentemente, necessitamos de duas aulas para o desenvolvimento do bloco 1.

A seguir, descrevemos cada um dos blocos que compõem a proposta. Neles, são encontrados os objetivos e o detalhamento das atividades elaboradas.

### **BLOCO 1 - Apresentação da proposta, geração de dados e negociação dos temas**

Este bloco contempla: a apresentação da proposta aos estudantes; o preenchimento de questionário para conhecer a escola, a comunidade e os aprendizes; e a tomada de decisões a partir dos dados gerados.

**Em qual (is) encontro (s) as atividades do bloco devem ser realizadas:** 1º encontro<sup>48</sup>.

**Quantidade de aulas previstas:** 2 aulas.

#### **Objetivos do bloco:**

- a) apresentar a proposta aos estudantes;
- b) gerar, por meio de questionário, dados sobre os educandos e a comunidade escolar;
- c) debater os dados gerados e negociar as temáticas dos exemplares a serem trabalhados.

#### **Apresentação da proposta aos estudantes**

Inicialmente, acreditamos ser importante realizar uma conversa com os estudantes sobre os objetivos da proposta a ser realizada. Desse modo, é relevante ressaltar que a finalidade das atividades é levá-los a se apropriarem do gênero entrevista radiofônica e de algumas ferramentas para a realização de um programa radiofônico a ser transmitido durante o intervalo da escola. Por meio disso, eles atuarão como comunicadores e irão buscar informações que acreditam ser importantes para os outros e as divulgarão por meio de entrevistas. Além de comunicadores, serão agentes transformadores, pois veicularão informações que poderão mudar a realidade escolar e comunitária.

Nessa perspectiva, o projeto de produção do programa radiofônico de entrevista deve ser discutido de modo claro com os educandos para que possam compreender a situação de comunicação na qual deverão agir. Assim, o professor deve dar indicações sobre: o gênero que será abordado; o público a quem se dirige; a forma que a produção assumirá; quem participará da produção; as ferramentas que serão utilizadas; e as etapas do projeto. Com o

<sup>48</sup> Em caso de dúvidas, consulte o Quadro 7, apresentado na introdução deste capítulo.

intuito de sistematizar essas informações, elaboramos alguns *slides* para que sejam projetados em um *datashow* e/ou entregues impressos para os aprendizes. Na figura a seguir, expomos esse material.

**FIGURA 1- Sugestão de *slides* com informações sobre a situação de comunicação**

*Slide 1*

### Situação de Comunicação

**Qual gênero será abordado?**  
Entrevistas a serem realizadas para a rádio escolar.

**A quem se dirige a produção?**  
A todos os estudantes da escola e àqueles que se interessarem por ouvir o programa de rádio no intervalo da escola.



*Slide 2*

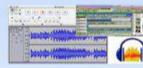
### Situação de Comunicação

**Que forma assumirá a produção?**  
A produção terá a forma de gravação em áudio. As entrevistas serão gravadas e editadas. Posteriormente, serão transmitidas na escola.







*Slide 3*

### Situação de Comunicação

**Quem participará da produção?**  
Os estudantes da turma participarão como entrevistadores, já como entrevistados: os diretores, coordenadores, supervisores, professores, pais, representantes da comunidade, especialistas, policiais, estudantes de outras instituições e outras pessoas que poderão ser consultadas, dependendo da pauta a ser executada. Toda a comunidade escolar poderá sugerir temas que serão trabalhados nos programas.



## Slide 4

**Situação de Comunicação**

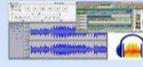


**Ferramentas que serão utilizadas?**  
Sites de busca, editores de texto, gravadores de celular, whatsapp e o programa de edição de áudio *Audacity*.









## Slide 5

Etapas
Apresentação da proposta, coleta de dados e negociação de temáticas
A criação de uma rádio escolar
Exemplares do gênero entrevista radiofônica
Reunião de pauta
Produção inicial
Análise das primeiras produções
Estilo, conteúdo temático e construção composicional das entrevistas
Reunião de pauta
A entrevista diálogo e o processo de entrevista em fases
<i>Audacity</i>
Análise e produção de vinhetas de rádio
Produção final: produção, gravação, edição, transmissão e avaliação

Fonte: acervo do pesquisador.

### Conhecendo os estudantes e a comunidade escolar

Em um segundo momento, é pertinente a aplicação de um questionário<sup>49</sup> com o objetivo de conhecer os aprendizes e estabelecer um levantamento dos problemas que envolvem a escola e a comunidade. Para isso, os estudantes devem preencher esse instrumento de geração de dados no *Google Docs* ou em material impresso. No quadro a seguir, apresentamos a nossa sugestão de questionário.

#### QUADRO 9 - Sugestão de questionário para conhecer os estudantes e os problemas que envolvem a escola e a comunidade

1. Qual(is) recurso(s) tecnológico(s) você tem acesso no local onde mora? (Marque todas que se aplicam)  
 Celular     Rádio     Internet     Computador     Televisão

<sup>49</sup> O questionário para conhecer os estudantes e os problemas que envolvem a escola e a comunidade está disponível em: <https://goo.gl/forms/md59SVbUyUlsLp511>.

2. O local onde mora possui outro(s) recurso(s) tecnológico(s)? Qual(is)?
3. Qual(is) estilo(s) de música combina(m) com você?
4. Você usa alguma rede social? Qual(is)?
5. Na sua opinião, quais são os principais problemas da comunidade e da escola em que você está inserido?
6. Quais são os temas que mais lhe interessam e que você gostaria de ouvir em um programa de entrevista na sua escola?

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

### Discussão sobre os dados gerados e negociação das temáticas dos exemplares

Como terceiro momento, acreditamos ser importante a realização de um debate com os estudantes sobre os dados gerados nas perguntas do questionário. Nessa perspectiva, é relevante discutir, sobretudo, os dois últimos questionamentos os quais procurarão identificar os principais problemas da comunidade e da escola e conhecer os temas que mais interessam aos aprendizes e que gostariam de ouvir em um programa de entrevista. A partir disso, serão decididas e negociadas as temáticas dos exemplares de entrevista que serão estudados no 3º e no 7º blocos.

### BLOCO 2 - A criação de uma rádio escolar

Este bloco tem por objetivo levar os estudantes a discutirem sobre os diferentes tipos de rádio, a refletirem sobre o processo de criação de uma rádio escolar e a tomarem decisões para isso.

**Em qual (is) encontro (s) as atividades do bloco devem ser realizadas:** 1º, 2º e 3º encontros<sup>50</sup>.

**Quantidade de aulas previstas:** 3 aulas<sup>51</sup>.

#### Objetivos do bloco:

- a) conhecer os objetivos dos diferentes tipos de rádio;
- b) refletir sobre o processo de criação de uma rádio na escola;
- c) iniciar a construção de uma linha editorial para a rádio escolar;
- d) tomar decisões para a criação da rádio.

<sup>50</sup> Em caso de dúvidas, consulte o Quadro 7, apresentado na introdução deste capítulo.

<sup>51</sup> Este bloco deve ser executado em no mínimo três aulas divididas em três encontros. Para isso, as duas primeiras aulas devem servir para a realização das atividades previstas no bloco e para a tomada de decisões; já a terceira deve ser usada para o acompanhamento das ações e planejamento de outras, se necessário.

## Os objetivos dos diferentes tipos de rádio

Para iniciar, acreditamos ser relevante explorar, oralmente, o conhecimento prévio dos estudantes sobre os tipos de rádio. Com essa finalidade, elaboramos algumas perguntas apresentadas no quadro a seguir.

### QUADRO 10- Sugestão de perguntas para a exploração do conhecimento prévio sobre os tipos de rádio

1. Quais são os tipos de rádio que vocês conhecem?
2. Citem o nome de uma rádio que vocês ouvem? Quais são os conteúdos dos programas dessa rádio? Ela veicula peças publicitárias?
3. Você se lembra de algum exemplo de peça publicitária veiculada em alguma rádio? Se sim, quem era o anunciante? Qual serviço ou produto que era oferecido? Qual o objetivo do empresário ao anunciar na rádio? Qual é o objetivo principal desse tipo de rádio que veicula peças publicitárias?
4. Uma rádio escolar pode ter fins lucrativos?
5. Quais seriam os objetivos de uma rádio escolar?

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Logo depois, será feita a leitura e a discussão com os estudantes sobre os tipos de rádio. Como meio para atingir esse objetivo, entregaremos textos, em formato impresso, para os jovens. Nos quadros seguintes, apresentamos o material que pode ser usado para esse fim.

### QUADRO 11 - Sugestão de texto sobre rádio comercial

#### Rádio comercial

As emissoras comerciais diferenciam-se por serem empresas cujo objetivo prioritário é o de obtenção de lucro (capital ou político). Elas representam crescente parcela de emissoras no Brasil e, como consequência disso, atingem a maioria dos ouvintes, devido a sua potência de alcance. Caracterizam-se pela veiculação de peças publicitárias intercaladas explicitamente ou subliminarmente em sua programação. O foco primordial é o da informação e do entretenimento. Essas emissoras possuem dois tipos de clientes: os ouvintes, que são compradores em potencial de produtos e ideias, e os anunciantes, que patrocinam os programas em troca de publicidade. Grande parte é associada a redes da grande mídia e, por conseguinte, está estreitamente vinculada a grupos econômicos e políticos. Atuam sobre a égide do discurso *mass media*, do capital, do mercado, da relação vertical de poder, das forças que escolhem o que deve ser dito e ouvido, além de selecionarem a quem vão dar visibilidade e viabilidade social.

Fonte: Baltar (2012, p. 38).

### QUADRO 12 - Sugestão de texto sobre rádio comunitária

#### Rádio comunitária

As rádios comunitárias diferenciam-se das rádios comerciais por serem produzidas e veiculadas pelos próprios moradores de uma comunidade e por não possuírem fins lucrativos. Têm o intuito de promover e qualificar o convívio, estimular a interação, valorizar o que é típico das comunidades, difundindo as ideias de seus moradores, criando espaço para o aparecimento de múltiplas vozes. Essas emissoras transmitem programas artístico-culturais, esportivos, noticiosos, de utilidade pública, entre outros, dentro de um limitado raio de transmissão de, em princípio, aproximadamente 10 Km, atingindo assim um número restrito de ouvintes.

Fonte: Baltar (2012, p. 39).

**QUADRO 13 - Sugestão de texto sobre rádio educativa****Rádio educativa**

As rádios educativas têm por objetivo a veiculação de programas de cunho educativo. Em princípio, a concepção da programação é, ou deveria ser, feita por educadores e a execução por comunicadores. Essas rádios não possuem fins lucrativos e são mantidas pela União, governos estaduais ou municipais, fundações e universidades. Seu foco é o da difusão do conhecimento e da formação de opinião do ouvinte, alinhado a um perfil editorial próprio de cada instituição. Esse modelo de rádio deve permitir um diálogo da cultura local com a cultura regional e nacional, respeitando o multiculturalismo.

Fonte: Baltar (2012, p. 39).

**QUADRO 14 - Sugestão de texto sobre rádio escolar****Rádio escolar**

As rádios escolares caracterizam-se por serem instrumentos de interação [...] entre os membros da comunidade escolar. [...] Elas podem funcionar como recurso de ensinagem de conteúdos [...] que visam ao desenvolvimento e à aprendizagem dos estudantes, articulando as atividades didático-pedagógicas da escola. A concepção e a execução dos programas da rádio escolar são de responsabilidade dos estudantes e dos professores, podendo sua coordenação ficar a cargo de um professor (ou professores) ou de líderes estudantis. [...] O raio de alcance de transmissão de uma rádio escolar é restrito aos limites da escola.

Fonte: Baltar (2012, p. 39-40).

Após a leitura de cada texto, é pertinente debater com os estudantes as características dos tipos de rádio: seus objetivos, se possuem fins lucrativos, o conteúdo da programação, seu alcance, se possuem clientes e os seus interesses.

### O processo de criação de uma rádio na escola

Nessa etapa, é importante a tomada de decisões coletivas para a criação da rádio escolar. Com o intuito de promover a discussão sobre os procedimentos necessários para a sua criação, devem ser feitas, oralmente, perguntas como as apresentadas no quadro a seguir.

**QUADRO 15- Sugestão de perguntas para orientar a tomada de decisões coletivas sobre a criação da rádio escolar**

1. Como podemos escolher o nome da rádio de forma democrática? Quais ações podemos definir para essa escolha?
2. Qual cronograma podemos definir para esse processo de escolha?
3. Que medidas podemos tomar para que toda a escola tome ciência do processo de escolha do nome da rádio?

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Para que os estudantes possam refletir sobre o processo de criação de uma rádio escolar, é importante entregar, em formato impresso, o texto apresentado no quadro seguinte, e fazer, posteriormente, a leitura oral e a discussão dele.

**QUADRO 16 - Sugestão de texto sobre o processo de criação de uma rádio escolar****Rádio escolar**

[...] A implementação de uma rádio escolar tem como princípio uma educação para, sobre e na mídia. Para isso é preciso haver a gestão coletiva e democrática dos recursos, da programação e do saber-fazer, para que a rádio escolar represente a totalidade dos envolvidos na escola e contribua para o pleno exercício da cidadania.

Para criar uma rádio escolar um dos primeiros passos, além de decidir o nome da rádio, é construir um projeto que esteja vinculado ao projeto pedagógico da escola. O projeto deve contemplar os objetivos da rádio, a divisão de responsabilidades e que tipo de programação será veiculada. Para definir o formato da programação é preciso decidir se os programas serão noticiários, musicais, humorísticos, educativos, e distribuí-los ao longo do tempo que a rádio estará no ar.

Em um programa que trate de variedades com duração de 20 minutos, por exemplo, podem ser destinados cinco minutos para as notícias, cinco para músicas e um para o intervalo comercial. E então, na segunda parte do programa, pode haver uma entrevista de três minutos, dois minutos para prestação de serviços (avisos, recados, divulgação de eventos, achados e perdidos, etc.), e mais quatro minutos de música.

[...]

Fonte: Vesce (2008, p.1).

Com o objetivo de compreender o texto e de promover o debate sobre os procedimentos necessários para a criação de uma rádio escolar, serão feitos, oralmente, questionamentos como os elaborados no quadro a seguir.

**QUADRO 17 - Sugestão de perguntas para promover o debate sobre os procedimentos necessários para a criação de uma rádio escolar**

1. Segundo a autora, quais são os passos que precisamos dar para a construção de uma rádio na escola?
2. Segundo a autora, quais elementos devem ser contemplados em um projeto de rádio escolar?

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

**O início da construção de uma linha editorial para a rádio escolar**

Após a definição do nome da rádio escolar, outro passo para a sua construção será iniciar o processo de elaboração de uma linha editorial<sup>52</sup> do programa de entrevista.

Inicialmente, é pertinente questionar se sabem o que é uma linha editorial. Caso os estudantes não saibam, o docente poderá levá-los ao laboratório de informática para que possam pesquisar essa informação. Logo depois, recomendamos discutir o conceito com eles para elucidá-lo.

Para iniciar a construção da linha editorial do programa que será apresentado pelos aprendizes, é relevante que o professor lhes proponha um debate que pode ser guiado por questionamentos, como os apresentados no quadro a seguir.

<sup>52</sup> A linha editorial é uma política predeterminada pela direção do veículo de comunicação que determina a lógica pela qual se enxerga o mundo; indica seus valores, objetivos, conteúdos e programação.

**QUADRO 18 - Sugestão de perguntas para nortear o debate e a definição de uma linha editorial para a rádio escolar**

1. Na sua opinião, qual (is) deve(m) ser o(s) objetivo(s) da rádio escolar?
2. Qual(is) deve(m) ser o(s) conteúdo(s) dos programas da rádio escolar?
3. Os estudantes podem ou não usar gírias durante os programas de rádio?
4. Quais devem ser os compromissos/responsabilidades de todos os membros envolvidos na produção de programas de rádio?

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

**Tomada de decisões para a criação da rádio escolar**

Nessa etapa, convém tomar mais decisões coletivas com os estudantes que contribuam para a tarefa de moldar a rádio escolar, caracterizando-a. Para isso, propomos que sejam respondidos, oralmente, alguns questionamentos, como os elaborados no quadro a seguir.

**QUADRO 19 - Sugestão de questionamentos para a definição de mais características da rádio escolar**

1. Como podemos escolher o nome do programa de entrevista? O processo deve ser idêntico ao de escolha do nome da rádio?
2. Como definir o slogan para o programa de entrevista?
3. Quantos programas de entrevista serão transmitidos por semana?
4. Como definir o logotipo que poderia representar o nome da rádio escolhida?

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

É importante que as deliberações sejam registradas por escrito e que o processo de execução delas seja acompanhado durante os encontros.

**BLOCO 3 - Exemplos do gênero entrevista radiofônica**

Neste bloco, os estudantes responderão a um questionário para auxiliar o professor a fazer um levantamento do conhecimento prévio deles em relação à entrevista de rádio. Além disso, terão contato com alguns exemplos do gênero que deverão ser explorados para que eles possam compreendê-los em suas especificidades e possam, aos poucos, apropriar-se de suas características.

**Em quais encontros as atividades do bloco devem ser realizadas:** 2º e 3º encontros<sup>53</sup>.

**Quantidade de aulas previstas:** 3 aulas.

<sup>53</sup> Em caso de dúvidas, consulte o Quadro 7, apresentado na introdução deste capítulo.

### Objetivos do bloco:

a) fazer levantamento do conhecimento prévio dos estudantes sobre o gênero entrevista radiofônica;

b) conhecer e analisar diferentes exemplares do gênero, explorando as suas especificidades.

### Levantamento do conhecimento prévio dos estudantes sobre o gênero entrevista radiofônica

Nessa etapa, os estudantes responderão a um questionário<sup>54</sup> no *Google Docs* ou em material impresso de modo que o professor possa fazer um levantamento do conhecimento prévio deles em relação à entrevista de rádio. Para isso, por meio das questões, buscaremos sondar se já tiveram contato e se conhecem as especificidades do gênero. No quadro seguinte, apresentamos uma sugestão de questionário elaborado para essa finalidade.

#### QUADRO 20- Sugestão de questionário para auxiliar o professor a fazer levantamento do conhecimento prévio dos estudantes em relação à entrevista radiofônica

1. Na sua opinião, o que é entrevistar?
2. Você se lembra de alguma situação em que você realizou uma entrevista? Se sim, como foi?
3. Em uma entrevista, o posicionamento do entrevistado ou do entrevistador pode ser classificado como imparcial? Por quê?
4. Quais elementos formam a estrutura de uma entrevista?
5. Você acredita que o nível de linguagem usado em diferentes entrevistas feitas para o rádio é sempre o mesmo ou existem variações? Por quê?
6. Você sabe editar áudios? Se sim, qual(is) programa(s) de edição você usa?

Aguarde o comando do professor para responder a próxima questão. Ele irá passar um áudio<sup>55</sup> para que você possa acompanhar a transcrição a seguir.

#### Transcrição 1 - Trecho de entrevista em questionário para auxiliar o professor a fazer levantamento do conhecimento prévio dos estudantes

##### Transcrição de um trecho de entrevista

**Entrevistador Paulo** - Esse é o Trip FM de hoje, resgatando uma entrevista feita, algum tempo atrás, com o nutricionista Antônio Lancha Júnior. Oh, Júnior, ééé... vamo falar de novo, cara, dessa história da culpa, né, cara. Eu vi outro dia lá... Eu fui convidado lá, para um *brunch*, aquele café da manhã enjoado, que tem um monte de coisas, tem doce, tem prato que parece prato de almoço, coisas de café da manhã. Enfim, é uma mistura de café da manhã com almoço. E você para diante daquele mesão ali, dá vontade de chorar, porque todos os pratos que cê olha, cê leu algum artigo científico que manda (risos do entrevistado) você não comer aquilo.

**Antônio Lancha Júnior** - (Risos). Esse não, esse não.

**Entrevistador Paulo** - Então assim, o certo seria cê tomar um copo d'água e chorar, né? Como é que essa história das pessoas estarem comendo morrendo de culpa?

**Antônio Lancha Júnior** - É péssimo isso. Paulo, é péssimo. O mais importante é as pessoas saberem que não existe alimento permitido e alimento proibido. Existem vários alimentos. Alguns têm mais gordura,

<sup>54</sup> Uma sugestão de questionário para auxiliar o professor a fazer levantamento do conhecimento prévio dos estudantes em relação à entrevista radiofônica está disponível no *Google Docs* no link: <https://goo.gl/forms/cvrGNuuySqQU4hWD2>.

<sup>55</sup> O áudio citado é um trecho de uma entrevista com o nutricionista Antônio Lancha Júnior e está disponível em <https://soundcloud.com/klauber-franco/complemento-para-questionario-trecho-de-entrevista-com-antonio-lancha-junior>.

outros têm mais açúcar. Enfim, isso varia o sabor. Quanto mais variado for a nossa alimentação, melhor é. E tem um dado muito interessante que é assim: nós sentimos em média 10 mil sabores na combinação dos sabores básicos. Ao longo do processo de envelhecimento, a gente pode perdendo isso ou não, desde que você se exponha a sabores diferentes. O grande problema do ser humano é que ele faz sempre uma alimentação binária. E a gente vê isso muito no padrão americano de ingerir, né? O americano ingere muito salgado e muito doce. Muito salgado e muito doce. Ele não transita por outros sabores. Se a gente transitar por outros sabores, você começa a ter satisfação e saciedade com menos alimento. Então, o ideal é você não consumir aquele alimento daquela vez como se não fosse a última parafraseando o nosso poeta, né? Então, sabendo que aquele alimento que você viu no *brunch*, ele existirá no outro fim de semana. No outro domingo, ele vai tá lá do mesmo jeito, com o mesmo sabor, com a mesma cara. Então, não ter culpa em se alimentar, pelo contrário saborear os alimentos e quando for consumir alguma coisa que você sabidamente tem informação de que aquilo faz mal pra saúde fazer isso de uma forma valorizada. Ah, eu quero tomar sorvete. Eu sei que sorvete tem bastante gordura. Então, eu vou escolher o sorvete que eu gosto mais, do melhor lugar do planeta e vou consumir sem culpa, consumir com prazer. Acabou de consumir, vira a página. Não transforma isso em culpa. Não vai pensar como gastar essa calorias no dia seguinte. Volta para sua rotina. E como a gente diz no livro: ninguém engorda pela exceção, a gente engorda pela regra.

**Entrevistador Paulo** - Oh Júnior, vamo falar um pouco disso. Essa pergunta que eu tô carregando lá de trás como que... o que que leva as pessoas a procurar o nutricionista e o profissional de atividade física ainda é a estética? Que eu tenho certeza que até a pouco tempo atrás se não até hoje o que levava era o cara se achar feio. O bicho se achar... Como diz aquele excelente ... humorista, o Paulo Gustavo. Eu tive vendo o show dele que é impagável. E ele fala que ele tem uma gordura na lateral da barriga, que se ele sair nadando de Ipanema e ir até a África, ela fica lá, vai continuar lá, não vai ter jeito e tal. Essa coisa da estética que pega ainda?

7. A partir do trecho escutado/lido, você acredita que a última pergunta feita pelo entrevistador foi elaborada a partir da resposta do entrevistado ou está desconectada dela? Por quê?

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

### Explorando as especificidades do gênero entrevista radiofônica

Essa parte da proposta é flexível e possibilita um trabalho próximo à realidade dos estudantes. Assim, propomos que as temáticas dos exemplares a serem trabalhados nessa etapa sejam decididas no primeiro bloco. Nesse sentido, é importante que os temas definidos, ou sejam do interesse dos jovens, ou sejam problemas que façam parte da realidade da comunidade ou da escola.

Para que o contato com a entrevista radiofônica seja mais concreto, é conveniente transcrever os exemplares a fim de que os estudantes possam a eles recorrer em caso de dúvidas. Além disso, acreditamos que não basta aos aprendizes terem apenas contato com os exemplares, mas precisam ser provocados em uma exploração que leve a uma compreensão das especificidades e a uma apropriação das características do gênero.

Acreditamos ser importante esclarecer que esta parte da proposta foi elaborada durante a sua aplicação. Na escola, onde as ações foram desenvolvidas, as temáticas definidas no primeiro bloco juntamente com os estudantes foram: intolerância, escolha profissional e gravidez na adolescência. Diante desta escolha, selecionamos alguns exemplares de entrevistas com esses temas, fizemos a transcrição delas e elaboramos algumas atividades.

No entanto, antes de possibilitar o contato com os exemplares, acreditamos ser relevante explorar, oralmente, o conhecimento prévio dos estudantes sobre o tema da entrevista por meio de perguntas, como as apresentadas no quadro a seguir.

**QUADRO 21 - Sugestão de perguntas para a exploração do conhecimento prévio sobre o tema da entrevista**

1. O tema da entrevista que nós vamos ouvir/ler é gravidez na adolescência. Esse tema poderia ser abordado em um programa da rádio escolar? Por quê? É um tema relevante?
2. Quando se fala em gravidez na adolescência, existem várias maneiras de se abordar o assunto ou uma única apenas? Por quê?

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Logo depois, os estudantes terão a oportunidade de escutar o áudio<sup>56</sup> da entrevista sobre gravidez na adolescência e acompanhá-lo por meio da transcrição que deve ser entregue a eles em formato impresso. No quadro seguinte, podemos observar essa entrevista transcrita.

**Transcrição 2 - Entrevista sobre gravidez na adolescência**

**Vinheta de abertura:**((Efeito sonoro)) Rádio Globo.

**Entrevistador:** E na próxima terça-feira, dia 27, é o dia internacional da prevenção da gravidez na adolescência. E essa data é muito importante porque apesar de estarmos em um mundo em que o acesso à informação é fácil e democrático, muitas meninas ainda infelizmente engravidam no Brasil. Mas por que que isso acontece? O que os pais devem fazer para evitar que os seus filhos tenham gestações ainda na adolescência? Pra conversar com a gente sobre esse assunto está na linha a Maria Helena Vilela que é educadora sexual e diretora do Instituto Kaplan que há 20 anos trabalha a serviço da educação sexual no Brasil. Vamos conversar com ela, então. Alô, Maria Helena! Bom dia! Um prazer ter você aqui na Rádio Globo.

**Maria Helena Vilela** - Bom dia, Robson ... O prazer é todo meu. E obrigada aqui pela oportunidade.

**Entrevistador:** Tá bom querida, brigado a você por ter participado do programa... estar participando com a gente aqui do programa. Agora, Maria Helena, como é que tá a situação da gravidez na adolescência no Brasil? Os números estão diminuindo ou não?

**Maria Helena Vilela** - Olha, ao longo desses últimos 20 anos, o que a gente vem percebendo é uma diminuição no número de gravidez na adolescência.

**Entrevistador:** Felizmente.

**Maria Helena Vilela** - Provavelmente em função de todo esse empenho que vem se tendo com os trabalhos de educação sexual, desde que a AIDS surgiu.

**Entrevistador:** Isso.

**Maria Helena Vilela** - No entanto, a gente observa quando comparado à países desenvolvidos ...

**Entrevistador:** Há...

**Maria Helena Vilela** - Que o índice de gravidez no Brasil, embora seja de 20%, ou seja a cada 100 bebês que nascem, 20 são filhos de mães entre 10 e 19 anos.

**Entrevistador:** Ainda é muito.

**Maria Helena Vilela** - Embora seja de 20%, nos países desenvolvidos, esse índice está em torno de 10%. Então, a gente vê que o Brasil ainda precisa diminuir bastante esse índice de gravidez. Sem contar que alguns estados a gente tem índice que chega até a 45%...

**Entrevistador:** Nossa!

**Maria Helena Vilela** - ...de bebês que nascem, filhos de mães adolescentes a cada 100, ou seja é um índice muito alto.

**Entrevistador:** Muito alto. A gente percebe no dia a dia, né, que esse é um problema realmente que tá muito localizado nas áreas rurais, nas cidades do interior, nas cidades do nordeste, né? Nos grandes centros urbanos,

<sup>56</sup> O áudio citado está disponível em <https://soundcloud.com/klauber-franco/radio-globo-entrevista-gravidez-na-adolescencia>.

a situação aos poucos a gente vai observando, vai se controlando, Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, mas não é uma realidade unificada do Brasil. Isso é uma grande verdade que você tá falando. E quais os estados que têm esses índices mais altos, hein? Os estados que têm esses índices mais altos são os mais pobres do Brasil?

**Maria Helena Vilela** - São os estados mais pobres. Em geral, os estados que estão em torno da região norte do Brasil e nordeste. São estados que eles têm menor acesso à saúde, à educação, à perspectiva de vida. Então, o que a gente vê é que quanto mais difícil é a vida de um cidadão, em termos do acesso à educação e à saúde, maior é o índice de gravidez na adolescência naquela região.

**Entrevistador:** É... Muitos pais têm dificuldade em conversar com os filhos sobre sexo, né? A gente sabe disso. Mesmo nesse cenário, o que que os pais de uma maneira geral podem fazer pra tentar evitar a gravidez na adolescência?

**Maria Helena Vilela** - Bom... Em primeiro lugar, eu acho que um ponto básico pra relação do jovem com os pais, nesse sentido da prevenção, é que haja um canal de comunicação entre eles, que esse jovem perceba que os pais têm expectativa em relação a eles, que ele é uma pessoa que é importante, que vale a pena, não é? Que na vida dele existem mais coisas além da diversão e do sexo. O sexo é algo importante, porém ele não está sozinho na vida da gente. E isso, o jovem precisa entender e vai entender, se houver por parte dos pais uma relação mais próxima. De chegar e saber como esse filho está, o que ele faz, o que ele pretende da vida dele. E deixar claro que eles como os pais também têm expectativa em relação a esse filho e o quanto ele é importante para eles. Por outro lado, os pais precisam, sim, puxar algumas conversas, pois filhos a gente sabe que ao longo dos anos nem sempre é fácil para esses pais falar sobre sexo, embora muita coisa tenha mudado. Mas ele pode não necessariamente falar de sexo explícito. Ele pode, por exemplo, comentar uma matéria que saiu no rádio ou que saiu na televisão ou algo que ele leu no jornal ou ele ouviu a vizinha comentar e saber do filho como que é isso na vida dele, ou seja, ele tem amiga que já ficou grávida. De fato as meninas tão ficando grávidas assim na adolescência. E contar pro seu filho como é que era na sua época pra que se crie um vínculo de confiança entre os pais e esse filho. E o filho poder entender porque muitas vezes o pensamento do pai não é exatamente igual ao pensamento dele, quando ele vai contar ou quando ele sabe de algumas atividades sexuais. Então, eu acho que um bom caminho pra gente começar a chegar mais perto do filho, pra que o filho perceba que pode contar com esse adulto é puxar essa conversa, é iniciar esse diálogo na família.

**Entrevistador:** Muito bem estamos conversando aqui com a Maria Helena Vilela que é educadora sexual e diretora do Instituto Kaplan que há 20 anos trabalha a serviço da educação sexual no Brasil. Agora Maria Helena, a impressão que a gente tem é que hoje em dia só fica grávida quem realmente quer. Afinal, o acesso à informação é grande. Todo jovem conhece o que é um preservativo e os métodos anticoncepcionais. Será que as meninas engravidam na adolescência por que acham que isso nunca vai acontecer com elas?

**Maria Helena Vilela** - É porque não é tão simples assim. Às vezes, eles têm o acesso a métodos contraceptivos, mas usar um método contraceptivo precisa primeiro que essa menina seja levada ao ginecologista ou que ela tenha acesso ao ginecologista. Outro fato importante é que mesmo eles tendo acesso, muitas vezes, no próprio posto de saúde, quando o jovem chega para buscar a camisinha e em vez do profissional acolher esse jovem e entregar a camisinha, ele vai dar conselhos pro jovem não transar, porque ele acha que está sendo cúmplice de algo que ele acredita que o jovem não deve fazer. Então, o jovem vai embora e não volta mais. Outras vezes ele tem, sim, acesso àquele preservativo ou a um método contraceptivo, mas quem atende naquele posto de saúde é alguém que faz parte do seu círculo social e ela fica com medo que a família saiba que ela foi lá buscar um método contraceptivo. Então, enquanto a família não admitir que a vida sexual do jovem existe e que hoje nós vivemos numa sociedade em que é permissiva e que abre a oportunidade pra que eles vivam essa vida sexual e que não é o jovem que é o problema, não é o jovem que é precoce, não é o jovem que é reivindicador e é uma pessoa muito mais sexualizada. Não. É uma sociedade. E o sexo é da natureza. Teve estímulo sexual, o jovem vai reagir. Agora essa reação vai depender do contexto social em que ele esteja inserido. Portanto, o que a gente precisa é preparar o jovem e admitir que esse jovem pode ter sim vida sexual e prepará-lo para lidar com essa vida sexual com responsabilidade.

**Entrevistador:** E quando uma gravidez ocorre na adolescência, as consequências são tanto para a menina quanto pro menino, a gente sabe disso. Diante desse quadro, onde a gravidez precoce já aconteceu, o que que as famílias podem fazer para lidarem da melhor maneira possível com essa situação?

**Maria Helena Vilela** - Primeiro é acolher, né, essa menina e esse menino. Em relação a gravidez, ou seja, a gravidez o ideal é que ela não aconteça na adolescência uma vez que eles têm tantas coisas a conquistarem nesse período, mas uma vez que aconteceu, também a gente não pode dar as costas. A gente tem que ajudar esse jovem a assumir a sua maternidade e paternidade. Então, a primeira coisa são os pais acolherem esses filhos e ver junto com eles o que pode ser feito pra que essa situação seja contornada da melhor forma possível. Um outro passo aí que eu acho que tem que ser dado é esse acolhimento não significa que os pais devem assumir o neto que vai chegar, mas, sim, ensinar a seus filhos a assumirem os seus papéis de pai e assumirem a suas responsabilidades, porque o grande problema é quando os pais são 8 ou 80, ou querem colocar a filha pra fora, ou querem que o seu filho não assuma aquela responsabilidade, ou eles, quando

resolvem assumir, muitas vezes, assumem como pais daquela criança, não como avós. Então, é importante que os pais do adolescente assumam o seu papel de avô ou avó e não de pais do seu neto, porque aí você não deixa a jovem ou o jovem assumirem suas responsabilidades e o seu papel e dali a um ano, um ano e pouco, eles estão grávidos outra vez, porque fica muito fácil ter filho, colocar no mundo e não ter a responsabilidade de cuidar e dar atenção.

**Entrevistador:** É verdade. Isso que você falou é uma grande verdade. Maria Helena, olha, muito obrigado pela entrevista. Foi esclarecedor acima de tudo esse bate-papo aqui foi esclarecedor. Muito obrigado realmente. Até uma próxima oportunidade.

**Maria Helena Vilela** - Obrigado a você, Robson, por essa oportunidade e gostaria de deixar aqui para os pais e para os jovens que quiserem nos consultar. Nós temos um site no [www.kaplan.org.br](http://www.kaplan.org.br). Nós estamos à disposição pra esclarecer alguma dúvida e para auxiliá-los nessa caminhada com esse objetivo de prevenir uma gravidez na adolescência que de fato não é o melhor momento para isso acontecer. Obrigada!

**Entrevistador:** É isso aí, Maria Helena, muito obrigado. Então repetindo [www.kaplan.org.br](http://www.kaplan.org.br). É isso aí, Maria Helena. Ela que é educadora sexual e diretora do Instituto Kaplan bateu esse papo esclarecedor com a gente aqui na Globo.

**Vinheta de encerramento:** Rádio Globo.

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Por meio de questões elaboradas pelo professor, acreditamos ser importante que os estudantes interpretem e analisem, oralmente e por escrito, o tema, a finalidade, o perfil dos interlocutores, o suporte, a linguagem e a estrutura empregada na entrevista lida e escutada. Para isso, preparamos uma sugestão de atividades que devem ser entregues, em formato impresso, aos aprendizes. A seguir, apresentamos essa sugestão de exercícios.

#### **QUADRO 22 - Sugestão de atividades para a exploração da entrevista sobre gravidez na adolescência**

##### **Tema e finalidade**

- 1)(Oralmente) Qual é o assunto principal da entrevista?
- 2)(Oralmente) Por qual razão essa entrevista foi produzida?
- 3)(Oralmente) Em relação a países desenvolvidos, qual é a situação do Brasil no que se refere ao número de gravidez na adolescência?
- 4)(Oralmente) Quais estados brasileiros têm os maiores números de gravidez na adolescência? A que fatores Maria Helena Vilela associa os altos índices de gravidez na adolescência?
- 5)(Oralmente) Segundo Maria Helena quais caminhos que os pais podem trilhar para tentar ajudar seus filhos adolescentes a não engravidarem nesse período?

##### **Perfil dos interlocutores**

- 6)(Oralmente) Na abertura de um programa de entrevista, além de apresentar o seu entrevistado, geralmente o entrevistador se apresenta. Na entrevista lida/escutada, isso não acontece. Então, como podemos saber o nome do entrevistador? Qual é o nome dele?
- 7)(Oralmente) Quem é a entrevistada, qual é a sua profissão e qual é o cargo que ocupa?
- 8)(Oralmente) Há relação entre a profissão da pessoa entrevistada e o assunto da entrevista? Por que isso acontece?
- 9)(Oralmente) Qual é o público alvo da entrevista?

##### **Suporte**

- 10)(Oralmente) Em qual veículo foi transmitida a entrevista?
- 11)(Oralmente) Para facilitar o estudo, a entrevista foi transcrita. Em que outros veículos, além do citado na questão anterior, podemos encontrar entrevistas orais?
- 12)(Oralmente) A compreensão de informações transmitidas pela televisão e pelo rádio é feita usando diferentes sentidos. Enquanto a televisão conta com a audição e com a visão, o rádio conta apenas com a audição. Sabendo disso, cite situações que poderiam acontecer na transmissão de mensagens na televisão, mas que devem ser evitadas no rádio.

##### **Linguagem**

- 13)(Por escrito) A linguagem oral tende a apresentar em maior ou menor grau certas marcas como repetições,

pausas, palavras e frases cortadas, palavras e expressões coloquiais. Identifique na entrevista:

- a) um exemplo de repetição;
- b) um exemplo de pausa;
- c) um exemplo de informalidade;

#### **Estrutura**

14)(Por escrito) A estrutura de uma entrevista é, em geral, constituída de: abertura, fase de perguntas e respostas e encerramento. Identifique as palavras ou expressões que iniciam e que finalizam a abertura da entrevista lida/ escutada.

15)(Por escrito) O apresentador utiliza diferentes estratégias para compor a abertura do seu programa de entrevista. Identifique o trecho em que o entrevistador:

- a) Apresenta a entrevistada aos ouvintes.
- b) Faz uma saudação à entrevistada.
- c) Apresenta o assunto que será discutido no programa.
- d) Antecipa questionamentos que serão feitos durante o programa.

16)(Por escrito) As perguntas demonstram que o entrevistador planejou previamente as questões? Por quê?

17)(Por escrito) Geralmente o entrevistador prepara um roteiro de perguntas. Entretanto, dependendo das respostas, ele pode improvisar e fazer perguntas que não estão no roteiro. Você acha que isso ocorreu nessa entrevista? Se sim, em que parte?

18)(Por escrito) Leia esta fala do apresentador.

**Entrevistador:** Muito bem estamos conversando aqui com a Maria Helena Vilela que é educadora sexual e diretora do Instituto Kaplan que há 20 anos trabalha a serviço da educação sexual no Brasil. Agora Maria Helena, a impressão que a gente tem é que hoje em dia só fica grávida quem realmente quer...

Por que você acredita que o entrevistador apresenta a entrevistada mais de uma vez aos ouvintes? Por qual razão essa repetição é necessária?

19)(Por escrito) No encerramento da entrevista, identifique trechos em que o entrevistador:

- a) resume e qualifica a entrevista concedida.
- b) agradece a entrevistada pela entrevista concedida.
- c) repete as qualificações da entrevistada.

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Em momento posterior, dividiremos a turma em dois grupos. Inicialmente, um grupo terá a oportunidade de escutar o áudio de uma entrevista sobre escolha profissional<sup>57</sup> e o outro sobre intolerância<sup>58</sup> e todos poderão acompanhar por meio das transcrições que devem ser entregues a eles, em formato impresso. Logo depois, cada grupo ficará responsável em responder um questionário sobre a entrevista escutada. Nos quadros seguintes, podemos observar essas entrevistas transcritas.

### **Transcrição 3 - Entrevista sobre escolha profissional**

**Vinheta de abertura:** Entrevista do dia.

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** Meus amigos, quem foi educado por uma geração de pais que valorizava muito o trabalho, né? E se desdobrou pra garantir o sustento dos filhos. Quem foi educado por essa geração de pais assim, tende a repetir os padrões de pensamento em relação ao mundo do trabalho, né? Então, é muito comum os jovens buscarem um emprego estável repleto de benefícios e que não os tirem da zona de conforto. Apesar disso, é cada vez maior também um número de jovens que desejam ter o seu próprio negócio sem ter que responder a patrões, mas e aí? Aí cê chega numa encruzilhada, né? Cê vai pro mundo do empreendedorismo ou cê vai pro mundo da CLT? rrsrrsrs...né? No mundo da empregabilidade, o que nos

<sup>57</sup> O áudio da entrevista sobre escolha profissional está disponível em <https://soundcloud.com/klauber-franco/entrevista-sobre-escolha-profissional-com-a-consultora-e-conciliadora-de-imagem-a-andreia-azevedo>.

<sup>58</sup> O áudio da entrevista sobre intolerância está disponível em <https://soundcloud.com/wolf-fedro/entrevista-sobre-o-livro-raizes-da-intolerancia-radio-mec-programa-todas-as-vozes-15>.

traria mais felicidade e realização? Como se realizar profissionalmente, sem ser vítima da escravidão mental no trabalho? Então, pra responder a essas perguntas nós convidamos aqui a consultora e conciliadora de imagem a Andréia Azevedo. Bom dia, Andréia!

**Entrevistada/ Andréia:** Bom dia, Paulo! Tudo joia?

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** Tudo ótimo. E você como vai, Andréia?

**Entrevistada/ Andréia:** Tudo tranquilo.

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** Tudo bom. Oh, Andréia, um tema muito interessante, um tema assim bastante atual. Por que ... Ainda mais em tempos, né? difíceis, de crise como nós estamos passando, né? E os nossos jovens cada vez mais assim com certa dificuldade na questão do primeiro emprego, né? Então, o jovem sai da universidade e ainda não encontrou assim um certo caminho, né? Como fazer pra que esses jovens não se tornem reféns né, do trabalho?

**Entrevistada / Andréia:** É, Paulo. Eu passei por isso, né? Fiz uma transição profissional. E a oportunidade que o jovem tem de refletir sobre isso, acho que é fundamental pra ele tomar uma decisão mais acertada.

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** Hum... rum... Como é que foi com você?

**Entrevistada/ Andréia:** Comigo foi o seguinte.

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** Porque o seguinte, quando a gente conta a própria história. Ela tem muito mais... assim, eloquência, né?

**Entrevistada/ Andréia:** É verdade.

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** Tem muito mais peso. Quer dizer, aconteceu comigo. Eu vivi isso por dentro. Então, eu tenho muito mais condições de falar pros meus jovens que estão nos ouvindo aqui.

**Entrevistada/ Andréia:** Isso.

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** Como é que foi com você?

**Entrevistada/ Andréia:** Então, eu fui vítima dessa situação que você colocou na introdução.

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** Faculdade?

**Entrevistada/ Andréia:** Quando eu fui fazer a decisão pelo curso, eu acabei optando pela decisão que mais agradaria a minha família, né, a sociedade.

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** É mesmo?

**Entrevistada/ Andréia:** Oi?

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** É mesmo?

**Entrevistada/ Andréia:** Isso. Acabei optando por uma profissão mais tradicional que foi o direito e todo mundo ficou muito feliz, menos eu.

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** É mesmo, Andréia?

**Entrevistada/ Andréia:** É. Ihhh... Mas apesar disso acabei cursando a faculdade que ok foi muito bom. Trabalhei na área e tudo mais. Mas chegou num tempo, um tempo da minha vida que a angústia e a infelicidade era tão grande que eu realmente tive que parar de ouvir as outras pessoas e parei pra poder refletir sobre o que eu realmente gostava.

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** Então, de certa forma, de certa forma foi para dar uma satisfação à expectativa familiar?

**Entrevistada/ Andréia:** Expectativa das pessoas.

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** Uhum

**Entrevistada/ Andréia:** Exatamente. Que é o grande, o grande problema... eu acho que acontece na vida da maioria das pessoas que tão passando por esse contexto, buscando uma transição profissional.

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** Andréia, é a grande trava.

**Entrevistada/ Andréia:** É.

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** É a grande trava. Tirando essa trava eu acho que aí a coisa flui melhor mesmo.

**Entrevistada/ Andréia:** Exato. Exato. E uma coisa que as pessoas têm muito receio, Paulo, que eu vejo às vezes de tomar uma decisão pelo caminho, pelo caminho que tem ... que está realmente relacionado com os talentos dela, com o que ela gosta de fazer. Além de dar essa satisfação pra sociedade, tem essa questão do ser aceito, do status, de ter uma profissão bacana, digamos assim, tem aquele medo de... Ah eu vou escolher uma profissão que não tem tanta tradição no mercado e será que eu vou ser bem sucedido financeiramente? Conseguir viver dessa outra profissão?

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** E isso também é algo que tem que ser ééé... pensado também, né? Ninguém vive de amor e de vento, né?

**Entrevistada/ Andréia:** Exato.

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** A uma parte prática na questão profissional que a gente tem que realmente prestar atenção nela, né?

**Entrevistada/ Andréia:** Isso, isso. Mas assim, eu sou de um tempo, né? que ... Eu ainda sou daquele tempo que o direito, a engenharia, a medicina eram as decisões mais acertadas

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** Porque ...

**Entrevistada/ Andréia:** em termos de você ter uma vida bem sucedida

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** Porque...

**Entrevistada/ Andréia:** financeiramente.

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** Porque ... era o que mais dava dinheiro, né?

**Entrevistada/ Andréia:** É.

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** Hoje não. Cê tem engenheiros, você tem advogados, você tem médicos que passam também por problemas financeiros como todos os mortais, né? Então, hoje não é mais o dinheiro a grande ... o grande viés. Até porque todas as profissões têm a sua dificuldade nesse âmbito éé... financeiro. Agora, é realmente a realização pessoal, né, Andréia?

**Entrevistada/ Andréia:** É a realização pessoal. E uma coisa que eu percebo também que é uma coisa que eu tenho vivenciado na minha vida mesmo. É que essas outras profissões que existem hoje que há 10, 15 anos atrás ainda não existiam. São profissões que são tão rentáveis quanto as profissões tradicionais.

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** Por exemplo, então, vou sair de uma profissão que não é nada tradicional. Tatuador.

**Entrevistada/ Andréia:** Exato.

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** Tatuador.

**Entrevistada/ Andréia:** É.

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** Hoje, o cara tem um bom estúdio de tatuagens. É um cara que sabe, né, tatuar muito bem, tem uma destreza artística muito boa, domina a técnica, esse cara hoje, ele ganha dinheiro.

**Entrevistada/ Andréia:** Exato.

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** Blogueiro, blogueiro.

**Entrevistada/ Andréia:** É.

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** Né?

**Entrevistada/ Andréia:** É. Muito bem colocado.

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** Agora o seguinte, que conselhos você passa a aí rapidamente porque o nosso tempo tá acabando, pra quem quer se realizar profissionalmente, Andréia? Seja como empregado, porque tem aqueles que não querem empreender, querem ser empregados, né? E aquele que quer empreender, aquele que quer virar empreendedor, quer gerar o emprego. Que que cê... Qual conselho você passa?

**Entrevistada/ Andréia:** O meu conselho fundamental é busque o autoconhecimento. Procure saber quais são os seus talentos que você gosta de fazer de verdade e procure estar no local de trabalho seja como empreendedor, seja numa empresa que está alinhado com os seus valores de vida. Esse pra mim é o grande segredo do sucesso.

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** Ótimo. Ótimo. Que esteja alinhado com os seus valores de vida. E aí, independentemente de ser você quem tá gerando o emprego, ou quem tá gerando aquele ambiente, ou se você já o encontra pronto sendo um funcionário daquela organização. Maravilha!

**Entrevistada/ Andréia:** Exatamente.

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** Andréia, cê sabe que o nosso tempo no rádio é muito ... é muito rápido. Eu queria tanto conversar com você sobre esse assunto.

**Entrevistada/ Andréia:** Pois é.

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** Fica esse gostinho de quero mais pra uma próxima oportunidade. Mas de antemão eu queria que você deixasse pros nossos ouvintes uma forma de contato, principalmente pra pais, mães, né, de ...de filhos adolescentes que daqui a pouquinho já começam também a entrar nessa questão de... da escolha da vida profissional pra que essas pessoas pudessem buscar os seus ... o seu ... o seu aconselhamento. Qual uma forma...

**Entrevistada/ Andréia:** Ótimo

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** ... de contato com você?

**Entrevistada/ Andréia:** Então, é... vou passar pra vocês o meu site. O site do Escape BH que é um evento que a gente vai fazer no dia 1º de outubro sobre esse tema que a gente tá conversando.

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** Uhhh, que bom!

**Entrevistada/ Andréia:** E lá tem todos os contatos, e-mail, telefone, tudo mais.

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** Ótimo! Então, qual é o site?

**Entrevistada/ Andréia:** Oi?

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** Qual é o site?

**Entrevistada/ Andréia:** www.escapebh.com.br

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** Escape, esse escape escreve... escreve como?

**Entrevistada/ Andréia:** É escape É ESSE CE A PÊ E. Escape de escapar mesmo.

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** escape.com.br?

**Entrevistada/ Andréia:** Não. Escapebh

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** Ah bh

**Entrevistada/ Andréia:** .com.br

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** Beleza! Andréia, muito obrigado pela entrevista! Bom dia pra você!

**Entrevistada/ Andréia:** Pra você também, Paulo! Tudo de bom.

**Locutor/ Entrevistador/ Paulo:** Até a próxima!

**Entrevistada/ Andréia:** Tchau, tchau!

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

#### Transcrição 4 - Entrevista sobre intolerância

**Entrevistador** - Outro livro que vale a pena ser ééé... lido, acompanhado, *Raízes da Intolerância*, psicanalistas brasileiros e ingleses analisam as diferentes formas de intolerância. Eu converso com o organizador desse livro que reúne artigos de diferentes psicanalistas. Eu converso com João Ângelo Fantini, psicólogo, psicanalista e professor do curso de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos com Pós-doutorado pela Universidade de Londres e muito obrigado pela gentileza e bom dia!

**Entrevistado / João Ângelo Fantini** - Bom dia!

**Entrevistador** - Vamos falar um pouco sobre esse trabalho *Raízes da Intolerância*. Ele parte das situações de intolerância vividas em diferentes partes do mundo? É isso?

**Entrevistado / João Ângelo Fantini** - Perfeito. Na Europa, especialmente isso é uma preocupação há muito tempo ... já e ... é... Especialmente em relação aos estrangeiros é... um processo sempre constante de ... de ... de questionamentos sobre a... devido a imigração constante que acontece por lá, né, entre países da Europa, etc. E no Brasil, é... a questão sempre ficou muito mais presa à questão do negro, especialmente, por exemplo, né? E agora... ultimamente, nesses últimos tempos, especialmente depois da eleição essa preocupação cresceu bastante. Uma espécie de divisão no Brasil, pelo menos se pensa assim, né? Uma questão interna mesmo no Brasil. Então, o interesse sobre este tema me parece que cresceu bastante.

**Entrevistador** - Fale um pouco pra gente sobre xenofobia, sobre é... homofobia, é... Cê diria que no Brasil essa... esses sentimentos, essas posturas preconceituosas cresceram ou estão iguais, porém se tornaram mais visíveis?

**Entrevistado / João Ângelo Fantini** - Aparentemente se tornaram mais visíveis, né? Aparentemente dizia porque é... uma das questões é que... Especialmente, a ascensão da classe C... trouxe a, trouxe... tornou mais visível uma série de questões que antes pareciam estar mais adormecidas, né? Ou seja, as pessoas passaram a dividir mais espaço, pessoas que eram alvo de intolerância passaram a dividir mais espaço público. Então, isso se tornou mais... é... Apareceu uma série de questões que antes não aconteciam, né? Outros problemas...ah... vamos dizer, então, uns tempos atrás, eu dei uma entrevista pra, pra Porto Alegre falando especificamente sobre a questão do futebol que aconteceu num jogo do Grêmio... manifestações de racismo, né? São coisas que antes eram entre aspas "comuns" no futebol, né? Cê... cê xingar os negros ou demonstrações de racismo desse tipo. Alguns anos atrás eram consideradas "comuns" e agora já não são mais. Então, elas passam a se tornar um problema é... aparentemente que antes não existia.

**Entrevistador** - Mas aí tem um aspecto, tem um aspecto positivo, né? O fato de ser um problema novo significa que a... a... digamos assim a cobrança, fiscalização da própria sociedade e da mídia sobre atos de racismo é maior. Isso até seria algo é, é, é... seria, seria, seria um sin...sin... sintoma de evolução ou não?

**Entrevistado / João Ângelo Fantini** - Não. Não sintoma de evolução. Perfeito que é uma coisa positiva. Problema que a gente não sabe muito o que fazer com isso ainda. A sociedade não sabe como um todo o que fazer. Não há uma... Embora a lei esteja marcada não há ééé... não há evidência de que toda a população concorda com isso e... Os problemas que foram vividos lá no Rio Grande do Sul foi esse, quer dizer, que a hora que você aplica a lei, não necessariamente toda a sociedade está de acordo com a lei. Há uma tendência em considerar isso... Um dos artigos do livro tratam bem disso que é a questão da cordialidade brasileira, né? É assim a questão de falar: "Não, mas calma a gente está apenas brincando, era um estádio de futebol, não é sério."Então, ainda a sociedade não está muito pronta pra... pra aceitar a própria execução da lei, nos termos que ela tá posta. Né? Isso... isso é uma das questões que são colocadas no livro, é como a gente lida com isso?

**Entrevistador** - É... Professor João, fale...

**Entrevistado / João Ângelo Fantini** - Além disso...

**Entrevistador** - É...

**Entrevistado / João Ângelo Fantini** - Perdão...

**Entrevistador** - Eu tô em cima da hora, mas não quero per..., não quero perder essa oportunidade. Fale pra gente, por favor. Fale pra gente, por favor, sobre é... o senhor acabou de falar de um dos artigos. Fale dos principais temas abordados nos artigos do livro.

**Entrevistado / João Ângelo Fantini** - É...Então, não... como você não tem tempo, vou te falar da visão, pra você e os ouvintes, ter uma visão geral do livro. A visão geral do livro ééé... que a questão da intolerância é uma questão básica na construção do sujeito. Não que ela é básica, porque ela é boa. Mas ela é básica, porque ela faz... ela é uma espécie de subproduto ... do próprio processo de diferenciação do sujeito. A gente pra se diferenciar dos outros, se tornar um sujeito próprio, faz desse processo de intolerância... ele é... que resulta da

intolerância, ele é uma espécie de subproduto do que a gente usa pra se diferenciar do outro, ou seja, pra falar de uma maneira mais simples ainda, todo mundo é um pouco intolerante, o que não quer dizer que a gente deva suportar ou aceitar a ideia da intolerância. Significa que a gente deve suportar o outro porque a gente não consegue enxergar o que a gente mesmo é.

**Entrevistador** - Aham... Quer dizer a dificuldade de lidar com nós mesmos é que faz com que a gente queira se diferenciar do outro.

**Entrevistado / João Ângelo Fantini** - Exato. Exato. Eu diria que é a ética... a ética que a gente devia usar com as outras pessoas. As pessoas não são só intolerantes com o estranho. A gente é intolerante inclusive com as pessoas mais próximas da gente, inclusive quanto mais próximo da gente, mais intolerante a gente é normalmente. Então, o livro trata dessas questões como avança por questões como xenofobia, racismo, homofobia e etc. Todos as, as, ... os aspectos que acham que a intolerância ééé... pode atingir numa sociedade como hoje, que as regras estão flexíveis e que a gente tem que aprender cada vez mais a conviver com todas as pessoas que tão próximas por nós e fora do sentido antigo de mecanismo de segregação mais constituídos.

**Entrevistador** - Perfeito... Raízes da Intolerância. O livro lançado pela editora da Universidade Federal de São Carlos e... artigos... diferentes artigos. O organizador é o professor João Ângelo Fantini que conversou com a gente, professor e psicólogo, psicanalista João Ângelo Fantini muito obrigado pela gentileza. Desculpe aqui a pressa, o tempo corrido do rádio. E muito obrigado pela gentileza e pela contribuição aqui com o nosso programa. Vamos voltar a falar sobre esse assunto a intolerância em breve, porque é um assunto da maior importância. Tem tudo a ver aqui, debater isso, refletir sobre isso tem tudo a ver aqui com o objetivo do nosso programa que aliás, o slogan aqui do *Todas as vozes* é "intolerância zero". Contrário do que se diz por aí, né: "tolerância zero". Aqui é o *Todas as vozes* - intolerância zero. Professor, muito obrigado! Um grande abraço!

**Entrevistado / João Ângelo Fantini** - Obrigado pela oportunidade. Abraço.

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Em seguida, devem ser entregues aos estudantes, em formato impresso, algumas questões para interpretar e analisar, oralmente e por escrito, as condições de produção, o tema, a finalidade, a linguagem, a estrutura e as tecnologias da comunicação empregadas nas duas entrevistas lidas/ escutadas. Como dividiremos a turma em dois grupos, os estudantes responderão, inicialmente, a essas questões nas equipes e, depois, compartilharão com toda a turma. No quadro a seguir, expomos a nossa sugestão de atividades.

#### QUADRO 23 - Sugestão de atividades para a exploração das entrevistas

##### Condições de produção da entrevista

Perguntas	Entrevistas	
	Escolha Profissional	Intolerância
1. Quais informações pode-se obter sobre o entrevistador e sobre o entrevistado a partir da escuta/ leitura da entrevista?		
2. Há relação entre a profissão do entrevistado e o assunto da entrevista? Por quê?		
3. A quem se dirige a entrevista, ou seja, qual é o seu público alvo?		
4. A partir da escuta/ leitura é possível perceber se o entrevistado e o entrevistador se prepararam para a entrevista? Por quê?		
5. Vocês acreditam que a entrevista realizada foi agendada previamente ou foi combinada no momento de sua realização? Por quê?		

<b>Tema e finalidade</b>		
<b>Perguntas</b>	<b>Entrevistas</b>	
	<b>Escolha Profissional</b>	<b>Intolerância</b>
6. Qual a finalidade da realização dessa entrevista?		
7. As informações apresentadas pelo entrevistado e pelo entrevistador são imparciais? Procure justificar a sua resposta com trechos da entrevista.		

<b>Linguagem</b>		
<b>Perguntas</b>	<b>Entrevistas</b>	
	<b>Escolha Profissional</b>	<b>Intolerância</b>
8. A linguagem oral tende a apresentar em maior ou menor grau certas marcas como repetições, pausas, palavras e frases cortadas, palavras e expressões coloquiais. Identifique na entrevista:		
a) exemplos de repetição		
b) exemplos de informalidade		

<b>Estrutura</b>		
<b>Perguntas</b>	<b>Entrevistas</b>	
	<b>Escolha Profissional</b>	<b>Intolerância</b>
9. A estrutura de uma entrevista é, em geral, constituída de: abertura, fase de perguntas e respostas e encerramento. Na entrevista lida/ escutada, identifique as palavras ou expressões que marcam o início e o término da:		
a) abertura		
b) fase de perguntas e respostas		
c) encerramento		

10. Os apresentadores utilizam diferentes estratégias para compor a abertura e o encerramento do seu programa de entrevista. Descreva as ações realizadas por eles, analisando quais são obrigatórias e quais são opcionais.

a) Ações realizada na abertura do programa.

<b>Escolha Profissional</b>	<b>Intolerância</b>
<p><b>Locutor/ Entrevistador/ Paulo:</b> Meus amigos, quem foi educado por uma geração de pais que valorizava muito o trabalho, né? E se desdobrou pra garantir o sustento dos filhos. Quem foi educado por essa geração de pais assim, tende a repetir os padrões de pensamento em relação ao mundo do trabalho, né? Então, é muito comum os jovens buscarem um emprego estável repleto de benefícios e que não os tirem da zona de conforto. Apesar disso, é cada vez maior também um número de jovens que desejam ter o seu próprio negócio sem ter que responder a patrões, mas e aí? Aí cê chega numa encruzilhada, né? Cê vai pro mundo do empreendedorismo ou cê vai pro mundo da CLT? rsrsrsrs...né? No mundo da empregabilidade, o que nos traria mais felicidade e realização? Como se realizar profissionalmente, sem ser vítima da escravidão mental no trabalho? Então, pra responder a essas perguntas nós convidamos aqui a consultora e conciliadora de imagem a Andréia Azevedo. Bom dia, Andréia!</p> <p><b>Entrevistada/ Andréia:</b> Bom dia, Paulo! Tudo joia?</p> <p><b>Locutor/ Entrevistador/ Paulo:</b> Tudo ótimo. E você como vai, Andréia?</p> <p><b>Entrevistada/ Andréia:</b> Tudo tranquilo.</p> <p><b>Locutor/ Entrevistador/ Paulo:</b> Tudo bom.</p>	<p><b>Entrevistador -</b> Outro livro que vale a pena ser ééé... lido, acompanhado, <i>Raízes da Intolerância</i>, psicanalistas brasileiros e ingleses analisam as diferentes formas de intolerância. Eu converso com o organizador desse livro que reúne artigos de diferentes psicanalistas. Eu converso com João Ângelo Fantini, psicólogo, psicanalista e professor do curso de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos com Pós-doutorado pela Universidade de Londres e muito obrigado pela gentileza e bom dia!</p> <p><b>Entrevistado / João Ângelo Fantini -</b> Bom dia!</p>

b) Ações realizada no encerramento do programa.

Escolha Profissional	Intolerância
<p><b>Locutor/ Entrevistador/ Paulo:</b> Beleza! Andréia, muito obrigado pela entrevista! Bom dia pra você!</p> <p><b>Entrevistada/ Andréia:</b> Pra você também, Paulo! Tudo de bom.</p> <p><b>Locutor/ Entrevistador/ Paulo:</b> Até a próxima!</p> <p><b>Entrevistada/ Andréia:</b> Tchau, tchau!</p> <p><b>Locutor/ Entrevistador/ Paulo:</b> 11 horas e 25 minutos agora.</p>	<p><b>Entrevistador</b> - Perfeito... Raízes da Intolerância. O livro lançado pela editora da Universidade Federal de São Carlos e... artigos... diferentes artigos. O organizador é o professor João Ângelo Fantini que conversou com a gente, professor e psicólogo, psicanalista João Ângelo Fantini muito obrigado pela gentileza. Desculpe aqui a pressa, o tempo corrido do rádio. E muito obrigado pela gentileza e pela contribuição aqui com o nosso programa. Vamos voltar a falar sobre esse assunto a intolerância em breve, porque é um assunto da maior importância. Tem tudo a ver aqui, debater isso, refletir sobre isso tem tudo a ver aqui com o objetivo do nosso programa que aliás, o slogan aqui do <i>Todas as vozes</i> é "intolerância zero". Contrário do que se diz por aí, né: "tolerância zero". Aqui é o <i>Todas as vozes</i> - intolerância zero. Professor, muito obrigado! Um grande abraço!</p> <p><b>Entrevistado / João Ângelo Fantini</b> - Obrigado pela oportunidade. Abraço.</p>

11. Geralmente o entrevistador prepara um roteiro de perguntas. Entretanto, dependendo das respostas, ele pode improvisar e fazer perguntas que não estão no roteiro. Você acha que isso ocorreu nessas entrevistas? Se sim, em que parte?

12. Os entrevistadores apresentam o entrevistado mais de uma vez aos ouvintes? Por qual razão essa repetição é necessária?

#### Tecnologias da comunicação

13. Quais tecnologias estão envolvidas no processo de gravação de uma entrevista de rádio? Quais medidas devem ser tomadas para que a gravação fique clara e audível para todos?

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Para finalizar esta atividade, os estudantes, em pequenos grupos, tentarão concluir quais são as características da entrevista radiofônica. Para isso, deverão levar em conta critérios como: finalidade do gênero, perfil dos interlocutores, suporte, tema, estrutura e linguagem.

## BLOCO 4 - Reunião de pauta

Neste bloco, propomos a realização de uma reunião de pauta com os estudantes. Nela, será possível definir os temas e os detalhes da primeira produção.

**Em qual (is) encontro (s) as atividades do bloco devem ser realizadas:** 3º encontro<sup>59</sup>.

**Quantidade de aulas previstas:** 1 aula.

<sup>59</sup> Em caso de dúvidas, consulte o Quadro 7 apresentado na introdução deste capítulo.

**Objetivo do bloco:**

- a) decidir coletivamente os temas e os detalhes das primeiras produções.

**Reunião de pauta para decidir coletivamente os detalhes das primeiras produções**

Nesta etapa, o professor conduzirá uma discussão com os estudantes para a decisão coletiva dos encaminhamentos que serão dados para a realização da produção inicial.

Nesse sentido, um primeiro ponto que é necessário definir são os temas e os entrevistados. No que se refere aos entrevistados, as entrevistas da produção inicial serão realizadas com qualquer pessoa, inclusive com colegas de turma, sendo importante apenas que a fonte se sinta à vontade e preparada para falar sobre aquele determinado assunto. Entretanto, é preciso que fique claro que, na produção inicial, os aspectos associados ao entrevistado não serão objetos de análise e reflexão, mas aqueles específicos do entrevistador.

Para auxiliar a escolha dos temas, é pertinente que o professor leve algumas sugestões como as propostas no quadro a seguir. No entanto, é interessante estimular a participação dos educandos, elencando outros temas que sejam do interesse deles e dos outros alunos da escola.

**QUADRO 24 - Sugestões de temas para a realização da produção inicial**

1. Fato da história pessoal ou noticioso que tenha marcado profundamente a vida.
2. Os hábitos e as técnicas de estudo pessoais ou aqueles a que tenha conhecimento.
3. O cotidiano da comunidade em que vive.
4. O cotidiano da escola em que estuda.
5. A relação com a arte e/ou com o esporte.
6. Os sonhos e as perspectivas de futuro.

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Nessa reunião, é necessário: discutir como será feita a preparação do entrevistador; definir as tecnologias que serão utilizadas; e realizar o agendamento com o entrevistado. Nesse sentido, acreditamos que uma boa conversa com os estudantes poderá fazê-los compreender quais podem ser as melhores formas de preparação para atuarem como entrevistadores: pesquisa, preparação de roteiros. Em relação às tecnologias, utilizaremos o gravador ou outros aplicativos do celular. Já em relação ao agendamento, para que se otimize o tempo, é aconselhável que as gravações das produções iniciais sejam agendadas para um mesmo dia.

## BLOCO 5 - Produção inicial

Este bloco contempla a gravação da produção inicial.

**Em qual (is) encontro (s) as atividades do bloco devem ser realizadas:** 4º encontro<sup>60</sup>.

**Quantidade de aulas previstas:** 3 aulas.

### Objetivo do bloco:

- a) gravar as primeiras produções de entrevista radiofônica dos estudantes.

### Gravação da produção inicial

Nesta etapa, propomos que seja gravada a produção inicial. O objetivo dessa gravação é levar os estudantes a revelarem para si mesmos e para o professor as representações que têm sobre o gênero.

Assim, as produções serão entrevistas em formato de gravação de áudio que "supostamente" serão veiculadas na rádio escolar. De forma fictícia, os estudantes irão dirigir-se aos seus colegas de escola, deverão colocar-se no lugar deles e tentar imaginar aquilo que gostariam de ouvir. No entanto, a gravação será escutada apenas na turma.

Após a gravação, os estudantes levarão o áudio para casa com a finalidade de que realizem a transcrição de suas entrevistas e a enviem por e-mail ao professor.

## BLOCO 6 - Análise das primeiras produções

Este bloco contemplará a análise coletiva das primeiras produções.

**Em qual (is) encontro (s) as atividades do bloco devem ser realizadas:** 5º encontro<sup>61</sup>.

**Quantidade de aulas previstas:** 2 aulas.

### Objetivo do bloco:

- a) analisar coletivamente as primeiras produções dos estudantes.

<sup>60</sup> Em caso de dúvidas, consulte o Quadro 7 apresentado na introdução deste capítulo.

<sup>61</sup> Em caso de dúvidas, consulte o Quadro 7 apresentado na introdução deste capítulo.

### Análise coletiva das primeiras produções dos estudantes

Ao receber as transcrições, o professor deve fazer previamente uma análise delas em casa. Logo depois, o áudio/a transcrição das produções dos estudantes deve ser objeto de análise e por meio da escuta/ leitura deve ser realizado um debate, em classe, sobre o desempenho oral dos estudantes e sobre as soluções para os problemas que aparecem. Em clima de troca de experiências, todos devem comentar. Com a realização dessa discussão, esperamos que os estudantes percebam o que já sabem fazer e se conscientizem dos problemas que eles mesmos ou outros estudantes têm encontrado no caminho.

Para orientar a discussão e avaliar em que ponto está a classe e quais são as dificuldades encontradas, elaboramos três roteiros, que devem ser entregues aos estudantes, em formato impresso. Nos quadros seguintes, podemos observar esse material que ajudará o professor e os estudantes a realizarem essa análise.

#### QUADRO 25 - Roteiro para análise da abertura da produção inicial

1) Na abertura elaborada, você interage com o público ou somente com o seu entrevistado? Caso tenha se esquecido de interagir com o ouvinte, refaça a abertura, promovendo essa interação.

2) Alguns itens podem aparecer na abertura da produção inicial:

- i) apresentação do entrevistador;
- ii) apresentação do tema;
- iii) apresentação do entrevistado;
- iv) saudação entre entrevistado, entrevistador e ouvintes.

Observe se você contemplou esses itens, caso contrário busque contemplá-los.

Fonte: elaborado pelo pesquisador a partir das ideias de Baltar (2012, 98), Stewart e Cash (2015) e Prado (1989).

#### QUADRO 26 - Roteiro para análise da fase de perguntas e respostas

Nº	Aspectos positivos	Aspectos negativos
1	Demonstra estar ouvindo e elabora novas perguntas a partir do que é respondido com o objetivo de esclarecer e esgotar o tema.	Permanece preso(a) às perguntas elaboradas em um roteiro ou questionário e não elabora novas perguntas a partir do que é respondido.
2	Durante a entrevista, permanece como um(a) observador(a) do que está sendo dito e não como um participante com posição sobre o assunto.	Emite expressões de concordância com o entrevistado: "sim", "é isso" ou qualquer expressão semelhante.
3	O(A) entrevistador(a) controla todo o processo e reconduz o entrevistado, impedindo a fuga ao tema.	O(A) entrevistador(a) <u>não controla</u> o processo e <u>não impede</u> a fuga ao tema pelo entrevistado.
4	Cada questão tem um objetivo específico.	As questões parecem não ter um objetivo.
5	Questões claras, curtas e concisas.	Questões confusas, longas e prolixas.
6	Faz uma pergunta por vez.	Encadeia muitas questões de uma só vez.
7	Aproveita as pausas respiratórias para fazer perguntas.	Interrompe bruscamente o entrevistado.
8	Estimula a fala do entrevistado.	O(A) entrevistador(a) se leva pela tentação de dominar a conversa e não estimula a fala do entrevistado.
9	Repete o nome do entrevistado e o tema da entrevista várias vezes durante o programa.	Não repete o nome do entrevistado nem o tema da entrevista durante o programa.

10	Coloca-se no lugar do público, buscando por meio de suas perguntas, levar o entrevistado a esclarecer as dúvidas ou questionamentos de quem vai ouvir o programa.	Não faz perguntas que seriam necessárias para o entendimento do tema pelo ouvinte.
11	É respeitoso e cordial.	É subserviente ou agressivo.

Fonte: elaborado pelo pesquisador a partir das ideias de Ferraretto (2014), Lage (2009), Chantler e Harris (1998), Prado (1989) e Barbeiro e Lima (2003).

#### QUADRO 27 - Roteiro para análise do encerramento da produção inicial

- 1) Alguns itens podem aparecer no encerramento da produção inicial:
- i) fechamento - nesta parte, o entrevistador conclui a entrevista. Em algumas entrevistas, o entrevistador volta a dizer quem foi o entrevistado;
  - ii) agradecimento - o entrevistador faz os agradecimentos ao/s entrevistado/s, este/s retribui/em o agradecimento e, em algumas entrevistas, há um agradecimento aos ouvintes.
  - iii) saudação de despedida entre entrevistado, entrevistador e ouvintes.

Observe se você contemplou esses itens, caso contrário busque contemplá-los.

Fonte: elaborado pelo pesquisador a partir das ideias de Prado (1989) e Baltar (2012).

### BLOCO 7 - Estilo, conteúdo temático e construção composicional das entrevistas

Nós nos filiamos à abordagem sociodiscursiva e, por isso, este bloco contemplará um trabalho com os elementos constituintes do gênero definidos por Bakhtin (1997): o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo.

**Em qual (is) encontro (s) as atividades do bloco devem ser realizadas:** 5º, 6º e 7º encontros<sup>62</sup>.

**Quantidade de aulas previstas:** 6 aulas.

#### Objetivo do bloco:

a) analisar o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo verbal das entrevistas radiofônicas.

#### Explorando os elementos constituintes do gênero

Para a análise dos elementos constituintes do gênero, é pertinente um trabalho comparativo com os exemplares. Com essa finalidade, a partir dos temas levantados no primeiro bloco, escolhemos mais duas entrevistas, que devem ser entregues, em formato impresso, aos estudantes.

<sup>62</sup> Em caso de dúvidas, consulte o Quadro 7 apresentado na introdução deste capítulo.

Nesse primeiro momento, os exemplares deverão ser lidos e escutados com o objetivo de fazer uma comparação com os outros já estudados no terceiro bloco. A seguir, apresentamos dois quadros com a transcrição dessas entrevistas, uma sobre racismo<sup>63</sup> e outra sobre intolerância religiosa<sup>64</sup>. Vale destacar que essas temáticas são flexíveis e que devem ser adaptadas à realidade da comunidade escolar.

#### **Transcrição 5 - Entrevista sobre racismo**

**Entrevistador** - O professor Joel Pinheiro da Fonseca, economista, ele também é mestre em Filosofia pela USP e é palestrante e está conosco já que o convidamos por conta justamente de um artigo que ele foi publicado na semana passada, ele que é colunista também do jornal Folha de São Paulo onde o título do seu artigo Racismo no Brasil é real, mas não se manifesta como ódio racial. Ele traça então um paralelo entre a manifestação do racismo nos Estados Unidos essa... esses últimos episódios e também a manifestação do racismo aqui no nosso país. Professor Joel, bom dia! Muito obrigado ao senhor por nos atender!

**Joel** - Bom dia! É um prazer estar com vocês.

**Entrevistador** - Muito obrigado ao senhor! Quer dizer... Tem diferença na manifestação do racismo aqui no Brasil com o dos Estados Unidos, professor?

**Joel** - Eu acho que tem claras diferenças. Em primeiro lugar, a gente tem que frisar que o racismo é uma realidade nos dos países, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, quanto em muitos outros países do mundo, mas ele se dá de maneiras muito diferentes. A gente não vê no Brasil, esse tipo de manifestação pública, protestos, marchas, neonazistas, ou de supremacia branca, ou da *Ku Klux Klan* como a gente tem nos Estados Unidos. Lá você tem uma ideia realmente de uma guerra racial muitas vezes de brancos contra negros e negros contra brancos. Uma ideia de segregação que vigorou no país por muito tempo em uma grande região do país por muito tempo. Então, as pessoas das diferentes raças, das diferentes cores sempre foram muito mais segregadas, criando muitas vezes um clima de ódio mútuo muitas vezes. Então, você tem vizinhanças exclusivamente brancas, vizinhanças exclusivamente negras. No Brasil, embora também seja um país muito racista, ninguém nega isso, e o racismo tem efeitos muito ruins pra nossa sociedade, aqui a gente sempre se pautou mais pela lógica da miscigenação e da mistura entre as raças. Então, embora o racismo continue existindo, a pessoa pode ter seja qual for a cor dela entre os seus amigos e entre os seus parentes, também entre outros familiares, pessoas de todas as cores, de todas as raças.

**Entrevistador** - Aqui no Brasil pelo fato termos aqui... na nossa formação diversos povos e diversas raças: negros, índios, brancos, vermelhos, amarelos, enfim, minimiza essa questão do racismo ou da formação de grupos racistas, professor Joel?

**Joel** - Eu não tenho dúvida nenhuma de que sim. Saber que a gente tem aqui às vezes a tentativa de formação por exemplo de pequenos grupos, em geral uma coisa mais de jovem, uma coisa que não é levada muito a frente, ou neonazistas, ou racistas, mas eles têm uma contradição grande em si porque a mestiçagem está obviamente presente inclusive dentro deles. Então, acho que é uma coisa que a biologia, a biologia impõe certos limites a ideologia aqui no Brasil. Porque queira ou não todos nós temos ou a maioria de nós tem pelo menos sangue negro, sangue branco e sangue indígena também dentro de nós. Esse esquema birracial norte-americano, brancos de um lado, negros do outro, no Brasil, se aplica muito menos. E isso limita muito a capacidade de um ódio racial se fortalecer entre nós.

**Entrevistador** - Qual a manifestação de racismo pior? A manifestação silenciosa ou a manifestação escancarada? Ou seja, no Brasil, temos a... boa parte é silenciosa, mas existe como muito bem o senhor frisou e nós concordamos com o senhor, e lá fora nos Estados Unidos, que é o nosso foco, lá é escancarado, lá o pessoal sai realmente, enfim, na, na, na... na agressão física. Qual que é o pior? Qual que é o mais impactante? O silencioso ou o escancarado em termos de manifestação de racismo, professor Joel?

**Joel** - Sim. É importante frisar que lá o que a gente chama de silencioso também existe. A dificuldade de uma pessoa negra conseguir um emprego. Ahhhh... o branco ser visto sempre como o mais bonito, o mais capaz, então, quer dizer não é que isso seja algo só daqui, lá também tem isso. Eu acho que... esse que você tá chamando de silencioso, ele pelo menos ele não se manifesta como um desejo de exterminar o outro, sabe? Ele se manifesta como a crença de que a minha cor ou em geral a cor branca é superior ou que... ou que é

<sup>63</sup> O áudio da entrevista sobre racismo está disponível em: <http://radios.ebc.com.br/revista-brasil/2017/08/especialista-fala-sobre-o-racismo>.

<sup>64</sup> O áudio da entrevista sobre intolerância religiosa está disponível em: <http://radios.ebc.com.br/reporter-io/edicao/2016-11/caminhos-para-combater-intolerancia-religiosa-no-brasil>.

mais... as pessoas brancas são mais capacitadas. Ele é muito nocivo, mas ele ainda não é incompatível com o desejo de viver juntos. Então, aqui no Brasil é muito incomum você ter ideias como nos Estados Unidos têm de achar que os negros ou outras raças, o índio ou que seja devam ser banidos da sociedade ou devam até ser mandados para outro continente. Essa era uma ideia que teve certa força nos Estados Unidos. Aqui no Brasil isso nunca foi possível, porque a gente tá muito mais junto, muito mais misturados de maneira geral. Ambas as formas de racismo, acho que têm... têm efeitos muito ruins é difícil comparar, mas eu me sinto feliz de não viver em um país no qual esse ódio aberto e esse ódio que realmente quer o extermínio ou pelo menos a expulsão do outro existem. Então, acho que esse é um lado positivo das relações raciais brasileiras. Que as nossas relações pessoais, nas nossas amizades, nos nossos casamentos, nas nossas relações de parentesco possam superar esse estigma, essa chaga moral e espiritual do racismo que continua a existir aqui.

**Entrevistador** - Pelo menos o que nós vivemos hoje em termos dessa manifestação de racismo, o senhor vê como fruto de um trabalho que vem sendo desenvolvido ao longo do tempo ou não tem nada a ver, professor Joel?

**Joel** - Que manifestações nos Estados Unidos ou no Brasil?

**Entrevistador** - Não, não. A nossa aqui, né, como o senhor muito bem disse: aqui não se prega o extermínio do outro, não é? Diferente de lá fora. Então, o que nós temos aqui no nosso país pode-se dizer que é fruto de políticas públicas, de um trabalho educacional, como que a gente poderia explicar até mesmo pra gente avançar pra perguntar ao senhor se existe alguma... algum ponto que a gente possa desenvolver para dar uma solução e acabar com essa manifestação de racismo aqui no nosso país.

**Joel** - Eu acho que antes de tudo é fruto de nossa cultura e da tão mal falada colonização portuguesa que bem ou mal foi uma colonização que esse aspecto racial não falou tão alto assim como em outras, outras experiências colonizadoras. Acho que primeiro de tudo, é um dado da nossa experiência, da mestiçagem, primeiro entre portugueses e índios e depois também com negros e que acabou gerando essa cultura sincrética. O Brasil é não é um país multicultural, um país de muitas culturas vivendo lado a lado, é um país de cultura sincrética, da mistura cultural mesmo e acho que ela pode ser ajudada sim com políticas públicas que pensem nessa ... nesse ideal da mistura, essa mestiçagem como resposta ao racismo, porque em última análise quanto mais esse processo avança, mais difícil, até impossível se torna o racismo, porque as pessoas são cada vez mais semelhantes e... mas, por outro lado, se tem às vezes algum discurso de algumas políticas no Brasil de movimentos racialistas que tentam importar para cá a mentalidade da segregação americana, muitas vezes como combate ao racismo, mas acabam tendo o mesmo efeito de segregação e tem essa ideia de que pessoas de uma raça não poderiam usar um elemento da cultura associada a outra raça, o branco não pode usar um turbante, por exemplo, o que no Brasil nunca teve um menor sentido. Aqui a gente sabe que as religiões de matriz afro, por exemplo, têm pessoas de todas as cores, usam turbantes, sim, não tem nenhum... não tem nada de errado nisso. Então, às vezes a gente pode nesse afã de combater o racismo, mas com ferramentas de outros países, como as ferramentas da mentalidade americana, na qual a divisão brancos e negros é muito marcada e mantida, a gente pode acabar não dando tanto valor para as soluções brasileiras que bem ou mal também existem e que podem ou deveriam ser levadas adiante.

**Entrevistador** - Tá muito bem. Professor Joel Pinheiro da Fonseca foi um prazer ter feito essa entrevista com o senhor e agradecemos pela gentileza da atenção, professor!

**Joel** - É um prazer estar com você também. E parabéns aí pelo trabalho.

**Entrevistador** - Muito obrigado ao senhor e um bom dia. Obrigado, professor Joel!

**Joel** - Bom dia!

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

### **Transcrição 6 - Entrevista sobre intolerância religiosa**

**Entrevistador** - Nós trouxemos a informação pra você aqui no Repórter Rio e já falamos um pouco sobre a redação do ENEM do Exame Nacional do Ensino Médio que trouxe esse ano como tema Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil. Quem conversa com a gente sobre esse assunto, sobre esse tema é o Ivanir dos Santos. Ele é babalaô, é interlocutor da comissão de combate à intolerância religiosa e é doutorando em história da Universidade Federal do Rio de Janeiro da UFRJ. Ivanir dos Santos, muito bom dia!

**Entrevistado** - Bom dia! Prazer falar com você e seus ouvintes!

**Entrevistador** - O prazer é nosso! Ainda mais com um tema como esse. Gostaria que você falasse um pouco pra gente da importância de fazer no mínimo os alunos, né, pensarem, os candidatos do ENEM a pensarem em caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil. Eu digo no mínimo porque os temas da redação do ENEM costumam repercutir depois, gerar novas discussões. Qual a importância de nós falarmos sobre esse tema nesse momento?

**Entrevistado** - É importantíssimo, né, porque tem que levar em conta que são jovens, né?

**Entrevistador** - Sim.

**Entrevistado** - São jovens. São 8 milhões de jovens em todo o país pra fazer uma redação e ter de se deparar com esse tema. Um tema que hoje é muito caro à sociedade brasileira nesse momento que cresce a intolerância religiosa em todos os aspectos da sociedade brasileira, seja no aspecto da relação de vizinhos, né? Hoje, a pessoa de uma religião e o outro é de outra, se quer ouvir uma música que não é religiosa, o outro quer botar a religiosa e obrigar que o outro escute. Seja na relação de familiares que a gente tem vários problemas, quando um se converte para outra religião já não quer mais aceitar o outro membro da família, não quer deixar as crianças conviverem em paz, principalmente se tratando da, de educação. Os dados hoje de intolerância religiosa no Brasil demonstram que 24% são perpetradas por pessoas conhecidas, né? E 23% por desconhecidas. E em torno de quase 7% no âmbito da educação ...pelo professor ou por pessoas que trabalham na educação. É um absurdo. A escola que deve ser um ambiente... que deve educar pra a cidadania, pra diversidade, pro respeito, você ter pessoas que fazem essas violações com as crianças, né? Temos vários casos que falam sobre isso e levando em conta também que sofrem as religiões de matriz africana que é 62% dos ataques, desrespeitam os adeptos dessa religião, inclusive o caso da Kaylane que é citado parece na redação é um caso que ficou ainda mais para todo o país. Então, eu acho que no momento em que se discute o aperfeiçoamento da democracia brasileira, né? Em que essas atitudes, elas são um desrespeito ao estado democrático de direito, né? Na verdade, tem um caminho que o Brasil pode virar um país fascista, indo por esse viés político-religioso que a intolerância tem a ver com a atitude que não é religiosa, né? É contra religiosos... as atitudes. O ENEM colocar esse tema... os alunos refletirem sobre esse tema é muito importante porque faz se levar para dentro de casa, com certeza, né, pras relações sociais que essas pessoas, esses meninos têm, né, esses jovens têm de refletir sobre um tema muito importante como esse pra se entender o desrespeito, né, a falta de... do respeito aos gays, o direito das mulheres, das minorias religiosas. Então, eu acho que é um momento muito profícuo esse tema ter aparecido no ENEM.

**Entrevistador** - Perfeito. Então, quer dizer, um caminho para combater a intolerância religiosa que é o que questiona essa proposta de redação do ENEM é justamente fomentar essa discussão, quer dizer, levar a jovens principalmente a pensarem sobre esse tema. Bom, eu gostaria de te perguntar o seguinte: nós tivemos há pouco tempo uma campanha que a gente já lamentou aqui bastante, né, no microfone do Repórter Rio, a campanha da corrida eleitoral agora da prefeitura do Rio de Janeiro. Eu queria saber como que você... se você também enxergou situações, inclusive de intolerância religiosa, sendo utilizadas no contexto político aqui na nossa cidade e se você percebe que existe um diálogo também dessa proposta com esses episódios que nós andamos observando aqui no Rio de Janeiro?

**Entrevistado** - Coincidentemente, ontem, foi publicado um artigo meu no Globo, falando justamente sobre isso. Durante o processo da campanha eleitoral, esse foi o tema mais caro à população do Rio de Janeiro, pois você tinha na campanha eleitoral um candidato que vem de uma tradição religiosa que é marcada pela intolerância religiosa aos cultos afro-brasileiros, né? Então, obviamente, foi um tema que foi cair na campanha de qualquer jeito. Um tema que é uma preocupação das pessoas se inclui com o respeito ao estado laico, ou seja, se uma pessoa ganhar a eleição se ela ia ou não respeitar o estado laico, né, ou se traria para dentro das práticas das políticas públicas essa visão preconceituosa e racista, né, que essa igreja tem se colocado ainda, né, essa igreja continua tendo essa postura. Então, esse foi um tema muito debatido. Como a comissão faz a caminhada pela liberdade religiosa, nós elaboramos uma carta compromisso contra o racismo, a intolerância religiosa e respeito aos direitos humanos que foi assinada pelos candidatos. Inclusive os dois candidatos que foram para o 2º turno, eles assinaram essa carta, tanto o Marcelo Freitas como o Bispo Crivella. As urnas, na verdade, deram vitória ao Bispo Crivella, mas tem que observar um aspecto aí. Se você contar os votos em branco, dos que se abstiveram, nulos e os votos em deputados da oposição, o bispo foi eleito por uma minoria da população. Então, uma coisa que vocês não tão observando, a maioria não votou, a maioria absoluta não votou, né, nessa proposta, né? Uma desconfiança muito grande ainda sobre ela, sobre as atitudes, né, que vão ser tomadas daqui pra frente, né? Mas cabe a nós, uma vez que consagrado o resultado da urna, respeitar o resultado da urna democraticamente e vamos ficar vigilantes a partir da carta que foi assinada ... que ele assinou, né? Essa carta fala de várias, por exemplo, fala da aplicação da lei 10.619 essa lei que fala da educação, ela fala da África, dos afro-brasileiros, da cultura africana e da cultura afro-brasileira que nós sabemos que nas escolas que ainda existe muito mais são os grupos neopentecostais, né? Inclusive o grupo do qual o candidato pertence religiosamente e do qual a sua igreja persegue essa cultura. Então, tá lá colocado na carta, um desafio se ele vai implementar ou não, mas ele assinou essa carta tem que haver a implementação.

**Entrevistador** - E que infelizmente é um grupo que não participa, por exemplo, da caminhada em defesa da liberdade religiosa.

**Entrevistado** - Não, não participa. Isso. Não participa, né? E sempre foi convidado, né? Pra se ter uma ideia, ele mesmo só apareceu na caminhada em 2008, na primeira caminhada, quando ele era candidato, né, nunca mais ele apareceu. Então, nós estamos, na verdade, atentos... Vamos dar um voto de confiança por ele ter assinado a carta e vamos ficar vigilantes, né, pra acompanhar. Você não pode prejudicar as pessoas, porque elas podem de fato mudar, mas ninguém muda da noite pro dia, né? rrsrrs... Isso não existe, né? Não dá pra garantir isso da noite pro dia. Mas, na verdade, nós temos que acompanhar esse voto de confiança e ver qual

são as atitudes que serão políticas públicas que possam ferir, de fato, essa carta o respeito aos gays, às mulheres, à cultura popular, como o jongo, o samba por causa da questão do atabaque e o chamado respeito às vias religiosas, o não respeito aos católicos que são perseguidos porque dizem que eles fazem idolatria com relação às imagens. Então, tem uma série de desafios que serão colocados daqui pra frente e que nós da comissão e a sociedade devemos ficar muito atentos, né, não criar um preconceito a priori, né, de que pode não haver mudança, mas também, se vier, nas suas atitudes, essa então conservadora religiosa pra dentro das políticas públicas do estado democrático de direito, nós temos que rechaçar.

**Entrevistador** - Perfeito. Esse é o Ivanir dos Santos. Ele é babalaô e interlocutor da comissão de combate à intolerância religiosa, é doutorando em história na UFRJ. Ivanir dos Santos, muito obrigado pela sua participação, sua atenção aqui com os ouvintes do Repórter Rio. Um abraço!

**Entrevistado**- Tá brigado pela oportunidade. Estamos sempre aí à disposição.

**Entrevistador**- Opa. Obrigado! Agora 6 horas e 49 minutos. Você ouviu o Ivanir dos Santos fazendo as suas considerações, inclusive articulando o tema do ENEM com a situação da nossa cidade do Rio de Janeiro. A gente teve debates acalorados durante a corrida pela eleição da prefeitura do Rio de Janeiro, a prefeitura da capital, muitos temas sobre a intolerância religiosa foram colocados durante essa campanha. Nós sabemos que é um desafio muito grande de fato nós termos aqui um movimento comum, um movimento unificado pela liberdade religiosa. Alguns grupos não participam desse movimento, ou melhor, não participavam até agora. Uma vez na gestão da prefeitura do Rio de Janeiro, é claro que a gente espera que esse diálogo aconteça e que esse cenário de intolerância religiosa seja também seja combatido pelo próprio estado que representa um ator importantíssimo da esfera pública.

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Nesta etapa, as atividades propostas são compostas por três quadros, que devem ser entregues aos estudantes, em formato impresso. Neles, há questionamentos que ajudarão a perceber o caráter "relativamente estável" das entrevistas, sendo proposta uma análise do conteúdo temático, da construção composicional e do estilo verbal do gênero (BAKHTIN, 1997).

Para completar os quadros, o professor pode usar diferentes estratégias como um jogo entre equipes. O desafio do jogo pode ser levar os estudantes a produzirem respostas para os questionamentos propostos nos quadros. Se conseguirem oferecer respostas coerentes, devem ganhar uma determinada pontuação. Essa atividade pode possibilitar aos educandos interagirem bastante, levando-os a dialogarem e a discutirem as suas ideias.

**QUADRO 28 - Tema, finalidade e interlocutores das entrevistas radiofônicas**

Entrevistas	Transcrição 2	Transcrição 3	Transcrição 4	Transcrição 5	Transcrição 6
<b>Perguntas</b>					
<b>1. Qual é o assunto principal da entrevista?</b>					
<b>2. Por qual razão essa entrevista foi produzida?</b>					
<b>3. Quem é o (a) entrevistado(a)? Qual é o cargo ou a profissão que ele(a) ocupa? Há relação entre o assunto da entrevista e o cargo ou a profissão ocupada?</b>					
<b>4. Qual público o tema da entrevista pode atrair?</b>					

5. O(A) entrevistado(a) emite alguma opinião/posição sobre o assunto? Em caso positivo, qual opinião/posição assumida?					
6. E o(a) entrevistador(a) emite alguma opinião/posição sobre o assunto? Em caso positivo, qual opinião/posição assumida?					
7. O assunto em questão está sendo discutido atualmente na mídia? Justifique.					

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Antes de dar continuidade ao jogo e de iniciar a análise da construção composicional<sup>65</sup> das entrevistas, é pertinente lembrar e destacar que, em geral, elas se apresentam, estruturalmente, de forma semelhante em todos os tipos: abertura, fase de perguntas e respostas e encerramento.

**QUADRO 29 - Superestrutura da entrevista radiofônica**

Entrevistas	Transcrição 2	Transcrição 3	Transcrição 4	Transcrição 5	Transcrição 6
<b>Perguntas</b>					
1. O(A) entrevistador(a) faz a apresentação do entrevistado e do tema na abertura da entrevista? Como ele(a) faz isso? Essa informação é dispensável ou não para a compreensão dos ouvintes?					
2. Há cumprimentos na abertura da entrevista entre entrevistador(a), entrevistado(a) e ouvintes? Em caso positivo, como isso é realizado?					
3. Geralmente, o entrevistador prepara um roteiro de perguntas. Entretanto, dependendo das respostas, ele pode improvisar e fazer perguntas que não estão no roteiro. Você acredita que isso ocorreu nessas entrevistas? Se sim, em que parte?					
4. O(A) entrevistador(a) apresenta o(a) entrevistado(a) mais de uma vez aos ouvintes? Por qual razão essa repetição é necessária?					
5. O(A) entrevistador(a) faz					

<sup>65</sup> Sabemos que a construção composicional é mais que a superestrutura, no entanto, decidimos em nossa fundamentação teórica e em nossa proposta, contemplar apenas este aspecto.

uma pergunta ou encadeia várias por vez? O que parece ser melhor para o entrevistado e para o ouvinte?					
6. O(A) entrevistador(a) faz um fechamento da entrevista? Como ele(a) a conclui?					
7. No encerramento, há agradecimentos e despedidas entre entrevistador(a), entrevistado(a) e ouvintes?					

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

**QUADRO 30 - Estilo verbal<sup>66</sup> - Marcas da Linguagem Oral**

Entrevistas	Transcrição 2	Transcrição 3	Transcrição 4	Transcrição 5	Transcrição 6
Marcas da Linguagem Oral					
Repetições					
Pausas					
Palavras e frases cortadas					
Palavras e expressões coloquiais					

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

### Comparando o estilo verbal das produções iniciais com os exemplares

Nessa etapa, os estudantes analisarão de modo comparativo as suas primeiras produções com outros exemplares no que se refere ao estilo verbal adotado. Para isso, essa análise comparativa será guiada por questões diretivas que os conduzam à percepção de que eles são usuários legítimos da Língua Portuguesa. Nesse sentido, a realização dessa análise tem por objetivo fazer com que os aprendizes percebam as marcas de variações linguísticas nas entrevistas, dentro do *continuum* de maior e menor monitoramento (BORTONI-RICARDO, 2004), como fatos linguísticos próprios do gênero estudado.

Antes da análise comparativa, é importante que sejam feitos, oralmente, alguns questionamentos aos estudantes para observar as crenças atreladas às atitudes que eles possuem diante das variedades linguísticas. No quadro seguinte, expomos algumas sugestões de perguntas para atingirmos esse fim.

<sup>66</sup> Na abordagem do estilo, poderíamos contemplar a análise das pessoas do discurso, dos tempos e modos verbais predominantes, dos tipos de frases predominantes, das relações gramaticais e semânticas etc. Entretanto, decidimos, em nossa proposta, concentrar a nossa atenção no que é específico do oral.

**QUADRO 31 - Sugestão de perguntas para observação das crenças atreladas às atitudes diante das variedades linguísticas**

1. Como você avalia o uso do “a gente” na fala?
2. Como você percebe o uso das formas contraídas na fala: “né”, “pra (s)”, “pro (s)”?
3. Como você julga o uso de gírias nas entrevistas?

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Após questionamentos como esses, será proposta a análise de algumas marcas linguísticas presentes nas entrevistas radiofônicas. Para isso, pode ser usado um quadro analítico de marcas linguísticas presentes nas entrevistas de rádio, que deve ser entregue aos estudantes, em formato impresso. O objetivo é fazer com que eles desconstruam a ideia de “erro” e percebam a existência da diversidade linguística em situações de maior ou menor monitoramento. No quadro a seguir, apresentamos a nossa sugestão para essa atividade.

**QUADRO 32 - Marcas linguísticas presentes nas entrevistas de rádio**

Marcas linguísticas	EN. E	E1	E2	E3	E4	E5
1. Contrações do verbo “estar” para a forma “tá”, “tô”.						
2. Uso do pronome “a gente”						
3. Uso do “né” como contração de “não é”.						
4. Uso das formas contraídas “pra”, “pras”, “pro”, “pros”.						
5. Uso de gírias						

\*EN. E (entrevista inicial produzida pelos estudantes); E1 (exemplar 1, transcrição 2); E2 (exemplar 2, transcrição 3); E3 (exemplar 3, transcrição 4); E4 (exemplar 4, transcrição 5); E5 (exemplar 5, transcrição 6).

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Esse quadro é flexível. Assim, os itens referentes ao campo das “Marcas linguísticas” devem ser construídos junto com os estudantes. Desse modo, o professor deve iniciá-lo, mas é conveniente que o seu término seja realizado com os aprendizes. Além disso, é interessante também que seja apresentada uma quantidade de exemplares suficiente para ampliação do campo de análise.

Após a elaboração do quadro, o professor, oralmente, poderá levar os estudantes a perceberem a diversidade linguística, a partir de alguns questionamentos, tais como os apresentados no quadro a seguir.

**QUADRO 33 - Sugestão de perguntas para a percepção da diversidade linguística nas entrevistas**

1. Qual é a recorrência das marcas linguísticas 1, 2, 3, 4 e 5 nas entrevistas analisadas?
2. O que a quantidade dessas recorrências indica?
3. Qual é o nível de proximidade afetiva entre os entrevistados e os entrevistadores nos diferentes exemplares?
4. Esse nível de proximidade afetiva interfere na quantidade de usos das gírias?

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

O professor deve mediar o debate de modo a conduzir para a desconstrução da crença do “bem falado” e do “mal falado”, levando o estudante a perceber que para cada situação comunicativa há marcas linguísticas próprias.

### Sistematização das características do gênero

Logo depois, os estudantes receberão, em formato impresso, o seguinte quadro para que preencham e sistematizem as características do gênero entrevista radiofônica.

**QUADRO 34 - Sistematização das características do gênero entrevista radiofônica**

Elementos constituintes do gênero	Aspectos observados
Conteúdo temático	
Construção composicional	
Estilo verbal	

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

### BLOCO 8 - Reunião de pauta

Este bloco contemplará a reflexão sobre os valores-notícia e a escolha das pautas das entrevistas que farão parte da produção final.

**Em qual (is) encontro (s) as atividades do bloco devem ser realizadas:** 7º e 8º encontros<sup>67</sup>.

**Quantidade de aulas previstas:** 2 aulas.

#### Objetivos do bloco:

- promover reflexão sobre os valores-notícia dos possíveis temas das entrevistas;
- decidir coletivamente os temas que comporão a produção final.

### Segunda reunião de pauta para definição de detalhes da produção final

Na semana anterior à segunda reunião de pauta, convém pedir aos estudantes que recebam sugestões de colegas, de professores e de outros funcionários da escola de temas que gostariam de ouvir no programa de entrevista da rádio escolar. De posse desse material, eles

<sup>67</sup> Em caso de dúvidas, consulte o Quadro 7 apresentado na introdução deste capítulo.

deverão apresentar essas e outras ideias no encontro que tem como centro o debate das pautas para a realização da produção final.

Para ajudar a refletir sobre o valor-notícia dos possíveis temas das entrevistas, os estudantes receberão, em formato impresso, o seguinte quadro com alguns questionamentos que ajudarão a promover essa reflexão.

**QUADRO 35 - Sugestão de perguntas para a reflexão sobre o valor-notícia dos possíveis temas das entrevistas**

1. O assunto é de interesse de um grande número de estudantes?
2. O assunto é de interesse da comunidade escolar?
3. O assunto retratado aborda acontecimentos, pessoas ou interesses próximos do ouvinte?
4. É um assunto atual?
5. O assunto abordado pode ser discutido de outras formas em outros momentos ou é apenas do momento atual?
6. O conteúdo da entrevista pode trazer informações novas ou desconhecidas para o público?

Fonte: elaborado pelo pesquisador a partir da ideias de Wolf (2003).

Além de definir os temas, na reunião, é necessário decidir também os objetivos, o entrevistado e as palavras-chave que envolvem o assunto a ser desenvolvido. No quadro a seguir, apresentamos um formulário de pauta, que deve ser entregue, em formato impresso, aos aprendizes para auxiliar nessa tomada de decisão.

**QUADRO 36 - Sugestão de formulário de pauta**

**FORMULÁRIO DE PAUTA**

Tema: \_\_\_\_\_  
 Retranca (palavras-chave): \_\_\_\_\_  
 Estudante responsável: \_\_\_\_\_  
 Objetivos: \_\_\_\_\_

**Fonte da informação**

Possíveis entrevistados	Contato (telefone/ e-mail)
1.	
2.	
3.	

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

**BLOCO 9 - A entrevista diálogo e o processo de entrevista em fases**

Neste bloco, exploraremos as características da entrevista diálogo e as fases do processo de entrevista.

**Em qual (is) encontro (s) as atividades do bloco devem ser realizadas:** 8º encontro<sup>68</sup>.

**Quantidade de aulas previstas:** 2 aulas.

### Objetivos do bloco:

- a) compreender e discutir as características da entrevista como diálogo e da entrevista como técnica;
- b) elaborar questões a partir da escuta atenta de uma resposta;
- c) debater os elementos necessários para a preparação e a gravação de uma entrevista;
- d) realizar pesquisas, elaborar roteiros e simular entrevistas.

### Discussão sobre as características da entrevista como diálogo e da entrevista como técnica

Inicialmente, o professor deve entregar aos aprendizes, em formato impresso, um quadro com informações sobre a entrevista como diálogo ou como técnica. Em seguida, deve promover uma discussão sobre cada um dos aspectos apresentados. Esse debate pode ser ilustrado com as primeiras produções e com outras entrevistas escutadas pelos estudantes em outros momentos de suas vidas.

**QUADRO 37 - Entrevista como diálogo ou como técnica**

Aspecto	Como diálogo	Como técnica
<b>Relação entrevistador-entrevistado</b>	Humanizada e interativa.	Estanque e fria.
<b>Questionário</b>	Flexível.	Fixo.
<b>Entrevistador</b>	Não fica aprisionado às suas ideias ou ao questionário, interage com o entrevistado, reformula questões a partir do que ouve.	Fica preso às suas ideias ou ao questionário, não interage com o entrevistado, não ouve o que ele diz e não reformula questões.
<b>Diálogo</b>	Presente.	Ausente.
<b>O leitor, o ouvinte ou o telespectador</b>	Sente a autenticidade no discurso enunciado tanto pelo entrevistado quanto no encaminhamento das perguntas pelo entrevistador.	Sente que a entrevista é artificial e que não há uma interação entre entrevistado e entrevistador.

Fonte: elaborado pelo pesquisador de acordo com a abordagem de Medina (1986).

No quadro a seguir, apresentamos algumas questões que devem ser usadas para orientar a discussão.

<sup>68</sup> Em caso de dúvidas, consulte o Quadro 7 apresentado na introdução deste capítulo.

**QUADRO 38 - Sugestões de perguntas para análise da entrevista como diálogo ou como técnica**

- a) Você ouviu ou assistiu a alguma entrevista que poderia ser classificada como diálogo? Como o entrevistador se posicionava? O que sentiu ao ouvir tal entrevista?
- b) Ouviu ou assistiu a alguma entrevista que poderia ser classificada como técnica? Como o entrevistador se posiciona? O que sentiu ao ouvir tal entrevista?
- c) Na sua primeira entrevista, como você se comportou? Como você classificaria a sua primeira entrevista? Caso tenha classificado como técnica, o que você precisa aprender e colocar em prática para que alcance o nível do diálogo?

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

**Ouvir e perguntar**

O entrevistador, ao permanecer preso às suas ideias ou ao questionário, não interage com o entrevistado, não ouve o que ele diz e não reformula questões para que a informação seja de fato transmitida ao ouvinte (MEDINA, 1986). Para evitar que isso aconteça, propomos uma atividade em que os estudantes deverão elaborar questões a partir da escuta atenta de uma determinada resposta.

Deste modo, selecionamos alguns trechos de respostas de entrevistas sobre alimentação<sup>69</sup>, esportes<sup>70</sup>, mercado de trabalho<sup>71</sup>, preconceito<sup>72</sup>, jogos<sup>73</sup> e racionamento de água<sup>74</sup> e propomos que os estudantes escolhessem um assunto de sua preferência e que elaborassem um questionamento com base naquilo que escutou no áudio. Assim, acreditamos que esse exercício possa permitir treinar tanto a capacidade de ouvir quanto a de perguntar.

**As fases da entrevista: preparação, realização, edição e transmissão**

Inicialmente, conversaremos com os estudantes que a entrevista gravada, para ser realizada com sucesso, precisa contemplar algumas fases: preparação, realização, edição e transmissão.

Para compreender a primeira fase, é importante debater com os estudantes questionamentos como os apresentados no quadro a seguir.

<sup>69</sup> Os trechos do áudio da entrevista sobre alimentação estão disponíveis em: <https://soundcloud.com/klauber-franco/trecho-de-entrevista-sobre-alimentacao>

<sup>70</sup> Os trechos do áudio da entrevista sobre esportes estão disponíveis em: <https://soundcloud.com/klauber-franco/trechos-de-entrevista-sobre-esportes>

<sup>71</sup> Os trechos do áudio da entrevista sobre mercado de trabalho estão disponíveis em: <https://soundcloud.com/klauber-franco/trechos-de-entrevista-sobre-mercado-de-trabalho>

<sup>72</sup> O trecho do áudio da entrevista sobre preconceito está disponível em: <https://soundcloud.com/klauber-franco/trecho-de-entrevista-sobre-preconceito-com-modelos-plus-size>

<sup>73</sup> Os trechos do áudio da entrevista sobre jogos estão disponíveis em: <https://soundcloud.com/klauber-franco/trechos-de-entrevista-sobre-jogos-pokemon-go>

<sup>74</sup> Os trechos do áudio da entrevista sobre racionamento de água no DF estão disponíveis em: <https://soundcloud.com/klauber-franco/trechos-de-entrevista-sobre-acionamento-de-agua>

**QUADRO 39 - Sugestões de perguntas para discussão sobre a fase de preparação das entrevistas**

1. Como uma pesquisa sobre o tema ou sobre a pessoa que vai ser entrevistada pode contribuir na preparação de um entrevistador?
2. Por que é importante conhecer minimamente o assunto, isto é, saber claramente sobre o que se está falando durante uma entrevista?
3. Se o entrevistador já tem determinado conhecimento, ele deve fazer questionamentos sobre aquilo que já sabe?  
**Professor, discuta com os estudantes que o entrevistador deve colocar-se no lugar do ouvinte, lembrando-se de que, muitas vezes, o público desconhece aquela informação.**
4. Ao se elaborar um esquema, um roteiro ou um questionário deve-se permanecer preso a ele? Por quê?  
**Professor, é importante que os estudantes compreendam que o esquema, o roteiro ou o questionário elaborado precisa ser flexível e alterável em função do desenvolvimento da conversação, uma vez que durante a entrevista, podem surgir assuntos não previstos e, para serem aproveitados, necessitam da atenção do entrevistador.**

Fonte: elaborado pelo pesquisador a partir das ideias de Ferraretto (2014), Barbeiro e Lima (2003) e Prado (1989).

Em seguida, no laboratório de informática, os estudantes deverão pesquisar e elaborar roteiros do tema de sua produção final e pesquisar o tema da entrevista de um colega da turma. Isto é, cada aprendiz ficará responsável pela pesquisa de dois temas: um principal e um auxiliar. O tema principal será aquele em que a sua responsabilidade será a de entrevistador, por isso, para ele, será necessária a pesquisa e a elaboração de um roteiro de perguntas; no auxiliar, ele assumirá a função de entrevistado do seu colega de classe, para esse tema, é preciso apenas a realização da pesquisa. Com a ajuda dessas pesquisas e roteiros, serão realizadas simulações da fase de gravação da entrevista.

Antes da simulação, acreditamos ser importante entregar aos estudantes, em formato impresso, um conjunto de orientações para a realização de uma boa entrevista. No quadro seguinte, expomos essas sugestões que devem ser lidas e discutidas com os jovens.

**QUADRO 40 - Sugestões para a realização de uma boa entrevista****Sobre o entrevistado**

- O entrevistado tem o direito legal e ético de não responder a determinada pergunta e até mesmo de não dar entrevista, e tem de ser respeitado em sua decisão (BARBEIRO; LIMA, 2003, p. 62).
- Para evitar o uso de respostas compridas demais, o entrevistado precisa ser avisado da conveniência de usar respostas curtas e concisas com intuito de que todos os temas previstos possam ser abordados (PRADO, 1989, p. 66).
- Se o entrevistador percebe que o entrevistado é lacônico demais em suas respostas, pode-se perguntar o motivo de suas afirmativas, pedir uma justificativa ou expor uma tese contrária (PRADO, 1989, p. 66).

**Sobre o entrevistador e as perguntas feitas**

- Cada questão deve ter um objetivo específico (CHANTLER; HARRIS, 1998, p. 106).
- As questões devem ser curtas, claras e concisas. Assim, pode-se obter respostas exatas e precisas (PRADO, 1989, p. 65).
- Em caso de dúvidas sobre o que perguntar deve-se usar perguntas básicas - o que, onde, por que, quem, quando e como (CHANTLER; HARRIS, 1998, p. 106).
- É importante fazer um esforço para não divagar; não fazer duas ou mais perguntas de uma vez; não iniciar perguntas com alternativas e; não parar no meio da frase (CHANTLER; HARRIS, 1998, p. 105)
- O trabalho do entrevistador é fazer perguntas que estimulem a fala do entrevistado. É importante não se deixar levar pela tentação de dominar a conversa (CHANTLER; HARRIS, 1998, p. 104).

- Diante do entrevistado, o entrevistador deve ser respeitoso e cordial, nunca subserviente ou agressivo (FERRARETTO, 2014, p. 182).

#### **Durante a entrevista**

- Pode-se usar acenos de cabeça para mostrar que se está ouvindo e entendendo (LAGE, 2009, p. 81).
- Deve-se estimular o entrevistado com o olhar, tornando o contato mais amigável. Um desvio de olhar pode gerar desconfiança e até agressividade. Olhar para outra coisa, durante muito tempo, pode levar o entrevistado a pensar que o entrevistador já não aguenta mais ouvi-lo. (FERRARETTO, 2014, p. 186).
- Uma técnica radiofônica para fisgar novos ouvintes é a repetição do tema da entrevista e do nome do entrevistado várias vezes durante a sua realização (BARBEIRO; LIMA, 2003, p. 60).
- Deve-se evitar colocar o microfone encostado no nariz do entrevistado. O ideal seria mantê-lo um pouco abaixo do queixo dele (CHANTLER; HARRIS, 1998, p. 104).

Fonte: elaborado pelo pesquisador a partir das ideias de Barbeiro e Lima (2003), Prado (1989), Chantler e Harris (1998), Ferraretto (2014) e Lage (2009).

Em seguida, deve ser realizada uma simulação da fase de gravação da entrevista. Essa atividade será realizada a partir das pesquisas e dos roteiros de questões elaborados pelos estudantes. Como dois deles ficaram responsáveis pela pesquisa de um mesmo tema, eles realizarão a entrevista, revezando a função de entrevistador e entrevistado.

Os outros estudantes assistirão às simulações e procurarão fazer uma análise dessas produções. Como critérios, os aprendizes observarão os pontos enumerados no Quadro 40.

### **BLOCO 10 - *Audacity***

Por meio do *Audacity*, é possível realizar tarefas de produção de áudio, como gravar, editar, aplicar efeitos, misturar pistas, converter arquivos de áudio em diferentes formatos. Com o objetivo de compartilhar os conhecimentos sobre esse programa, organizamos as atividades elaboradas em três momentos que propõem-se a levar o estudante: a conhecer as ferramentas e recursos do programa; a realizar exercícios de fixação sobre as funcionalidades do programa; e a aprender a fazer a aplicação de alguns efeitos.

**Em qual (is) encontro (s) as atividades do bloco devem ser realizadas:** 9º encontro<sup>75</sup>.

**Quantidade de aulas previstas:** 3 aulas.

#### **Objetivos do bloco:**

- a) conhecer as ferramentas e recursos do *Audacity*;
- b) realizar exercícios de fixação sobre as funcionalidades do programa;
- c) aprender a fazer a aplicação de alguns efeitos.

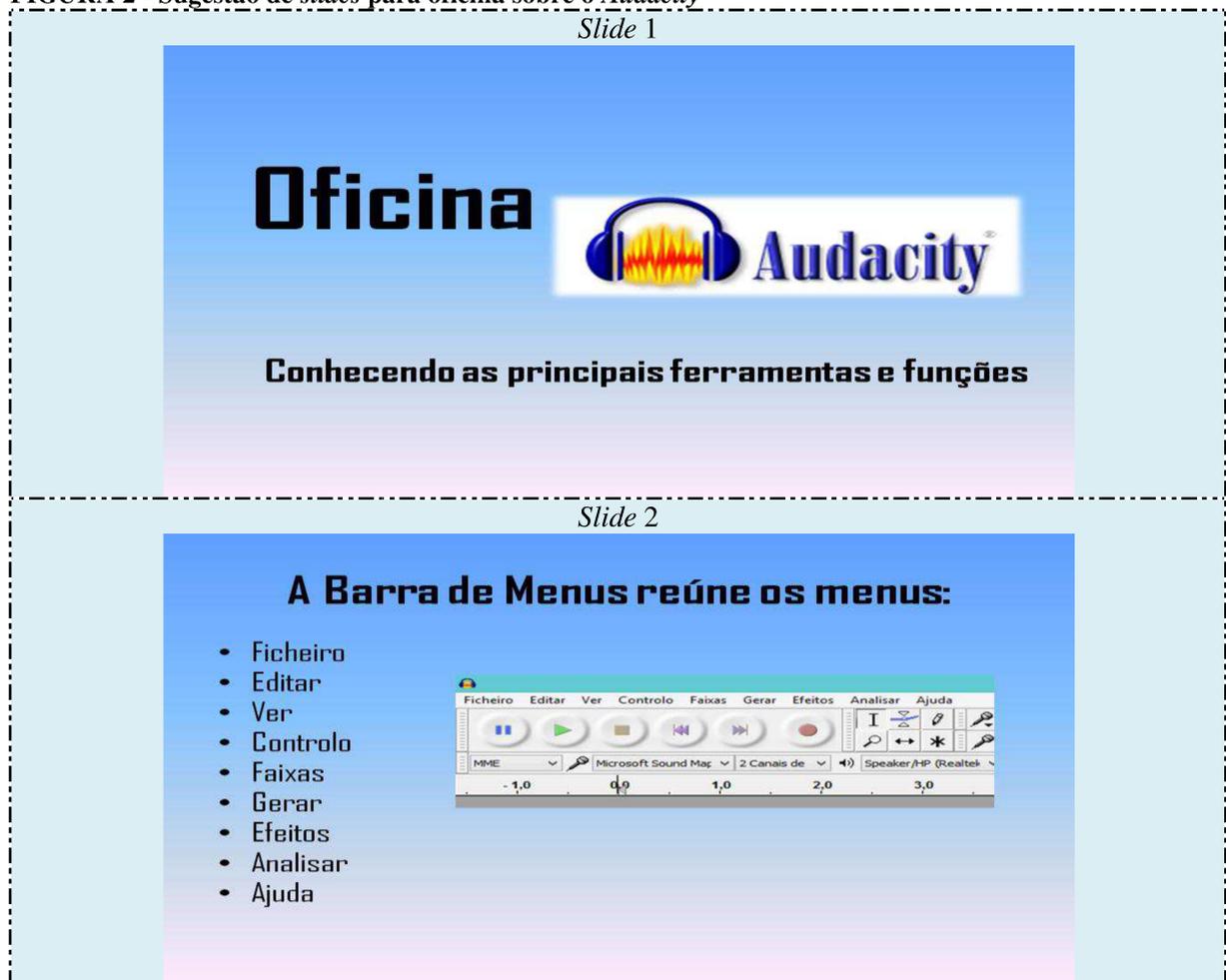
<sup>75</sup> Em caso de dúvidas, consulte o Quadro 7 apresentado na introdução deste capítulo.

## Conhecendo as ferramentas e recursos do Audacity

As atividades desta etapa serão realizadas no laboratório de informática. Após ligarem os computadores, acreditamos ser importante que os estudantes abram o programa *Audacity* e que testem o que estão aprendendo ao mesmo tempo em que são expostos às ferramentas e às funcionalidades. Para isso, é fundamental que esse *software* gratuito seja instalado previamente em todos os computadores.

Para que a aprendizagem seja mais significativa, convém que haja uma abertura por parte do professor para que os jovens realizem questionamentos e tirem suas dúvidas sobre o funcionamento do programa. Na figura a seguir, apresentamos uma sugestão de *slides* que devem ser projetados no *datashow* ou entregues em formato impresso aos estudantes.

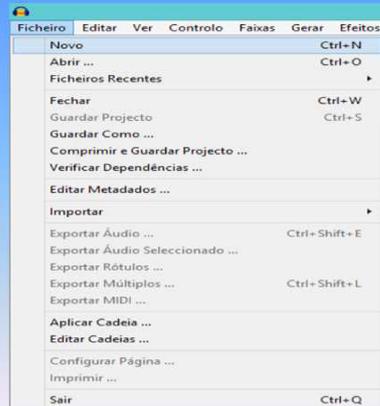
FIGURA 2 - Sugestão de *slides* para oficina sobre o Audacity



## Slide 3

## Menu Ficheiro

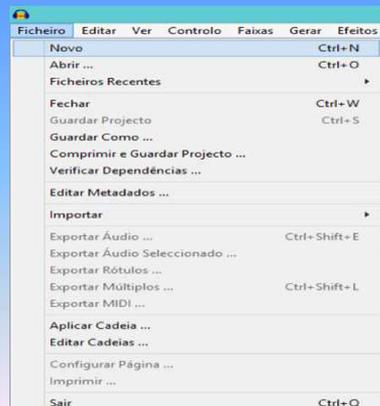
- **Novo** - Cria um arquivo em uma nova janela.
- **Abrir** - Abre janela de diálogo onde você pode escolher o arquivo que deseja abrir. Os formatos de arquivos reconhecidos pelo Audacity são WAV, AIFF, NeXT/AU, IRCAM, MP3, OggVorbis, MIDI, e o formato de arquivo do projeto Audacity (AUP).
- **Fechar** - Fecha a janela do projeto atual.



## Slide 4

## Menu Ficheiro

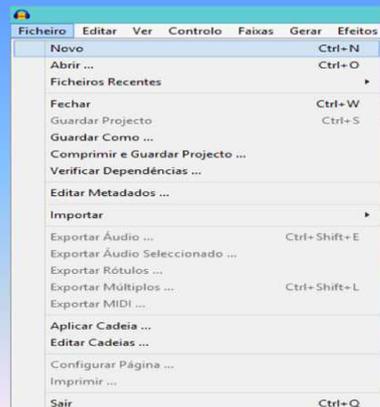
- **Guardar Projeto** - Salva o arquivo do projeto atual do Audacity em formato .aup.
- **Guardar Projeto Como** - Salva o arquivo do projeto atual do Audacity em formato .aup, permitindo que você dê-lhe um nome diferente ou mova-o para um novo local.



## Slide 5

## Menu Ficheiro

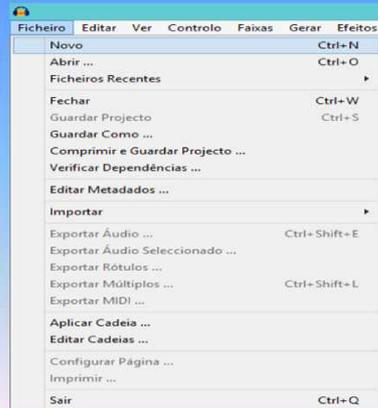
- **Importar** - Este comando é usado para importar o áudio de um formato áudio padrão no seu projeto. Use este comando se você já tiver um par de faixas, e se você quiser adicionar uma outra faixa ao mesmo projeto, para misturá-las.



## Slide 6

## Menu Ficheiro

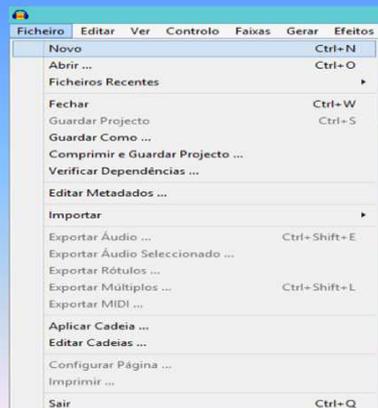
- **Exportar Áudio** - exporta o projeto atual do Audacity para um arquivo em formato .wav, .mp3, .ogg vorbis. Se for uma sessão multipista, elas serão misturadas automaticamente para este novo arquivo.



## Slide 7

## Menu Ficheiro

- **Exportar seleção** - exporta o trecho selecionado para um arquivo .wav, .mp3, ogg vorbis. Permite exportar apenas uma pista ou um trecho de uma pista. Este recurso é bastante útil para a produção de samples (trechos, amostras) e loops a partir de uma faixa original.



## Slide 8

## Menu Ficheiro

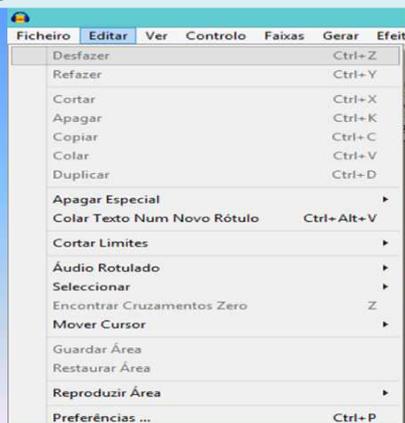
- **Sair** - Fecha todas as janelas de projetos do Audacity e encerra o programa. Ele irá perguntar se você quer salvar as mudanças em seu projeto. Não é necessário que você conserve mudanças se você exportar seu arquivo apenas como WAV ou MP3 e você tiver terminado de trabalhar com ele.



## Slide 9

## Menu Editar

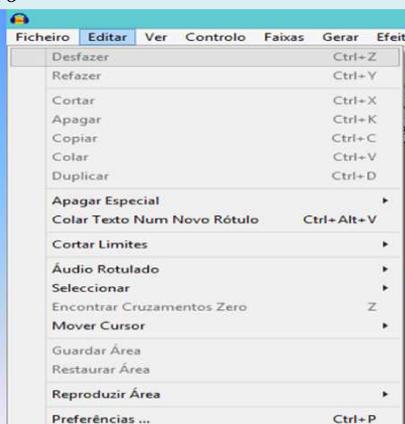
\* **Desfazer** - Este comando desfaz a última operação de edição no seu projeto. Você pode desfazer todas as operações de edição realizadas a partir do momento de abertura da janela.



## Slide 10

## Menu Editar

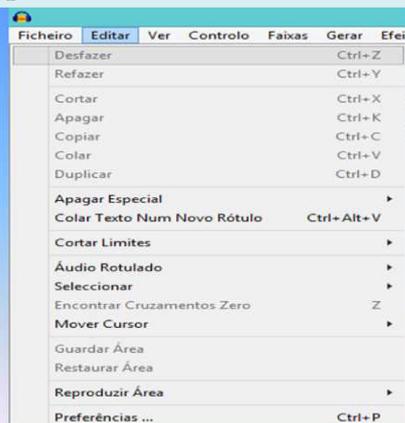
- **Refazer** - Este comando refaz a última operação de edição desfeita.
- **Cortar** - Remove os dados e os pontos do áudio selecionados no clipboard. Somente um "coisa" pode estar no clipboard no momento, mas essa "coisa" pode conter múltiplas faixas.



## Slide 11

## Menu Editar

- **Copiar** - Copia as informações de áudio selecionadas no clipboard sem removê-las do projeto.
- **Colar** - Introduz o que quer que estiver no clipboard na posição do cursor de seleção no projeto, substituindo os dados áudio que estão selecionados no momento, se alguns.
- **Duplicar** - Faz uma cópia do todo ou de uma parte da faixa ou de um jogo de faixas em faixas nova.



## Slide 12

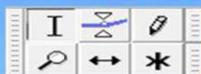
## Menu Ver

Neste menu são dispostas as opções de visualização da interface, zoom, barra de ferramentas, etc.



## Slide 13

## Barra de Ferramentas Ferramentas do Mouse



As ferramentas definem o funcionamento do mouse sobre as faixas de áudio. Ao clicar num dos botões apresentados a seguir, o mouse adquire determinadas características.

São elas:

 **Seleção:** permite que você selecione trechos de áudio para edição.

 **Envelope:** ferramenta de automação do volume da pista de áudio.

## Slide 14

## Barra de Ferramentas Ferramentas do Mouse



 **Desenho:** para editar manualmente cada amostra de som (você precisa aumentar o zoom até ver cada amostra individualmente para usar a ferramenta de Desenho).

 **Zoom:** para aumentar a visualização das amostras. Segurar na tecla shift para diminuir a visualização das amostras

 **Time Shift:** para mover os trechos de som selecionados.

 **Multiferramenta:** ferramenta de múltipla função: dependendo da posição em que você deixa o cursor, ele assume o comportamento de uma ferramenta diferente.

## Slide 15

## Controles do Cursor



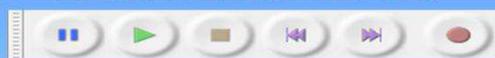
Botões para controlar a operação do Cursor de Áudio (Play Head).

## São eles:

-  **Pausa:** Interrompe temporariamente a ação do Cursor até que o botão seja acionado novamente.
-  **Reproduzir:** Reproduz o som a partir de onde o Cursor estiver. Se houver algum trecho selecionado, apenas ele será reproduzido.

## Slide 16

## Controles do Cursor



 **Loop:** Ao apertar a tecla shift de seu teclado, o botão reproduzir transforma-se no botão loop, que reproduzirá o som do trecho selecionado repetidamente/ciclicamente.

 **Parar:** Interrompe a reprodução, ou a gravação.

## Slide 17

## Controles do Cursor



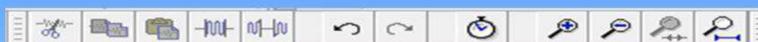
 **Retornar ao início:** Move o Cursor para o início da pista (tempo 0).

 **Avançar até o final:** Move o Cursor até o final da última pista.

 **Gravar:** Inicia a gravação de nova pista a partir da localização do Cursor.

## Slide 18

## Atalhos

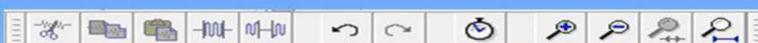


Acesso rápido às funções de edição e visualização mais comuns do Audacity:

-  **Cortar:** enviar um trecho de áudio para a área de transferência e apagá-lo da área de trabalho.
-  **Copiar:** enviar um trecho de áudio para a área de transferência, mantendo-o na área de trabalho.
-  **Colar:** colar um trecho de áudio que está na área de transferência.

## Slide 19

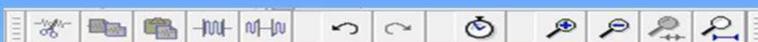
## Atalhos



-  **Apagar tudo fora da seleção:** limpar tudo o que não está selecionado.
-  **Silenciar seleção:** limpar tudo o que está selecionado.
-  **Desfazer:** voltar à última ação realizada.
-  **Refazer:** refazer a próxima ação (após um comando "desfazer").

## Slide 20

## Atalhos



-  **Mais zoom:** visualizar o trecho de áudio em detalhes.
-  **Menos zoom:** visualizar o trecho de áudio com menos detalhes.
-  **Ajustar zoom à seleção:** ajustar o zoom para visualizar toda a seleção atual.
-  **Ajustar zoom a todo o projeto:** ajustar o zoom para visualizar todo o arquivo.

Slide 21

Comandos do Menu Ficheiro	Comandos do Menu Editar
Novo Projeto: CTRL+N	Cortar: CTRL+X
Abrir Projeto: CTRL+O	Copiar: CTRL+C
Fechar Projeto: CTRL+W	Colar: CTRL+V
Salvar Projeto: CTRL+S	Apagar: CTRL+K
Preferências; CTRL+P	Duplicar: CTRL+D
	Selecionar tudo: CTRL+A
	Desfazer: CTRL+Z
	Refazer: CTRL+R

Fonte: elaborado pelo pesquisador a partir da tradução livre de trechos do Manual Online do *Audacity*,<sup>76</sup> organizado para a versão 1.2.3, por Anthony Oetzmann e Dominic Mazzoni.

### Fixando o conhecimento acerca das atividades de edição

Para esta etapa, a partir das ferramentas e funcionalidades aprendidas no momento anterior, com o intuito de fixar o conhecimento acerca das atividades de edição é pertinente que os estudantes realizem no *Audacity* alguns comandos, como os descritos no quadro a seguir. Para que os estudantes se orientem melhor, este exercício deve ser entregue, em formato impresso.

#### QUADRO 41 - Comandos para a realização de edição no *Audacity*

- 1 - Gravar voz no *Audacity*.
- 2 - Salvar arquivos gravados.
- 3 - Importar arquivos de áudio.
- 4 - Cortar, colar e copiar trechos do áudio importado.
- 5 - Mover arquivos de áudio em uma mesma pista ou entre pistas diferentes.
- 6 - Reduzir e ampliar a visualização de trechos selecionados.
- 7 - Deletar trechos de áudio.

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

### Conhecendo e aplicando efeitos

Convém que os estudantes conheçam alguns efeitos e saibam aplicá-los. Ainda no laboratório de informática, propomos que os educandos estejam com o programa *Audacity* aberto e que testem o que estão aprendendo. Para orientar o ensino dos efeitos, elaboramos *slides*, apresentados na figura a seguir, que devem ser projetados em *datashow* ou entregues,

<sup>76</sup> A tradução livre de trechos do manual online do *Audacity* está disponível em: [http://www.participa.br/articles/public/0006/2529/manual\\_audacity.pdf](http://www.participa.br/articles/public/0006/2529/manual_audacity.pdf)

em formato impresso, aos jovens. Se os discentes apresentarem dúvidas, ressaltamos a necessidade de esclarecê-las.

**FIGURA 3 - Sugestão de slides sobre a aplicação de efeitos no Audacity**

*Slide 1*

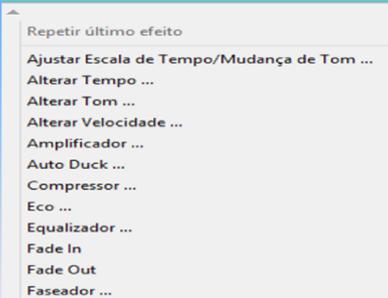
### Aplicar efeitos

1. Selecione a pista, ou trecho da pista, em que deseja aplicar efeito clicando e arrastando o mouse (como ferramenta de Seleção).
2. Selecione a opção Efeitos (alt+c) na Barra de Menus localizada no canto superior da tela.
3. Escolha o efeito desejado.
4. Configure as opções do efeito escolhido.
5. Caso deseje escutar pequena amostra de como ficou o som com o efeito, selecione a opção Preview.
  - a. Clique em OK. O efeito será aplicado no trecho selecionado.
  - b. Não gostou, desfazer. Clique em desfazer no menu Edit (ou tecle CTRL+Z). Você pode desfazer o que fez quantas vezes quiser.

*Slide 2*

### Menu Efeitos

- **Amplificador** - Esse efeito permite aumentar ou diminuir o volume da faixa. Quando você abre a caixa de diálogo, o Audacity calcula automaticamente o valor máximo que você pode amplificar do áudio selecionado sem causar distorsão (áudio muito alto).



*Slide 3*

### Menu Efeitos

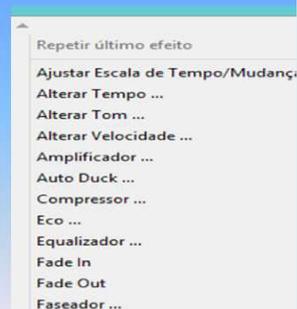
- **Eco** - Um simples atraso. Esse efeito repete o áudio selecionado várias vezes, diminuindo sua intensidade a cada repetição. Existe um tempo fixo entre cada repetição. Primeiro selecione o áudio onde você quer aplicar o efeito. Você pode adicionar primeiro um "silêncio" para que o eco "morra" aos poucos.



## Slide 4

## Menu Efeitos

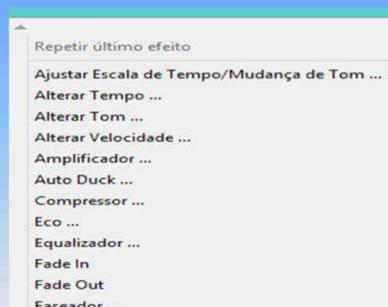
- **Eco** - Quando você selecionar esse efeito, o Audacity pedirá dois números. O primeiro é o espaço entre os ecos, em segundos. O segundo valor é o fator de declínio do som, esse número varia entre 0 e 1. Um fator de declínio de 0 significa "sem eco", e um fator de declínio de 1 significa que cada eco terá o mesmo volume do som original. Um valor de 0.5 significa que a amplitude do som será cortada pela metade a cada eco, então ele irá desaparecer lentamente. Valores menores farão que o som "morra" mais rapidamente.



## Slide 5

## Menu Efeitos

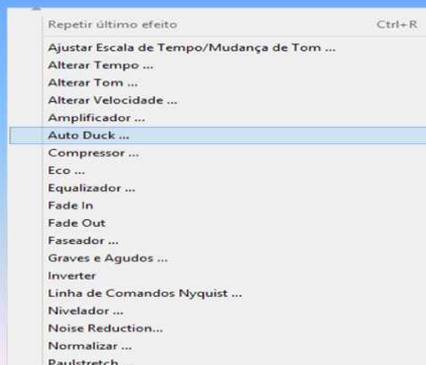
- **Fade In** - Aplicado quando se deseja um aumento de volume linear no áudio selecionado.
- **Fade Out** - Aplicado quando se deseja uma diminuição do volume linear no áudio selecionado.



## Slide 6

## Menu Efeitos

- **Auto Duck** - reduz o volume de uma ou mais faixas selecionadas sempre que o volume de uma única "faixa de controle" não selecionada colocada abaixo alcance um determinado nível de limiar. Usado para criar uma música de fundo em produções de rádio.



Fonte: elaborado pelo pesquisador a partir da tradução livre de trechos do Manual Online do Audacity,<sup>77</sup> organizado para a versão 1.2.3, por Anthony Oetzmann e Dominic Mazzoni.

<sup>77</sup> A tradução livre de trechos do manual online do Audacity está disponível em: [http://www.participa.br/articles/public/0006/2529/manual\\_audacity.pdf](http://www.participa.br/articles/public/0006/2529/manual_audacity.pdf)

## BLOCO 11 - Análise e produção de vinhetas de rádio

Este bloco contemplará a análise e a produção de vinhetas para a rádio e para o programa de entrevista.

**Em qual (is) encontro (s) as atividades do bloco devem ser realizadas:** 10º encontro<sup>78</sup>.

**Quantidade de aulas previstas:** 3 aulas.

### Objetivos do bloco:

- a) Brincar com as sílabas poéticas com o objetivo de trabalhar com o ritmo, com a entonação e com o canto;
- b) conhecer e discutir o conceito de vinheta;
- c) analisar a estrutura e a composição de vinhetas de rádio;
- d) definir o ritmo, a entonação e o modo (cantado ou falado) da locução e a música que servirá de BG (*background*);
- e) produzir vinhetas para a rádio e para o programa de entrevista.

### Trabalhando com o ritmo, com a entonação e com o canto

O trabalho com o ritmo, com a entonação e com o canto pode ajudar na produção das vinhetas. Por isso, propomos que sejam realizadas atividades em que os estudantes possam colocar em prática a sua criatividade.

Nesse sentido, acreditamos ser relevante levar alguns poemas, em formato impresso, para a sala e propor que os estudantes brinquem com as sílabas poéticas. Inicialmente, trabalharemos com o ritmo das sílabas, lendo-as devagar, moderada ou rapidamente. Depois exercitaremos a entonação, destacando ou não as sílabas. Para isso, proporemos que as pronunciem sussurrando ou emitindo-as com mais força. Por último, solicitaremos que associem os versos a alguma melodia, conhecida ou não.

<sup>78</sup> Em caso de dúvidas, consulte o Quadro 7 apresentado na introdução deste capítulo.

## Definindo as vinhetas

Inicialmente, discutiremos com os estudantes se sabem o que é uma vinheta e se poderiam dar exemplos das que se lembram. Logo depois, para solidificar mais a ideia do que seja uma vinheta, entregaremos a eles, em formato impresso, o conceito presente no Dicionário de Comunicação de Rabaça e Barbosa (1978). No quadro seguinte, apresentamos essa definição que deverá ser lida e discutida com os jovens.

### QUADRO 42 - Definição de vinheta

#### O que é uma vinheta?

A vinheta é uma identificação breve da estação, do programa, do patrocinador, ou do apresentador de um programa de TV ou rádio, no início ou no fim de cada intervalo. É constituída, geralmente, de uma frase musical, com ou sem texto.

Fonte: Dicionário de Comunicação de Rabaça e Barbosa (1978, p. 479).

## Analisando a estrutura e a composição de vinhetas de rádio

Selecionamos algumas vinhetas das rádios CBN<sup>79</sup>, Antena 1<sup>80</sup> e Jovem Pan<sup>81</sup> que devem ser escutadas com os estudantes, prestando atenção nos mecanismos usados para a sua elaboração.

No quadro a seguir, apresentamos alguns questionamentos que devem ser entregues, em formato impresso, aos aprendizes para que analisem as vinhetas escutadas.

### QUADRO 43 - Perguntas para a análise de vinhetas

#### Para análise da vinheta da rádio CBN

1. A vinheta é composta por quais elementos?

#### Para análise das vinhetas das rádios Jovem Pan e Antena 1

1. A vinheta é composta por quais elementos?

2. Você ouviu as várias vinhetas da Rádio Jovem Pan e da Antena 1. Os elementos usados na composição permanecem os mesmos em todas as vinhetas? Se há variação, o que muda?

3. Qual o efeito causado pelo uso permanente de alguns elementos ao longo do tempo?

4. Como é a entonação da voz em cada vinheta? É falada ou cantada?

5. Como é o ritmo da voz usada em cada vinheta? Observe como são pronunciadas as palavras "jovem" e "pan", "antena" "um".

6. Como é a intensidade da música na vinheta? O volume da música permanece o mesmo durante toda a vinheta?

7. A partir das vinhetas analisadas e do conceito extraído do Dicionário de Comunicação, o que podemos concluir sobre a locução, a música e os efeitos usados nelas?

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

<sup>79</sup> O áudio da vinheta da rádio CBN está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TO7n15u5F4I>

<sup>80</sup> Os áudios das vinhetas da rádio Antena 1 estão disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=BxIQdSs5Jcg>

<sup>81</sup> Os áudios das vinhetas da rádio Jovem Pan estão disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=Nlk2rSwIZkk>

### Definindo as características das vinhetas da rádio e do programa de entrevista

Neste momento, propomos a tomada de decisões coletivas. Para elaborar vinhetas para a rádio e para o programa de entrevista, precisaremos definir com os estudantes a música que servirá de BG e o modo (cantado ou falado) dos elementos informativos que farão parte da vinheta. Nesse sentido, acreditamos ser importante que as diferentes opiniões sejam escutadas e respeitadas e que as decisões sejam tomadas coletivamente.

### Gravando e editando as vinhetas da rádio e do programa de entrevista

Nesta etapa, realizaremos a gravação da vinheta para a rádio e para o programa de entrevista. Inicialmente, será realizado um trabalho de ritmo e entonação com os elementos informativos (nome, slogan) da rádio e do programa.

Para atingirmos um resultado satisfatório, a participação dos estudantes é fundamental na realização deste momento. Por isso, devem ser motivados para que deem as suas contribuições. Todas as sugestões devem ser gravadas e escutadas. Ao final, acreditamos ser importante decidir coletivamente aquela que acreditam ser a melhor opção.

Com esse resultado em mãos, os estudantes colocarão em prática os conhecimentos aprendidos na oficina sobre o *Audacity* e editarão as vinhetas. Para isso, deverão selecionar o trecho do áudio que deve permanecer na vinheta e o trecho da música que será usado como BG. Após a realização dessa seleção, deverão importar os dois arquivos em um mesmo documento, movendo o áudio para que seja iniciado no momento de preferência deles. Logo depois, eles deverão aplicar os efeitos aprendidos na oficina: *auto duck*<sup>82</sup>, *fade in*<sup>83</sup> e *fade out*<sup>84</sup>.

## BLOCO 12 - Produção Final: produção, gravação, edição, transmissão e avaliação

O último bloco contemplará a realização da produção final. Para isso, organizamos as atividades propostas em quatro momentos: a produção, a gravação, a edição e a transmissão.

<sup>82</sup> O efeito *Auto Duck* reduz o volume de uma ou mais faixas selecionadas, sempre que o volume de uma única faixa de controle não selecionada, colocada abaixo, alcance um determinado nível de limiar. Esse efeito é usado para criar uma música de fundo em produções de rádio.

<sup>83</sup> O efeito *Fade In* é aplicado quando se deseja um aumento de volume linear no áudio selecionado.

<sup>84</sup> O efeito *Fade Out* é aplicado quando se deseja uma diminuição do volume linear no áudio selecionado.

**Em qual (is) encontro (s) as atividades do bloco<sup>85</sup> devem ser realizadas:** Do 11º ao 20º encontro<sup>86</sup>.

**Quantidade de encontros para as gravações:** 5.

**Quantidade de encontros para as edições:** 5.

### **Objetivo do bloco:**

a) produzir, gravar, editar e transmitir o programa de entrevista radiofônica.

### **Produção**

A primeira etapa deste bloco consiste em realizar atividades de produção, isto é, a definição do entrevistado, o convite, o agendamento e a decisão juntamente com a fonte de informação da forma como a entrevista será gravada (se face a face, por telefone ou por *WhatsApp*). Acreditamos que essas atividades devem ser compartilhadas, ou seja, os estudantes não precisam realizá-las sozinhas e o professor pode auxiliá-los.

A tarefa de definir o entrevistado exige pesquisa e conhecimento de pessoas que tenham propriedade para falar sobre os assuntos definidos na reunião de pauta. Com esses nomes determinados, é chegado o momento de entrar em contato e de fazer o convite para a concessão da entrevista. Nesse sentido, é importante que, ao possível entrevistado, sejam dadas informações sobre o programa de entrevista, como o seu objetivo, duração, público-alvo e local de transmissão. Essas informações deverão ser apresentadas em um modelo oficial de convite.

Ainda nesse contato, devem ser agendados o local, o dia e a hora que a gravação será realizada e a forma que ela assumirá. Sabemos que, se a entrevista fosse realizada face a face, poderia acontecer uma boa troca entre entrevistador e entrevistado. No entanto, temos ciência de que muitas fontes de informação têm uma agenda cheia e isso poderia impedir a realização da entrevista. Por isso, mais do que dar prioridade à entrevista face a face, daremos preferência à realização dela, independentemente de sua forma de realização.

---

<sup>85</sup> Não contabilizamos o tempo previsto para as atividades de produção e de transmissão dos programas, pois são atividades que serão realizadas em uma temporalidade diferente como pode ser observado nas ações descritas neste bloco.

<sup>86</sup> Em caso de dúvidas, consulte o Quadro 7 apresentado na introdução deste capítulo.

## Gravação

O próximo passo será a gravação dos programas. A partir do agendamento realizado com os entrevistados, é importante elaborar um cronograma em que sejam gravados até três programas em um mesmo dia.

Para isso, é importante que os recursos necessários à gravação sejam providenciados. Assim, a gravação poderá ser face a face por meio de gravador ou celular que tenha essa funcionalidade, por meio de ligação telefônica com o programa *TapeACaal*<sup>87</sup> e por meio de áudios com o programa *WhatsApp*.

Além disso, é preciso recomendar aos estudantes que devem recordar e colocar em prática todos os conhecimentos aprendidos ao longo das atividades realizadas no projeto.

## Edição

A partir dos conhecimentos aprendidos sobre o *software Audacity*, os estudantes realizarão a edição da entrevista. Esse trabalho necessita de uma atenção individualizada e pode ser realizado em duplas. Acreditamos que o professor deva acompanhar todo o processo com intuito de esclarecer eventuais dúvidas.

## Transmissão dos programas pelos estudantes/ouvintes

Para a fase de transmissão, será necessário ter o arquivo editado em um dispositivo confiável (*pen drive* ou *CD*), um computador, caixas de som e os cabos necessários para fazer a conexão dos equipamentos. Tendo em vista a pontualidade, é importante que os equipamentos sejam montados com antecedência.

Acreditamos que o horário ideal para a transmissão dos programas seja durante o intervalo da escola. Durante a transmissão, é necessário que os estudantes/participantes acompanhem a qualidade do som pela escola e que, percebendo ruídos e/ou problemas, possam buscar meios para solucioná-los.

É importante que os programas transmitidos sejam avaliados pelos estudantes/ouvintes em aspectos como temática, conteúdo, qualidade e outros pontos que possam contribuir para o seu aperfeiçoamento.

---

<sup>87</sup> *TapeACaal* é um aplicativo que permite gravar as chamadas feitas e recebidas por meio do *iPhone*.

Essa avaliação deve ser feita por meio de um formulário impresso e entregue a aproximadamente dez estudantes/ouvintes a cada transmissão realizada. No que se refere ao modelo de questionário para essa avaliação, acreditamos que o ideal seja construir juntamente com os participantes da pesquisa, levando em conta os aspectos citados no parágrafo anterior.

### **Avaliação do projeto pelos participantes**

Como última etapa da aplicação da proposta, é necessário fazer uma avaliação dos participantes sobre as atividades propostas. Com esse objetivo, após a transmissão de todos os programas, acreditamos ser essencial marcar um encontro para que os estudantes apresentem as suas opiniões. É importante que os aprendizes manifestem suas impressões acerca das atividades desenvolvidas no Projeto de Rádio, apresentando aspectos positivos e negativos que aconteceram durante todas as etapas: desde as atividades com o gênero entrevista radiofônica até a experiência de edição por meio do programa *Audacity*.

## **6 A PROPOSTA APLICADA: O RELATO, A AVALIAÇÃO FEITA PELOS ESTUDANTES E A ANÁLISE**

O foco deste capítulo está na descrição dos resultados da aplicação. Nesse sentido, com o propósito de organizarmos o texto, fizemos a estruturação em três seções. Na primeira, apresentamos o relato de aplicação. Logo depois, na segunda, trazemos a avaliação da proposta de multiletramentos feita pelos estudantes. Já na última seção, o foco recai na análise da aplicação, na qual buscamos discutir: como se configurou, nas ações desenvolvidas, o protagonismo dos aprendizes; como e quais aspectos foram favoráveis ou conflitantes na apropriação do gênero; e como as atividades previstas se apresentaram em relação aos princípios empregados para encaminhar uma pedagogia dos multiletramentos.

### **6.1 Relato da aplicação da proposta**

Conseguimos aplicar as ações planejadas para os onze primeiros blocos da proposta no tempo previsto<sup>88</sup>, ou seja, em dez encontros de três horas/ aula. Entretanto, necessitamos usar mais cinco encontros para as atividades de gravação e edição, além dos dez programados<sup>89</sup> para o bloco doze. Posteriormente, na parte em que relatamos a aplicação do último bloco, expusemos os motivos que nos levaram a necessitar de um tempo maior.

Para estruturarmos melhor o relato, decidimos adotar a mesma organização da descrição das atividades previstas, detalhada no capítulo anterior. Deste modo, dividimos esta seção, dedicada ao relato dos exercícios aplicados, em doze partes, obedecendo à mesma divisão dos blocos que compõem a proposta.

#### **6.1.1 Relato do primeiro bloco**

Na escola, em que a proposta foi aplicada, havia seis turmas de nono ano do Ensino Fundamental. A fim de selecionarmos os participantes, fizemos o convite a todos os

---

<sup>88</sup> Ver no Quadro 7, na introdução do capítulo cinco. Nele é possível observar o tempo que previmos para a execução dos 11 primeiros blocos.

<sup>89</sup> Ver no Quadro 8, na introdução do capítulo cinco. Nele é possível observar o tempo que previmos para a execução do 12º bloco.

estudantes desse ano de ensino. Entretanto, para participar do projeto era necessário ter disponibilidade para comparecer aos encontros semanais no turno contrário<sup>90</sup>.

Apesar de muitos quererem fazer parte, apenas doze estudantes compareceram ao primeiro encontro. Observando as justificativas dadas pelos alunos - que se interessaram pela construção de uma rádio na escola, mas tinham alguma espécie de impedimento - percebemos que a maioria não pôde participar pela incompatibilidade de horário do projeto e outros compromissos previamente assumidos por eles.

No primeiro encontro, procuramos realizar as atividades previstas para o bloco um. Inicialmente, realizamos uma conversa para que os estudantes pudessem compreender os objetivos da proposta. Esse momento foi muito importante, pois a partir dele alguns participantes começaram a dar as suas contribuições para enriquecer as ações que seriam desenvolvidas.

Primeiramente, conversamos sobre o gênero que seria trabalhado. Eles estavam muito empolgados e queriam realizar vários programas radiofônicos de uma só vez, mas entenderam que para ter qualidade era preciso começar mais devagar, pois primeiro era necessário se apropriar das especificidades de um gênero, para depois partir para outros. Deste modo, decidimos que iríamos começar com apenas um programa, mas que, se continuássemos com o projeto de rádio, aos poucos, acrescentaríamos outros à programação.

Logo depois, dialogamos sobre o público-alvo e sobre a forma que os programas assumiriam. Ao conversarmos sobre isso, uma estudante trouxe a ideia da realização de uma avaliação para a observação de como o público receberia os programas. Esse diálogo pode ser observado a seguir.

- (1) **Kloe**<sup>91</sup> - Professor, a gente podia também... Quando eu pensei nisso, fiquei meio triste, mas a gente podia, no decorrer de quando a gente começar a apresentar os programas, a gente podia perguntar pro pessoal o que eles tão achando... aí se a resposta for negativa, o que a gente vai fazer?

**Professor** - Sempre tem de ter esse feedback, esse retorno, se a resposta for negativa, a gente vai tentar melhorar. É esse o caminho.

(Trecho da gravação do encontro do dia 04/05/2017)

---

<sup>90</sup> Fizemos os encontros no turno contrário por decisão da direção da escola onde a proposta foi aplicada. Preocupados com o conteúdo das disciplinas oferecidas no turno regular, os gestores sugeriram que as atividades fossem realizadas no contraturno.

<sup>91</sup> Os nomes dos estudantes presentes nesta dissertação são fictícios. São pseudônimos, escolhidos por eles, que os acompanharam durante toda a pesquisa. O uso de pseudônimos garante o sigilo da identidade dos participantes, conforme exige a Resolução CNS 466/12.

A partir desse questionamento, decidimos adotar uma avaliação que foi feita a cada transmissão com o intuito de perceber como o público estava recebendo o programa. Com ela, foi possível ter um retorno dos ouvintes, percebendo os aspectos que precisávamos melhorar.

Ao discutirmos sobre quem participaria das produções, a mesma jovem argumentou sobre a necessidade de serem entrevistados representantes de áreas diversificadas. Assim, podemos acompanhar a sugestão dessa estudante a seguir.

- (2) **Kloe** - Eu acho essa interação muito importante. Tipo assim, é claro que vai ter momento que eu acho importante a gente trabalhar fazendo entrevistas com pessoas importantes. Por exemplo, a gente podia ter um dia pra abordar a obesidade infantil e na adolescência e a gente podia, sim, trazer um nutricionista. E eu conheço um nutricionista. Mas também podia ter momentos que a gente fosse falar, por exemplo, da cultura do rap na sociedade. E eu conheço MCs. Então, a gente podia trazer todo tipo de conteúdo.

**Professor** - É essa a ideia. Trazer todo o tipo de conteúdo. Mas é claro que sempre vai passar por todos. Então, a decisão será coletiva. Se alguém não concordar com determinado conteúdo, deverá apresentar seus argumentos para que possamos discutir.

(Trecho da gravação do encontro do dia 04/05/2017)

A partir dessa discussão, foi necessário explicar que futuramente realizaríamos reuniões de pauta em que decidiríamos e definiríamos coletivamente os temas e as fontes entrevistadas.

Em seguida, conversamos brevemente sobre as ferramentas que seriam utilizadas durante a aplicação das atividades e sobre as etapas do projeto de rádio. Um estudante garantiu já ter usado programas de edição e assegurou aos outros ser um trabalho muito interessante. Outra estudante afirmou estar muito ansiosa pela chegada desse momento.

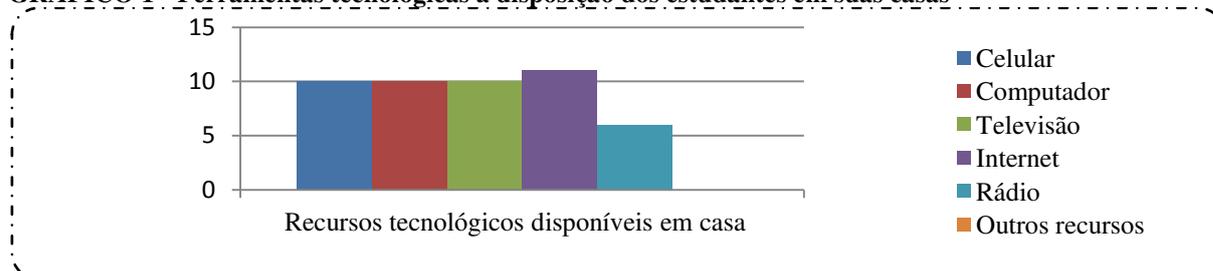
Finalizada essa conversa, fomos para o laboratório de informática e iniciamos o preenchimento de um questionário<sup>92</sup> no *Google Docs* para conhecer os estudantes e os problemas que envolvem a escola e a comunidade. Como plano B, levamos o mesmo questionário impresso, no entanto, não foi necessário utilizá-lo.

Apesar de termos preenchido os questionários pela internet, é relevante destacar que a velocidade dela era muito lenta e que o sinal se apresentava instável. Por isso, alguns estudantes tiveram de preenchê-lo mais de uma vez. Deste modo, gastamos cerca de uma hora para finalizar essa atividade.

Terminado o preenchimento dos questionários, discutimos na mesma hora os dados gerados no *Google Docs*. Com a primeira questão, foi possível conhecer um pouco sobre as ferramentas tecnológicas que os estudantes dispunham em casa. O gráfico, a seguir, apresenta essa informação.

---

<sup>92</sup> Este questionário pode ser consultado no quadro 9 e está localizado no primeiro bloco do capítulo cinco.

**GRÁFICO 1 - Ferramentas tecnológicas à disposição dos estudantes em suas casas**

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Dos doze participantes, dez afirmaram ter acesso ao celular, ao computador e à televisão; onze, à internet; e apenas seis garantiram ter acesso ao rádio. Eles não citaram outros recursos tecnológicos a que pudessem ter acesso. Essas informações eram necessárias para investigar a possibilidade ou não de realização de atividades com essas ferramentas em casa, como pesquisas sobre os temas das entrevistas. Já que a maioria assegurou possuí-las, pudemos prosseguir as ações planejadas, explorando o seu uso normalmente.

Além disso, o questionário também possibilitou traçar um perfil dos estudantes. Sobre a sua relação com a música, pudemos constatar que a maioria dos participantes não gosta apenas de um estilo musical e que o seu gosto é diversificado. O gráfico seguinte revela os gostos musicais dos jovens envolvidos na pesquisa.

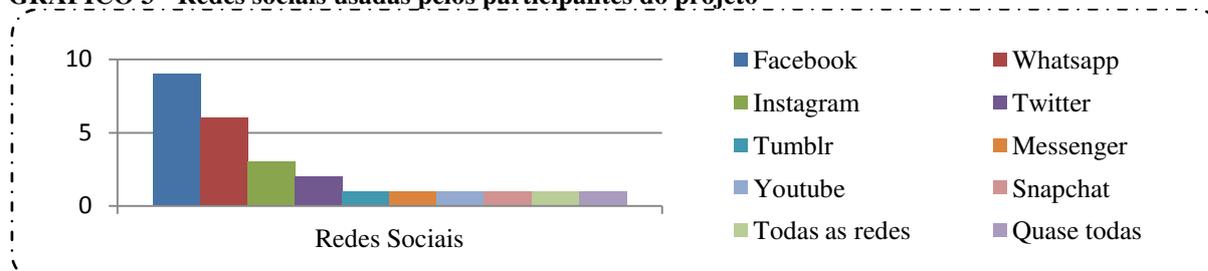
**GRÁFICO 2 - Preferência de estilos musicais dos estudantes**

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Diante desses dados, procuramos refletir sobre o resultado dessa questão com os estudantes. A partir dessa discussão, os participantes levantaram a necessidade de o programa ter músicas, além do conteúdo informativo para atrair o público, já que os outros alunos da escola estavam habituados a sempre ouvirem uma programação musical no horário do intervalo. Como essa opinião era unânime entre eles, decidimos juntos que o programa teria também esse conteúdo.

Outra informação que buscamos investigar com o questionário foi sobre as redes sociais das quais os estudantes faziam uso em seu dia a dia. O gráfico, a seguir, revela o resultado encontrado.

**GRÁFICO 3 - Redes sociais usadas pelos participantes do projeto**

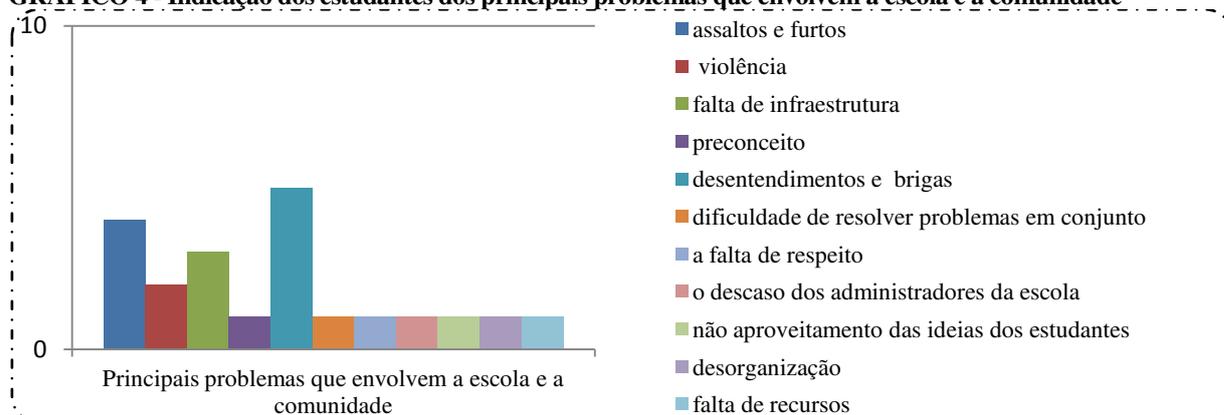


Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Como a maior parte dos estudantes informaram usar o *Facebook* e o *WhatsApp*, decidimos usar uma dessas redes sociais para estabelecer a comunicação entre nós. Com esse objetivo, um estudante registrou em uma folha de papel todos os números de celular, criou um grupo de *WhatsApp* e adicionou todos aqueles que tinham acesso a essa ferramenta.

Com o questionário, os estudantes apontaram também os principais problemas que envolvem a escola e a comunidade. Acreditamos ser importante destacar que a questão para esse levantamento era aberta e que os jovens eram livres para citar mais de um problema. Por isso, o gráfico, a seguir, apresenta o número de vezes que cada problema foi citado pelos participantes da pesquisa.

**GRÁFICO 4 - Indicação dos estudantes dos principais problemas que envolvem a escola e a comunidade**



Fonte: elaborado pelo pesquisador

O levantamento dos problemas, além de servir para a escolha dos exemplares a serem usados no projeto, foi usado também como elemento norteador nas reuniões de pauta para a escolha dos temas das entrevistas a serem produzidas.

A última pergunta do questionário procurou conhecer os temas que interessavam aos estudantes e que eles gostariam de ouvir em um programa de entrevista. Muitos demonstraram não entender essa pergunta e não propuseram temas, mas conteúdos para o programa como músicas, pedidos de namoro, reconciliação de amizades, reportagens, notícias, curiosidades e depoimentos dos estudantes. Aqueles, que entenderam o questionamento, sugeriram os seguintes temas: a reforma do Ensino Médio; o preconceito contra os LGBTs; o racismo; a intolerância religiosa; e temas da área política e cultural.

A partir dos dados gerados nas duas últimas perguntas do questionário, decidimos as temáticas dos exemplares de entrevista que seriam usadas no projeto: intolerância, intolerância religiosa, racismo, escolha profissional e gravidez na adolescência. Acreditamos ser relevante esclarecer que os dois últimos temas não vieram das respostas do questionário, mas surgiram oralmente por meio do diálogo com os estudantes.

### **6.1.2 Relato do segundo bloco**

Na aula seguinte, aplicamos as atividades previstas para o segundo bloco. Iniciamos o encontro buscando explorar oralmente o conhecimento prévio dos estudantes sobre os tipos de rádio.

Por meio dos questionamentos, percebemos que os jovens não sabiam nomear os tipos de rádio. No entanto, alguns afirmaram ouvir a Jovem Pan e a Sara Brasil. Sobre a Jovem Pan, garantiram já terem ouvido músicas e jornais em sua programação. Além disso, lembraram-se de já terem escutado, na rádio, os anúncios de alguns pontos comerciais como da Casa do Automóvel, do Tatico<sup>93</sup>, do Cinemark e da Pizzaria São Paulo. Também sabiam que o principal objetivo do tipo de rádio que veicula esses anúncios era o lucro.

Essa primeira discussão serviu para provocar a reflexão sobre os objetivos de uma rádio escolar e intencionalmente a deixamos em aberto a fim de inquietá-los. Nesse primeiro momento, destacamos a importância dos estudantes terem clareza sobre os objetivos da rádio que seria construída.

Logo depois, os estudantes fizeram oralmente a leitura dos textos<sup>94</sup> sobre os tipos de rádio. A cada leitura, parávamos para conversar sobre as características do tipo de rádio lido. Dialogamos sobre os objetivos, o conteúdo da programação, o alcance e se possuíam ou não fins lucrativos e clientes.

---

<sup>93</sup> O Tatico é uma rede de supermercados presente no estado de Goiás e no Distrito Federal.

<sup>94</sup> Os textos citados podem ser consultados nos quadros 11, 12, 13 e 14.

Ao discutirmos sobre a rádio comercial, os estudantes perceberam que o seu objetivo principal era o lucro. Aproveitando essa percepção, pedimos que eles pensassem se a rádio escolar poderia seguir essa mesma finalidade e, em caso positivo, quem administraria e ficaria com o dinheiro envolvido. Com a leitura dos textos, os jovens concluíram que a rádio escolar não deveria possuir fins lucrativos.

Ao lermos sobre as rádios comunitárias, uma estudante questionou como elas conseguem se manter sem ter fins lucrativos. Lembramos que essas rádios podem admitir patrocínio, sob a forma de apoio cultural, para os programas a serem transmitidos, desde que restritos aos estabelecimentos situados na área da comunidade atendida.

Logo depois, iniciamos uma discussão sobre os procedimentos necessários para a criação de uma rádio escolar. Questionados sobre o que precisávamos para construir esse veículo na escola, os estudantes apontaram a necessidade de ter um bom ambiente para trabalhar.

Posteriormente, discutimos sobre a necessidade de escolha de um nome para a rádio. A seguir, apresentamos um pouco do diálogo com os participantes sobre como fazer isso democraticamente.

- (3) **Kloe** - Professor, eu acho que... tipo assim... apesar de... como a rádio vai ser pra escola que a gente ... sinceramente... quando eu entro num projeto desses que eu vou trabalhar pros outros que eu estou trabalhando em função da escola. Pra mim, eu penso assim, então eu não tenho mérito ou decisão nenhuma de escolha. Então, eu acho que assim, a gente podia abrir pelo menos pro matutino, pro vespertino não, não sei porque né, mas eu não creio que seria uma ideia que daria frutos. Eu não sei, né. É só um ponto de vista.

**Professor** - Como seria essa abertura? Cada turma passaria um nome?

**Kloe** - Não. A gente poderia fazer tipo uma urna. A gente mesmo fazer. E pendurar ela em algum lugar e tipo passar de sala em sala avisando sobre o que está acontecendo.

**Valéria** - Mas professor... Somos nós que estamos dando início a esse projeto. Então, nós somos é... o elenco disso, né? Então, eu acho que a decisão disso é nossa.

**Professor** - Mas você acha justo escolhermos sozinhos o nome de uma rádio que será da escola?

**Valéria** - Se uma pessoa vai escolher o nome, por exemplo, em uma rádio comunitária, ela não vai perguntar para toda a comunidade pra saber qual é o nome que ela acha mais legal.

**Bits** - Concordo com ela (apontando para Kloe). A gente podia separar... sei lá 5 nomes para o nome da rádio e passava nas salas, pedia um tempo pros professores, né, e fazia uma votação.

**Kloe** - A gente pode passar nas salas avisando que uma urna vai estar em determinado local da escola para receber sugestões de nomes. A gente pode deixar ela lá por alguns dias para receber as sugestões e depois a gente seleciona os nomes e faz uma votação.

(Trecho da gravação do encontro do dia 11/05/2017)

Dessa forma, decidimos que alguns estudantes ficariam responsáveis pela elaboração de uma urna e que ela ficaria visível na recepção da escola com a finalidade de receber sugestões de nomes para a rádio escolar. Para que os outros alunos da escola ficassem cientes

sobre o que estava acontecendo, os participantes do projeto ficaram responsáveis em passar em todas as salas do turno matutino e do vespertino, avisando sobre a urna e a sua função.

Além disso, definimos que, após receber as sugestões de nomes, seria elaborada uma enquete de votação para que a escolha fosse realizada. Deliberamos também um cronograma de ações para esse processo. Assim, resolvemos que a urna ficaria durante uma semana na recepção da escola e que, na semana seguinte, seria disponibilizado um endereço eletrônico para que os estudantes pudessem votar.

Em seguida, fizemos a leitura do texto sobre o processo de criação de uma rádio escolar. E a partir dele, os estudantes puderam perceber que era necessário darmos sequência ao processo de escolha de um nome para a rádio e construirmos um projeto que estivesse vinculado ao projeto político pedagógico da escola. Foi possível também perceber que esse projeto deveria contemplar os objetivos, os conteúdos e uma divisão de responsabilidades.

Estávamos no laboratório de informática e, como os estudantes não sabiam o que era uma linha editorial, pedi que realizassem uma pesquisa, usando sites de buscas. Eles encontraram definições e também alguns exemplos que facilitaram a compreensão. Discutimos o conceito e os estudantes perceberam a importância de se ter um projeto que estabeleça os seus valores, oriente-os e ajude-os nas decisões sobre o que se deve ou não ser transmitido por meio da rádio.

Iniciamos a construção dessa linha editorial com a promoção de uma discussão entre os estudantes. Entretanto, entendemos que apenas iniciamos esse processo e que para termos uma construção mais efetiva seria necessária a participação de outros segmentos da escola. Só que essa participação não foi efetivada.

Apesar de termos encaminhado o endereço de um *link* com um questionário à direção da escola para que ela encaminhasse aos professores, coordenadores e outros membros da instituição, não obtivemos nenhuma resposta no *Google Docs*. Diante disso, questionamos aos membros da direção para saber o que poderia ter acontecido e eles afirmaram terem feito o encaminhamento solicitado. Como só tivemos a participação dos estudantes e do professor/pesquisador, não construímos uma linha editorial para a rádio escolar, mas apenas uma proposta inicial<sup>95</sup> dela (Apêndice A).

Com o propósito de construirmos a linha editorial, discutimos inicialmente quais deveriam ser os objetivos desse veículo de comunicação da instituição de ensino. Tomando como base os textos lidos sobre a rádio escolar, os estudantes juntos elegeram quatro

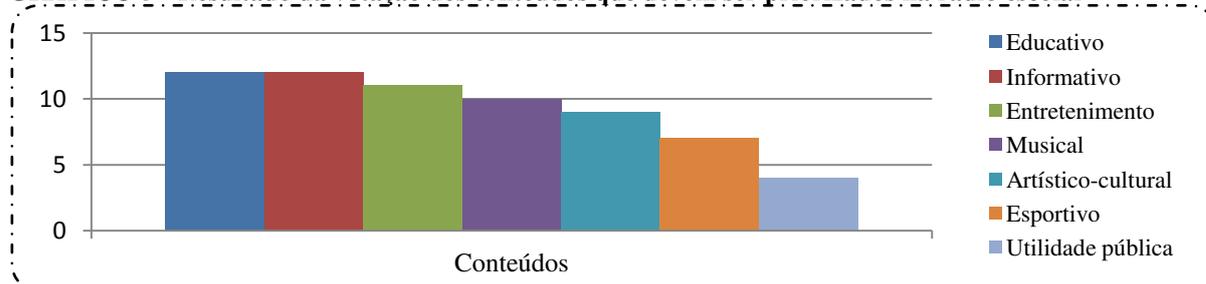
---

<sup>95</sup> A proposta inicial de uma linha editorial foi entregue à direção da escola e pode ser consultada no Apêndice A.

objetivos: i) intervir em problemas escolares e comunitários; ii) promover a interação e comunicação entre os membros da comunidade escolar; iii) promover a cultura local, regional e nacional; iv) transmitir conteúdos que busquem o desenvolvimento e a aprendizagem dos estudantes.

Logo depois, debatemos quais seriam os conteúdos dos programas da rádio escolar. Após montarmos uma lista com sete itens, fizemos uma votação entre eles para definir quais conteúdos deveriam ser priorizados. O gráfico, a seguir, ilustra o resultado.

**GRÁFICO 5 - Resultado da votação dos conteúdos que devem ser priorizados na rádio escolar**



Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Como o programa seria produzido por estudantes para outros alunos, colocamos em destaque a linguagem usada na rádio. Nesse sentido, discutimos também o uso ou não de gírias nos programas e definimos que os participantes do projeto deveriam adaptar a linguagem à situação comunicativa.

Dessa forma, se em determinado programa, estivessem falando diretamente com outros estudantes ou com uma pessoa de maior grau de intimidade, poderiam usar gírias espontaneamente. Por fim, ainda em relação à linguagem, decidimos que os xingamentos e as palavras de baixo calão deveriam ser evitados.

Posteriormente, debatemos os compromissos e responsabilidades dos membros envolvidos na produção de programas para a rádio escolar. Nesse sentido, os estudantes enumeraram os seguintes pontos: i) ser assíduo e pontual; ii) ter responsabilidade e compromisso; iii) ser dedicado e participativo; iv) agir com seriedade e envolvimento; v) interagir com os demais e procurar resolver os problemas por meio do diálogo; vi) realizar as pesquisas e atividades propostas.

Logo após, decidimos que o processo de seleção do nome do programa de entrevista seria realizado de forma diferente do processo de escolha do nome da rádio. Como o programa tinha um conteúdo específico, os estudantes decidiram que eles mesmos escolheriam o nome com o intuito de tentar chamar a atenção dos ouvintes.

Com essa finalidade, os participantes selecionaram algumas sugestões: Bate-papo, Conversando, Entrevistando e Diálogo. Após a realização de uma votação, o nome escolhido foi Entrevistando.

Em seguida, escolhemos o *slogan* para o programa de entrevista. Para esse fim, duas sugestões foram colocadas em votação na turma: i) a voz da gente; ii) a voz que a gente quer ouvir. A segunda opção foi escolhida pela maioria.

Percebendo o trabalho que teríamos para a realização de cada programa e tendo em consideração que o grupo de participantes do projeto era pequeno, decidimos que o Entrevistando seria semanal, sendo transmitido às quartas-feiras, apenas no intervalo do turno matutino.

Por fim, pedimos que os estudantes começassem a pensar em um logotipo que pudesse representar a rádio. Esse logotipo seria usado em materiais gráficos para a identificação desse veículo de comunicação da escola. No entanto, só o definiríamos logo após a escolha do nome da rádio.

Na semana seguinte, iniciamos o encontro conversando sobre os passos dados pelos estudantes para a escolha do nome da rádio. Como podemos observar na figura seguinte, eles haviam produzido uma urna e ela estava à disposição de todos na recepção da escola.

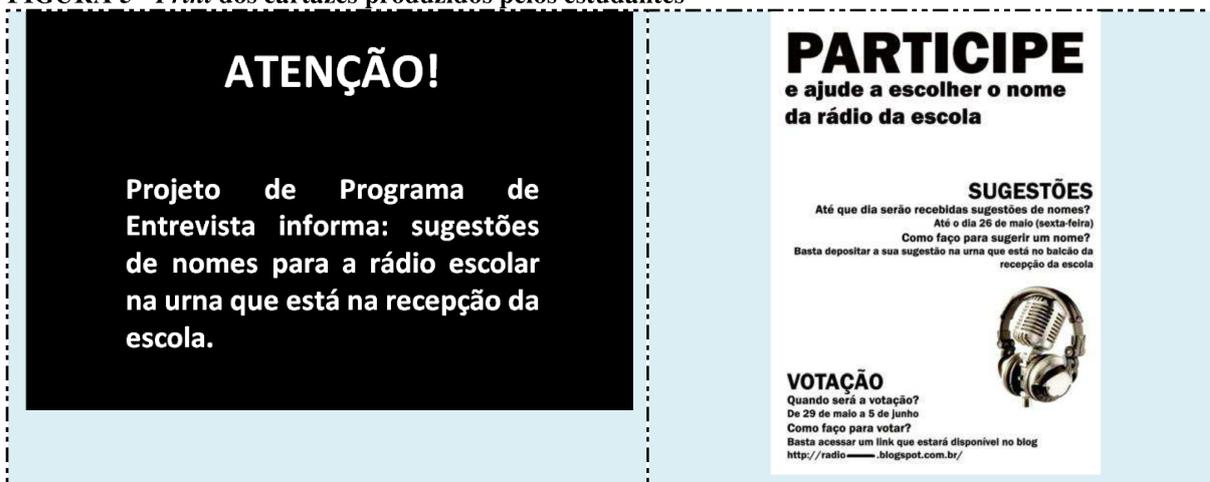
**FIGURA 4 - Fotografia da urna produzida pelos estudantes**



Fonte: acervo do pesquisador.

Além disso, os participantes do projeto relataram que haviam passado em todas as salas de aula. Contudo, perceberam que os outros estudantes não estavam prestando atenção nas informações passadas. Para tentar resolver esse problema, tiveram a ideia de elaborar cartazes com as informações sobre as etapas de escolha do nome da rádio. A seguir, expomos os cartazes que foram afixados nos murais externos das salas de aula.

FIGURA 5 - Print dos cartazes produzidos pelos estudantes



Fonte: acervo do pesquisador.

Apesar da divulgação realizada, alguns estudantes da escola não entenderam a finalidade da urna e depositaram nela, além das sugestões de nomes para a rádio, muitos pedidos de música. Para a votação, recebemos vinte possíveis nomes que foram registrados em uma enquete no site <http://www.ferendum.com>. A votação aconteceu de 29 de maio a 5 de junho de 2017. Apesar de a votação ter ficado uma semana aberta e ter sido amplamente divulgada nos cartazes espalhados pela escola e nos grupos de *WhatsApp* de funcionários e de estudantes, apenas 70 pessoas votaram. Como resultado, o nome InterAção foi o escolhido com 14 votos. Isso pode ser observado na figura a seguir.

FIGURA 6 - Print do resultado da votação para a escolha do nome da rádio escolar



Fonte: acervo do pesquisador.

Após a escolha do nome da rádio escolar, a estudante Valéria Stirling apresentou a seguinte proposta de logotipo.

**FIGURA 7 - Print da proposta 1 de logotipo para a rádio escolar**



Fonte: acervo do pesquisador.

Dessa proposta, os estudantes decidiram substituir o verde, o amarelo e o vermelho pelo preto. O estudante Lucas Argus que tinha alguns conhecimentos de *Photoshop* apresentou, então, a seguinte sugestão.

**FIGURA 8 - Print da proposta 2 de logotipo para a rádio escolar**



Fonte: acervo do pesquisador.

Depois, resolveram acrescentar um microfone no local onde estava o "i" da palavra "interação". Surgiram, então, 3 novas propostas, que são apresentadas a seguir.

**FIGURA 9 - Print das novas propostas de logotipo para a rádio escolar**



Fonte: acervo do pesquisador.

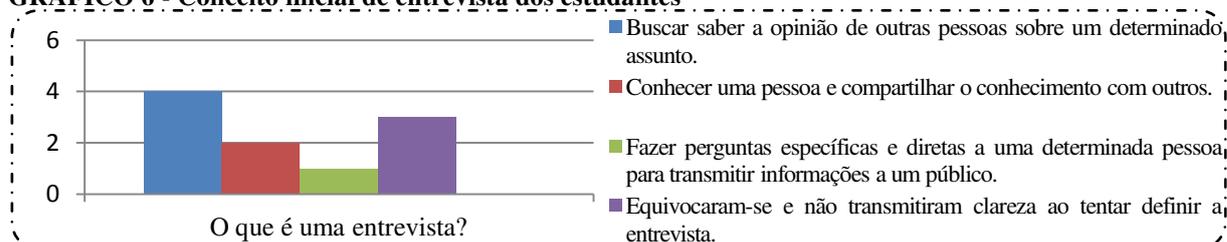
Após votação, decidimos que o logotipo que representaria o nome da rádio seria o apresentado na proposta B.

### 6.1.3 Relato do terceiro bloco

No laboratório de informática, inicialmente solicitamos aos estudantes que preenchessem um questionário<sup>96</sup> no *Google Docs* e por meio dele foi possível fazer um levantamento do conhecimento prévio deles sobre o gênero entrevista radiofônica.

Com essa finalidade, a primeira questão procurou sondar se sabiam definir o que é uma entrevista. O gráfico, a seguir, revela as respostas deles.

**GRÁFICO 6 - Conceito inicial de entrevista dos estudantes**

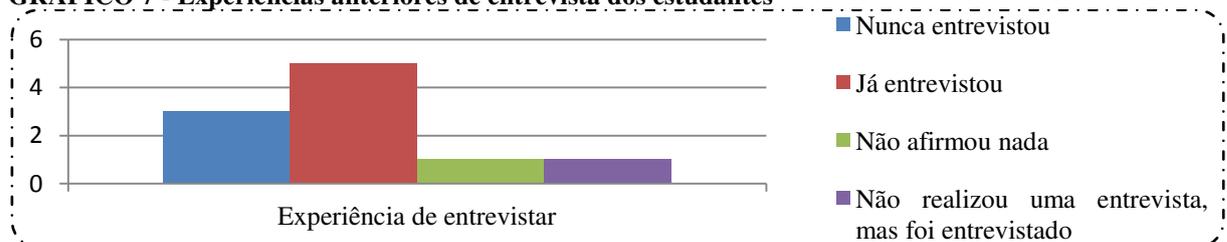


Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Como podemos perceber, a maior parte dos estudantes conseguiu formular um conceito válido de entrevista. No entanto, um número significativo não logrou desenvolver uma definição coerente.

Com a segunda questão, procuramos saber se já haviam realizado alguma entrevista na vida. O gráfico, a seguir, mostra o resultado.

**GRÁFICO 7 - Experiências anteriores de entrevista dos estudantes**



Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Com o resultado, podemos notar que boa parte dos participantes do projeto de rádio escolar já havia passado por uma experiência anterior de entrevista. Dois dos que afirmaram não ter vivido uma experiência anterior de entrevista foram os mesmos que não conseguiram conceituá-la. O outro, que não conseguiu defini-la, foi o mesmo que afirmou nunca ter realizado uma entrevista, mas ter sido o entrevistado.

<sup>96</sup> O questionário citado pode ser consultado no Quadro 20 e está localizado no terceiro bloco do capítulo cinco.

Outro questionamento realizado foi sobre os elementos que formam a estrutura de uma entrevista. O gráfico, a seguir, mostra o que os participantes responderam.

**GRÁFICO 8 - Conhecimento prévio dos estudantes acerca dos elementos da estrutura de uma entrevista**



Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Como podemos observar pelo gráfico, a maior parte dos estudantes não entendeu a questão. Alguns entenderam o questionamento como "estrutura física" e citaram "câmeras, luzes, espaço adequado". Apenas três citaram as perguntas como sendo um dos elementos da estrutura das entrevistas.

Em relação a programas de edição de áudio, o gráfico seguinte mostra o conhecimento que os estudantes tinham dessas ferramentas.

**GRÁFICO 9 - Conhecimento prévio dos estudantes em relação a programas de edição de áudio**



Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Como podemos observar, a maioria dos estudantes afirmou não saber editar áudios. Apenas um disse que tinha um conhecimento razoável sobre o assunto e outro afirmou dominar e usar o programa *Audacity* para isso.

Para a última pergunta do questionário, ao ouvir um trecho de um exemplar de entrevista, em que o entrevistador formulou uma pergunta a partir da resposta do entrevistado, os estudantes tiveram que perceber se isso acontecia ou se a resposta e a pergunta estavam desconectadas. Nesse sentido, um estudante afirmou que a pergunta foi elaborada a partir da resposta do entrevistado, pois o entrevistador falava de culpa e ele acreditava que a culpa estivesse ligada ao medo de engordar comentado pelo entrevistado; dois estudantes garantiram que a pergunta foi elaborada a partir da resposta do entrevistado, mas não justificaram; um assegurou estar desconectada e também não

justificou; dois não conseguiram desenvolver um raciocínio lógico; um alegou que a pergunta foi elaborada em uma conversa antes da entrevista; dois não conseguiram perceber uma relação entre a estética e a culpa de comer.

Após o preenchimento do questionário, exploramos o conhecimento prévio dos estudantes sobre o tema de uma entrevista que trabalharíamos posteriormente. Nesse sentido, perguntamos a eles se o tema gravidez na adolescência poderia ser abordado em um programa de rádio escolar. A seguir, expomos um trecho da fala de uma participante do projeto de rádio.

- (4) **Kloe** - Tanto para os alunos da manhã - do 9º ano e do Ensino Médio - quanto para os estudantes da tarde - do 6º, do 7º ou 8º ano. Do mesmo jeito que tem gente que tem cabeça de manhã, tem gente que tem cabeça à tarde. Mas tem gente que não tem. Nem tudo que a gente for falar de manhã, a gente pode falar à tarde por causa do público. À tarde a gente tem que trabalhar diferente. Então, quando a gente for trabalhar isso, mostrar consequência, mostrar as dúvidas e apresentar soluções, justamente não julgando a pessoa, mostrando que ela está fazendo errado, mas que ela pode melhorar.

(Trecho da gravação do encontro do dia 11/05/2017)

Nenhum estudante discordou da colocação feita sobre as diferenças de abordagem do tema conforme o público ouvinte.

Em seguida, ouvimos a entrevista sobre gravidez na adolescência e os estudantes acompanharam pela sua transcrição. Logo depois, respondemos oralmente algumas questões sobre ela. Em geral, os aprendizes conseguiram responder aos questionamentos sem muitas dificuldades. Quando algum aluno se equivocava, outro fazia a correção sem provocar muito atrito. No trecho seguinte, podemos observar isso.

- (5) **Professor** - Por qual razão essa entrevista foi produzida?

**Lucas** - Pra conscientizar as pessoas que a gravidez na adolescência não é totalmente ruim há pontos bons também.

**Amora** - Pra conscientizar de que não é porque a menina está grávida que deve ser apedrejada, mas que se deve buscar outros caminhos.

**Professor** - Em relação a países desenvolvidos, qual é a situação do Brasil no que se refere ao número de gravidez na adolescência?

**Kloe** - 20%.

**Lucas** - É muito alto.

**Professor** - E em países desenvolvidos qual é a taxa?

**Lucas** - 10%.

**Professor** - Quais estados brasileiros têm os maiores números de gravidez na adolescência?

**Lucas** - São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre.

**Amora** - Não. Nos estados da região norte e nordeste.

**Professor** - São os estados mais?

**Kloe** - Pobres.

**Professor** - A que fatores Maria Helena Vilela associa os altos índices de gravidez na adolescência?

**Lucas** - A falta de acesso à educação e à saúde.

**Professor** - Segundo Maria Helena quais caminhos que os pais podem trilhar para tentar ajudar seus filhos adolescentes a não engravidarem nesse período?

**Lucas** - Ter conversas, diálogo.

(Trecho da gravação do encontro do dia 11/05/2017)

Esse momento foi enriquecedor. Não ficamos limitados às questões do questionário e alguns estudantes expuseram dúvidas que surgiam no momento. Podemos notar isso a seguir.

- (6) **Professor** - Na abertura de um programa de entrevista, além de apresentar o seu entrevistado, geralmente o entrevistador se apresenta. Na entrevista lida/escutada, isso não acontece. Então, como podemos saber o nome do entrevistador?

**Kloe** - Durante o diálogo, na fala da entrevistada.

**Professor** - Qual é o nome dele?

**Bits** - Robson.

**Valéria** - Nos jornais de televisão, tem os apresentadores e os repórteres. Aí os apresentadores falam "com você o repórter fulano de tal", no rádio é dessa forma também?

**Professor** - Sim. Deveria ser. Pode acontecer deles esquecerem. Isso é ruim, porque a pessoa que está ouvindo tem o direito de saber de quem é aquela voz que ele está escutando.

**Kloe** - É ruim, pois não se sabe em quem acreditar.

(Trecho da gravação do encontro do dia 11/05/2017)

Os estudantes cooperaram e ajudaram a completar as respostas dos colegas. Observe isso a seguir.

- (7) **Professor** - Quem é a entrevistada, qual é a sua profissão e qual é o cargo que ocupa?

**Kloe** - Maria Helena Vilela e ela é educadora sexual e ela também tem um ...

**Amora** - Diretora do Instituto Kaplan.

**Kloe** - Isso.

**Professor** - Há relação entre a profissão da pessoa entrevistada e o assunto da entrevista?

**Amora** - Sim. Total.

**Professor** - Por que isso acontece?

**Amora** - Porque uma educadora sexual costuma falar também sobre sexo e também sobre gravidez.

**Valéria** - Porque a pessoa que entrevistou ela, não ia procurar uma pessoa que não saiba nada do assunto.

**Professor** - Exatamente. E isso, a gente tem que ter sempre em mente. Eu vou procurar pessoas que tenham domínio daquele conteúdo, daquela informação, daquele assunto.

(Trecho da gravação do encontro do dia 11/05/2017)

Algumas perguntas não foram compreendidas imediatamente e, para que os estudantes as entendessem, procuramos explicá-las com outras palavras. Isso é possível observar a seguir.

- (8) **Professor** - A compreensão das informações transmitidas pela televisão e pelo rádio é feita usando diferentes sentidos. Enquanto a televisão conta com a audição e com a visão, o rádio conta apenas com a audição. Sabendo disso, cite situações que poderiam acontecer na transmissão de mensagens na televisão, mas que devem ser evitadas no rádio.

**Kloe** - A alienação. Porque, por exemplo, quando é... eu defendo, eu sou muito assim... eu acredito muito que a televisão, eu já falei isso, que a televisão aliena as pessoas. Então, digamos que Amora, ela é uma das melhores atrizes da atualidade e que ela tem mil fãs. E quando ela vai na televisão e apresenta uma opinião, de uma certa forma, quem é muito fã dela e tá vendo ela ali vai ver aquela informação e vai pegar para si. Quando ela vai no rádio para dar uma opinião, ela é só mais uma pessoa dando uma opinião. Eu não sei se foi muito isso o questionamento.

**Professor** - Aqui era em relação à linguagem, aos recursos utilizados. No rádio, nós temos apenas a audição, na televisão, temos a imagem e o som. Então, quais são as informações que são ditas na televisão que precisam ser adaptadas no rádio? Eu posso no rádio, por exemplo, usar "é isso mesmo o que você está vendo"?

**Kloe** - Ah, entendi.

**Valéria** - Ah, então, seria tipo que nem no cinema para cegos. Ele vai descrever todas as informações.

Ah, se ele quer falar de alguma coisa, por exemplo, se o computador está estragado, ele vai descrever o que aconteceu com o computador.

**Professor** - Então, como no rádio nós não temos a visão, muitas vezes a descrição acaba sendo importante.

(Trecho da gravação do encontro do dia 11/05/2017)

Como era a primeira vez que estavam analisando a abertura de uma entrevista, os estudantes não a reconheceram imediatamente. A seguir, apresentamos um trecho da gravação do encontro em que é possível notar isso.

- (9) **Professor** - A estrutura de uma entrevista é, em geral, constituída de: abertura, fase de perguntas e respostas e encerramento. Identifique as palavras ou expressões que iniciam e que finalizam a abertura da entrevista lida/ escutada. Onde começa a abertura?

**Kloe**- E na próxima terça-feira.

**Professor** - E onde termina a abertura da entrevista?

**Kloe** - É isso aí, Maria Helena. Ela que é educadora sexual e diretora do Instituto Kaplan bateu este papo.

**Professor** - Não. Isso aí já é no final, né?

**Kloe** - É.

**Professor** - Onde acaba a abertura? Tem a fala do entrevistador, logo depois tem a fala dela, dizendo "Bom dia, Robson", isso faz parte da abertura?

**Kloe** - Não.

**Professor** - Não?

**Bits e Lucas** - Sim.

**Professor** - Ela está saudando o entrevistador, dando um bom dia. Sim ou não?

**Bits** - Sim.

**Professor** - Sim. Faz parte da abertura. Logo depois tem a fala do entrevistador de novo "tá bom querida Tá bom querida, brigado a você por ter participado do programa... estar participando com a gente aqui do programa". Ele se corrige. "Agora, Maria Helena, como é que tá a situação...", a partir daqui começa o quê?

**Lucas**- A entrevista.

**Professor**- A entrevista propriamente, começam as perguntas e as respostas.

**Valéria**- Então, a abertura vai até esse "estar participando com a gente aqui do programa"?

**Professor**- Isso.

(Trecho da gravação do encontro do dia 11/05/2017)

Os estudantes recorreram também ao seu conhecimento de mundo para responder às questões, como é possível observar a seguir.

- (10) **Professor**- As perguntas demonstram que o entrevistador planejou previamente as questões?

**Todos** - Sim.

**Professor**- Por quê?

**Lucas** - Estavam preparadas na ponta da língua. Ela respondia e já mandava outra na lata.

**Kloe**- Não deixou fugir do assunto. Eu percebo isso quando a gente vai apresentar trabalho, quando a gente não entende ou quando a gente não estudou muito bem o assunto, a gente voa muito.[...]

**Professor** - Por que você acredita que o entrevistador apresenta a entrevistada mais de uma vez aos ouvintes? Por qual razão essa repetição é necessária?

**Kloe** - Digamos que a entrevista tenha começado às 9 horas. Eu entrei 9h05. Eu não vou saber qual é o nome dela, o que ela faz se o apresentador não fizer essa repetição.

**Lucas** - Ele precisa repetir para que a pessoa que chegar depois possa saber o que está passando.

**Professor** - É isso mesmo. Essa repetição é necessária porque o público do rádio é rotativo e isso ajuda a pessoa que começou a ouvir o programa, depois dele ter começado, a se contextualizar.

(Trecho da gravação do encontro do dia 11/05/2017)

No encontro seguinte, dividimos a turma em dois grupos. Uma parte escutou o áudio de uma entrevista sobre escolha profissional<sup>97</sup> e a outra sobre intolerância<sup>98</sup>, e puderam acompanhar por meio das transcrições. Cada grupo ficou responsável por responder um questionário sobre a entrevista. Em geral, os estudantes não encontraram muitas dificuldades para responder às questões.

Terminados os trabalhos nos grupos, os educandos compartilharam com todos os outros as suas impressões. Ao iniciarmos a discussão, os aprendizes destacaram que os entrevistadores interromperam muito os entrevistados e sentiram um incômodo com isso.

(11) **Amora** - Ele interrompe muito ela. Não deixa ela desenvolver o raciocínio.

**Professor** - Isso é bom?

**Amora e Lucas** - Não.

**Professor** - Vocês vão fazer isso?

**Amora e Lucas** - Não.

**Lucas** - No meio da explicação, ele faz uma pergunta do nada e interrompe ela.

**Valéria** - Ele estava muito preocupado com o tempo.

(Trecho da gravação do encontro do dia 22/05/2017)

Comentamos que interromper o entrevistado, muitas vezes durante a entrevista, não é bom e acordamos que isso só seria feito em suas produções, caso o entrevistado estivesse fugindo muito do assunto. Como as entrevistas seriam editadas, não haveria a necessidade de preocupar-se com o tempo e poderíamos deixar o entrevistado mais à vontade para falar.

A maior parte das questões sobre as entrevistas foram respondidas pelos estudantes sem muitas dificuldades. Algumas tinham praticamente o mesmo enunciado do trabalho com a entrevista sobre gravidez adolescência. Isso foi pertinente, porque o contexto era diferente e, assim, foi possível perceber que alguns estudantes já estavam se apropriando de algumas ideias.

Nas duas entrevistas analisadas, os entrevistadores não se apresentavam. Na entrevista sobre escolha profissional, ficamos sabendo o nome do entrevistador por meio do entrevistado que, em algum momento, falou essa informação. Na outra, esse dado não é encontrado em nenhum momento. Por meio dessa análise, decidimos que os estudantes, em suas entrevistas, iriam identificar-se por meio de seus pseudônimos na abertura.

<sup>97</sup> O áudio da entrevista sobre escolha profissional está disponível em <https://soundcloud.com/klauber-franco/entrevista-sobre-escolha-profissional-com-a-consultora-e-conciliadora-de-imagem-a-andreia-azevedo>.

<sup>98</sup> O áudio da entrevista sobre intolerância está disponível em <https://soundcloud.com/wolf-fedro/entrevista-sobre-o-livro-raizes-da-intolerancia-radio-mec-programa-todas-as-vozes-15>.

Ao discutirmos novamente se existe relação entre a profissão do entrevistado e o assunto da entrevista, os educandos evidenciaram que isso era o esperado. A postura deles foi diferente da adotada ao discutirmos isso na entrevista sobre gravidez na adolescência; na primeira vez, isso não pareceu tão óbvio. A seguir, podemos observar isso.

(12) **Valéria** - Acho que isso é uma pergunta óbvia.

**Lucas** - É uma pergunta óbvia, pois se vai falar de tal assunto, o mais correto seria conseguir um especialista dele para tratar. Essa pergunta é meio ridícula. Se eu vou falar de cinema, não posso chamar um jogador de futebol.

(Trecho da gravação do encontro do dia 22/05/2017)

Comentamos que, embora, nesse momento, alguns tivessem achado que a pergunta era óbvia, a reflexão sobre o processo de produção era necessária para que todos compreendessem o que estava por trás da realização de uma entrevista. Conversamos que, em suas produções, da mesma forma que ocorre na rotina jornalística, após a definição dos temas em uma reunião de pauta, agendaríamos a entrevista com pessoas que estivessem preparadas para falar do assunto.

#### 6.1.4 Relato do quarto bloco

Posteriormente, realizamos a nossa primeira reunião de pauta para a definição dos entrevistados e dos temas que seriam usados na gravação da produção inicial. Nesse encontro, decidimos que, nessa primeira experiência, os entrevistados seriam eles mesmos e que eles concederiam entrevistas sobre temas que se sentissem à vontade para falar. Assim, formamos duplas entre eles, de acordo com interesse nos temas. Isso foi feito para que os entrevistadores pudessem, antecipadamente, preparar-se para a entrevista que seria concedida pelos seus companheiros na semana seguinte.

Nenhum dos temas apresentados pelo professor como sugestão (Quadro 24) foi escolhido pelos estudantes. O quadro, a seguir, apresenta os temas, os entrevistados e os entrevistadores definidos nessa reunião de pauta.

**QUADRO 44 - Relação de temas, entrevistados e entrevistadores para a gravação da produção inicial**

Tema	Entrevistado	Entrevistador
Livros de John Green	Valéria Stirling	Lucas Argus
Cinema	Lucas Argus	Valéria Stirling
O rap nacional	Kloe	Bits
A atual educação brasileira	Bits	Kloe
Arte	Amora Meney	Vítor

Esporte	Vítor	Amora Menez
Televisão	Giselle	Manu Gonçalves
Músicas atuais	Manu Gonçalves	Giselle
Passeios escolares	Alice	Sophia
Gastronomia	Sophia	Alice

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Como agendamos a gravação de todas as produções iniciais para um mesmo dia da semana seguinte, os estudantes teriam um bom tempo para preparar-se. Conversamos sobre a necessidade de preparação para a realização da entrevista e eles citaram a leitura, a pesquisa e a elaboração de perguntas como ações que eles poderiam realizar para essa finalidade. Em relação às tecnologias que iríamos usar para gravar as produções, combinamos que usaríamos os gravadores dos celulares.

### 6.1.5 Relato do quinto bloco

No encontro seguinte, realizamos as produções iniciais. Conforme as decisões estabelecidas na aula anterior, gravamos todas as primeiras entrevistas entre os participantes da pesquisa, em um único encontro, na própria escola. Dos dez<sup>99</sup> estudantes que permaneceram no projeto até aqui, uma faltou, deixando uma dupla desfalcada. A jovem, que ficou sem par, fez a entrevista com outra companheira de classe.

Um problema visível nas gravações das entrevistas foi a forma de usar o microfone dos celulares, alguns participantes aproximavam demais o equipamento da boca, outros o deixavam muito distante, fazendo com que a gravação ficasse com ruídos ou muito baixa. Outro problema perceptível foi que alguns estudantes ficaram presos ao papel. Contudo, houve também, alunos que não fizeram uso de anotações.

Cada participante do projeto ficou responsável por fazer a transcrição de sua entrevista e de enviá-la por e-mail ao professor. Das nove entrevistas gravadas, apenas seis foram transcritas e enviadas pelo correio eletrônico. Os outros três afirmaram que não conseguiram realizar a atividade, porque tinham trabalhos de outras disciplinas para fazer. Como essas transcrições não chegaram no período acertado, realizamos as que faltaram para que pudessemos prosseguir com a análise dos exemplares no encontro seguinte.

<sup>99</sup> Iniciamos a aplicação com 12 estudantes/participantes. Na terceira semana, houve duas desistências que foram justificadas por terem assumido outros compromissos. Um garantiu ter ganhado uma bolsa de estudos em um curso profissionalizante e outra afirmou ter começado aulas de voleibol.

### 6.1.6 Relato do sexto bloco

Com as transcrições<sup>100</sup> feitas (apêndice B), realizamos a análise das entrevistas. Para isso, dividimos a turma em três trios. Logo depois, pedimos que os estudantes tentassem preencher alguns quadros de análise a partir da escuta/leitura de três entrevistas de outros colegas. A análise e os critérios estabelecidos podem ser consultados a seguir.

**QUADRO 45 - Análise da abertura das produções iniciais**

Critérios	Entrevistador									
	Valéria	Lucas	Manu	Giselle	Kloe	Bits	Amora	Vítor	Sophia	
Há uma interação/ saudação direta ao público?	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N
O entrevistador se apresenta?	S	S	N	N	N	N	S	S	S	S
O tema é apresentado?	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
O entrevistado é apresentado?	S	S	S	N	S	S	S	S	S	S
Há saudação recíproca entre entrevistado e entrevistador?	S	N	N	N	S	S	S	S	S	N

Fonte: elaborado pelo pesquisador a partir das ideias de Baltar (2012), Stewart e Cash (2015) e Prado (1989).

**QUADRO 46 - Análise da fase de perguntas e respostas das produções iniciais**

Critérios	Entrevistador									
	Valéria	Lucas	Manu	Giselle	Kloe	Bits	Amora	Vítor	Sophia	
Demonstra estar ouvindo e elabora novas perguntas a partir do que é respondido com o objetivo de esclarecer e esgotar o tema (FERRARETTO, 2014, p. 181).	S	S	N	N	N	S	N	N	S	
Durante a entrevista, permanece como um(a) observador(a) do que está sendo dito e não como um participante com posição sobre o assunto (FERRARETTO, 2014, p. 186).	N	N	S	S	N	N	S	N	S	
O(A) entrevistador(a) controla todo o processo e reconduz o entrevistado, impedindo a fuga ao tema (LAGE, 2009, p. 80).	S	S	S	S	S	S	S	S	S	
Cada questão tem um objetivo específico (CHANTLER; HARRIS, 1998, p. 106).	N	S	S	N	N	N	S	N	S	
Questões claras, curtas e concisas (PRADO, 1989, p. 65).	N	S	S	N	N	N	S	N	S	
Faz uma pergunta por vez (CHANTLER; HARRIS, 1998, p. 105).	N	S	S	N	N	N	S	N	S	
Aproveita as pausas respiratórias para fazer perguntas (PRADO, 1989, p. 66).	S	S	S	S	S	S	S	S	S	
Estimula a fala do entrevistado (CHANTLER; HARRIS, 1998, p. 104)	S	S	S	S	S	S	S	S	S	
Repete o nome do entrevistado e o tema da entrevista várias vezes durante o programa (PRADO, 1989, p. 62-67).	N	N	N	N	N	N	N	N	N	

<sup>100</sup> As transcrições das produções iniciais podem ser consultadas no apêndice B.

Coloca-se no lugar do público, buscando por meio de suas perguntas, levar o entrevistado a esclarecer as dúvidas ou questionamentos de quem vai ouvir o programa (BARBEIRO; LIMA, 2003, p. 59).	S	S	+/-	+/-	S	+/-	N	+/-	S
É respeitoso e cordial (FERRARETTO, 2014, p. 182).	S	S	S	S	S	S	S	S	S

Fonte: elaborado pelo pesquisador a partir das ideias de Ferraretto (2014), Lage (2009), Chantler e Harris (1998), Prado (1989) e Barbeiro e Lima (2003).

#### QUADRO 47 - Análise do encerramento da produção inicial

Critérios	Entrevistador									
	Valéria	Lucas	Manu	Giselle	Kloe	Bits	Amora	Vítor	Sophia	
Há um fechamento? O entrevistador conclui a entrevista?	N	N	N	N	S	S	S	N	N	
O entrevistador faz agradecimentos ao/s entrevistado/s?	S	S	S	N	S	N	S	S	N	
Há agradecimento do entrevistador para os ouvintes?	N	N	N	N	N	N	N	N	N	
Há uma saudação de despedida entre entrevistador e entrevistado?	S	N	N	N	N	N	N	N	N	
Há uma saudação de despedida entre entrevistador e ouvintes?	N	N	N	N	N	S	N	N	N	

Fonte: elaborado pelo pesquisador a partir das ideias de Prado (1989) e Baltar (2012).

Em seguida, discutimos a análise realizada. Esse foi um momento muito rico, pois, a partir dele, os estudantes puderam perceber os pontos fortes e fracos de suas produções.

Ao analisarmos a abertura das produções iniciais, percebemos que todos os estudantes se lembraram de apresentar o tema da entrevista. Outro ponto positivo foi o fato de somente um ter se esquecido de apresentar o entrevistado. Com isso, eles puderam concluir que tema e apresentação do entrevistado são elementos obrigatórios para que o ouvinte possa compreender o assunto e quem está falando na rádio.

Os problemas maiores, nas aberturas das produções iniciais, apareceram na ausência de autoapresentação do entrevistador e na ausência de uma saudação recíproca entre entrevistador e entrevistado. Em relação a este último ponto, os estudantes perceberam que, muitas vezes, havia um "Boa tarde!" por parte do entrevistador, no entanto, a reciprocidade não ocorria, pois sendo ele a pessoa que estava segurando o microfone, deveria, no momento da saudação, deslocar o aparelho até o entrevistado para que ele falasse.

Um aspecto que ficou ausente em todas as aberturas foi a interação com os ouvintes. Como isso foi comum, pedi aos estudantes que simulassem nova abertura para a entrevista, lembrando de interagir com o público e de contemplar os outros elementos esquecidos.

Nas produções, os estudantes demonstraram: controlar o processo de entrevista; aproveitar as pausas respiratórias para fazer perguntas; estimular a fala do entrevistado; ser respeitosos e cordiais.

Apesar de termos falado, ao analisarmos alguns exemplares, sobre a estratégia de repetir o nome do entrevistado e o tema da entrevista durante a gravação, esse recurso não foi usado por nenhum participante.

A maioria dos aprendizes ficou presa ao questionário, sendo poucos os que elaboraram perguntas a partir do que estavam ouvindo do entrevistado; não foi imparcial e manifestou suas opiniões sobre o assunto; em algum momento de suas produções, fez mais de uma pergunta por vez, contendo mais de um objetivo, não sendo claro, curto ou conciso.

Nas perguntas de quatro estudantes pudemos perceber a tentativa de ouvir aquilo que é do interesse dos ouvintes. Já uma outra aluna voltou a atenção para outro público: os idosos. E em outras quatro produções, havia questões de interesse dos ouvintes, mas havia também questões que não os interessariam.

Ao analisarmos os encerramentos, percebemos que a maioria contemplou o agradecimento que se faz ao entrevistado, sendo que apenas três deixaram de fazê-lo. Já no que se refere ao agradecimento feito aos ouvintes que acompanharam a programação, nenhum dos estudantes se lembrou de fazer.

A saudação de despedida entre entrevistador e entrevistado só foi feita em uma produção. Em algumas havia a saudação do entrevistador, mas não havia a resposta do entrevistado. Isso ocorreu, porque o entrevistador não moveu o microfone até o entrevistado. Já a despedida do entrevistador para os ouvintes só foi realizada por um dos estudantes.

O fechamento, isto é, a conclusão da entrevista só foi feita por três aprendizes, sendo que dois apenas retomaram o tema e um comentou a última resposta dada.

### **6.1.7 Relato do sétimo bloco**

Inicialmente, ouvimos os áudios de duas entrevistas<sup>101</sup>: uma sobre racismo<sup>102</sup> e outra sobre intolerância religiosa<sup>103</sup>. Essa atividade transcorreu normalmente e os estudantes escutaram os áudios, acompanhando as respectivas transcrições.

---

<sup>101</sup> Lembramos que esses temas foram definidos durante a aplicação da proposta com a ajuda dos estudantes, conforme pudemos observar no relato das atividades do 1º bloco.

<sup>102</sup> O áudio da entrevista sobre racismo está disponível em: <http://radios.ebc.com.br/revista-brasil/2017/08/especialista-fala-sobre-o-racismo>.

Em seguida, dividimos os dez participantes em cinco duplas para a realização de um jogo com a finalidade de preencher os três quadros<sup>104</sup> sobre os elementos constituintes do gênero. A cada rodada, todas as duplas respondiam a uma mesma pergunta sobre as entrevistas e sorteávamos o exemplar que seria respondido pelos educandos. Nesse jogo, eles pontuavam, quando a resposta dada enquadrava-se no esperado. Em caso contrário, o direito à resposta era dado à dupla seguinte e a pontuação concedida àqueles que acertassem o questionamento.

Começamos o jogo, procurando responder às questões sobre o conteúdo temático (Quadro 28). Algumas foram respondidas com mais facilidade, como o questionamento sobre o assunto principal e também aquele sobre a relação entre o assunto da entrevista e o cargo ou a profissão ocupada pelo entrevistado.

A questão que buscou sondar os possíveis públicos das entrevistas permitia formular muitas respostas e aceitamos, quando eram identificados pelo menos um. No entanto, buscamos oralmente completá-las por meio de construções coletivas com os estudantes.

Notamos que os educandos encontraram mais dificuldades para responder às questões que demandavam a identificação da opinião ou da posição assumida pelo entrevistado e pelo entrevistador. Entretanto, por meio de nossas intervenções, conseguiram perceber isso.

Os jovens não responderam imediatamente à pergunta que exigia que eles percebessem se o assunto das entrevistas estava ou não sendo discutido atualmente na mídia. Como estávamos no laboratório de informática, solicitei que, em duplas, fizessem uma busca avançada no *Google* sobre o assunto, com o filtro no período de um mês, para que observassem aquilo. A maioria não sabia fazer isso, por isso foi necessário explicar passo a passo aos aprendizes como proceder. A partir da pesquisa, perceberam que os assuntos estavam na agenda dos veículos de comunicação.

Ao terminarmos de preencher o quadro sobre o conteúdo temático, relembramos que, em relação à construção composicional, as entrevistas se apresentam de forma semelhante em todos os tipos: abertura, fase de perguntas e respostas e encerramento.

Com os questionamentos sobre a construção composicional (Quadro 29), os estudantes puderam observar alguns elementos que parecem ser mais "estáveis" e outros que são "relativamente estáveis". Deste modo, puderam perceber a exigência da apresentação do

---

<sup>103</sup> O áudio da entrevista sobre intolerância religiosa está disponível em: <http://radios.etc.com.br/reporter-rio/edicao/2016-11/caminhos-para-combater-intolerancia-religiosa-no-brasil>.

<sup>104</sup> Os exercícios mencionados podem ser consultados nos quadros 28, 29 e 30 que estão no sétimo bloco do capítulo cinco.

entrevistado e do assunto para a compreensão dos ouvintes daquilo que estão acompanhando e da saudação entre entrevistado e entrevistador na abertura de todas as entrevistas. Puderam entender também que não é sempre que o entrevistado e o entrevistador lembram de fazer uma saudação ao ouvinte, assim como não é sempre que o entrevistador se lembra de apresentar o entrevistado mais de uma vez aos ouvintes.

Os questionamentos que demandavam do estudante a observação de: se o entrevistador fazia uma pergunta por vez e se o outro buscava perceber a maneira como ele fechava a entrevista foram respondidos pelos estudantes com mais facilidade graças à ajuda das transcrições. Os jovens encontraram nos exemplares entrevistadores que faziam uma pergunta por vez e outros que faziam encadeamentos de várias perguntas. Comparando as duas maneiras, perceberam que fazer uma pergunta por vez é melhor para o entendimento do entrevistado e do ouvinte.

A pergunta que ofereceu mais dificuldade aos educandos para ser respondida foi sobre o imprevisto e a capacidade de fazer perguntas que não estão no roteiro. Eles sentiram dificuldades em encontrar marcas no texto que pudessem exemplificar a improvisação. Contudo, conseguiram identificar algumas situações.

As transcrições também ajudaram aos participantes a jogarem e a completarem o último quadro referente ao estilo de linguagem (Quadro 30). Nele, solicitamos aos jovens que procurassem marcas da linguagem oral: repetições, pausas, palavras e frases cortadas e expressões coloquiais. A fidelidade das transcrições ao áudio contribuiu bastante para auxiliar os estudantes na identificação dessas marcas.

Fizemos algumas perguntas com o objetivo de observar as crenças ligadas às atitudes que os estudantes têm diante das variedades linguísticas. Notamos que a maioria deles avaliou o uso de "a gente" com naturalidade, observaram que é menos formal que o "nós" e que o seu uso pede o verbo na 3ª pessoa do singular. Avaliaram a forma contraída "né" como sendo um "erro" e um "vício de linguagem" que precisa ser evitado tanto na fala quanto na escrita. Ponderaram que as formas contraídas pra(s)" e "pro(s)" devem ser evitadas nas escritas formais como a redação escolar, mas não viram problemas relacionadas ao seu uso na fala. Em relação ao uso de gírias, como já tínhamos decidido que o seu uso iria depender da situação comunicativa e do grau de proximidade com o entrevistado, os estudantes afirmaram que o seu uso não era recorrente, mas que podia ocorrer.

Ao analisarmos algumas marcas linguísticas presentes nas entrevistas, os estudantes puderam observar com exceção das gírias, a presença das contrações "tá", "tô", do pronome

“a gente”, das formas contraídas “né”, “pra”, “pras”, “pro”, “pros” em todos os exemplares na fala do entrevistado e/ou do entrevistador. Em suas próprias produções encontramos também essas marcas e o uso de gírias como "tipo", "cena", "troço", "tals", "saca", "velho".

Como os estudantes avaliaram a forma contraída "né" como sendo um "erro" e um "vício de linguagem" que precisa ser evitado tanto na fala quanto na escrita, questionamos o porquê dessa marca ter aparecido em todas as entrevistas e se todos os que o haviam usado tinham "errado". Eles compreenderam, então, que não era um "erro" usar o "né" e que o seu uso era muito comum na fala. Quanto a ser considerado um "vício de linguagem", discutimos o porquê e garantiram que o uso exagerado do "né" torna o discurso "cansativo" e de "difícil entendimento" e que o uso monitorado se faz necessário para contornar essa situação.

Os jovens perceberam que o nível de proximidade afetiva nas suas entrevistas, produzidas com os próprios colegas de classe, era maior que o dos outros cinco exemplares. Isso facilitou o uso de gírias nas suas produções, o que não apareceu nos outros exemplares. Concluíram que o nível de proximidade afetiva interfere na quantidade e no uso de gírias pelos interlocutores.

A última atividade do 7º bloco foi o preenchimento de um quadro<sup>105</sup> para sistematizar as características do gênero entrevista. Quanto ao conteúdo temático, os estudantes concluíram que: os assuntos das entrevistas devem interessar ao seu público-alvo; geralmente são temas que estão em evidência na mídia; e que por meio de suas respostas o entrevistado emite a sua opinião.

Quanto à construção composicional, perceberam que as entrevistas são constituídas pela abertura, pela fase de perguntas e respostas e pelo encerramento. Concluíram que, na abertura, é indispensável a apresentação do tema e do entrevistado e a saudação entre entrevistador e entrevistado, mas não é sempre que há a saudação deles aos ouvintes. Na fase de perguntas e respostas, perceberam que é preferível fazer uma pergunta por vez para que o entrevistado e o ouvinte possam entender melhor o seu conteúdo e que não se deve ficar preso ao roteiro, mas fazer perguntas a partir da escuta atenta da fala do entrevistado. Já em relação ao encerramento, notaram que o entrevistador usa diferentes maneiras para fazer o seu desfecho. Em seguida, ele costuma agradecer ao entrevistado e fazer uma saudação de despedida.

Quanto ao estilo de linguagem, os educandos apontaram que a entrevista radiofônica pode apresentar-se mais ou menos monitorada e que quanto maior for a proximidade afetiva

---

<sup>105</sup> Esse exercício pode ser consultado no Quadro 34 que está localizado no sétimo bloco do quinto capítulo.

com o entrevistado, menos monitorada será. O estilo de linguagem depende do público-alvo e dos interlocutores, ou seja, da situação comunicativa que envolve a entrevista.

### 6.1.8 Relato do oitavo bloco

Na semana anterior à segunda reunião de pauta, os estudantes procuraram receber temas de colegas, professores e outros funcionários da escola para o Programa Entrevistando. Com essas sugestões em mãos, debatemos as pautas das entrevistas para a produção final.

Inicialmente perguntei aos estudantes quais temas foram sugeridos. Segundo eles, os companheiros de escola e os docentes indicaram abordar o *bullying*, a homofobia, o racismo e o suicídio.

Alguns estudantes demonstraram interesse pelo tema suicídio. Começamos, então, uma discussão para decidir se trataríamos ou não sobre esse tema. Transcrevemos, a seguir, parte dessa conversa.

(13) **Kloe** - Não adianta a gente falar de suicídio, quando alguém morre. Não adianta porque a pessoa não vai voltar. A gente tem que falar antes. A gente tem que trazer isso. Tem que falar: cara, é assim que você percebe que uma pessoa tá passando por problema. E é assim que você age, você não julga, você não aponta, você só apoia. Entendeu? Por isso, que eu acho isso tão importante.

**Professor** - Vamos analisar se o tema suicídio tem valor-notícia. O assunto é de interesse dos estudantes ou da comunidade escolar?

**Todos** - Sim.

**Professor** - O assunto é de interesse de um grande número de estudantes?

**Todos** - Sim.

**Professor** - O assunto retratado aborda acontecimentos, pessoas ou interesses próximos do ouvinte?

**Todos** - Sim.

**Manu** - Na escola, já teve gente que tentou cometer suicídio. Tem umas pessoas que se cortaram.

**Professor** - É um assunto atual?

**Todos** - Sim.

**Lucas** - Tem muitos jovens entrando no desafio da baleia azul.

**Professor** - O conteúdo da entrevista pode trazer informações novas ou desconhecidas para o público?

**Todos** - Pode.

**Lucas** - Certeza.

**Professor** - Palavras-chave? Suicídio, baleia-azul. O que mais?

**Kloe** - Depressão.

**Amora** - Automutilação.

**Kloe** - Não vai adiantar a gente falar de suicídio para uma pessoa que está pensando em cometer suicídio. A gente tem que falar para quem está em volta das pessoas que querem cometer suicídio. Então, tipo assim, a Amora quer cometer suicídio e ela dá pistas, né? Porque todo suicida ele dá pistas. Ele não vai lá e se mata. Ele pensa nisso, ele trabalha em cima disso, pensa no que isso pode causar. E isso acaba com a pessoa. E dá pra gente perceber isso... ou não? Então, às vezes você tem um amigo que mudou de postura. E é importante que você esteja atento a isso, que você tente se aproximar para perceber o que está acontecendo. Tipo assim, você não vai chegar em alguém e perguntar: você tá pensando em cometer suicídio? Você vai ajudar ela, você vai perguntar como que ela tá?

**Lucas** - A gente tem que alertar aquelas pessoas... por exemplo, a Valéria está com depressão, ela fala pra outra pessoa, só que ela diz: "ah isso é frescura". A gente tem que mostrar pra essas pessoas que ela pode ser uma suicida em potencial.

**Valéria** - A depressão não é só uma coisa emocional e psicológica, mas também... tem uma pesquisa

que diz que por falta de vitaminas no corpo a pessoa começa a ter depressão.

**Professor** - Então, galera, de tudo que vocês falaram, eu queria só que vocês percebessem que a gente pode mudar o foco em vez de falar do suicídio, a gente pode falar da depressão. A gente pode falar de suicídio sem usar a palavra suicídio. Ok?

**Todos** - Ok.

**Kloe** - Pode ser.

**Professor** - Vamos fechar o objetivo dessa entrevista?

**Kloe** - Ajudar, contribuir para que as pessoas sejam sementes que plantam flores e não bombas para os outros.

(Trecho da gravação do encontro do dia 12/06/2017)

Na reunião de pauta, conseguimos definir os temas, os objetivos, as palavras-chave e alguns entrevistados. No quadro seguinte, resumimos as decisões tomadas.

**QUADRO 48 - Decisões coletivas da reunião de pauta**

Temas selecionados	Objetivos	Palavras-chave	Possíveis entrevistados <sup>106</sup>
A cultura do rap nacional	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Discutir a influência do rap internacional no nacional.</li> <li>* Divulgar a cultura do rap nacional.</li> <li>* Divulgar o trabalho de um cantor de rap da escola.</li> </ul>	Cultura Hip Hop. Rap nacional.	Um estudante da escola que é cantor de rap.
Escolha Profissional	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Auxiliar os jovens na escolha de uma profissão.</li> <li>* Esclarecer possíveis dúvidas dos estudantes sobre o tema.</li> </ul>	Escolha Profissional. Jovens.	Poliana Borges Vieira, estudante de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina.
Gravidez na adolescência	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Divulgar projetos que discutam a temática e que trabalhem com a conscientização e com acolhimento da adolescente grávida.</li> <li>* Esclarecer possíveis dúvidas dos adolescentes sobre o tema.</li> </ul>	Gravidez na adolescência. Projetos. Acolhimento. Conscientização.	-
Moda, consumo e compulsão	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Esclarecer causas e consequências do comportamento compulsivo.</li> <li>* Discutir os problemas que surgem a partir do comportamento compulsivo de comprar.</li> <li>* Ajudar estudantes que estejam desenvolvendo ou tenham o problema.</li> </ul>	Moda. Consumismo. Compulsão.	-
Depressão	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Auxiliar indiretamente a pessoa com depressão, explicando algumas atitudes que as pessoas próximas podem tomar.</li> <li>* Expor ações que possam ser tomadas para ajudar a pessoa com depressão a sentir-se melhor.</li> <li>* Expor formas de tratamento da doença.</li> <li>* Esclarecer possíveis dúvidas dos estudantes sobre o tema.</li> </ul>	Depressão. Pessoas próximas. Ajuda. Tratamento.	-
Os vestibulares: * A preparação para os vestibulares * Cursinhos gratuitos	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Esclarecer dúvidas dos jovens sobre a preparação para os vestibulares.</li> <li>* Divulgar cursinhos gratuitos de preparação para os vestibulares.</li> </ul>	Vestibulares. Preparação. Cursinhos Gratuitos.	-
Intolerância: <i>bullying</i> , <i>cyberbullying</i> , preconceito, racismo.	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Debater o problema e conscientizar os jovens sobre as consequências de atitudes de intolerância.</li> <li>* Combater o <i>bullying</i>, o <i>cyberbullying</i>, o preconceito, racismo e outras formas de intolerância.</li> <li>* Divulgar iniciativas ou projetos que tentem combater a</li> </ul>	Intolerância. <i>Bullying</i> . <i>Cyberbullying</i> . Preconceito. Racismo.	-

<sup>106</sup> Na reunião de pauta, os estudantes só conseguiram apresentar dois nomes de entrevistado. Uma para a entrevista sobre rap nacional e outro para a entrevista sobre escolha profissional.

	intolerância.	Conscientização . Combate.	
Transtornos alimentares: * Bulimia * Anorexia * Compulsão alimentar	* Esclarecer possíveis dúvidas dos estudantes sobre alguns transtornos alimentares: bulimia, anorexia e compulsão alimentar.	Transtornos alimentares. Bulimia. Anorexia. Compulsão alimentar	-

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

### 6.1.9 Relato do nono bloco

Inicialmente, apresentamos aos estudantes um quadro com aspectos que permitiam analisar uma entrevista como diálogo ou como técnica. Em seguida, perguntamos a eles se sabiam citar exemplos desses tipos de entrevista, mas não conseguiram mencionar nenhum.

Posteriormente, discutimos os aspectos presentes nos dois tipos de entrevista e pedimos aos jovens que analisassem as suas primeiras produções a partir desses critérios. A maioria avaliou as suas entrevistas iniciais como técnica, pois haviam planejado previamente as questões e ficaram presos a elas. Apenas dois participantes afirmaram ter elaborado algumas perguntas instantaneamente durante a gravação.

Com a finalidade de desenvolver a capacidade de escuta e a de elaboração de perguntas, realizamos uma atividade a partir da utilização de alguns trechos de respostas de entrevistados sobre alimentação, esportes, jogos, mercado de trabalho, intolerância e racionamento de água. A atividade foi iniciada com a escolha de um tema da preferência de cada um dos estudantes. Logo depois, cada jovem precisava escutar o trecho e elaborar uma pergunta a partir do que ouvia. Embora nosso objetivo fosse o de que todos os estudantes se envolvessem com a atividade, dois educandos se negaram a participar dela. Acreditamos que isso ocorreu por timidez. Notamos também que alguns sentiram dificuldades em elaborar perguntas logo após terem escutado o áudio, para esses foi necessário repetir a escuta.

Em seguida, iniciamos uma discussão com os estudantes sobre as fases da entrevista gravada: planejamento, gravação, edição e transmissão. Por meio de uma série de questões<sup>107</sup>, conversamos sobre a importância da preparação de um entrevistador.

Posteriormente, a partir dos temas definidos na reunião de pauta, os estudantes realizaram pesquisas e elaboraram questionários, no laboratório de informática. Cada estudante ficou responsável por dois temas: um para pesquisa e outro para pesquisa e

<sup>107</sup> As questões citadas estão presentes no Quadro 39 e podem ser consultadas no nono bloco do capítulo cinco.

elaboração de questões. Na figura a seguir, apresentamos um destes questionários que foi produzido para a entrevista sobre gravidez na adolescência.

**FIGURA 10 - Questionário elaborado por uma estudante/participante**

<p>Gravidez na adolescência, projeto "E agora, mãe?" - Gláucia maria Gomes de Oliveira.</p> <p>* O projeto "E agora, mãe?" atua apenas no DF?</p> <p>* Quando as meninas pedem ajuda para os pais sobre o projeto, elas recebem algum tipo de ajuda financeira durante a gestação?</p> <p>* E depois disso? Ficando!</p> <p>* Onde são registrados mais casos no DF?</p> <p>* Segundo a Secretaria de Saúde, em 2015, mais de 5.500 de casos com jovens até 19 anos foram registrados.</p>	<p>no DF. Esse número vem crescendo?</p> <p>* O fato dos pais não quererem conversar sobre isso, mas com a idade dos adolescentes fazem. Porque você acha que o assunto é importante?</p> <p>* Tem uma hora, ou uma idade certa para falar com os filhos sobre isso?</p> <p>* Quando o assunto SEXO é falado nas escolas, é repreendido de pelos pais. O que você pensa sobre?</p> <p>* A tecnologia ajuda na prevenção.</p>
--	--

Fonte: arquivo do pesquisador.

Logo depois, lemos e discutimos algumas sugestões para a realização de uma boa entrevista (ver quadro 40). Após isso, fizemos uma simulação da fase de gravação entre os participantes da pesquisa, a partir das pesquisas e dos roteiros elaborados por eles. Aqueles, que momentaneamente não participavam da simulação, assistiam e procuravam fazer uma análise das entrevistas, seguindo como critérios os aspectos apresentados no quadro 40.

Em geral, nessa simulação, os jovens fizeram perguntas curtas e com objetivos específicos e tentaram estimular a fala dos entrevistados. Alguns estudantes começaram a usar a técnica radiofônica de repetir o tema e o nome do entrevistado algumas vezes durante a entrevista. Aqueles que estavam observando a simulação apontaram alguns problemas: falta de concentração ao olhar muito para o ambiente e ao não manter a vista no entrevistado; manter muito distante o microfone da própria boca e da do entrevistado.

### **6.1.10 Relato do décimo bloco**

As atividades do décimo bloco foram realizadas no laboratório de informática. Para sua execução, foi necessário instalar, previamente, o *Audacity* e uma pasta com músicas e cópias das produções iniciais em todos os computadores e a elaboração de uma apresentação de *slides* com a finalidade de orientar os educandos para a utilização da ferramenta no encontro.

Inicialmente, os estudantes ligaram os computadores e abriram o programa. À medida que as ferramentas e as funcionalidades eram apresentadas por meio da projeção dos *slides* de *PowerPoint*, eles as procuravam no programa e as testavam.

Além da apresentação de slides, projetamos também o *Audacity* e realizamos algumas ações para que os participantes pudessem observar como proceder. Esse foi um primeiro contato da maioria dos estudantes com o programa de edição de áudio. Com o propósito de esclarecer dúvidas, deixamos uma abertura para que fizessem questionamentos a qualquer momento. Os estudantes ficaram atentos e a maioria fez perguntas, buscando esclarecer o que não entendia.

O segundo momento desse encontro serviu para fixar o conhecimento aprendido sobre as ferramentas e as funcionalidades do programa de edição. Nesse sentido, pedimos a todos os participantes do projeto que realizassem alguns comandos no *Audacity*. Como o grupo não era formado por muitos integrantes, pudemos observar e acompanhar individualmente o processo de apropriação da usabilidade das ferramentas. Alguns estudantes, que permaneceram calados no primeiro momento, não estavam acompanhando o restante do grupo e tiveram mais dificuldades. Apesar disso, conseguiram executar os comandos, mas foi necessário o auxílio do professor-pesquisador.

No último momento, os educandos aprenderam a aplicar os efeitos *auto duck*, *fade in* e *fade out*. Nessa atividade, eles se envolveram bastante e não tiveram muitas dificuldades para executar os comandos propostos.

### **6.1.11 Relato do décimo primeiro bloco**

Inicialmente, levamos os poemas *O bicho* de Manuel Bandeira e *No meio do caminho* de Carlos Drummond de Andrade para a sala de aula e propusemos uma atividade para brincar com as sílabas poéticas.

Buscamos primeiramente trabalhar com o ritmo. Isso foi feito por meio de uma leitura de modo lento, moderado ou rápido dos versos. No início, os estudantes apresentaram algumas resistências para realizar o exercício, mas, à medida que foram percebendo as diferentes possibilidades de participação, foram se engajando.

Em seguida, usando os mesmos poemas, realizamos uma atividade para trabalhar a entonação. Para isso, o exercício consistiu em destacar ou não as sílabas poéticas. Com esse intuito, propusemos que os estudantes as pronunciassem sussurrando ou emitindo-as com mais força. Essa proposta foi recebida com mais receptividade, no entanto, os participantes cansaram rapidamente.

Logo depois, foi desenvolvido um trabalho de associar os versos a uma melodia conhecida. Essa atividade foi amplamente rejeitada e só foi executada por dois estudantes. Acreditamos que isso aconteceu devido à timidez e ao medo de expor-se dos educandos.

Com o propósito de explorarmos o conhecimento prévio, perguntamos aos jovens se sabiam o que era uma vinheta, um respondeu que era "uma coisa para identificar um programa". Os outros concordaram, mas não acrescentaram informações e não souberam dar exemplos.

Para consolidar o conceito de vinheta, discutimos com eles os dados presentes no Dicionário de Comunicação de Rabaça e Barbosa (1978, p. 479) sobre o termo, conforme Quadro 42<sup>108</sup>. Deste modo, os participantes do projeto puderam perceber que a vinheta não serve apenas para identificar um programa, mas também um patrocinador, uma estação ou até um apresentador de um programa de rádio ou televisão. Além disso, puderam entender também que são usadas no início ou no fim de cada intervalo e que são constituídas, geralmente, por uma frase musical com ou sem texto.

Logo após, escutamos com os estudantes algumas vinhetas das rádios CBN, Antena 1 e Jovem Pan. À medida que ouvíamos, fazíamos alguns questionamentos (Quadro 43) para explorar os mecanismos usados na composição das vinhetas. Os participantes não tiveram dificuldades para responder às perguntas. Nesse sentido, perceberam com facilidade que a vinheta da rádio CBN era composta apenas por música e efeitos sonoros e que as vinhetas da Jovem Pan e da Antena 1, além desses elementos, faziam uso também de voz.

Os arquivos de áudio com as vinhetas da Jovem Pan e da Antena 1 apresentavam várias versões usadas pelas rádios ao longo dos anos. Questionados se percebiam alguma variação nos elementos usados na composição, os estudantes conseguiram observar que os

---

<sup>108</sup> O Quadro 42 pode ser consultado no bloco 11 do capítulo 5.

efeitos, as músicas de fundo e alguns *slogans* eram alterados, mas que a melodia e a voz principal com a identificação da rádio permaneciam praticamente inalteráveis. Em seguida, conversamos que essa estratégia de usar permanentemente alguns elementos contribui para fortalecer a identidade das rádios.

Ademais, refletimos sobre a melodia e o ritmo da voz principal e também sobre a intensidade das músicas nas vinhetas. Com isso, os jovens perceberam que, na vinheta da Jovem Pan, a palavra "jovem" é pronunciada mais devagar, de modo mais espaçado. Já o "pan" é pronunciado de uma vez. Observaram que o mesmo ocorre, na vinheta da Antena 1. O "antena" é pronunciado de modo espaçado e a palavra "um" de uma só vez. Quanto à variação no volume da música, notaram que durante a locução, a música tem a sua altura reduzida para destacar a voz principal.

Para finalizar a atividade, pedimos que, a partir do conceito discutido e das vinhetas analisadas, os estudantes tirassem algumas conclusões sobre a locução, a música e os efeitos presentes nelas. Sobre a locução, concluíram que ela tem um ritmo e que pode apresentar-se de modo cantado ou falado. Em relação à música, observaram que serve como plano de fundo e que é usado o efeito de reduzir a sua intensidade no momento da locução. Já em relação aos efeitos, notaram que, geralmente, são usados para iniciar e finalizar a vinheta e também para destacar a voz.

Com o objetivo de produzir vinhetas para a rádio e para o programa de entrevista, inicialmente, definimos com os estudantes as músicas de fundo (BG<sup>109</sup>). Para a rádio, escolhemos uma versão instrumental da música Charlie Brown da banda Coldplay. Já para o programa, selecionamos a versão instrumental de *Paradise* do mesmo conjunto musical.

Coletivamente, decidimos usar, na vinheta da rádio, apenas o nome "InterAção" de modo cantado. Em relação à vinheta do programa, resolvemos usar o nome "Entrevistando" também de forma cantada e o *slogan* "A voz que a gente quer ouvir" de modo falado. Para a vinheta de abertura do programa, definimos usar a expressão "está no ar"; já para a de encerramento decidimos usar a forma "apresentamos", ambas deveriam ser usadas antes do nome do programa e de modo falado.

Procuramos realizar um trabalho de ritmo e de entonação com os elementos informativos (nome e slogan) da rádio e do programa. Primeiro começamos com a gravação da vinheta da rádio, os estudantes se mostraram bastante resistentes e apenas três deles tentaram apresentar as suas ideias. Após algumas gravações, outra participante expôs uma

---

<sup>109</sup> BG é a forma abreviada de *background* são músicas, vozes ou ruídos em fundo, num filme, programa de rádio, tv, ou peça teatral (RABAÇA; BARBOSA, 1978, p.40).

ideia para a vinheta que foi recebida com entusiasmo pelo grupo. A partir disso, 5 jovens decidiram ensaiar juntos a melodia apresentada. Após a conclusão dessas gravações, o grupo aprovou unanimemente um dos resultados.

Em seguida, os estudantes editaram a vinheta da rádio, usando o programa *Audacity*. Para isso, selecionaram o trecho da gravação que deveria permanecer na vinheta e o trecho da música que seria usado como BG. Após a realização dessa seleção, importaram os dois arquivos em um mesmo documento, movendo o áudio da gravação para que fosse iniciado no momento de preferência deles. Logo depois, aplicaram os efeitos *auto duck*<sup>110</sup>, *fade in*<sup>111</sup> e *fade out*<sup>112</sup>.

A gravação e a edição das vinhetas do programa e da rádio seguiram o mesmo passo a passo. Sobretudo nas atividades de gravação, a maior parte dos estudantes não quis se envolver. Alguns não expunham suas ideias, mas riam daqueles que tentavam compor algo. Acreditamos que isso ocorreu por não terem o hábito de trabalharem com atividades semelhantes.

#### 6.1.12 Relato do décimo segundo bloco

Ao todo foram produzidas onze entrevistas<sup>113</sup>, com oito fontes diferentes. Um entrevistado concedeu duas entrevistas e outro, três.

Como faziam parte do círculo de amigos dos participantes, dois dos oito entrevistados foram convidados e agendados pelos próprios estudantes. O agendamento<sup>114</sup> das demais foi feito pelo professor-pesquisador.

Para que o convidado pudesse receber informações sólidas sobre o programa de entrevista, tais como o seu objetivo, o público-alvo e o local de transmissão, elaboramos, coletivamente, o seguinte modelo de convite.

---

<sup>110</sup> O efeito *Auto Duck* reduz o volume de uma ou mais faixas selecionadas, sempre que o volume de uma única faixa de controle não selecionada, colocada abaixo, alcance um determinado nível de limiar. Esse efeito é usado para criar uma música de fundo em produções de rádio.

<sup>111</sup> O efeito *Fade In* é aplicado quando se deseja um aumento de volume linear no áudio selecionado.

<sup>112</sup> O efeito *Fade Out* é aplicado quando se deseja uma diminuição do volume linear no áudio selecionado.

<sup>113</sup> Os programas de entrevista produzidos pelos estudantes para a rádio escolar estão disponíveis em: <https://radiointeracao.tumblr.com/>

<sup>114</sup> Na reunião de pauta, os estudantes só conseguiram apresentar dois nomes de entrevistado. Uma para a entrevista sobre rap nacional e outro para a entrevista sobre escolha profissional. Para ganhar tempo, as outras fontes foram definidas, convidadas e agendadas pelo professor-pesquisador, a partir da escolha coletiva dos temas realizada anteriormente.

**QUADRO 49 - Modelo de Convite**



Prezada Ludmille Dias Ribeiro,

Conforme conversamos por telefone, “**Moda, consumo e compulsão**” é o tema do programa **Entrevistando** que será transmitido em 16.08.17, no qual gostaríamos de contar com a sua participação.

Apresentado pelos estudantes do 9º ano do (Nome da escola), **Entrevistando** é um programa da rádio escolar **Interação** e é fruto do meu projeto de mestrado do Profletras (UFU).

Cada edição do programa enfoca um tema escolhido pelos estudantes com o objetivo de intervir em situações e problemas de sua comunidade.

**Entrevistando** tem cerca de 30 minutos de duração e é exibido, a partir das 9h30, às quartas-feiras, no intervalo da escola.

Os programas são todos gravados e editados antes de serem veiculados.

Atenciosamente,  
Klauber Franco  
Coordenador da Rádio Escolar Interação

Fonte: elaborado pelo pesquisador juntamente com os participantes da pesquisa.

As gravações foram realizadas presencialmente, via *WhatsApp* e por ligação telefônica. Das onze, seis foram presenciais; quatro por *WhatsApp*; e uma por ligação telefônica. O quadro, a seguir, resume essas informações.

**QUADRO 50 - Relação de temas, entrevistados, forma de realização da entrevista e datas de gravação**

Tema da entrevista	Entrevistado(a)	Forma de realização	Data de gravação
Rap Nacional	Iury - cantor e compositor de rap	Presencial	30/06
Escolha profissional	Poliana Borges Vieira - estudante de psicologia na Universidade do Oeste de Santa Catarina	<i>WhatsApp</i>	06/07
Moda, consumo e compulsão	Ludmille Dias Ribeiro - publicitária	<i>WhatsApp</i>	
Depressão	Priscila Patrício - psicóloga	Presencial	11/07
Gravidez na adolescência	Glauca Maria e Michele Assunção - assistentes sociais	Presencial	2/08
Intolerância	Tuka Villa-Lobos - idealizadora do Projeto Soma	Telefone	3/08
Preparação para os vestibulares	Marcos Ferreira - diretor de comunicação do cursinho preparatório gratuito Vestibular Cidadão	<i>WhatsApp</i>	21/08
O cursinho preparatório gratuito Vestibular Cidadão		<i>WhatsApp</i>	
Bulimia	Ana Flávia Máximo, professora do Departamento de Nutrição do Centro Universitário IESB	Presencial	28/08
Anorexia		Presencial	
Compulsão alimentar		Presencial	

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

As entrevistas realizadas por *WhatsApp* e por ligação telefônica foram gravadas na escola. Já as presenciais foram produzidas no local de trabalho do entrevistado. Para as saídas da escola, foi necessário o preenchimento de autorizações pelos responsáveis dos estudantes. A seguir, apresentamos o modelo de autorização que utilizamos no projeto.

**QUADRO 51 - Autorização dos responsáveis para saídas da escola**



**AUTORIZAÇÃO**

Autorizo o(a) estudante \_\_\_\_\_ a participar da gravação de uma entrevista do Projeto de Rádio, a ser realizada no dia 28 de agosto a partir das 10h no Centro Universitário IESB localizado na QNN 31 - Áreas Especiais B/C/D/E, Ceilândia Norte, Ceilândia - DF.

Horário de saída: 9h15  
Horário de retorno: 11h

---

Assinatura do responsável

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

No momento da realização do convite, procuramos convencer a fonte a gravar a entrevista face a face. Entretanto, em alguns casos devido à distância ou por incompatibilidade de agendas, propusemos a gravação por *WhatsApp* e por ligação telefônica. Duas entrevistadas eram de outros estados, uma era de Goiás e a outra, de Santa Catarina. Em função da distância, nesses casos, a entrevista não teve como ser presencial.

Para otimizar o tempo, procuramos gravar mais de uma entrevista no mesmo dia. No entanto, com a exceção das três entrevistas sobre transtornos alimentares, as outras três presenciais tiveram de ser gravadas em dias diferentes. Como pode ser observado no Quadro 50, as entrevistas sobre escolha profissional e moda, consumo e compulsão foram gravadas na mesma ocasião, da mesma forma, as entrevistas sobre a preparação para os vestibulares e sobre o cursinho preparatório gratuito Vestibular Cidadão.

Uma das vantagens das entrevistas face a face e da realizada por ligação telefônica foi que os educandos puderam formular novas perguntas a partir do que estava sendo dito pelo entrevistado. Já as que foram realizadas por *WhatsApp* foram frias, estanques e ficaram presas às questões previamente elaboradas. Em geral, nas entrevistas realizadas presencialmente ou por ligação telefônica, os aprendizes ficaram menos presos ao questionário e improvisaram mais do que as realizadas pelo *WhatsApp*.

Uma desvantagem da utilização do *TapeACaal* foi que a gravação ficou com tons de bip, já que o programa emite, com frequência, esses sinais sonoros para notificar os interlocutores de que está sendo realizada uma gravação.

O *WhatsApp* tem a vantagem de que, ao se enviar os áudios com a abertura, perguntas e encerramento da entrevista, o entrevistado que tem muitos compromissos pode aproveitar os momentos mais tranquilos para respondê-los. Uma desvantagem é o monitoramento e o

controle excessivo das gravações, pois o conteúdo pode ser feito e revisto várias vezes antes do envio por meio do aplicativo. Com isso, a gravação acaba perdendo em espontaneidade, tanto pela parte do entrevistado quanto pela parte do entrevistador.

Uma estudante começou a faltar aos encontros. Antecipando que essa jovem poderia não comparecer no dia da gravação, pedimos a uma outra participante que se preparasse para substituí-la em caso de ausência. Foi exatamente isso o que aconteceu. Entretanto, é importante ressaltar que a maioria dos participantes cumpriu os compromissos firmados e compareceu às datas combinadas para a gravação.

Após as gravações, tentamos realizar as edições em duplas. A maioria foi feita dessa forma. No entanto, em algumas situações, mesmo tendo confirmado que iriam à escola para editar, alguns participantes faltaram ou desmarcaram em cima da hora porque ou tinham trabalhos escolares para fazer ou porque estavam passando mal ou ainda porque algum parente estava doente. Tínhamos previsto ter cinco encontros para realizar todas as edições, mas, por causa das faltas, acabamos tendo oito.

Durante a edição, os estudantes puderam colocar em prática o conhecimento aprendido na oficina sobre o *Audacity* e também tirar suas dúvidas na prática. Como buscamos fazer a edição em duplas, foi possível dar uma atenção individualizada aos participantes.

Para facilitar o trabalho, pedimos aos alunos que levassem baixadas as músicas que fariam parte do programa em um dispositivo móvel. Um problema que surgiu durante a edição das entrevistas foi que algumas músicas selecionadas faziam apologia ao uso de drogas, falavam de violência ou insinuavam sexo. Com o propósito de refletir sobre isso, conversamos abertamente sobre o que estavam propondo e, ao perceber o sentido das letras, decidiram escolher outras canções.

Nas primeiras transmissões, usamos, além da mesa e das caixas de som da escola, um *notebook* com os programas editados e um cabo p2/p10. Nas duas primeiras transmissões, usamos as caixas de som que ficam espalhadas pela instituição de ensino e que são usadas para tocarm músicas durante a troca de sala dos estudantes. Apesar de proporcionar um alcance maior, a qualidade do som desses programas ficou prejudicada, porque esses equipamentos eram antigos, emitiam alguns ruídos e em alguns momentos passavam uma sensação de que o som estava rachando. A partir da terceira transmissão, passamos a utilizar outras caixas de som que eram mais potentes e que tinham uma qualidade melhor, entretanto, o áudio ficava concentrado apenas nas imediações da direção e das primeiras salas, não atingindo a todos os pontos da escola.

Os programas foram transmitidos às quartas-feiras durante o intervalo das aulas do matutino. Apesar de termos definido um cronograma para transmiti-los semanalmente durante aproximadamente dois meses, não conseguimos cumpri-lo. Isso aconteceu porque, como dissemos anteriormente, alguns estudantes faltaram ao encontro para a realização da edição e ficamos sem o programa para ser transmitido no dia previsto. Todos os programas gravados foram transmitidos, no entanto, acabamos usando mais tempo do que o previsto inicialmente.

Nas transmissões, os participantes da pesquisa não se envolveram muito. Essa atividade contou mais com o protagonismo de quatro estudantes, de um coordenador e de um supervisor da escola que procuravam perceber como estava o som, ajudavam a fazer a montagem e a desmontagem dos equipamentos e estavam sempre ali para resolver eventuais problemas.

Durante as transmissões, no intervalo das aulas, muitos ouvintes ficaram passeando pela instituição e era uma pequena parcela a que ficava parada em algum ponto, fazendo a audição atenta. Alguns nos procuraram, pensando que o programa era ao vivo e queriam fazer um pedido musical. Registramos as solicitações e procuramos atender em programas futuros. Já os docentes, em sua maioria, ficavam durante todo o recreio na sala dos professores e foram poucos os que nos procuraram para comentar o programa. Em geral, quando faziam, garantiam aprovar e gostar do conteúdo do programa.

Por meio de um formulário impresso, entregue a dez estudantes/ouvintes, avaliamos os programas durante a transmissão dos programas no intervalo da escola. No quadro a seguir, apresentamos o modelo de avaliação dos programas de rádio que elaboramos para obtermos um retorno do público em aspectos como temática, conteúdo, qualidade e outros pontos que pudessem contribuir para o seu aperfeiçoamento.

#### **QUADRO 52 - Modelo de avaliação dos programas de rádio**

<b>AVALIAÇÃO DE PROGRAMAS DE RÁDIO</b>
Programa avaliado: <b>Entrevistando</b>
Tema: <b>A preparação para o vestibular</b>
Transmitido em: ____/____2017
1. O que achou da temática abordada no programa de entrevista?
2. Quais temas você sugeriria para os próximos programas de entrevista?
3. O que achou da seleção musical?
4. Quais músicas você sugeriria para os próximos programas?
5. O que achou da qualidade do som?
6. Outros comentários:

Fonte: elaborado pelo pesquisador juntamente com os participantes da pesquisa.

Durante as transmissões, a maior parte dos estudantes/ouvintes avaliou os programas positivamente. Em geral, elogiaram a proximidade e a relevância dos temas para o público-alvo. A figura, a seguir, apresenta algumas dessas avaliações realizadas pelos ouvintes.

**FIGURA 11 - Fotografia das avaliações positivas dos ouvintes em relação aos temas do programa**

<p>PROGRAMA AVALIADO: ENTREVISTANDO</p> <p>TEMA: MODA, CONSUMO E COMPULSÃO      TRANSMITIDO EM: 24/08/2017</p> <p>1. O que achou da temática abordada no programa de entrevista?</p> <p>Acho que foi um bom tema, abriu meus olhos sobre o consumismo em excesso</p>
<p>TEMA: Bulimia      TRANSMITIDO EM: 21/09/2017</p> <p>1. O que achou da temática abordada no programa de entrevista?</p> <p>Achoi boa a aula, ainda mais com vários adolescentes com distúrbios alimentares, mais de ser aceita, etc</p>
<p>TEMA: Depressão</p> <p>TRANSMITIDO EM: 28/09/2017</p> <p>1. O que achou da temática abordada no programa de entrevista?</p> <p>Ótimo! Muitas pessoas pedem não se impertar com isso. Mas a maioria dos alunos acredita.</p>
<p>TEMA: A preparação para o vestibular</p> <p>TRANSMITIDO EM: 05/10/2017</p> <p>1. O que achou da temática abordada no programa de entrevista?</p> <p>Gostei muito, principalmente por a galera do terceiro ano e bem interessante.</p>

Fonte: acervo do pesquisador.

Nem todas as avaliações foram positivas. Alguns ouvintes reclamaram de que uns temas eram repetitivos, pois além de serem abordados na escola, eram tratados em vários outros veículos de comunicação. Ainda houve aqueles que não conseguiram perceber a relevância do assunto para o público-alvo, pois acreditavam que era um problema que afetava apenas a uma minoria. A seguir, expomos essas avaliações.

**FIGURA 12 - Fotografia das avaliações negativas dos ouvintes em relação aos temas do programa**

TEMA: MODA, CONSUMO E COMPULSÃO TRANSMITIDO EM: 24/08/2017

1. O que achou da temática abordada no programa de entrevista?

Bom aplicação pelo fato de estar na vivência da sociedade porém poderia ter mais criatividade no tempo pois este acaba por fim ficando negativo ao ouvinte pois ele se fala muito lugares.

TEMA: Bulimia TRANSMITIDO EM: 21/09/2017

1. O que achou da temática abordada no programa de entrevista?

É um tema relevante pois uma grande minoria usou que usava.

Fonte: acervo do pesquisador.

Muitos temas sugeridos na avaliação pelos ouvintes foram tratados em programas posteriores ou anteriores: dicas para o vestibular, *bullying*, depressão e o rap. Embora exista essa coincidência entre os temas sugeridos e abordados, é importante entender que eles já tinham sido definidos previamente na reunião de pauta. Na figura a seguir, podemos observar esses temas sugeridos pelos ouvintes.

**FIGURA 13 - Fotografia dos temas sugeridos por meio da avaliação dos ouvintes e que foram abordados nos programas**

2. Quais temas você sugeriria para os próximos programas de entrevista?

Bullying, e outros temas que estão presentes no nosso dia a dia.

2. Quais temas você sugeriria para os próximos programas de entrevista?

Rap, hiphop e vertentes no DF.

2. Quais temas você sugeriria para os próximos programas de entrevista?

Estudos, depressão, diversidade de gênero, música, país, família, etc.

2. Quais temas você sugeriria para os próximos programas de entrevista?

Entendimento cultural, dicas para vestibular.

Fonte: acervo do pesquisador.

Outras sugestões de temas, que não foram contempladas nos programas produzidos, mas que poderiam ser discutidas em uma nova reunião de pauta: aborto, agressão física e/ou psicológica, estupro, homofobia, liberdade de expressão, dificuldades na redação do ENEM, castração química, legalização da maconha. Essas sugestões são mostradas a seguir.

**FIGURA 14 - Fotografia dos temas sugeridos por meio da avaliação dos ouvintes, mas que não foram abordados nos programas**

2. Quais temas você sugeriria para os próximos programas de entrevista?

Aborto, castração química, legalização da Maconha.

Aborto

Agressão fisicamente e psicologicamente

Estupro

Sobre simpatia e liberdade de expressão.

Dificuldades na redação do e-mail

Fonte: acervo do pesquisador.

Muitos ouvintes gostaram da seleção musical, elogiaram a escolha por serem atualizadas e diversificadas. A seguir, podemos observar essas avaliações.

**FIGURA 15 - Fotografia da avaliação positiva dos ouvintes sobre a seleção musical**

3. O que achou da seleção musical?

Sabeu que não das músicas as pessoas parecem gostar delas

Bom, acho que estão atualizadas.

Ótimo, bastante diverso. Creio que agradeu a vários públicos.

Maravilhosa, as músicas tocam você de uma forma tão profunda.

Fonte: acervo do pesquisador.

Alguns criticaram, mas não apresentaram sugestões. Outros afirmaram que entre as músicas escolhidas havia muitas lentas. Expomos, a seguir, essas avaliações.

**FIGURA 16 - Fotografia da avaliação negativa dos ouvintes sobre a seleção musical**

3. O que achou da seleção musical?

não achei muito boa!

boa, porém tem muita música lenta.

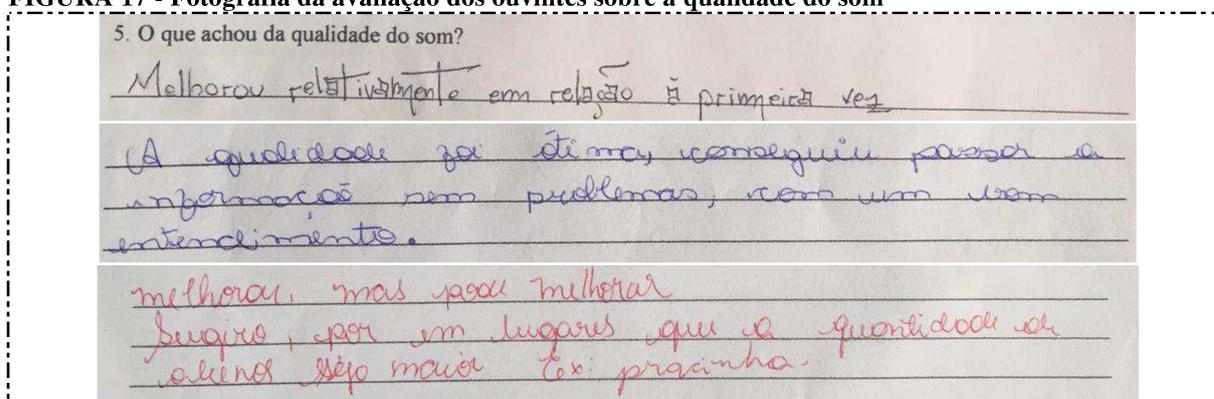
Achei razoável, algumas músicas muito lentas, que não são.

Fonte: acervo do pesquisador.

As músicas sugeridas foram analisadas para perceber se faziam apologia ao uso de drogas, se falavam de violência ou se insinuavam sexo. A partir dessa análise, contemplamos as canções, que não traziam esse conteúdo, nos programas posteriores à avaliação.

A decisão de deixar de usar as caixas de som que ficam espalhadas pela instituição de ensino e passar a usar outras duas, que eram mais novas e potentes, a partir do terceiro programa, foi bem recebida pelos ouvintes que perceberam uma melhora na qualidade do som. No entanto, sugeriram que a rádio aumentasse o seu alcance, atingindo outros pontos da escola.

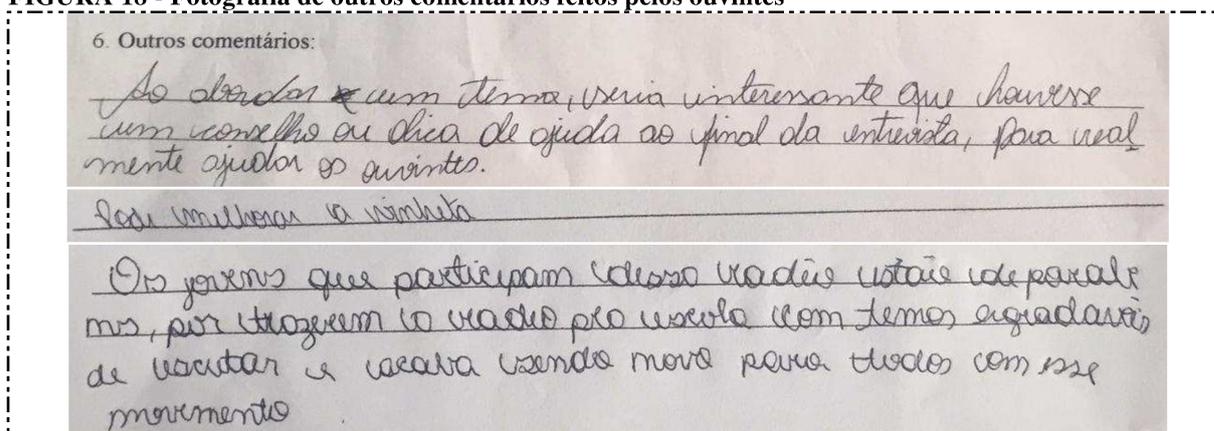
**FIGURA 17 - Fotografia da avaliação dos ouvintes sobre a qualidade do som**



Fonte: acervo do pesquisador.

A última questão da avaliação preenchida pelos ouvintes trouxe sugestões para a melhora do programa e também elogios aos participantes da rádio.

**FIGURA 18 - Fotografia de outros comentários feitos pelos ouvintes**



Fonte: acervo do pesquisador.

## 6.2 Avaliação da proposta de multiletramentos pelos estudantes/participantes

Ao desenvolvermos uma pesquisa-ação (THIOLLENT, 1996), acreditamos ser importante observarmos a opinião dos participantes sobre as atividades propostas, pois eles foram fundamentais para a sua realização.

Com o intuito de conhecermos a avaliação deles sobre as atividades aplicadas, após a transmissão de todos os programas, marcamos um encontro com os estudantes para que respondessem a algumas questões<sup>115</sup>. Dos nove aprendizes, que produziram entrevistas, apenas seis compareceram a essa reunião final. Nesse sentido, a avaliação proposta, nesta seção, foi realizada somente pelos educandos presentes. No quadro, a seguir, apresentamos o questionário respondido.

### QUADRO 53 - Avaliação das atividades desenvolvidas no projeto de rádio

- 1) Em relação às atividades desenvolvidas no Projeto de Rádio:
  - a) Cite pontos positivos.
  - b) Cite pontos negativos.
- 2) O que achou das atividades com o gênero entrevista radiofônica?
- 3) Relate como foi a sua experiência com o programa Audacity?
- 4) Faça outros comentários que julgar pertinente.

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Por meio do questionário, foi possível conhecer quais aspectos foram considerados positivos pelos participantes nas atividades executadas. A seguir, mostramos um quadro com essas informações.

### QUADRO 54 - Pontos positivos das atividades do Projeto de Rádio apresentados pelos participantes

- Estudante 1** - Construímos uma rádio na escola e aprendemos a usar um programa de edição de áudio.
- Estudante 2** - Foi muito legal aprender como se edita. Nossos encontros sempre tinham atividades interativas e a gravação foi muito divertida.
- Estudante 3** - A edição dos programas e as pessoas entrevistadas.
- Estudante 4** - Particularmente, foi uma experiência incrível! Foi uma oportunidade de conhecer e conviver com "um mundo" diferente que acrescentou no meu conhecimento e forma de pensar.
- Estudante 5** - Adquirir conhecimentos de como fazer uma entrevista, editar, abordar assuntos diversos e bastante ecléticos.
- Estudante 6** - Aprendemos a editar e entrevistar. Criamos laços novos de amizade e descobrimos coisas novas sobre nós mesmos.

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

<sup>115</sup> Com o intuito de alcançarmos o nosso objetivo de que os participantes apresentassem suas opiniões sobre o que acharam das atividades, não solicitamos que o questionário fosse identificado.

Como podemos observar, a maioria dos participantes gostou das atividades que envolveram o programa de edição *Audacity*. Nesse sentido, acreditamos que isso aconteceu, porque essas ações possibilitaram acesso a um conhecimento novo para a maior parte deles.

Além disso, é possível notar também que apreciaram as ações propostas com o gênero entrevista radiofônica, já que citaram como aspectos positivos as atividades para a sua apropriação, o contato com os entrevistados, a gravação, os diferentes assuntos abordados em todo o projeto e a interação proporcionada pelas ações realizadas. Deste modo, acreditamos que a elaboração de exercícios fundamentados na teoria sociodiscursiva na perspectiva de Bakhtin (1997) contribuiu significativamente para isso.

Outros aspectos contemplados pelos jovens foram a construção de uma rádio na escola e o fato de terem contato com a rotina de trabalho dos jornalistas. Com isso, podemos perceber que, realmente, o projeto mudou o cotidiano da escola e proporcionou aos estudantes novos conhecimentos e experiências.

Com o questionário, pudemos também perceber os aspectos negativos observados pelos educandos nas atividades. Isso pode ser observado no quadro seguinte.

**QUADRO 55 - Pontos negativos das atividades do Projeto de Rádio apresentados pelos participantes**

<p><b>Estudante 1</b> - Podíamos tentar realizar as edições em casa.  <b>Estudante 2</b> - Eu não tenho nada a reclamar. Para mim, foi tudo bom.  <b>Estudante 3</b> - Na minha opinião, nenhum.  <b>Estudante 4</b> - Nenhum.  <b>Estudante 5</b> - Dificuldades na parte de edição.  <b>Estudante 6</b> - Deveríamos ter nos esforçado mais.</p>
--

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

De acordo com as informações expostas no quadro, podemos perceber que, mesmo não solicitando a identificação dos questionários, a maioria não quis apontar aspectos negativos. Pela nossa experiência, percebemos que há um receio de os estudantes se manifestarem devido ao fato de acreditarem na existência de uma relação de poder entre docente e discente. Nesse sentido, os participantes podem ter sido levados a não apontar pontos negativos por acreditarem que isso poderia desagradar ao professor.

Entretanto, indicaram como um ponto negativo as dificuldades encontradas na edição dos programas. Apesar de não terem citado outros aspectos contraproducentes, sugeriram a realização das edições em casa. Lembramos que as edições foram realizadas na escola, com nossa mediação, para que pudéssemos esclarecer eventuais dúvidas que os participantes pudessem ter durante a sua execução.

Além disso, por meio do questionário, pudemos observar também a avaliação dos estudantes em relação às atividades propostas com o gênero entrevista radiofônica. No quadro seguinte, expomos os comentários realizados.

**QUADRO 56 - Apreciação dos participantes em relação às atividades propostas com o gênero**

**Estudante 2** - Acho que foi muito importante, pois eu não sabia como funcionava perfeitamente a entrevista.

**Estudante 3** - Foi muito importante para comunicar com outras pessoas.

**Estudante 4** - Tive contato com uma área que nunca imaginei que me envolveria. Aprendi a editar áudios. Fui encorajada a entrevistar alguém desconhecido. E todo o conteúdo passado para nós.

**Estudante 5** - Os diversos assuntos das entrevistas trabalhadas.

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Em síntese, os estudantes afirmaram que acharam importante os exercícios aplicados com a entrevista radiofônica, pois, por meio deles, puderam compreender o funcionamento do gênero. Além disso, perceberam a relevância de terem contato com uma diversidade de temas e de se envolverem com atividades da rotina dos jornalistas. Outro ponto que merece destaque é a percepção de que as ações planejadas contribuíram para que pudessem melhorar a sua comunicação interpessoal. Em suma, com essas avaliações, podemos perceber que as atividades agradaram aos alunos e acreditamos que isso se deu pelo fato de conciliarmos a parte teórica, a partir dos conhecimentos das especificidades do gênero, com a vivência das situações em que a entrevista acontece.

Com o questionário, procuramos também perceber como foi a experiência dos participantes com a atividade de edição de áudios. Alguns relatos do contato dos aprendizes com o *Audacity* podem ser lidos no quadro a seguir.

**QUADRO 57 - Relato da experiência dos estudantes com o programa *Audacity***

**Estudante 2** - Foi ótimo. Eu gostei de passar por essa experiência. Curti muito.

**Estudante 3** - Desenvolvi e descobri muitas coisas que foram bem legais e úteis.

**Estudante 4** - Muito boa! Nunca pensei que, algum dia, pudesse editar áudios no computador. Foi incrível.

**Estudante 5** - Complicado, pois é um programa que tem que mexer em todas as suas ferramentas. Então, isso dificultou um pouco.

**Estudante 6** - Legal. Ele é meio chatinho de trabalhar, mas o resultado final é bom.

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Como podemos observar pelo que foi registrado no quadro anterior, a maioria gostou de ter aprendido a editar áudios. Entretanto, percebemos também que alguns sentiram dificuldades para trabalhar com o programa, sobretudo, porque exige o domínio de muitas ferramentas. Por outro lado, relataram que não esperavam passar por essa experiência e que, por meio dela, aprenderam muito. Ademais, os jovens perceberam que o *software* é útil e que possibilita realizar um trabalho com qualidade.

Por fim, deixamos espaço, no questionário, para que os participantes pudessem comentar outros aspectos relacionados com o projeto. No quadro a seguir, podemos observar isso.

**QUADRO 58 - Outros comentários dos estudantes sobre o projeto desenvolvido**

**Estudante 1** - Nada a dizer. Apenas parabéns pra nós!

**Estudante 2** - Mais nada a declarar.

**Estudante 3** - Foi tudo muito legal e divertido. Foi uma experiência pra vida toda, pois o que aprendemos será muito útil para as nossas vidas.

**Estudante 4** - É sensacional poder dizer que onde estudo tem uma rádio! Acho superlegal esse projeto e espero que tenha continuidade.

**Estudante 6** - Eu recomendo esse projeto a todos os estudantes que forem convidados a fazer parte dele.

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Em resumo, podemos perceber que os estudantes apreciaram as ações desenvolvidas e sentiram prazer em realizá-las, recomendando o projeto a outros alunos. Como não é muito comum a existência de rádios nas escolas do DF, perceberam o diferencial das ações realizadas para a instituição em que estudam e gostariam de dar continuidade ao projeto. Além disso, relataram mais uma vez que a experiência foi marcante e que acreditam que esse conhecimento vai ser útil em outros momentos de suas vidas.

### 6.3 Análise da aplicação

Para analisarmos a aplicação da proposta, levamos em conta os questionários; a gravação dos encontros; as produções iniciais de entrevistas e os programas radiofônicos realizados como produções finais; o diário de bordo dos estudantes; e o diário de prática do professor/pesquisador.

Com o intuito de orientarmos a análise e discutirmos as três questões de pesquisa desta dissertação, elaboramos dez critérios<sup>116</sup>.

Na primeira questão, buscamos discorrer sobre como se configurou o protagonismo dos estudantes na proposta. Para isso, elaboramos quatro critérios com base nos pilares do conceito de protagonismo juvenil proposto pelo Grupo Interagir (2006) apud Souza (2006, p. 330).

Nessa perspectiva, o primeiro critério<sup>117</sup> produzido buscou observar como foi a atuação dos jovens e se ela foi consciente. Pudemos notar a participação ativa da maioria dos

<sup>116</sup> Os critérios mencionados podem ser consultados nos quadros 3, 4 e 5.

<sup>117</sup> Esse critério foi elaborado conforme o pilar "iniciativa" que sustenta o conceito de protagonismo juvenil do Grupo Interagir (2006) apud Souza (2006, p. 330).

estudantes em diversos momentos. Em alguns períodos, essa atuação ativa foi individual: na criação de um grupo de *WhatsApp* para comunicação entre os participantes do projeto; na elaboração de urna e de cartazes; na realização de pesquisas; na elaboração de questionários; na postura questionadora de alguns estudantes durante leituras, discussões e outros momentos; ao editar os programas de entrevista.

Já em outros momentos, tivemos uma atuação ativa coletiva: na divulgação do processo de escolha do nome da rádio; na construção de uma proposta inicial de uma linha editorial para a rádio escolar; na seleção do *slogan* e do nome do programa de entrevista; na criação do logotipo da rádio; nas respostas dadas aos questionamentos referentes aos exercícios propostos sobre o gênero entrevista radiofônica; nas decisões tomadas nas reuniões de pauta; na análise e na discussão sobre os pontos fortes e fracos das produções iniciais; na criação e edição de vinhetas para a rádio.

Nas etapas citadas, a atuação, além de ser ativa, foi consciente, pois nas decisões, ações e discussões, os participantes visavam a um resultado.

Mesmo nos momentos em que tivemos uma atuação ativa e coletiva, alguns participantes permaneceram, em boa parte do tempo, passivos e calados. No entanto, participaram das decisões por meio das votações realizadas.

As entrevistas finais gravadas face a face e a realizada por ligação telefônica permitiram uma atuação mais ativa dos participantes do que a realizada pelo *WhatsApp*, pois possibilitaram a formulação de novas perguntas a partir do que estava sendo dito pelo entrevistado.

Em uns momentos, alguns não se envolveram muito. Assim aconteceu quando propusemos que os educandos elaborassem perguntas a partir da escuta atenta de alguns áudios. Embora nosso objetivo fosse o envolvimento de todos, dois educandos se negaram a participar da atividade. Por meio da observação, percebemos que isso pode ter acontecido por esses aprendizes serem tímidos e por terem a falsa mentalidade de que não seriam capazes de realizar tal ação. Diante dessa situação, tentamos motivá-los a participar; entretanto, sem êxito, não os forçamos a nada.

Outro momento de pouco envolvimento de alguns foi quando propusemos atividades com o ritmo, com a entonação e com o uso de melodias. Alguns apresentaram resistências para realizar os exercícios de ritmo, mas, à medida que foram percebendo as diferentes possibilidades de participação, foram se engajando. A atividade com a entonação foi recebida

com mais receptividade, já o trabalho de associar os versos a uma melodia conhecida não teve muita aceitação e só foi executado por alguns estudantes.

A maioria atuou conscientemente ao defender o uso de conteúdo musical no programa de entrevista. Segundo eles, durante o intervalo da escola, todos os alunos estavam acostumados a ouvir apenas músicas, esse conteúdo era necessário para atrair o público e para que o conteúdo informativo não fosse rejeitado.

Procuramos levar os educandos a atuarem conscientemente também durante o processo de escolha das músicas. Como decidimos que as canções não deveriam abordar violência, insinuar sexo ou fazer apologia ao uso de drogas, quando algum participante apresentava alguma música com esse conteúdo, pedíamos que fizesse nova audição atenta dela com intuito de que percebesse esse uso.

Um momento de pouco envolvimento foi durante o processo de criação das vinhetas. Quando começamos a gravação delas, os estudantes se mostraram bastante resistentes e apenas três deles tentaram apresentar as suas ideias. Após algumas gravações, outra participante expôs uma ideia para a vinheta que foi recebida com entusiasmo pelo grupo. A partir disso, cinco jovens decidiram ensaiar juntos a melodia apresentada. Principalmente, enquanto uns realizavam algumas tentativas havia aprendizes que não quiseram se envolver, não expunham suas ideias e riam daqueles que tentavam compor algo.

Observamos também que alguns educandos, que permaneceram calados quando explicávamos as ferramentas e funcionalidades do programa de edição, não estavam acompanhando o restante do grupo e tiveram mais dificuldades quando solicitamos que realizassem alguns comandos para fixar as ideias expostas. Apesar disso, conseguiram executar os comandos, mas foi necessário o auxílio do professor/ pesquisador.

Diante do que analisamos em relação a esse primeiro critério, percebemos que durante a aplicação, a maioria dos participantes atuou ativa e conscientemente, entretanto, alguns foram um pouco passivos.

Outro critério<sup>118</sup> que buscamos discutir para perscrutar como se configurou o protagonismo dos estudantes foi sondar como e se os jovens buscaram soluções para os desafios dos ambientes em que vivem e convivem.

No processo de construção da rádio escolar, é possível observar as soluções procuradas pelos educandos para o desafio de escolher o nome do veículo de comunicação.

---

<sup>118</sup> O segundo critério também foi produzido de acordo com o pilar "iniciativa" que fundamenta o conceito de protagonismo juvenil do Grupo Interagir (2006) apud Souza (2006, p. 330).

Nas falas seguintes, podemos observar alguns caminhos sugeridos pelos participantes para essa ação.

- (3) **Kloe** - Professor, eu acho que... tipo assim... apesar de... como a rádio vai ser pra escola que a gente ... sinceramente... quando eu entro num projeto desses que eu vou trabalhar pros outros que eu estou trabalhando em função da escola. Pra mim, eu penso assim, então eu não tenho mérito ou decisão nenhuma de escolha. Então, eu acho que assim, a gente podia abrir pelo menos pro matutino, pro vespertino não, não sei porque né, mas eu não creio que seria uma ideia que daria frutos. Eu não sei, né. É só um ponto de vista.
- Professor** - Como seria essa abertura? Cada turma passaria um nome?
- Kloe** - Não. A gente poderia fazer tipo uma urna. A gente mesmo fazer. E pendurar ela em algum lugar e tipo passar de sala em sala avisando sobre o que está acontecendo.
- Valéria** - Mas professor... Somos nós que estamos dando início a esse projeto. Então, nós somos é... o elenco disso, né? Então, eu acho que a decisão disso é nossa.
- Professor** - Mas você acha justo escolhermos sozinhos o nome de uma rádio que será da escola?
- Valéria** - Se uma pessoa vai escolher o nome, por exemplo, em uma rádio comunitária, ela não vai perguntar para toda a comunidade pra saber qual é o nome que ela acha mais legal.
- Bits** - Concordo com ela (apontando para Kloe). A gente podia separar... sei lá 5 nomes para o nome da rádio e passava nas salas, pedia um tempo pros professores, né, e fazia uma votação.
- Kloe** - A gente pode passar nas salas avisando que uma urna vai estar em determinado local da escola para receber sugestões de nomes. A gente pode deixar ela lá por alguns dias para receber as sugestões e depois a gente seleciona os nomes e faz uma votação.

(Trecho da gravação do encontro do dia 11/05/2017)

Observamos no trecho transcrito acima que os aprendizes buscaram discutir e encontrar um caminho para a escolha do nome da rádio.

Na reunião de pauta, também percebemos claramente essa tentativa dos jovens de buscar soluções para os desafios dos ambientes em que vivem e convivem, pois além de discutir os problemas, procuramos definir os temas das entrevistas a serem produzidas e uma forma para abordar o assunto.

Assim, por exemplo, durante a reunião de pauta, ao perceberem a necessidade de abordar um problema que estava atingindo os colegas de escola, os estudantes propuseram formas para abordar esse tema no programa de entrevista.

- (13) **Kloe** - Não vai adiantar a gente falar de suicídio para uma pessoa que está pensando em cometer suicídio. A gente tem que falar para quem está em volta das pessoas que querem cometer suicídio. Então, tipo assim, a Amora quer cometer suicídio e ela dá pistas, né? Porque todo suicida ele dá pistas. Ele não vai lá e se mata. Ele pensa nisso, ele trabalha em cima disso, pensa no que isso pode causar. E isso acaba com a pessoa. E dá pra gente perceber isso... ou não? Então, às vezes você tem um amigo que mudou de postura. E é importante que você esteja atento a isso, que você tente se aproximar para perceber o que está acontecendo. Tipo assim, você não vai chegar em alguém e perguntar: você tá pensando em cometer suicídio? Você vai ajudar ela, você vai perguntar como que ela tá?
- [...]
- Lucas** - A gente tem que alertar aquelas pessoas... por exemplo, a Valéria está com depressão, ela fala pra outra pessoa, só que ela diz: "ah isso é frescura". A gente tem que mostrar pra essas pessoas que ela pode ser uma suicida em potencial.

(Trecho da gravação do encontro do dia 12/06/2017)

Tanto no processo de construção da rádio escolar, quanto na reunião de pauta, a maioria dos participantes do projeto buscou soluções para os desafios em que estavam envolvidos. É importante ressaltar que não foram todos que participaram ativamente nessa busca de soluções. Alguns permaneceram passivos, apenas observando essas atividades e não se envolveram com elas.

Outro critério<sup>119</sup> que buscamos investigar foi se houve liberdade para os estudantes escolherem a área de interesse e a forma de ação e de intervenção.

Em relação à liberdade para a escolha da área de interesse, podemos observá-la em alguns momentos durante a aplicação. Logo no início, procuramos conhecer, por meio de questionário e por meio de conversas com os aprendizes, os temas que lhes interessavam e que gostariam de ouvir em um programa de entrevista. Essa informação sobre a área de interesse foi usada para escolhermos os exemplares que seriam usados durante a aplicação da proposta. Outro momento, em que foi dada a liberdade para os educandos manifestarem suas áreas de interesse, foi durante as reuniões de pauta.

No que se refere à forma de ação e intervenção, não houve liberdade para que os participantes escolhessem o gênero que seria trabalhado no projeto. Antes de saberem que iríamos trabalhar com a entrevista radiofônica, eles estavam muito empolgados e queriam realizar vários programas de rádio de uma só vez. No entanto, compreenderam que primeiro era necessário se apropriar das especificidades de um gênero, para depois partir para outros.

Entretanto, nos outros momentos, os aprendizes tiveram liberdade para escolherem a forma de ação e de intervenção. Assim ocorreu, por exemplo, em algumas situações, que já citamos anteriormente ao analisarmos a atuação dos jovens: quando os estudantes decidiram que o programa deveria ter músicas para atrair o seu público; no processo de escolha de um nome para a rádio; na seleção do *slogan* e do nome do programa de entrevista; na elaboração e confecção de cartazes com as informações sobre as etapas de escolha do nome da rádio; no processo de criação do logotipo para a rádio; nas reuniões de pauta; no processo de criação das vinhetas para a rádio.

Diante do exposto, podemos perceber que, apesar de não termos dado a oportunidade para que os participantes selecionassem o gênero a ser trabalhado no projeto, muitos foram os momentos de liberdade para que escolhessem a área de interesse e a forma de ação e de intervenção.

---

<sup>119</sup> Esse critério foi criado segundo o pilar "liberdade" que embasa o conceito de protagonismo juvenil do Grupo Interagir (2006) apud Souza (2006, p. 330).

No último critério<sup>120</sup> produzido para discutir o protagonismo, procuramos perceber se, e como, os jovens estabeleceram compromisso com o projeto de rádio escolar. Em geral, observamos que, durante a aplicação, alguns estudantes se engajaram mais do que outros.

O compromisso com as atividades planejadas é um aspecto que permite observar este engajamento ou não. Nesse sentido, na semana anterior à realização da produção inicial, fizemos um planejamento, no qual dividimos os temas e decidimos as duplas, já que, nessa atividade, eles exerceriam as duas funções: entrevistador e entrevistado. No dia da gravação, dos dez estudantes que estavam participando do projeto, uma faltou, deixando uma dupla desfalcada.

Essa mesma estudante, que faltou à produção inicial, ficou responsável pela entrevista sobre gravidez na adolescência durante a gravação da produção final. Como ela começou a faltar a alguns encontros, antecipando que poderia não comparecer no dia da gravação, pedimos a uma participante, que já havia realizado um programa, que se preparasse para substituí-la, em caso de ausência. Foi exatamente isso que aconteceu: a participante faltou e ocorreu a substituição. Questionada sobre o motivo de sua falta, informou que tinha surgido outro compromisso mais importante. Em relação às gravações, todos os outros participantes cumpriram os compromissos firmados e compareceram nas datas combinadas.

Outro momento que pudemos observar o compromisso dos participantes foi após a gravação da produção inicial, quando pedimos a cada um que transcrevesse a sua entrevista e que a enviasse por e-mail. Das nove gravadas, seis foram transcritas e enviadas pelo correio eletrônico. Os outros três participantes afirmaram que não conseguiram realizar a atividade, porque tinham trabalhos de outras disciplinas para fazer.

Durante a edição dos programas, também pudemos observar o compromisso dos estudantes. Essa atividade foi programada para ser realizada em duplas, porém, em algumas situações, mesmo tendo confirmado que iriam à escola para editar, alguns participantes faltaram ou desmarcaram em cima da hora porque ou tinham trabalhos escolares para fazer ou porque estavam passando mal ou ainda porque algum parente estava doente. Tínhamos previsto ter cinco encontros para realizar todas as edições. Por causa das faltas, acabamos tendo de realizar oito encontros. Outras consequências foram: modificações no cronograma para a transmissão dos programas; e a utilização de um tempo maior do que o previsto inicialmente para a edição das entrevistas.

---

<sup>120</sup> Esse critério foi elaborado conforme o pilar "compromisso" que faz parte do conceito de protagonismo juvenil do Grupo Interagir (2006) apud Souza (2006, p. 330).

Nas transmissões, alguns educandos não se envolveram muito. Essa atividade contou mais com o protagonismo de quatro participantes, de um coordenador e de um supervisor da escola que procuravam perceber como estava o som, ajudavam a fazer a montagem e a desmontagem dos equipamentos e tentavam resolver eventuais problemas.

Iniciamos a aplicação com doze estudantes e finalizamos com nove. Na terceira semana, houve duas desistências que foram justificadas. Um garantiu ter ganhado uma bolsa de estudos em um curso profissionalizante e outra afirmou ter começado aulas de voleibol. A terceira desistência foi da estudante que faltou aos compromissos marcados de gravação da produção inicial e final. Ela não compareceu mais aos encontros e também não apresentou uma justificativa para a sua desistência.

Diante do que apresentamos, podemos concluir que o compromisso/ engajamento não envolveu a todos os estudantes/participantes e não se apresentou de forma regular durante a aplicação das atividades. Entretanto, muitos apresentaram a mesma postura durante todo o processo e cumpriram todos os compromissos firmados. O principal fator que contribuiu para o não cumprimento dos compromissos por alguns foi o fato de não terem o projeto de rádio escolar como uma prioridade entre as outras atividades de suas vidas.

Com a análise dos quatro critérios - definidos a partir dos pilares que formam o conceito elaborado pelo Grupo Interagir (2006) apud Souza (2006, p. 330) - percebemos que houve momentos em que o protagonismo juvenil se configurou nitidamente durante a aplicação da proposta. Apesar disso, esse protagonismo não se deu de forma geral nem regular entre os participantes. Entretanto, pudemos observar que envolveu a maioria deles.

Com a segunda questão de pesquisa, buscamos discutir como se apresentaram e quais aspectos foram favoráveis e quais foram conflitantes na aplicação das atividades para a apropriação do gênero entrevista radiofônica pelos estudantes. Para isso, elaboramos dois critérios de análise.

O primeiro critério buscou comparar as produções iniciais e finais com o intuito de perceber se houve avanços ou não no que se refere à apropriação do gênero e observar também que aspectos presentes nas atividades planejadas estariam associados a esses resultados. Para isso, usamos os mesmos quadros<sup>121</sup> e critérios elaborados para analisar com os participantes as produções iniciais no Bloco 6 da proposta.

Como informamos anteriormente, realizamos ao todo onze gravações de produções finais. Dos nove educandos, dois fizeram duas gravações. Para essa análise comparativa,

---

<sup>121</sup> As informações citadas podem ser consultadas nos quadros 25, 26 e 27.

tomamos apenas uma gravação por estudante e demos preferência às gravações realizadas presencialmente. Dessa forma, analisamos nove produções finais, sendo que cinco foram realizadas presencialmente, uma por telefone e três por *WhatsApp*. Como veremos, alguns critérios de análise - presentes nos quadros - não se aplicam (N/A) às produções feitas por meio do *WhatsApp*.

No quadro a seguir, apresentamos uma comparação entre os elementos contemplados pelos aprendizes nas aberturas das produções inicial e final.

**QUADRO 59 - Comparação dos elementos contemplados na abertura das produções inicial e final**

Entrevistador	Produção Inicial									Produção Final								
	Valéria	Lucas	Manu	Giselle	Kloe	Bits	Amora	Vítor	Sophia	Valéria	Lucas	Manu	Giselle	Kloe	Bits	Amora	Vítor	Sophia
Há uma interação/ saudação direta ao público?	N	N	N	N	N	N	N	N	N	S	S	S	S	S	S	S	S	S
O entrevistador se apresenta?	S	S	N	N	N	N	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
O tema é apresentado?	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
O entrevistado é apresentado?	S	S	S	N	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Há saudação recíproca entre entrevistado e entrevistador?	S	N	N	N	S	S	S	S	N	S	S	S	S	S	S	S	S	S

Fonte: elaborado pelo pesquisador a partir das ideias de Baltar (2012), Stewart e Cash (2015) e Prado (1989).

Na abertura da produção final, os educandos progrediram e contemplaram todos os critérios usados, primeiramente, para analisar a produção inicial.

Acreditamos que esse avanço se deu, principalmente, porque, durante a aplicação da proposta, os participantes puderam compreender esses movimentos empregados nas aberturas das entrevistas por meio das atividades realizadas. Nesse sentido, os exercícios usados para explorar os exemplares procuraram chamar atenção para esses aspectos, da mesma forma que, durante o momento de análise e discussão da produção inicial, os estudantes puderam ter ciência acerca daquilo que já sabiam fazer e também puderam conhecer os aspectos que precisavam crescer.

No quadro a seguir, apresentamos uma comparação entre os elementos contemplados pelos aprendizes na fase de perguntas e respostas das produções inicial e final.

**QUADRO 60 - Comparação dos elementos contemplados na fase de perguntas e respostas das produções inicial e final**

Entrevistador	Produção Inicial									Produção Final								
	Valéria	Lucas	Manu	Giselle	Kloe	Bits	Amora	Vítor	Sophia	Valéria	Lucas	Manu	Giselle	Kloe	Bits	Amora	Vítor	Sophia
Demonstra estar ouvindo e elabora novas perguntas a partir do que é respondido com o objetivo de esclarecer e esgotar o tema (FERRARETTO, 2014, p. 181).	S	S	N	N	N	S	N	N	S	+	S	S	N	S	+	N	N	+
										/		/	/	/	/	/	/	/
										-			A	-	A	A	-	
Durante a entrevista, permanece como um(a) observador(a) do que está sendo dito e não como um participante com posição sobre o assunto (FERRARETTO, 2014, p. 186).	N	N	S	S	N	N	S	N	S	N	N	S	S	N	N	S	S	N
O(A) entrevistador(a) controla todo o processo e reconduz o entrevistado, impedindo a fuga ao tema (LAGE, 2009, p. 80).	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	N	S	S	N	N	S	
												/	/	/	/	/	/	
												A	A	A	A	A	A	
Cada questão tem um objetivo específico (CHANTLER; HARRIS, 1998, p. 106).	N	S	S	N	N	N	S	N	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Questões claras, curtas e concisas (PRADO, 1989, p. 65).	N	S	S	N	N	N	S	N	S	S	S	S	S	S	N	S	S	N
Faz uma pergunta por vez (CHANTLER; HARRIS, 1998, p. 105).	N	S	S	N	N	N	S	N	S	N	S	N	N	N	N	S	N	S
Aproveita as pausas respiratórias para fazer perguntas (PRADO, 1989, p. 66).	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	N	S	S	N	N	S	
												/	/	/	/	/	/	
												A	A	A	A	A	A	
Estimula a fala do entrevistado (CHANTLER; HARRIS, 1998, p. 104)	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Repete o nome do entrevistado e o tema da entrevista várias vezes durante o programa (PRADO, 1989, p. 62-67).	N	N	N	N	N	N	N	N	N	S	S	S	S	S	S	S	N	N
Coloca-se no lugar do público, buscando por meio de suas perguntas, levar o entrevistado a esclarecer as dúvidas ou questionamentos de quem vai ouvir o programa (BARBEIRO; LIMA, 2003, p. 59).	S	S	+	+	S	+	N	+	S	S	S	S	S	S	S	S	S	
			/	/	/	/	/	/	/									
			-	-	-	-	-	-	-									
É respeitoso e cordial (FERRARETTO, 2014, p. 182).	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S

Fonte: elaborado pelo pesquisador a partir das ideias de Ferraretto (2014), Lage (2009), Chantler e Harris (1998), Prado (1989) e Barbeiro e Lima (2003).

Ao compararmos as produções inicial e final, percebemos que houve alguns avanços nos pontos analisados. Nesse sentido, primeiramente, procuramos observar se os estudantes demonstraram estar ouvindo e se elaboraram novas perguntas a partir do que estava sendo respondido pelo entrevistado<sup>122</sup> (FERRARETTO, 2014, p. 181). Dos nove participantes, percebemos que, nas produções iniciais, cinco não demonstraram prestar atenção à fala do entrevistado; já nas finais, três fizeram isso e observamos, em suas perguntas, trechos que permitem notar a escuta à fala do entrevistado. Essas situações foram transcritas a seguir.

<sup>122</sup> Esse aspecto não se aplica às entrevistas produzidas por meio do *WhatsApp*, já que essas produções foram realizadas em temporalidades e espaços diferentes e, ao perguntar, o entrevistador não teve contato imediato com a resposta do entrevistado.

- (14) **Tuka Villa-Lobos** - [...] Creio que ele [*cyberbullying*] é pior amigo, porque a gente não consegue, na realidade, saber quem é o praticante e conversar com essa pessoa, pra que essa pessoa entenda, né? que o que ela está fazendo realmente pode levar, por exemplo, à morte uma outra pessoa, mas o cyber, eu creio que ele é mais cruel, se essa for a sua pergunta, Lucas. Eu creio que ele é mais cruel e creio assim, com perdão da palavra, eu vou até usar uma palavra um pouco forte, mais covarde, porque a pessoa está atrás de uma tecnologia que, na realidade, é usada para o conhecimento que a internet se ela for bem usada, você vai poder fazer enormes coisas na sua vida, né? Porque ela dá tudo pra que você possa conhecer diferentes coisas, diferentes pessoas, diferentes lugares, estudar de uma forma bacana. Enfim, crescer, né? Então, ela é tida pro lado ruim, pro lado mal. Então, eu acho que isso é covarde.  
**Lucas Argus** - O que as pessoas devem fazer diante dessa realidade cruel?  
 (Trecho da entrevista sobre intolerância, realizada em 03/08/2017 pelo participante Lucas Argus).

Nesse exemplo, podemos observar que o estudante elabora a sua pergunta a partir da opinião da entrevistada de que o *cyberbullying* é mais cruel do que o *bullying*.

No trecho seguinte, também podemos observar isso.

- (15) **Gláucia Maria** - [...] A falta de comunicação entre os pais e o adolescente, porque muitas vezes vem da cultura, da criação desses pais de não ter recebido essas orientações e também de achar que não seja viável falar as mesmas coisas, a mesma linguagem para o seu filho. Então, já é da cultura, da educação. E como tabu também, os pais muitas vezes não sabem como iniciar essa conversa. Eles não têm essa preparação para iniciar, para falar sobre sexo, sobre preventivo. Então, se torna um tabu nesse sentido, porque muitas vezes eles não foram preparados pra isso. Então, como que eles vão falar isso para seus filhos.  
**Kloe** - Você falou sobre a criação e importante falar que a gente está vivendo épocas diferentes que os nossos pais viveram. Então, assim, é... você acha que se, por exemplo, uma mãe teve a filha dela com 15 anos, você acha que se ela tivesse acesso à informação na época, isso poderia ser evitado e uma gravidez poderia ter sido planejada melhor?  
 (Trecho da entrevista sobre gravidez na adolescência, realizada em 02/08/2017 pela participante Kloe).

Notamos que a participante presta atenção à fala da entrevistada e tenta fazer uma ligação com a pergunta que elabora ao falar da criação recebida pelos pais e ao comparar diferentes épocas.

Essa escuta atenta também pode ser observada no excerto a seguir.

- (16) **Priscila Patrício**- [...] A comida que a gente come também contribui para alterar o nosso humor. E o que a gente vai se acostumando a comer no dia a dia também pode desencadear certos tipos de humor que pode desencadear uma possível depressão, se isso não for tratado.  
**Manu** - E você acha que tratar a depressão é possível?  
 (Trecho da entrevista sobre depressão, realizada em 11/07/2017 pela participante Manu).

A entrevistada fala da necessidade de tratamento em relação aos hábitos alimentares que podem desencadear uma possível depressão e a estudante aproveita o gancho para perguntar se é possível tratar a doença.

Percebemos que, na produção final, três participantes demonstraram em alguns momentos estarem ouvindo o entrevistado, mas em outros evidenciaram falta de atenção. Apresentamos, a seguir, algumas falas elaboradas a partir da escuta atenta.

- (17) **Ana Flávia Máximo** - [...] Se a gente conseguisse convencer as pessoas que comer saudável é a coisa mais simples que existe e que existem vários padrões de beleza, talvez a gente prevenisse muito mais. Então, o trabalho de entender que existem vários padrões e que as pessoas são diferentes. [...]

**Valéria** - Bom é isso. Muito obrigada pela sua participação, né? Como a gente ouviu aqui é... nós temos que aceitar a nós mesmos da forma que nós somos e procurar, sim, uma vida mais saudável. [...]

(Trecho da entrevista sobre bulimia, realizada em 28/08/2017 pela participante Valéria).

- (18) **Ana Flávia Máximo** - [...] Depois quando entra a fase que você tem mais noção, aí entra outro comportamento que está relacionado com a compulsão alimentar que é a culpa. Você vai lá come exageradamente e depois você sente muita culpa por ter feito aquilo.

**Bits** - Como se fosse um vício?

(Trecho da entrevista sobre compulsão alimentar, realizada em 28/08/2017 pelo participante Bits).

- (19) **Ana Flávia Máximo** - [...] É como em todo o transtorno alimentar a equipe é multidisciplinar. Tá você precisa de todos eles. Em geral o nutricionista é o último que vai ser solicitado na anorexia, porque, como existe uma recusa a comer, é o último profissional que anoréxico aceita na equipe. Porque é alguém que vai falar que ele precisa comer, mas sim a gente faz parte da equipe e é muito importante que o nutricionista esteja junto.

**Sophia** - Pra vencer a anorexia, você não vence ela sozinha, você precisa de uma equipe de médicos, uma equipe de amigos, porque a anorexia, ela é uma doença mental também, ela afeta o físico e o mental. Pra vencer, a pessoa não vence sozinha. Ela precisa de amigos realmente.

(Trecho da entrevista sobre anorexia, realizada em 28/08/2017 pela participante Sophia).

O primeiro exemplo não faz parte da fase de perguntas e respostas, mas do encerramento. Contudo, nele é possível perceber que, a partir da escuta atenciosa, a estudante resume em sua fala alguns aspectos abordados na última resposta da entrevistada. Já no segundo, o entrevistador aproveita que a entrevistadora está falando do comportamento repetitivo de comer e sentir culpa, para associar essa conduta a um vício. E na última transcrição, percebemos que a participante, ao perceber que o tratamento da anorexia é realizada por uma equipe multidisciplinar, tenta usar essas informações em sua fala.

Os mesmos aprendizes, em alguns momentos, demonstraram estar desatentos à fala da entrevistada. Isso pode ser observado nas seguintes transcrições.

- (20) **Ana Flávia Máximo** - É grave e também pode levar a morte assim como a anorexia, mas com menos intensidade. [...]

**Valéria** - E essa, esse distúrbio, essa doença, ela pode se agravar e levar a outras complicações de saúde?

(Trecho da entrevista sobre bulimia, realizada em 28/08/2017 pela participante Valéria).

- (21) **Bits** - Ok. Como é o tratamento da compulsão? Ou se tem claro o tratamento?

**Ana Flávia Máximo** - Tem o tratamento e é comportamental. Então, você pode fazer ... tratamento com o psicólogo, o nutricionista participa, é uma equipe multidisciplinar. O psiquiatra participa. Você tem tratamento medicamentoso. Então, assim, é tratável. Tem grupos de compulsão alimentar. Você pode procurar também. São grupos gratuitos no mesmo esquema e estrutura do AA, né? Dos alcoólicos

anônimos. Então, assim, é altamente tratável. Só tem que ter consciência e ir atrás.

[...]

**Bits** - Muito bom. Como deve ser tratada a compulsão alimentar?

**Ana Flávia Máximo** - Como eu falei, né? [...]

(Trecho da entrevista sobre compulsão alimentar, realizada em 28/08/2017 pelo participante Bits).

- (22) **Ana Flávia Máximo** - [...] Então, se eu já percebi que tem disfunção de imagem, eu já percebi que tá tendo uma metodologia que não existia antes pra comer, um método pra comer, eu posso começar a procurar ajuda psicólogo, nutricionista, psiquiatra, médicos em geral.

**Sophia** - Sabemos que a anorexia, ela é prejudicial à saúde e podemos tratar ela com tratamentos no psicólogo e também no nutricionista talvez?

(Trecho da entrevista sobre anorexia, realizada em 28/08/2017 pela participante Sophia).

Na primeira transcrição, percebemos que a entrevistada garante que a bulimia pode levar a morte, mesmo assim a estudante ainda transmite incerteza ao perguntar se ela pode se agravar e levar a outras complicações de saúde. No segundo exemplo, o aprendiz faz duas vezes a mesma pergunta, esquecendo-se de que a entrevistada já tinha explicado como é feito o tratamento da compulsão alimentar. Já na última transcrição, percebemos que a entrevistada apresenta a informação que o anoréxico deve fazer o tratamento com vários profissionais, entre eles, o psicólogo, o nutricionista; entretanto, a entrevistadora não presta atenção nisso e questiona se o nutricionista deve entrar na equipe multidisciplinar responsável pelo tratamento desse paciente.

Procuramos também perceber se, nas produções, os entrevistadores permaneceram como observadores do que estava sendo dito e não como um participante com posição sobre o assunto (FERRARETTO, 2014, p. 186). Tanto na produção inicial quanto na final, dos nove participantes, cinco manifestaram opinião sobre o tema. Nas entrevistas finais, isso pode ser observado nas transcrições a seguir.

- (23) **Valéria** - [...] E Ana, é como diz um provérbio, né: "é melhor prevenir do que remediar". E o que que a gente pode fazer para prevenir dessa doença?

(Trecho da entrevista sobre bulimia, realizada em 28/08/2017 pela participante Valéria).

- (24) **Lucas Argus** - Você poderia falar um pouco mais sobre o projeto? Já que o *bullying* é muito comum nas escolas públicas e acredito que até mesmo nas particulares, pois ele não é muito bem esclarecido.

(Trecho da entrevista sobre intolerância, realizada em 03/08/2017 pelo participante Lucas Argus).

- (25) **Kloe** - O fato dos pais não quererem falar sobre sexo não evita que os adolescentes façam. Por que você acha que o assunto é evitado em casa?

(Trecho da entrevista sobre gravidez na adolescência, realizada em 02/08/2017 pela participante Kloe).

- (26) **Bits** - Muito bom. Como deve ser tratada a compulsão alimentar?

(Trecho da entrevista sobre compulsão alimentar, realizada em 28/08/2017 pelo participante Bits).

- (27) **Sophia** - A anorexia é um ... meio que um distúrbio, tem a ver com o emocional, dependendo de casos pode levar a depressão, eu acho, e outras doenças mais agravantes que talvez podem levar até a morte.

(Trecho da entrevista sobre anorexia, realizada em 28/08/2017 pela participante Sophia).

Apesar de encontrarmos essas opiniões dos participantes nas produções finais, elas quase não são encontradas, são pontuais e sutis e não prejudicam a entrevista. Até mesmo nos exemplares trabalhados durante a aplicação da proposta, os aprendizes puderam perceber que, em algumas situações, o entrevistador emite a sua opinião sobre o assunto durante a entrevista.

Outro ponto que procuramos analisar foi se os entrevistadores controlaram todo o processo e se reconduziram o entrevistado, impedindo a fuga ao tema<sup>123</sup> (LAGE, 2009, p. 80). Em geral, nas produções finais e nas iniciais, embora não tenha ocorrido fuga ao tema, os entrevistadores controlaram todo o processo.

Procuramos observar também se cada questão continha um objetivo específico (CHANTLER; HARRIS, 1998, p. 106). Percebemos que houve um avanço entre as produções iniciais e finais, uma vez que nas perguntas da última entrevista todos os participantes contemplaram esse aspecto.

Já no que se refere à capacidade de produzir questões claras, curtas e concisas (PRADO, 1989, p. 65), também percebemos que houve um avanço ao compararmos as produções. Na entrevista inicial, cinco estudantes não conseguiram contemplar esse ponto; já na final, esse número foi reduzido a dois. Esses dois casos são ilustrados a seguir.

- (28) **Bits** - E também o que muitas vezes também isso pode também, pode provocar por causa de problemas com a família, né?

(Trecho da entrevista sobre compulsão alimentar, realizada em 28/08/2017 pelo participante Bits).

- (29) **Sophia** - Pra vencer a anorexia, você não vence ela sozinha, você precisa de uma equipe de médicos, uma equipe de amigos, porque a anorexia, ela é uma doença mental também, ela afeta o físico e o mental. Pra vencer, a pessoa não vence sozinha. Ela precisa de amigos realmente.

(Trecho da entrevista sobre anorexia, realizada em 28/08/2017 pela participante Sophia).

Nessas duas situações, os estudantes não demonstraram clareza. Na primeira, o aprendiz não consegue formar uma sentença com sentido evidente. Já na segunda, a participante não faz uma pergunta, mas vagueia em suas afirmações.

No que diz respeito à realização de uma questão por vez (CHANTLER; HARRIS, 1998, p. 105), observamos que os educandos continuaram encadeando perguntas nas produções finais. Entretanto, percebemos que os questionamentos realizados por turno são

---

<sup>123</sup> Nas produções finais realizadas por meio do *WhatsApp*, esse aspecto não pode ser aplicado, pois, como afirmamos anteriormente, as falas dos entrevistadores, nessas entrevistas, não foram produzidas simultaneamente às respostas dos entrevistados.

complementares e apresentam um mesmo objetivo específico. Isso pode ser notado nas transcrições seguintes.

- (30) **Valéria** - E esse transtorno, ele é perigoso? Ele é grave?  
(Trecho da entrevista sobre bulimia, realizada em 28/08/2017 pela participante Valéria).
- (31) **Manu** - E você, no caso, se tivesse um amigo ou parente que sofre com a depressão, você acharia certo levar a pessoa pra sair ou passear para poder se tratar da depressão? Ou acharia certo tratar essa pessoa em casa?  
(Trecho da entrevista sobre depressão, realizada em 11/07/2017 pela participante Manu).
- (32) **Giselle** - A preparação para o vestibular deve ser feita somente no terceiro ano? Ou durante toda a vida escolar?  
(Trecho da entrevista sobre preparação para os vestibulares, realizada em 21/08/2017 pela participante Giselle).
- (33) **Kloe** - E depois da gestação, quando elas dão à luz, quando elas ganham o bebê, o que acontece? Vocês ainda auxiliam elas? Ainda fazem visitas ou elas ainda vêm aqui?  
(Trecho da entrevista sobre gravidez na adolescência, realizada em 02/08/2017 pela participante Kloe).
- (34) **Bits** - Como é o tratamento da compulsão? Ou se tem claro o tratamento?  
(Trecho da entrevista sobre compulsão alimentar, realizada em 28/08/2017 pelo participante Bits).
- (35) **Vítor** - Marcos, o cursinho enfrenta dificuldades por ser uma ONG? Quais são?  
(Trecho da entrevista sobre o cursinho preparatório gratuito Vestibular Cidadão, realizada em 21/08/2017 pelo participante Vítor).

Apesar de encadear perguntas, como não são muitas sequências e como os questionamentos são complementares, o turno continua tendo um mesmo objetivo específico.

Buscamos perceber também se o entrevistador aproveita as pausas respiratórias para fazer perguntas<sup>124</sup> (PRADO, 1989, p. 66) e se estimula a fala do entrevistado (CHANTLER; HARRIS, 1998, p. 104). Observamos que os participantes atenderam a esses aspectos nas produções finais e iniciais.

Outro ponto que procuramos analisar nas produções foi se os estudantes repetiram o nome do entrevistado e o tema da entrevista várias vezes durante o programa (PRADO, 1989, p. 62-67). Percebemos que houve um progresso significativo nesse ponto, pois nenhum participante tinha feito essa repetição nas produções iniciais; já na final, encontramos essa ação em sete entrevistas. Podemos acompanhar isso nas transcrições seguintes.

- (36) **Valéria** - Estamos falando sobre bulimia com a professora do departamento de nutrição do Centro Universitário IESB, a Ana Flávia Máximo.  
(Trecho da entrevista sobre bulimia, realizada em 28/08/2017 pela participante Valéria).

---

<sup>124</sup> A análise do aproveitamento das pausas respiratórias para fazer perguntas não é aplicável às entrevistas feitas por meio do *WhatsApp*, já que as falas de entrevistador e entrevistado foram realizadas em temporalidades diferentes.

- (37) **Lucas Argus** - Estamos falando sobre intolerância com a idealizadora do Projeto Soma, Tuka Villalobos.  
(Trecho da entrevista sobre intolerância, realizada em 03/08/2017 pelo participante Lucas Argus).
- (38) **Manu** - Estamos falando sobre depressão com a Priscila Patrício formada em Psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.  
(Trecho da entrevista sobre depressão, realizada em 11/07/2017 pela participante Manu).
- (39) **Giselle** - Estamos conversando sobre a preparação para o vestibular com Marcos Ferreira que é o diretor de comunicação do cursinho preparatório Vestibular Cidadão.  
(Trecho da entrevista sobre a preparação para os vestibulares, realizada em 21/08/2017 pela participante Giselle).
- (40) **Kloe** - Nós estamos falando hoje com as assistentes sociais Gláucia Maria e Michele Assunção sobre o projeto E agora, mãe? e gravidez na adolescência.  
(Trecho da entrevista sobre gravidez na adolescência, realizada em 02/08/2017 pela participante Kloe).
- (41) **Bits** - Estamos falando sobre compulsão alimentar com a professora do departamento de nutrição do IESB, Ana Flávia Máximo.  
(Trecho da entrevista sobre compulsão alimentar, realizada em 28/08/2017 pelo participante Bits).
- (42) **Amora** - Estamos conversando sobre moda, consumo e compulsão com a publicitária Ludmille Dias Ribeiro.  
(Trecho da entrevista sobre moda, consumo e compulsão, realizada em 06/07/2017 pela participante Amora).

Ao analisarmos se os educandos se colocaram no lugar do público, buscando por meio de suas perguntas, levar o entrevistado a esclarecer as dúvidas de quem vai ouvir o programa (BARBEIRO; LIMA, 2003, p. 59), percebemos que houve um progresso, pois, na produção inicial, alguns estudantes não tinham conseguido realizar isso ou tinham feito de forma parcial, já na entrevista final, todos contemplaram esse aspecto. Acreditamos que essa evolução se deu pelo fato de os participantes terem ciência de que suas entrevistas finais seriam transmitidas no intervalo da escola e, também, em consequência dos encaminhamentos tomados na segunda reunião de pauta, na qual discutimos os temas e os objetivos da entrevista.

Quanto ao último aspecto, percebemos que os aprendizes, tanto nas produções iniciais quanto nas finais, foram respeitosos e cordiais (FERRARETTO, 2014, p. 182), dando um tratamento adequado ao entrevistado.

Diante do que foi apresentado, observamos que houve um significativo progresso dos estudantes na fase de perguntas e respostas de uma produção à outra. Entretanto, em alguns aspectos, os participantes não conseguiram avançar e, para que isso aconteça, acreditamos que seja necessária a realização de mais entrevistas, seguidas de análises do seu conteúdo.

No quadro a seguir, comparamos os elementos contemplados pelos estudantes nos encerramentos das produções inicial e final.

**QUADRO 61 - Comparação dos elementos contemplados no encerramento das produções inicial e final**

Entrevistador	Produção Inicial									Produção Final								
	Valéria	Lucas	Manu	Giselle	Kloe	Bits	Amora	Vítor	Sophia	Valéria	Lucas	Manu	Giselle	Kloe	Bits	Amora	Vítor	Sophia
Há um fechamento? O entrevistador conclui a entrevista?	N	N	N	N	S	S	S	N	N	S	N	+	S	S	+	+	S	+
O entrevistador faz agradecimentos ao/s entrevistado/s?	S	S	S	N	S	N	S	S	N	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Há agradecimento do entrevistador para os ouvintes?	N	N	N	N	N	N	N	N	N	S	S	S	S	S	+	S	S	+
Há uma saudação de despedida entre entrevistador e entrevistado?	S	N	N	N	N	N	N	N	N	+	+	+	N	+	S	+	+	+
Há uma saudação de despedida entre entrevistador e ouvintes?	N	N	N	N	N	S	N	N	N	+	+	S	S	+	S	+	+	+

Fonte: elaborado pelo pesquisador a partir das ideias de Prado (1989) e Baltar (2012).

Ao compararmos os encerramentos feitos nas produções inicial e final, pudemos observar que expressivos avanços foram alcançados pelos educandos. Nesse sentido, percebemos que quase todos os participantes procuraram realizar, em suas produções finais, elementos obrigatórios no encerramento das entrevistas: o agradecimento e a despedida.

Em relação ao agradecimento do entrevistador ao entrevistado, observamos que todos os aprendizes contemplaram essa ação na produção final. Já no que se refere ao agradecimento dos entrevistadores aos ouvintes, dos nove participantes, sete realizaram esse ato e deixaram marcas explícitas do destinatário. Os outros dois fizeram essa ação, primeiramente, se voltando para os entrevistados e depois fizeram outro agradecimento, mas não deixaram pistas de para quem se dirigiam.

A análise da saudação de despedida entre entrevistador e entrevistado e de entrevistador e ouvintes na produção final nos permite observar que seis participantes fizeram despedidas que não são dirigidas especificamente nem para os entrevistados nem para os ouvintes. Eles usaram as expressões "até a próxima", "tchau" e "até logo" sem especificar o seu destinatário, podendo estar se dirigindo tanto aos ouvintes quanto ao entrevistado. Essas situações foram transcritas a seguir.

- (43) **Valéria** - Até a próxima!  
(Trecho da entrevista sobre bulimia, realizada em 28/08/2017 pela participante Valéria).
- (44) **Lucas** - Obrigado a todos os ouvintes que ficaram até o final do programa. Até a próxima!  
(Trecho da entrevista sobre intolerância, realizada em 03/08/2017 pelo participante Lucas Argus).

- (45) **Kloe** - Muito obrigada também a você que ficou com a gente até agora e é isso, galera. Tchau!  
(Trecho da entrevista sobre gravidez na adolescência, realizada em 02/08/2017 pela participante Kloe).
- (46) **Amora** - Muito obrigada por terem acompanhado nossa programa de hoje. Até logo!  
(Trecho da entrevista sobre moda, consumo e compulsão, realizada em 06/07/2017 pela participante Amora).
- (47) **Vitor** - Obrigado a todos que acompanharam essa entrevista. Tchau!  
(Trecho da entrevista sobre o cursinho preparatório gratuito Vestibular Cidadão, realizada em 21/08/2017 pelo participante Vítor).
- (48) **Sophia** - Obrigada! Tchau, tchau!  
(Trecho da entrevista sobre anorexia, realizada em 28/08/2017 pela participante Sophia).

Nas outras produções finais, percebemos que um participante se despediu se dirigindo tanto aos ouvintes quanto à entrevistada. A seguir, transcrevemos essa ocorrência.

- (49) **Bits** - Desejo a todos vocês um bom dia! E essa foi a nossa amiga Ana Flávia Máximo do Centro Universitário IESB. Obrigado, professora! Tchau, tchau! Muito obrigado! Tchau, tchau! Fui!  
(Trecho da entrevista sobre compulsão alimentar, realizada em 28/08/2017 pelo participante Bits).

Observamos ainda que, na produção final, uma participante se despede explicitamente dos ouvintes, já que usa uma forma verbal no plural (tenham). No entanto, esse uso não impede a inclusão do entrevistado nessa saudação. Percebemos também que outra participante exclui o entrevistado, ao se despedir dizendo "até o próximo Entrevistando", já que quem terá a possibilidade de acompanhar os programas no intervalo da escola são, exclusivamente, os estudantes/ouvintes. Podemos observar esses dois casos nas transcrições seguintes.

- (50) **Manu** - Obrigada ouvintes e tenham um bom dia!  
(Trecho da entrevista sobre depressão, realizada em 11/07/2017 pela participante Manu).
- (51) **Giselle** - Obrigada ouvintes e até o próximo Entrevistando.  
(Trecho da entrevista sobre a preparação para os vestibulares, realizada em 21/08/2017 pela participante Giselle).

No que diz respeito ao fechamento, dos nove estudantes, um não o realizou. Outros quatro realizaram de forma superficial. Destes, dois apenas anunciaram o término da entrevista, um retomou o tema abordado e outro fez isso e teceu um breve comentário. Podemos perceber isso a seguir.

- (52) **Bits** - Então, essa foi a nossa entrevista de hoje, pessoal.  
(Trecho da entrevista sobre compulsão alimentar, realizada em 28/08/2017 pelo participante Bits).
- (53) **Sophia** - Então, é isso, pessoal. Acabamos aqui a entrevista com a professora Ana Flávia Máximo.

(Trecho da entrevista sobre anorexia, realizada em 28/08/2017 pela participante Sophia).

- (54) **Amora** - No programa de hoje conversamos sobre moda, consumo e compulsão com a publicitária Ludmille Dias Ribeiro.  
(Trecho da entrevista sobre moda, consumo e compulsão, realizada em 06/07/2017 pela participante Amora).
- (55) **Manu** - Obrigada, Priscila Patrício! Por ter esclarecido nossas dúvidas sobre a depressão que é um caso tão delicado e complexo de ser tratado.  
(Trecho da entrevista sobre depressão, realizada em 11/07/2017 pela participante Manu).

Os outros quatro fizeram um fechamento mais elaborado na produção final. Destes, dois retomaram pontos abordados na entrevista e os outros dois fizeram comentários sobre o assunto tratado. É possível observar isso nas transcrições seguintes.

- (56) **Valéria** - Como a gente ouviu aqui: nós temos que aceitar a nós mesmos da forma que nós somos e procurar, sim, uma vida mais saudável.  
(Trecho da entrevista sobre bulimia, realizada em 28/08/2017 pela participante Valéria).
- (57) **Giselle** - Então foi isso. Muito obrigada, Marcos, por nos mostrar a importância de se preparar bem e com antecedência para os vestibulares.  
(Trecho da entrevista sobre a preparação para os vestibulares, realizada em 21/08/2017 pela participante Giselle).
- (58) **Kloe** - E assim é muito importante também a ajuda dos amigos nisso que se você tem um amiga que está passando por isso e ela não quer expor, se ela está se sentindo envergonhada, é importante que eles venham até vocês. E o trabalho de vocês é muito bonito. É muito gratificante ver que vocês fazem isso. Eu espero do fundo do meu coração que daqui pra frente seja só progresso que vocês consigam ajudar muita gente, melhorar a vida de muita gente.  
(Trecho da entrevista sobre gravidez na adolescência, realizada em 02/08/2017 pela participante Kloe).
- (59) **Vitor** - Bom, é muito importante conhecer essas oportunidades e que sejam divulgadas porque podem ajudar muito os estudantes em suas carreiras e futuros. No programa de hoje, conversamos sobre o cursinho Vestibular Cidadão com o diretor de comunicação Marcos Ferreira.  
(Trecho da entrevista sobre o cursinho preparatório gratuito Vestibular Cidadão, realizada em 21/08/2017 pelo participante Vitor).

Em geral, comparando a produção inicial e a final, percebemos que os estudantes tiveram avanços significativos. Acreditamos que algumas ações colaboraram para esse êxito: os exercícios usados para explorar os exemplares; a etapa de análise e discussão da produção inicial; e as simulações realizadas.

Ainda para discutir a segunda questão de pesquisa<sup>125</sup>, como critério, procuramos discutir os fatores externos às atividades que foram favoráveis ou conflitantes à apropriação do gênero pelos aprendizes. Percebemos que a inassiduidade e a falta de compromisso foram desfavoráveis durante

---

<sup>125</sup> Com a segunda questão de pesquisa, procuramos discutir como se apresentaram e quais aspectos foram favoráveis e quais foram conflitantes na aplicação das atividades para a apropriação do gênero entrevista radiofônica pelos estudantes.

a aplicação dos exercícios para apropriação dos elementos próprios da entrevista radiofônica pelos participantes.

Alguns educandos faltaram em momentos essenciais para o entendimento das especificidades do gênero. Pelo diário de registro de frequência, observamos que dos nove estudantes que participaram de toda a pesquisa, três tiveram de uma a três faltas durante todo o processo.

As faltas podem impedir que se possa acompanhar o que está sendo ensinado e que se tenha uma ideia do todo. Com o intuito de amenizar o prejuízo advindo delas, marcamos um encontro extra com os faltosos para que pudéssemos repassar os pontos trabalhados na aula anterior. Outra estratégia usada para remediar o problema da inassiduidade foi retomar, no início de cada encontro, os principais aspectos estudados nas aulas antecedentes.

Usamos também o *WhatsApp* como estratégia para lembrar os encontros e diminuir o número de faltas dos participantes por esquecimento, além de compartilhar de forma breve as ações executadas e o planejamento de outras. Podemos observar os registros dessa ferramenta a seguir.

**FIGURA 19 - Print dos lembretes feitos pelo pesquisador no Grupo de *WhatsApp***



Fonte: acervo do pesquisador.

Como nem todos os estudantes estavam no grupo de *WhatsApp*, usamos outra estratégia para lembrá-los do encontro e evitar as faltas, passamos a entregar-lhes um pequeno lembrete algumas horas antes da aula.

Outro fator externo desfavorável foi a falta de compromisso de alguns. Pudemos observar e discutir isso na questão de pesquisa anterior ao abordarmos o engajamento e o compromisso dos jovens com as atividades planejadas durante todo o projeto.

De modo específico no que se refere às atividades propostas para a apropriação do gênero, a falta de compromisso se configurou: nas faltas, principalmente, durante a gravação da produção inicial e da final por uma estudante; e na não realização por alguns participantes de atividades e compromissos propostos, como a transcrição das entrevistas.

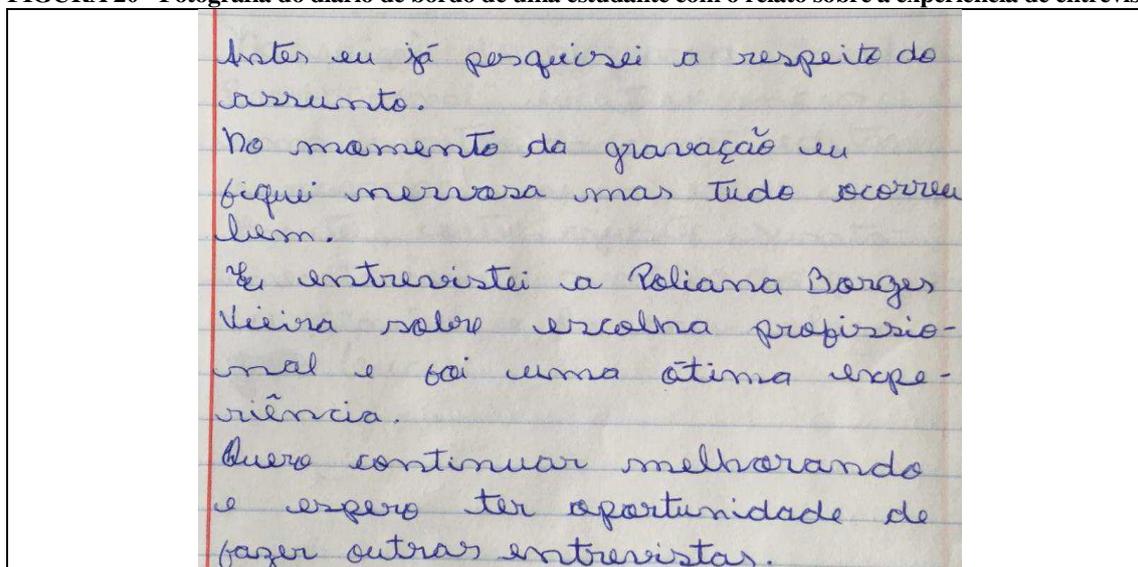
Como discutimos anteriormente, o principal fator que cooperou para o não cumprimento dos compromissos por alguns educandos foi o fato de não ter o projeto como uma prioridade entre as outras atividades de suas vidas, já que justificaram não ir ao encontro marcado ou não realizar determinada ação por causa de outros compromissos que surgiram posteriormente.

Em sentido oposto, fatores externos favoráveis foram a assiduidade, a iniciativa e o envolvimento da maioria dos participantes na aplicação das atividades para apropriação do gênero.

Dos nove aprendizes, seis não faltaram a nenhum encontro e a observação do processo como um todo permite perceber que eles tiveram mais facilidade e menos dúvidas durante a gravação das produções inicial e final.

No que se refere à iniciativa e ao envolvimento, observamos que após a definição dos temas nas reuniões de pauta, todos os nove estudantes que fizeram a produção inicial e a final elaboraram roteiros com questões que foram usadas no momento da gravação. Isso demonstra a iniciativa e o envolvimento deles ao se preparar para as entrevistas que realizariam. No relato a seguir, extraído do diário de bordo de uma participante, podemos observar essa preparação.

**FIGURA 20 - Fotografia do diário de bordo de uma estudante com o relato sobre a experiência de entrevistar**



Fonte: arquivos do pesquisador.

Em um encontro posterior à segunda reunião de pauta, uma estudante, oralmente, relatou ter procurado outras entrevistas com temática semelhante, a que realizaria, com o objetivo de observar como os entrevistadores desenvolveram o assunto. Isso demonstra iniciativa e o envolvimento dela com o projeto, pois em nenhum momento tínhamos solicitado isso.

Com a terceira questão de pesquisa, buscamos discutir como a proposta aplicada se configurou em relação aos princípios empregados para encaminhar uma pedagogia dos multiletramentos. Para isso, estabelecemos quatro critérios.

No primeiro, procuramos observar se a proposta aplicada possibilitou aos jovens se desenvolverem como usuários funcionais (ROJO, 2012), ou seja, a adquirirem competência técnica e a usarem o seu conhecimento prático na produção dos programas de entrevista radiofônica.

Na proposta aplicada, é possível observar dois momentos que contribuíram para o desenvolvimento dos participantes como usuários funcionais (ROJO, 2012): nas atividades para a apropriação do gênero; e nas atividades para o domínio das ferramentas do programa de edição de áudio *Audacity*.

Antes de aplicarmos as atividades, por meio de questionário para o levantamento do conhecimento prévio dos estudantes sobre a entrevista, pudemos perceber que alguns deles nunca tinham produzido o gênero, não conseguiam defini-la coerentemente, não conheciam todos os elementos que formam a sua estrutura e não sabiam editar áudios. As atividades aplicadas contribuíram para o desenvolvimento dos participantes enquanto usuários funcionais (ROJO, 2012), pois permitiram o contato deles com diferentes exemplares da entrevista radiofônica, o conhecimento das especificidades do gênero e a primeira experiência de realização da entrevista e da edição de áudios por alguns deles.

O trabalho com o gênero entrevista radiofônica proporcionou aos educandos realizarem uma produção inicial; fazerem uma análise dela, segundo critérios bem estabelecidos; e a perceberem os pontos fortes e fracos de suas produções para que pudessem ter ciência de quais aspectos eles precisavam progredir. Além disso, puderam ouvir e explorar vários exemplares, sobretudo, no que se refere ao estilo verbal, à construção composicional e ao conteúdo temático (BAKHTIN, 1997).

Nas atividades com o *Audacity*, os aprendizes puderam conhecer e testar as principais ferramentas, funcionalidades e efeitos do programa de edição. Nos exercícios de fixação, os

estudantes puderam colocar em prática os conhecimentos aprendidos e também em outros dois momentos: na edição das vinhetas e na edição dos programas de entrevista.

Esses momentos contribuíram para o desenvolvimento dos participantes como usuários funcionais (ROJO, 2012), uma vez que, no questionário de levantamento do conhecimento prévio, somente um estudante havia garantido já ter usado programas de edição e, durante a aplicação da proposta, os nove educandos que elaboraram uma produção inicial, realizaram também uma produção final, editando os seus respectivos programas. Nesse sentido, adquiriram, sim, a competência técnica, pois foram capazes de editar vinhetas e programas de rádio. E o resultado desse desenvolvimento pode ser observado nos programas radiofônicos de entrevista produzidos por eles.

Com o segundo critério, procuramos observar se a proposta permitiu aos participantes se desenvolverem como criadores de sentido (ROJO, 2012), ou seja, refletirem sobre os sentidos criados e entenderem como operam diferentes tipos de texto e de tecnologias.

Na proposta aplicada, percebemos que alguns momentos contribuíram para que os estudantes se desenvolvessem como criadores de sentido (ROJO, 2012): na análise das produções iniciais; na análise e na produção de vinhetas; e na edição dos programas de entrevista.

Na análise<sup>126</sup> das produções iniciais, os participantes puderam refletir sobre os sentidos criados em suas entrevistas, ao contemplarem ou não alguns elementos usados na abertura, na fase de perguntas e respostas e no encerramento.

Assim, por exemplo, com essa análise das produções iniciais, os aprendizes puderam perceber o efeito criado ao não se apresentar o tema e/ou o entrevistado, puderam concluir que esses elementos são obrigatórios para que o ouvinte possa compreender o assunto e saber quem está dando aquelas informações por meio do rádio.

Observaram, por meio da análise das produções iniciais, que, em todas as aberturas produzidas, eles não procuraram interagir com os ouvintes. Como isso foi unânime, simularam nova abertura, lembrando de interagir com o público. Puderam perceber, assim, diferentes sentidos criados - de proximidade, de distanciamento, de afetividade, de indiferença - nessa interação com os ouvintes.

Outro momento que contribuiu para que os educandos se desenvolvessem como criadores de sentido (ROJO, 2012) foi na análise e na produção de vinhetas.

---

<sup>126</sup> A análise das produções iniciais foi realizada inicialmente em grupo, segundo os critérios estabelecidos nos quadros 25, 26 e 27. Em seguida, as análises foram compartilhadas e discutidas coletivamente.

Com o objetivo de analisar e explorar os sentidos e os mecanismos usados na composição de vinhetas, levamos os estudantes a ouvirem e a compararem diferentes versões de vinhetas de uma mesma rádio e pedimos que refletissem sobre a variação dos elementos usados. Observaram que os efeitos, as músicas de fundo e alguns *slogans* eram modificados, mas que a melodia e a voz principal com a identificação da rádio permanecia praticamente a mesma nas versões de vinheta. Concluíram que essa estratégia de usar permanentemente alguns elementos contribui para fortalecer a identidade das rádios.

Também refletimos sobre a melodia e o ritmo da voz principal e também sobre a intensidade das músicas nas vinhetas. Os jovens perceberam, por exemplo, que, na vinheta da Jovem Pan, a palavra "jovem" é pronunciada de modo mais espaçado. Já o "pan" é pronunciado de uma só vez. Quanto à variação no volume da música, observaram que durante a locução, a música tem a sua altura reduzida para destacar a voz principal.

A atividade de produção de vinhetas também contribuiu para que os estudantes se desenvolvessem como criadores de sentido (ROJO, 2012). Com a finalidade de produzir vinhetas para a rádio e para o programa de entrevista, os estudantes selecionaram as músicas de fundo, os dados informativos e a forma - cantada ou falada - que usariam nas suas vinhetas com o intuito de que ficassem atrativas para o público.

Depois das gravações dos dados informativos, os estudantes editaram as vinhetas. Para isso, selecionaram os trechos que achavam que deveriam permanecer tanto no áudio gravado quanto na música selecionada e os associaram para que fossem iniciados no momento de preferência deles. Em seguida, aplicaram os efeitos para reduzir o volume da música ao som da locução<sup>127</sup> e para iniciar e finalizar a vinheta de modo progressivo: com áudio crescente no início e decrescente ao final<sup>128</sup>.

Mais um momento que contribuiu para que os estudantes se desenvolvessem como criadores de sentido (ROJO, 2012) foi na edição dos programas de entrevista. Nessa etapa, os estudantes puderam refletir sobre os sentidos criados, por exemplo, quando deixaram ou excluíram trechos gravados. Puderam também refletir sobre as músicas que faziam parte do programa, ao observar os sentidos veiculados, procurando evitar selecionar aquelas que faziam apologia ao uso de drogas, falavam de violência ou insinuavam sexo.

---

<sup>127</sup> Estamos nos referindo ao efeito *Auto Duck* que reduz o volume de uma ou mais faixas selecionadas, sempre que o volume de uma única faixa de controle não selecionada, colocada abaixo, alcance um determinado nível de limiar.

<sup>128</sup> Efeitos *Fade In* e *Fade Out*.

O terceiro critério buscou observar como a proposta permitiu aos jovens se desenvolverem como analistas críticos (ROJO, 2012), isto é, a entenderem que tudo que é dito e estudado é fruto de seleção prévia. Entre os momentos da proposta aplicada que contribuíram para esse desenvolvimento dos participantes estão: as reuniões de pauta, a realização de pesquisas e a elaboração de roteiros ou questionários.

Nas reuniões de pauta, os estudantes puderam compreender um pouco o processo de seleção de temas, objetivos e fontes de informação, realizado também na rotina dos jornalistas. Puderam perceber que o produto final - a entrevista radiofônica - seria o resultado também da seleção prévia feita nessa reunião.

Alguns estudantes foram analistas críticos (ROJO, 2012), ao definirem o foco que queriam dar para os assuntos que seriam abordados. Assim, por exemplo, em um determinado momento da segunda reunião de pauta, queriam abordar o tema suicídio. Com a discussão, perceberam que não poderiam tratar o assunto sem pensar nas consequências que o conteúdo transmitido poderia ter. Na seguinte transcrição, podemos observar a abordagem pretendida pelos estudantes, ao querer tratar esse tema no programa de entrevista.

- (13) **Kloe** - Não vai adiantar a gente falar de suicídio para uma pessoa que está pensando em cometer suicídio. A gente tem que falar para quem está em volta das pessoas que querem cometer suicídio. Então, tipo assim, a Amora quer cometer suicídio e ela dá pistas, né? Porque todo suicida ele dá pistas. Ele não vai lá e se mata. Ele pensa nisso, ele trabalha em cima disso, pensa no que isso pode causar. E isso acaba com a pessoa. E dá pra gente perceber isso... ou não? Então, às vezes você tem um amigo que mudou de postura. E é importante que você esteja atento a isso, que você tente se aproximar para perceber o que está acontecendo. Tipo assim, você não vai chegar em alguém e perguntar: você tá pensando em cometer suicídio? Você vai ajudar ela, você vai perguntar como que ela tá?

(Trecho da gravação do encontro do dia 12/06/2017)

Ao final da discussão, decidiram que em vez de abordar o suicídio, deveriam falar de depressão. Nessa perspectiva, ao buscarem definir o tema, as fontes de informação, os objetivos e um foco para as entrevistas, os participantes puderam realizar essa seleção prévia que, conforme a escolha realizada, acaba transformando os sentidos veiculados nos produtos finais.

Mais um momento da aplicação que permitiu aos participantes se desenvolverem como analistas críticos (ROJO, 2012) foi a realização de pesquisas e a elaboração de roteiros ou questionários. Essa etapa foi realizada a partir dos temas definidos na reunião de pauta. Nela, os estudantes puderam preparar-se, selecionando previamente o que seria dito na entrevista.

No último critério, buscamos discutir se a proposta aplicada possibilitou aos jovens se desenvolverem como agentes transformadores (ROJO, 2012), ou seja, a serem capazes de transformar "os discursos e as significações", usando o que foi aprendido de novos modos. Isso pode ser observado principalmente ao se comparar os exemplares usados para apropriação do gênero e as produções finais dos participantes.

A proposta aplicada proporcionou aos participantes se apropriarem da entrevista radiofônica e também a produzirem o gênero. Mesmo nas entrevistas produzidas com temas semelhantes<sup>129</sup> aos abordados nos exemplares para apropriação do gênero, podemos perceber que os participantes conseguiram transformar os discursos e as significações aprendidas, mostrando originalidade em suas produções.

Além da originalidade presente nas entrevistas produzidas, percebemos que os estudantes se desenvolveram também como agentes transformadores (ROJO, 2012) ao abordar assuntos relacionados com a comunidade escolar e ao intervir em seus problemas.

---

<sup>129</sup> Os temas semelhantes, encontrados tanto nos exemplares quanto nas produções finais, foram gravidez na adolescência e intolerância.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há poucas ocorrências do gênero entrevista nos manuais de Livros Didáticos de Língua Portuguesa (LDLP) e a maioria das atividades existentes neles não prioriza o ensino do gênero e suas especificidades (MAGALHÃES; SILVA; OLIVEIRA, 2012). Com isso, acreditamos que a proposta de ensino, apresentada nesta dissertação, preenche algumas dessas lacunas, pois tomamos um gênero oral como o centro de nossas ações, buscamos trabalhar com exemplares completos da entrevista radiofônica e apresentamos atividades sistematizadas que procuraram priorizar o ensino do gênero e suas especificidades.

Além disso, para a construção da nossa proposta de ensino nos baseamos na pedagogia dos multiletramentos (ROJO, 2012), na abordagem sociodiscursiva (BAKHTIN, 1997), em orientações teórico-práticas da literatura jornalística (FERRARETTO, 2014; LAGE, 2009; PRADO, 1989; dentre outros) e em estudos na área de linguística que envolvem o gênero entrevista radiofônica (ARAÚJO, 2013; FARNEDA, 2007).

A pesquisa reforçou nossa crença de que a rádio escolar é um forte instrumento para o ensino de atividades relacionadas à Língua Portuguesa como a leitura e a produção textual oral e escrita. Com a finalidade de produzir programas para esse veículo, os estudantes leram, ouviram e fizeram atividades com vários exemplares do gênero entrevista radiofônica. Assim, acreditamos que esses exercícios contribuíram para que, posteriormente, os aprendizes produzissem, com êxito, suas próprias entrevistas.

A partir desse panorama, contribuímos para a promoção dos multiletramentos ao construirmos uma rádio no ambiente escolar. Assim, atingimos os nossos objetivos, pois elaboramos e aplicamos uma proposta de multiletramentos que procurou respeitar a multiculturalidade da comunidade escolar e proporcionou aos estudantes do nono ano do Ensino Fundamental trabalharem com uma multiplicidade de linguagens presente nos textos ao produzirem o gênero entrevista para um programa de rádio escolar. Além disso, pudemos observar que a proposta de ensino aplicada se enquadra dentro dos princípios adotados para encaminhar uma pedagogia dos multiletramentos.

No decurso desta pesquisa, contemplamos, no segundo, no terceiro e no quarto capítulos, o nosso primeiro objetivo específico. Nesse âmbito, planejamos conhecer e analisar a bibliografia existente sobre os multiletramentos, sobre a abordagem sociodiscursiva dos gêneros, sobre a entrevista radiofônica e sobre a pesquisa-ação.

Assim, no capítulo dois, discorremos sobre os multiletramentos. Desse modo, abordamos o manifesto que procurou alertar sobre a necessidade de a escola tomar como sua responsabilidade a apropriação e a discussão dos novos letramentos e da diversidade cultural. Discutimos também o conceito de multiletramentos e refletimos sobre os dois aspectos para os quais essa definição aponta: a multiculturalidade e a multiplicidade de linguagens dos textos. Ainda nessa parte, apresentamos os princípios e os movimentos pedagógicos favoráveis à promoção dos multiletramentos.

Já no capítulo três, tecemos algumas considerações sobre a abordagem dos gêneros em diferentes perspectivas teóricas e apresentamos os pressupostos teóricos nos quais nos apoiamos: a abordagem sociodiscursiva na perspectiva de Bakhtin (1997). Depois, discorremos sobre a entrevista de forma geral, apresentando definições e algumas características e orientações teórico-práticas que envolvem o gênero. Em seguida, refletimos especificamente sobre a entrevista radiofônica e abordamos as suas especificidades e algumas orientações teórico-práticas.

Posteriormente, no capítulo quatro, apresentamos os nossos pressupostos metodológicos. Desse modo, descrevemos a pesquisa-ação (THIOLLENT, 1996) como a forma que concebemos e vemos a nossa proposta de ensino. Em seguida, delineamos os procedimentos adotados e apresentamos os critérios usados na análise da aplicação dessa proposta.

A elaboração das atividades, prevista no segundo objetivo específico, é contemplada no quinto capítulo. Nele, apresentamos a nossa proposta de ensino que está organizada em doze blocos. Em cada bloco, detalhamos as atividades planejadas: para a criação de uma rádio na escola; para a apropriação, produção, gravação, edição e transmissão do gênero entrevista radiofônica; para o domínio de ferramentas de edição de áudio; e para a análise e produção de vinhetas de rádio.

Já a aplicação das atividades, ainda prevista no segundo objetivo específico, foi relatada como ocorreu, passo a passo, na primeira seção do sexto capítulo. Na segunda, apresentamos a avaliação da proposta feita pelos participantes. E na última seção, atendemos aos três últimos objetivos específicos ao discutirmos as nossas três questões de pesquisa.

Na primeira questão, discutimos como se configurou o protagonismo dos estudantes durante a aplicação da proposta. Com a análise, percebemos que a maioria dos aprendizes apresentou uma participação ativa e consciente, buscou soluções para os desafios em que estavam envolvidos, escolheu com liberdade a área de interesse e de intervenção e teve

compromisso com as ações do projeto de rádio escolar. Entretanto, tivemos também participantes que, em alguns momentos, foram passivos, não se envolveram muito, não cumpriram os compromissos firmados e que participaram apenas das decisões por meio das votações realizadas. Nesse sentido, entendemos que houve ocasiões em que o protagonismo juvenil se configurou nitidamente durante a aplicação da proposta. Apesar disso, esse protagonismo não se deu de forma geral nem regular entre os participantes.

Com a segunda questão de pesquisa, buscamos discutir como se apresentaram e quais aspectos foram favoráveis e quais foram conflitantes na aplicação das atividades para a apropriação do gênero entrevista radiofônica pelos estudantes. Para isso, comparamos as produções iniciais e finais com base em critérios elaborados a partir de orientações teórico-práticas da literatura jornalística sobre o gênero entrevista radiofônica.

Com a análise comparativa, percebemos que, tanto na abertura quanto no encerramento da entrevista final, expressivos avanços foram alcançados pelos estudantes, pois eles passaram a contemplar elementos essenciais para a produção do gênero.

Todavia, em relação à fase de perguntas e respostas, embora tenhamos percebido um progresso dos estudantes, notamos que, em uns aspectos, alguns participantes não conseguiram avançar e, para que isso acontecesse, seria necessário um trabalho continuado com a realização de mais entrevistas, seguidas de análises do seu conteúdo. Isso aconteceu, por exemplo, em relação ao aspecto de permanecer como um observador sobre o que estava sendo dito, pois a maioria continuou, em suas falas, apresentando uma opinião sobre o assunto. Embora encontremos essas opiniões nas produções, elas são pontuais e sutis e não prejudicam a entrevista.

Em geral, comparando a produção inicial e a final, percebemos que os estudantes tiveram avanços significativos. No que se refere à apropriação do gênero, como isso é algo que está intrínseco ao que o indivíduo construiu de conhecimento, é difícil fazer afirmações exatas. Entretanto, pelas observações das produções iniciais e finais, foi possível sinalizar algumas evoluções dos participantes no que se refere ao conhecimento das especificidades do gênero. Com isso, entendemos que as atividades aplicadas contribuíram para que esse progresso fosse evidente. Nessas circunstâncias, acreditamos que algumas ações colaboraram para esse êxito: os exercícios usados para explorar os exemplares; a etapa de análise e discussão da produção inicial; e as simulações de entrevistas realizadas.

Ainda para discutir essa questão de pesquisa, procuramos observar os fatores externos às atividades que foram favoráveis ou conflitantes à apropriação do gênero pelos estudantes.

Com a análise, percebemos que a falta de compromisso e a inassiduidade foram aspectos desfavoráveis.

Apesar desses aspectos conflitantes, não houve comprometimento nos objetivos das ações, já que a falta de compromisso foi bem pontual e se configurou no não comparecimento, principalmente, durante a gravação da produção inicial e da final por uma estudante; e na não realização por alguns participantes de atividades e compromissos propostos. Em relação a essas adversidades, pudemos amenizar o prejuízo advindo das faltas por meio de algumas estratégias, como retomar, no início de cada encontro, os principais aspectos estudados nas aulas antecedentes e também com a marcação de um encontro extra com os faltosos.

Em sentido oposto, fatores externos favoráveis foram a assiduidade, a iniciativa e o envolvimento da maioria na aplicação das atividades para apropriação do gênero. A maior parte dos estudantes não teve uma única falta durante o desenvolvimento do projeto de rádio escolar e todos os aprendizes que gravaram as produções inicial e final se prepararam, fazendo pesquisas e elaborando roteiros para as entrevistas realizadas.

Com a terceira questão de pesquisa, discutimos como a proposta aplicada se configurou em relação aos princípios empregados para encaminhar uma pedagogia dos multiletramentos. Primeiro, observamos se as ações desenvolvidas possibilitaram aos jovens se desenvolverem como usuários funcionais (ROJO, 2012). Nesse sentido, percebemos que as atividades para a apropriação do gênero e os exercícios para o domínio das ferramentas do programa de edição de áudio foram importantes para isso. Depois, procuramos perceber se a proposta permitiu aos aprendizes se desenvolverem como criadores de sentido (ROJO, 2012). Nessa perspectiva, notamos que a análise das produções iniciais, a edição dos programas de entrevista e a produção de vinhetas contribuíram para isso.

Em seguida, buscamos observar como a proposta permitiu aos jovens se desenvolverem como analistas críticos (ROJO, 2012). Entre os momentos da aplicação que cooperaram para esse desenvolvimento estão: as reuniões de pauta, a realização de pesquisas e a elaboração de roteiros ou questionários. Por último, analisamos também se as ações realizadas possibilitaram aos jovens se desenvolverem como agentes transformadores (ROJO, 2012). Isso pode ser observado principalmente ao se comparar os exemplares usados para apropriação do gênero e as produções finais dos participantes, pois pudemos perceber que eles conseguiram transformar os discursos e as significações aprendidas ao mostrar originalidade em suas produções e ao intervir em seus problemas, abordando assuntos relacionados com a comunidade escolar.

Com a aplicação da pesquisa, construímos uma rádio na instituição de ensino e escolhemos o nome InterAção, democraticamente, com a ajuda da comunidade escolar. No colégio, onde o projeto foi realizado, não existia uma rádio, mas havia algumas caixas de som, espalhadas pelos blocos de salas. Essa estrutura, que era usada apenas para reproduzir músicas no horário do recreio e para sinalizar a troca de sala dos estudantes, foi aproveitada para transmitir o programa Entrevistando da rádio InterAção. Com isso, acreditamos que abrimos caminhos para novos programas de rádio e, com o entusiasmo dos estudantes, cremos que a programação possa ser ampliada nos próximos anos.

Ademais, a proposta de um programa de entrevista pôde contribuir para a intervenção em problemas, tais como, a depressão, a intolerância, alguns transtornos alimentares e o consumo compulsivo. De fato, acreditamos que, por meio de programas de rádio, seria difícil que os estudantes fossem capazes de solucionar os problemas ocorridos na escola. Isso pode não ter acontecido, no entanto, essas temáticas foram colocadas em evidência e em discussão. Assim, os participantes foram capazes de realizar uma intervenção em problemas que afetavam a comunidade escolar, colocando-os na pauta do dia.

As atividades possibilitaram aos participantes a descoberta e a construção de novos conhecimentos. Nesse sentido, sabemos que, antes de sua aplicação, apenas dois estudantes afirmaram ter conhecimentos sobre programas de edição de áudio e, por meio delas, puderam conhecer o uso de suas ferramentas. Além disso, puderam também pesquisar temas e se preparar para entrevistar e ter contato com informações novas, fornecidas pelos entrevistados.

Em suma, com o projeto pudemos dar voz e vez à comunidade escolar por meio da escuta ativa (BAKHTIN, 1997), feita pelos estudantes/participantes, das sugestões de colegas de turma, professores, pais sobre temas para o programa entrevista.

Por ser intrínseco ao indivíduo, é muito subjetivo mensurar se as ações realizadas proporcionaram o desenvolvimento da fala e da escrita. Entretanto, observamos que pudemos, por meio da aplicação, proporcionar aos estudantes atividades que contribuíram para esse aspecto.

Diante do que foi exposto, recomendamos o trabalho com o gênero entrevista radiofônica e indicamos o desenvolvimento da proposta apresentada e aplicada em turmas de nono ano do Ensino Fundamental. Entretanto, cabe aos professores fazerem as adaptações que julgarem necessárias, conforme o contexto escolar vivido, antevendo ações que possam dar ou não certo a partir da leitura do planejamento descrito nesta dissertação.

As considerações apresentadas constituem-se como uma das possíveis leituras que podem ser feitas deste trabalho. Dessa forma, este estudo está aberto a novas leituras, novas significações e interpretações. Esperamos, sobretudo, que essa postura possa contribuir para que a marginalidade dada aos gêneros orais diminua e para que o aperfeiçoamento dos trabalhos nessa área seja realizado.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Leandro Silveira de. A entrevista radiofônica em espanhol: delimitações do gênero discursivo. In: SIMPÓSIO NACIONAL E INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 14., 2013, Uberlândia. **Anais do SILEL**. Uberlândia: Edufu, 2013. v. 3, p. 1 - 16. Disponível em: <[http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013\\_724.pdf](http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_724.pdf)>. Acesso em: 05 mar. 2016.
- ASSUMPCÃO, Zeneida Alves de. **A rádio no espaço escolar: para falar e escrever melhor**. São Paulo: Annablume, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BALTAR, Marcos Antonio Rocha. **Rádio escolar: uma experiência de letramento midiático**. São Paulo: Cortez, 2012.
- BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual do Radiojornalismo: Produção, Ética e Internet**. 2ª Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto de (Org.). **Diálogos com Bakhtin**. 4. ed. Curitiba: Ufpr, 2007. Cap. 1. p. 21-38.
- BEZERRA, Maria Auxiliadora. Por que cartas do leitor na sala de aula?. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 208-216.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BRASIL. **Resolução Nº 466, de 12 de Dezembro de 2012**. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html)>. Acesso em: 12 maio 2016.
- CANCLINI, Nestor García. **Cultura Híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad**. México: Grijalbo, 1989.
- CANI, Josiane Brunetti; COSCARELLI, Carla Viana. Textos multimodais como objetos de ensino: reflexões em propostas didáticas. In: KERSCH, Dorotea Frank; COSCARELLI, Carla Viana; CANI, Josiane Brunetti (Org.). **Multiletramentos e multimodalidade: ações pedagógicas aplicadas à linguagem**. Campinas: Pontes Editores, 2016. p. 15-47.
- CARVALHO, Gisele de. Gênero como ação social em Miller e Bazerman: o conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo de aplicação. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. Cap. 7. p. 130-149.
- CHANTLER, Paul; HARRIS, Sim. **Radiojornalismo**. São Paulo: Summus, 1998. 57 v. Tradução de Laurindo Lalo Leal Filho.

COSCARELLI, Carla Viana; KERSCH, Dorotea Frank. Pedagogia dos Multiletramentos: alunos conectados? novas escolas + novos professores. In: KERSCH, Dorotea Frank; COSCARELLI, Carla Viana; CANI, Josiane Brunetti (Org.). **Multiletramentos e multimodalidade: ações pedagógicas aplicadas à linguagem**. Campinas: Pontes Editores, 2016. p. 7-14.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. 3. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2004. Cap. 4. p. 81-108. Tradução e organização de Roxane Helena Rodrigues Rojo e Gláís Sales.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1978.

ENTREVISTA sobre escolha profissional. Disponível em: <<https://soundcloud.com/klauber-franco/entrevista-sobre-escolha-profissional-com-a-consultora-e-conciliadora-de-imagem-a-andreia-azevedo>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

ENTREVISTA sobre gravidez na adolescência. Disponível em: <<https://soundcloud.com/klauber-franco/radio-globo-entrevista-gravidez-na-adolescencia>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

ENTREVISTA sobre intolerância religiosa. Disponível em: <<http://radios.ebc.com.br/reporter-rio/edicao/2016-11/caminhos-para-combater-intolerancia-religiosa-no-brasil>>. Acesso em: 03 mar. 2017.

ENTREVISTA sobre intolerância. Disponível em: <<https://soundcloud.com/wolf-fedro/entrevista-sobre-o-livro-raizes-da-intolerancia-radio-mec-programa-todas-as-vozes-15>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

ENTREVISTA sobre racismo. Disponível em: <<http://radios.ebc.com.br/revista-brasil/2017/08/especialista-fala-sobre-o-racismo>>. Acesso em: 22 ago. 2017.

FARNEDA, Eliete Sampaio. Perguntas e Respostas na Entrevista Radiofônica. **Revista Letra Magna: Revista Eletrônica Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura**, São Paulo, n. 6, p.1-18, 2007. Semestral. Disponível em: <<http://www.letramagna.com/entrevistaradio.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GRUPO Interagir. 2006. Disponível em: <<http://orgs.tigweb.org/grupo-interagir>>. Acesso em: 03 mar. 2016.

HEMAIS, Bárbara; BIASI-RODRIGUES, Bernadete. A proposta sociorretórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair;

MOTTA-ROTH, Désirée (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. Cap. 6. p. 108-129.

IKEDA, Sumiko Nishtani. A noção de gênero textual na linguística crítica de Roger Flower. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. Cap. 3. p. 46-64.

KERSCH, Dorotea Frank; COSCARELLI, Carla Viana; CANI, Josiane Brunetti (Org.). **Multiletramentos e multimodalidade: ações pedagógicas aplicadas à linguagem**. Campinas: Pontes Editores, 2016.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

LEMKE, Jay. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 49, n. 2, p.455-479, jul. 2010. Semestral. Tradução de Clara Dornelles. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tla/v49n2/09.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

MAGALHÃES, Tânia Guedes; SILVA, Maria Diomara da; OLIVEIRA, Pâmela Medeiros de. O gênero entrevista em manuais didáticos de Língua Portuguesa. **Raído: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD**, Dourados, Ms, v. 6, n. 11, p.55-72, jan. 2012. Semestral. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/view/1593/1147>>. Acesso em: 01 dez. 2017.

MEDINA, Cremilda de Araujo. **Entrevista: o diálogo possível**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MORIN, Edgar. A entrevista nas Ciências Sociais, no Rádio e na Televisão. In: MOLES, Abraham André et al. **Televisão e canção: Linguagem da cultura de massas**. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 115-135. Tradução de Sebastião Velasco e Cruz e Hilda Fagundes.

MOTTA-ROTH, Désirée; HEBERLE, Viviane Maria. O conceito de "estrutura potencial do gênero" de Ruqayia Hasan. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. Cap. 1. p. 12-28.

PRADO, Emilio. **Estrutura Da Informação Radiofônica**. 4. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1989.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de Comunicação**. Rio de Janeiro: Codecri, 1978. Com a colaboração de Muniz Sodré.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 152-183.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues (Org.). **Escola conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: ROJO, Roxane Helena Rodrigues (Org.). **Escola conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013. Cap. 1. p. 13-36.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Pedagogia dos Multiletramentos: diversidades cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. Cap. 1. p. 11-31.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues; BARBOSA, Jacqueline Peixoto. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. 3. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2004. Tradução e organização de Roxane Helena Rodrigues Rojo e Gláís Sales.

SOUZA, Regina Magalhães de. **O discurso do protagonismo juvenil**. 2006. 350 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Departamento de Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

STEWART, Charles; CASH, William. **Técnicas de entrevista: estruturação e dinâmica para entrevistados e entrevistadores**. 14. ed. Porto Alegre: Amgh, 2015. Tradução de Carolina Zanon e Cássia Zanon.

THIOLLENT, Michael. **Metodologia da pesquisa-ação**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

TRADUÇÃO livre de trechos do Manual Online do Audacity. Elaborado para a versão 1.2.3 por Anthony Oetzmann e Dominic Mazzoni. Disponível em: <[http://www.participa.br/articles/public/0006/2529/manual\\_audacity.pdf](http://www.participa.br/articles/public/0006/2529/manual_audacity.pdf)>. Acesso em: 12 mar. 2017.

TRECHO de entrevista com o nutricionista Antônio Lancha Júnior. Disponível em: <<https://soundcloud.com/klauber-franco/complemento-para-questionario-trecho-de-entrevista-com-antonio>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

TRECHOS de entrevista sobre alimentação. Disponível em: <<https://soundcloud.com/klauber-franco/trecho-de-entrevista-sobre-alimentacao>>. Acesso em: 02 abr. 2017.

TRECHOS de entrevista sobre esportes. Disponível em: <<https://soundcloud.com/klauber-franco/trechos-de-entrevista-sobre-esportes>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

TRECHOS de entrevista sobre jogos. Disponível em: <<https://soundcloud.com/klauber-franco/trechos-de-entrevista-sobre-jogos-pokemon-go>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

TRECHOS de entrevista sobre o mercado de trabalho. Disponível em: <<https://soundcloud.com/klauber-franco/trechos-de-entrevista-sobre-mercado-de-trabalho>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

TRECHOS de entrevista sobre o racionamento de água no DF. Disponível em: <<https://soundcloud.com/klauber-franco/trechos-de-entrevista-sobre-acionamento-de-agua>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

TRECHOS de entrevista sobre preconceito. Disponível em: <<https://soundcloud.com/klauber-franco/trecho-de-entrevista-sobre-preconceito-com-modelos-plus-size>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

VESCE, Gabriela Eyng Possolli. **Rádio Escolar**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/comunicacao/radio-escolar/>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

VINHETA da rádio CBN. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TO7n15u5F4I>>. Acesso em: 03 mar. 2007.

VINHETAS da rádio Antena 1. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BxlQdSs5Jcg>>. Acesso em: 02 abr. 2017.

VINHETAS da rádio Jovem Pan. 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NLk2rSwIZkk>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

WESTPHALEN, Roberta Bilibio. **Entrevista radiofônica**: um jogo enredado estudo de caso do programa Gaúcha Repórter. 2006. 161 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Comunicação e Linguagens, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2006. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/67759153-Universidade-tuiuti-do-parana-roberta-bilibio-westphalen-entrevista-radiofonica-um-jogo-enredado-estudo-de-caso-do-programa-gaucha-reporter.html>>. Acesso em: 03 mar. 2016.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 8. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2003. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo.

**ANEXOS**

## Anexo A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado(a) senhor(a), o(a) menor, pelo qual o(a) senhor(a) é responsável, está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada “Gênero entrevista radiofônica: uma proposta de multiletramentos para o 9º ano do ensino fundamental”, sob a responsabilidade dos pesquisadores Klauber Franco de Souza e a Dra. Simone Azevedo Floripi.

Nesta pesquisa, nós estamos buscando entender os benefícios que um projeto de multiletramentos centrado na construção de um programa radiofônico de entrevista pode trazer em uma escola.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pelo pesquisador Klauber Franco de Souza, logo após uma reunião realizada nas dependências da escola na qual o pesquisador irá esclarecer o projeto.

Na participação do(a) menor, ele(a) será submetido a algumas atividades com o objetivo de construirmos um programa radiofônico de entrevista. São materiais de análise desta pesquisa as informações coletadas por meio das atividades e dos programas gravados com a aplicação do projeto.

Em nenhum momento o(a) menor será identificado(a). Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

O(A) menor não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa.

Os riscos, da participação do(a) menor na pesquisa, são mínimos e consistem na possibilidade de quebra de anonimato. Para minimizar os riscos, os questionários não serão identificados pelo nome para que seja mantido o anonimato; os programas gravados serão identificados por nomes fictícios e em nenhum momento será divulgada imagem ou som de aluno ou participante sem a devida ciência e consentimento do mesmo ou de seus pais, no caso de menores de idade. Os benefícios trazidos pela rádio escolar ao participante poderão ser diretos ou indiretos. O projeto pode: promover a criatividade, a criticidade, a socialização, a cidadania, o protagonismo, a fala (fluência verbal) e a escrita (produção de textos); possibilitar a apropriação do gênero abordado; despertar o gosto pela pesquisa e pela leitura; elevar a autoestima e o interesse do educando pela escola.

O(A) menor é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com o(a) senhor(a), responsável legal pelo(a) menor.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, o(a) senhor(a), responsável legal pelo(a) menor, poderá entrar em contato com Klauber Franco de Souza pelo *e-mail* klauber@mestrado.ufu.br ou pelo telefone profissional (61) 39016868, vinculado ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Uberlândia ou com a Profa. Dra. Simone Azevedo Floripi pelo telefone profissional (34) 32394162, vinculada à Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais, Instituto de Letras e Linguística: Av. João Naves de Ávila, nº 2160, bloco U, sala 221, Campus Santa Mônica – Uberlândia – MG, CEP: 38408-100. Poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, Campus Santa Mônica – Uberlândia – MG, CEP: 38408-100; fone: 34-32394131. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, ..... de .....de 201.....

---

Klauber Franco de Souza

---

Profa. Dra. Simone Azevedo Floripi

Eu, responsável legal pelo(a) menor \_\_\_\_\_ consinto na sua participação no projeto citado acima, caso ele(a) deseje, após ter sido devidamente esclarecido.

---

Responsável pelo(a) menor participante da pesquisa

## Anexo B - Termo de Assentimento para o Menor

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada “Gênero entrevista radiofônica: uma proposta de multiletramentos para o 9º ano do ensino fundamental”, sob a responsabilidade dos pesquisadores Klauber Franco de Souza e a Dra. Simone Azevedo Floripi.

Nesta pesquisa, nós estamos buscando entender os benefícios que a construção de uma rádio pode trazer em uma escola.

Na sua participação, você será submetido a algumas atividades com o objetivo de construirmos um programa radiofônico de entrevista. São materiais de análise desta pesquisa as informações coletadas por meio das atividades e os programas gravados com a aplicação do projeto.

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa.

Os riscos são mínimos e consistem na possibilidade de quebra de anonimato. Para minimizar os riscos, os questionários não serão identificados pelo nome para que seja mantido o anonimato; os programas gravados serão identificados por nomes fictícios e em nenhum momento será divulgada imagem de aluno ou participante sem a devida ciência e consentimento do mesmo ou de seus pais, no caso de menores de idade.

Os benefícios trazidos pela rádio escolar ao participante poderão ser diretos ou indiretos. O projeto pode: promover a criatividade, a criticidade, a socialização, a cidadania, o protagonismo, o desenvolvimento da fala (fluência verbal) e da escrita (produção de textos); possibilitar a apropriação do gênero abordado; despertar o gosto pela pesquisa e pela leitura; elevar a autoestima e o interesse do educando pela escola.

Mesmo seu responsável legal tendo consentido na sua participação na pesquisa, você não é obrigado a participar da mesma se não desejar. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma via original deste Termo de Esclarecimento ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com Klauber Franco de Souza pelo *e-mail* [klauber@mestrado.ufu.br](mailto:klauber@mestrado.ufu.br) ou pelo telefone profissional (61) 39016868, vinculado ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Uberlândia, ou com a Profa. Dra. Simone Azevedo Floripi pelo telefone profissional (34) 32394162, vinculada à Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais, Instituto de Letras e Linguística: Av. João Naves de Ávila, nº 2160, bloco U, sala 221, Campus Santa Mônica – Uberlândia – MG, CEP: 38408-100. Poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, Campus Santa Mônica – Uberlândia –MG, CEP: 38408-100; fone: 34-32394131. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, ..... de .....de 201.....

---

Klauber Franco de Souza

---

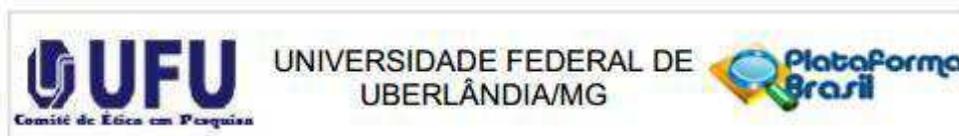
Profa. Dra. Simone Azevedo Floripi

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

---

Participante da pesquisa

## Anexo C - Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU)



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Gênero entrevista radiofônica: uma proposta de multiletramentos para o 9º ano do ensino fundamental

**Pesquisador:** Simone Azevedo Floripi

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 59513316.8.0000.5152

**Instituição Proponente:** Instituto de Letras e Linguística

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 1.781.036

#### Apresentação do Projeto:

A proposta de trabalho deste protocolo é "o ensino do gênero entrevista radiofônica por meio de uma proposta de multiletramentos".

#### Objetivo da Pesquisa:

O protocolo tem como objetivo geral: "elaborar e aplicar uma proposta de multiletramentos para o 9º ano do ensino fundamental, centrada no ensino do gênero entrevista radiofônica". E como objetivo específico: "conhecer e analisar a bibliografia existente sobre os Letramentos e os Multiletramentos, estabelecendo relação com o projeto de entrevista radiofônica".

#### Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos foram apresentados.

#### Recomendações:

Não há.

#### Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

De acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466/12, o CEP manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa proposto.

O protocolo não apresenta problemas de ética nas condutas de pesquisa com seres humanos, nos limites da redação e da metodologia apresentadas.

#### Situação do Parecer:

Aprovado

#### Necessita Apreciação da CONEP:

Não

UBERLÂNDIA, 18 de Outubro de 2016

---

**Assinado por:**  
Sandra Terezinha de Farias Furtado  
(Coordenador)

## APÊNDICES

## **Apêndice A - Proposta inicial de linha editorial para a rádio InterAção elaborada pelos participantes do projeto juntamente com o professor/pesquisador**



### **1. Histórico**

O nome da rádio foi escolhido com a ajuda da comunidade escolar. Recebemos, inicialmente, vinte sugestões de nomes por meio de uma urna que ficou durante uma semana na recepção da escola. Para a votação, registramos todos os nomes sugeridos em uma enquete no site <http://www.ferendum.com>. A votação aconteceu das 18h de 29 de maio às 23h de 5 de junho de 2017 e foi divulgada nos cartazes espalhados pela escola e nos grupos de *WhatsApp* de funcionários e de estudantes. Como resultado, 70 pessoas votaram e o nome InterAção foi o escolhido com 14 votos.

A rádio foi ao ar pela primeira vez no dia 5 de julho de 2017 no intervalo do turno matutino (das 9h30 às 10h). O primeiro programa transmitido foi o Entrevistando e o seu tema foi o rap nacional, trazendo em seu conteúdo uma entrevista com um cantor da escola e músicas de estilos variados.

### **2. Objetivos da rádio escolar InterAção**

- i) intervir em problemas escolares e comunitários;
- ii) promover a interação e comunicação entre os membros da comunidade escolar;
- iii) promover a cultura local, regional e nacional;
- iv) transmitir conteúdos que busquem o desenvolvimento e a aprendizagem dos estudantes.

### **3. Conteúdos priorizados**

- i) educativo;
- ii) informativo;
- iii) de entretenimento;
- iv) musical;
- v) artístico-cultural;
- vi) esportivo;
- vii) de utilidade pública.

### **4. Compromissos e responsabilidades dos membros envolvidos na produção de programas para a rádio escolar**

- i) ser assíduo e pontual;
- ii) ter responsabilidade e compromisso;
- iii) ser dedicado e participativo;
- iv) agir com seriedade e envolvimento;
- v) interagir com os demais e procurar resolver os problemas por meio do diálogo;
- vi) realizar as pesquisas e atividades propostas.

### **5. Linguagem dos programas**

Os locutores devem adaptar a linguagem à situação comunicativa. Dessa forma, se em determinado programa, estiverem falando diretamente com outros estudantes ou com uma pessoa de maior grau de intimidade, são livres para usar gírias espontaneamente. Entretanto, os xingamentos e as palavras de baixo calão devem ser evitados.

### **6. Conteúdo Musical**

Devem ser evitadas músicas que em suas letras façam apologia ao uso de drogas, falem de violência ou insinuem sexo.

## Apêndice B - Transcrições das produções iniciais

(60) **Valéria Stirling** - Boa tarde! Eu est...eu sou Valéria Stirling e eu estou aqui com Lucas Argus.

**Lucas Argus** - Boa tarde!

**Valéria Stirling** - Bom, Lucas, é , nós, nosso tema principal, né? é cinema. E nós sabemos que cinema é aquela sala onde nós vamos assistir filmes e nos entre, entreter um pouco, né? Mas qual é o conceito básico desse termo cinema, cinematografia?

**Lucas Argus** - Esse termo ééé... mas um termo como diversão porque as pessoas procuram o cinema pra se entreter. Não como só uma atividade como correr, por exemplo, elas vão lá pra ver filmes, passear com os amigos, sair com a namorada de vez em quando, né que é sempre bom, mas eles vão pro entretenimento, por entretenimento mesmo.

**Valéria Stirling** - E... Mas o único objetivo do cinema é o entretenimento ou alguma coisa a mais também?

**Lucas Argus** - Não, porque co... Eles vão pro cinema também pra ver as obras que vem do... de fora como, por exemplo, vai sair agora Piratas do Caribe. Eles vão pra assistir esse filme que é uma obra de outro país que é os Estados Unidos. Então, eles vêm pra cá. O filme vem pra cá. Eles vêm pra assistir. Como também ... a um... um ano sai muitos filmes, altas cinematografia lá. Então, eles sempre vem pra cá só pra ver esses filmes, conhecer as obras, ver os atores etc.

**Valéria Stirling** - Bom, nós sabemos que o cinema não surgiu assim de repente de uma hora pra outra. Você poderia dizer mais ou menos o progresso. Como é que foi? Quando? Como era quando começou? E até chegar nos dias atuais?

**Lucas Argus** - O cinema, ele veio de uma ideia do circo que o circo, ele exibia quadros numa ... tomada de um rolo de fita. Ele ia exi... Tipo tinha um botão, cê botava o rolo e apertava. Ele ia exibir um filme pequeno. Era bem pequeno mesmo, uns cinco minutos. Ele foi evoluindo. Agora a máquina, hoje em dia, ela roda filmes de uma hora a ... pra frente. Também exhibe minianimações como, por exemplo, é ... o Jogo de Xadrez de ... Coney alguma coisa assim. Essa é uma minianimação feita pela Pixar em 1998 que exibia um jogo de xadrez de um velhinho com ele mesmo. E nisso a animação só foi evoluindo. O cinema evoluiu. A tecnologia evoluiu. Hoje em dia tudo está mais avançado, até os efeitos especiais.

**Valéria Stirling** - Muito bom! E ... a relação entre o cinema e outros tipos de artes ou não? Artes como músicas, essas coisas.

**Lucas Argus** - Sim. A... Mais relacionada com a música mesmo teve aquele filme O pianista que contava a história de um homem de uma cidade que ia ser bombardeada durante a segunda guerra mundial e um homem simplesmente ficou pra trás. Ele foi pro um bar tocar piano antes da morte dele. E ele morreu lá, tocando piano na dele, sozinho, enquanto toda a cidade era evacuada. Então, isso só prova que o cinema é uma outra... um outro de jeito de mostrar a arte sem ser só em filme de ação ou de aventura, ela pode mostrar teatro, pode mostrar a... a música de jeitos diferentes, pode mostrar a dança também. Isso vai depender da o... produção que o filme tem e o tema dele.

**Valéria Stirling** - E... essas coisas assim Lucas você acha que podem nos trazer ensinamentos, alguma coisa desse tipo, que pode ajudar pessoas?

**Lucas Argus** - Sim. Como, por exemplo, o filme A culpa é das estrelas. Ele traz aquela mensagem de que ela sabe que vai morrer, sabe que tem um final, mas ela não desistiu. Até ela falou pros pais dela que eles podiam... ela podia morrer a qualquer momento, mas não era pra eles desistirem da vida deles, era pra eles seguirem em frente. Chega no final do filme, ela perde o amor da vida dela, conhecido como Augustus, se me lembro bem. E ela seguiu em frente. Ela tava pensando até em suicídio, mas ele deixou uma carta pra ela dizendo que era pra ela seguir em frente, aproveitar o máximo e... ela morreu dois anos depois, lá, solitária.

**Valéria Stirling** - Bom, muito obrigada Lucas pela sua participação e até a próxima!

**Lucas Argus** - Obrigado a você Valéria! Até a próxima!

(Transcrição da produção inicial, realizada em 29/05/2017 pela participante Valéria Stirling.

(61) **Lucas Argus** - Bom, eu sou o Lucas Argus e vou apresentar aqui ééé Valéria Stirling e vamos falar sobre os livros de John, John, John Green. Desculpe! O que que você acha dos livros dele?

**Valéria Stirling** - Bom, eu acho que os livros dele são muito bem elaborados e inspirados e sempre trazem uma mensagem muito importante ao final.

**Lucas Argus** - Como, por exemplo, cite uma dessas mensagens.

**Valéria Stirling** - Por exemplo, no livro A culpa é das estrelas. John Green nos mostra que mesmo com uma doença, você pode ser feliz. Uma doença terminal. E mesmo que você saiba que você vai morrer com aquela doença, você não é uma bomba relógio, porque vale a pena viver o tanto de vida

que você ainda tem, mesmo que seja pouco.

**Lucas Argus** - Então, você acha que... as pessoas têm que aproveitar o máximo da vida delas até o último dia... lá no final, o último suspiro dela?

**Valéria Stirling** - Exatamente.

**Lucas Argus** - Interessante! Você sabe de outros livros que ele escreveu assim? Obras dele?

**Valéria Stirling** - Bom, ele tem, se eu não me engano quatro obras. Entre elas, também uma é... Quem é você, Alasca? que vai mostrar, tratar muito sobre ...a vida de adolescentes e o que eles realmente gostam de fazer e ... isso é muito interessante os livros, esse livro.

**Lucas Argus** - Você recomenda esse livro pra adolescentes agora?

**Valéria Stirling** - Sim, eu recomendo.

**Lucas Argus** - Obrigado pela sua participação.

(Transcrição da produção inicial, realizada em 29/05/2017 pelo participante Lucas Argus)

- (62) **Giselle** - Olá! Boa tarde! Vamos conversar ... Hoje o tema de hoje, nós iremos falar, é música. Eu gostaria saber das músicas da atualidade que mudaram muito das antigas, o que fez, o que você acha sobre isso?

**Manu Gonçalves** - Eu acho que elas evoluíram de acordo com as gírias e outras mudanças do mundo atual. Por exemplo, os funks de hoje e os funks de antigamente são bem diferentes.

**Giselle** - Bom, as músicas e os estilos musicais podem afetar o psicológico de alguém? Por quê?

**Manu Gonçalves** - É... Porque de certa forma as mudanças que têm tipo nas músicas têm várias indecências em alguns funks e faz a pessoa xingar mais e entre outros atos. Mas isso vai de pessoa pra pessoa, pois tem gente que ouve e faz o que a música diz e outros que só ouvem.

**Giselle** - Para a sociedade do século XXI, que você sabe que há muitos casos de depressão. Pode-se dizer que a música pode levar a depressão ou até a morte?

**Manu Gonçalves** - Eu acho que sim, porque muitas das vezes as músicas mais depressivas podem influenciar no psicológico de uma pessoa.

**Giselle** - Quais estilos de música você ouve?

**Manu Gonçalves** - Eu ouço gospel, funk e entre outras músicas, menos forró, axé e rock que eu não gosto e ... algumas tipo tem... sim esses negócios que você falou. Só que tipo tem funk que tem palavrão, e eu escuto por causa mais do batido da música e não por causa da letra. E aí eu não me deixo influenciar pela letra.

**Giselle** - Sobre música, qual é a sua opinião?

**Manu Gonçalves** - Que... música é boa e tipo tem pra todos os tipos de gosto e pra todos os tipos de pessoas e que tem... pra quem não gosta de um... certo tipo de música, tem outros tipos.

(Transcrição da produção inicial, realizada em 29/05/2017 pela participante Giselle).

- (63) **Manu Gonçalves** - Boa tarde! Estamos aqui com a Giselly e eu vou fazer uma entrevista com ela sobre tipos de televisão. Então, você assiste TV ou algo do tipo em casa?

**Giselle** - Bom, pelo tempo que eu passo em casa, eu assisto mais séries em TV, eu assisto programas e jornais.

**Manu Gonçalves** - E qual o tipo de conteúdo você prefere?

**Giselle** - Bom, eu gosto de tudo, mas eu prefiro aquele... Eu gosto mais de coisas de ficção.

**Manu Gonçalves** - O programa ou o que você assiste traz informações ou algo que serve para a sua vida ou o seu cotidiano ?

**Giselle** - Depende. Todos os programas, séries, filmes tem algo de bom para nos oferecer. Depende se a gente só observa as coisas ruins, a gente também tem que prestar atenção nas coisas boas para a nossa vida.

**Manu Gonçalves** - E o que você acha sobre os diversos conteúdos que a tra... que a TV e suas emissoras trazem para os teles, telespecta...?

**Giselle** - Bom, tem conteúdos bons como o jornal que ele traz para a gente o que está acontecendo lá fora, o que muitas vezes a gente nem sabe, porque não fica muito tempo nas ruas.

**Manu Gonçalves** - E você acha que o avanço da TV e seus conteúdos em si contribuiu para uma sociedade melhor?

**Giselle** - Acho que sim, porque... com tudo que a tecnologia foi avançando, a TV também foi e nisso ajuda muito nós porque agora tem canal de culinária pra quem não sabe cozinhar, tem canal de desenho para as crianças. Então, ela evoluiu e ajuda muito.

**Manu Gonçalves** - Muito bem! Obrigada, Giselle.

(Transcrição da produção inicial, realizada em 29/05/2017 pela participante Manu).

- (64) **Vitor Hugo** - Boa tarde! Meu nome é Vitor, Vitor Hugo e estou aqui para ... fazer uma entrevista com

Amora Meney sobre em relação à arte. Boa tarde, Amora!

**Amora Meney** - Boa tarde!

**Vitor Hugo** - Então, cê estudou muito sobre esse assunto e pra falar aqui pra gente?

**Amora Meney** - Sim, sim tenho ba, ba... conhecimentos básicos sobre esse assunto.

**Vitor Hugo** - Ok, então. Então, eu vou perguntar aqui sobre a arte. O que que você acha sobre a arte?

**Amora Meney** - Bom, não é como as pessoas pensam que seria a pintura em tela ou desenhos. Arte se baseia em tudo ao nosso redor. Ééé... E nossa expressão no dia a dia, nossa forma de se expressar etc.

**Vitor Hugo** - Bom, e o que você acha assim sobre a arte tem a ver com a cultura ou não tem?

**Amora Meney** - Sim, sim. A dança é um tipo de arte que leva por... por esse meio da cultura. Ééé... a forma de você viajar na questão do teatro é uma arte, entre outros meios ééé... que leva a...a cultura, levam o nosso ambiente.

**Vitor Hugo** - E ... o importante da cultura também é o estudo da paisagem, não é mesmo? E por isso que... tipo assim, você tem que saber onde mora, você tem que estudar o seu país pra você receber, receber a função da arte como cultura. A cultura é aquilo que o país tem próprio, que nasceu aquilo no país e ... tipo assim, o que você acha sobre a nossa cultura, sobre a cultura dos outros assim, é estranha pra gente, é estranha pra fora?

**Amora Meney** - Bom, é como saber andar aos primeiros passos, porque a cultura é entre outros países e o nosso que é o nacional tem diversidade. E a diversidade é o que... tem o ponto principal nessa questão da cultura. Nós viajamos pra fora e vemos que a cultura entre si ela é totalmente diferente, o modo de dançar, o modo de falar, o modo de conversar com as pessoas isso é o que coloca mais... força na cultura nacional de on... cada país.

**Vitor Hugo** - Você acha importante aprender outras culturas ou ficar só na nossa mesmo?

**Amora Meney** - Não. O ser humano tem que abrir conhecimento, tem que ter base em culturas diferentes, tem que abrir portas pra arte diferente e etc.

**Vitor Hugo** - Ok, então. E esse foi a nossa entrevista. Obrigado!

(Transcrição da produção inicial, realizada em 29/05/2017 pelo participante Vítor Hugo).

- (65) **Amora Meney** - Boa tarde! Ééé... Meu nome é Amora e estamos em uma entrevista com Vitor Au, Vitor Hugo sobre... o tema de hoje é o esporte.

**Vitor Hugo** - Boa tarde! Estou aqui pra falar... pra prestar uma entrevista sobre o esporte e estou aqui pra responder a pergunta de Amora.

**Amora Meney** - Bom, começando sobre o tema. Éééé... Eu queria esclarecer o que que o esporte significa pra a comunidade, pro público ouvinte?

**Vitor Hugo** - Bom, primeiro que o esporte ele é muito importante pra todo mundo, porque tipo assim ééé ... O esporte, ele tem que estar presente na vida de todo mundo pra se, pra se desenvolver, pra prestar conhecimento e... o esporte é importante para o corpo também, pra manter a saúde. Tipo... se uma pessoa fazer pelo menos uma caminhada pelo menos uma hora por dia, aquela pessoa não vai ser mais sedentária. E eu acho isso. Eu acho muito importante o esporte.

**Amora Meney** - Com base nesse te... nessa relação da parte do sedentarismo, qual esporte você indicaria pras pessoas que já tão com a idade mais avançada, seria o caso os idosos?

**Vitor Hugo** - Bom, uma caminhada seria bem importante, ééé... mas primeiro tem que tá vege... a ... ééé... tem que tá... como é que é? O alimento, velho... ééé... a alimentação em dia. A alimentação é muito importante também, porque o corpo precisa de fornecimento antes de fazer um esporte, porque senão ele não vai aguentar. Ainda mais os idosos são mais pra... mais fracos, ossos não aguentam muita resistência... E o espor... Uma caminhada é bom, tipo... uma caminhada, um... ééé... algum trabalho na piscina, algum esporte na piscina, tipo uma natação que... tipo assim, eu vejo muitas idosas andando na rua, como se fossem novas. É ... o corpo duro. É ... faz academia. Aquilo é... Eu acho muito legal aquilo, porque tem muitas mães, hoje em dia, que... ela acha assim, eu limpo a casa, então não preciso fazer mais nada. Pronto. Não é só isso. Você tem que sair. Às vezes você faz até uma amizade, caminha com outra pessoa. É muito importante isso.

**Amora Meney** - Então, você incluiria os alongamentos a certas idades independente de idades? Certo?

**Vitor Hugo** - Certo.

**Amora Meney** - Foi bom a entrevista de hoje. Espero que tenha esclarecido ééé... a questão do esporte e obrigada, Vitor Hugo e até mais!

(Transcrição da produção inicial, realizada em 29/05/2017 pela participante Amora Meney).

- (66) **Kloe Ward** - Olá, muito bom dia! Estamos aqui hoje com o nosso participante, o nosso amigo Kit Walker e a gente vai fazer umas perguntas pra ele sobre... a cena da educação atual no Brasil. Boa tarde!

**Bits Walker** - Boa tarde!

**Kloe Ward** - É... Kit, o que você acha sobre... o que você acha que pode ser melhorado na educação brasileira?

**Bits Walker** - Bom, assim... Sobre a educação brasileira o que poderia melhorar principalmente nas escolas, porque tem várias coisas que acontecem na escola que isso leva pra frente. O que isso pode acontecer, sei lá... Um exemplo, tem uma pessoa na escola que mexe com coisas erradas, pra frente ele pode levar alguma coisa errada.

**Kloe Ward** - Sim, sim, concordo. E você acha que... sobre a cena atual da educação, com todos esses problemas políticos, econômicos e sociais, com todas essas "revoltas", esses problemas de impeachment. O que você acha sobre isso? Você acha que isso afeta na educação?

**Bits Walker** - Depende, porque, assim, do que pode acontecer sobre o que tá pra lá e o que tá pra cá. Porque o que acontece na educação é uma coisa, o que acontece pra lá pode ser outra. Isso depende do que o que está acontecendo lá. Se isso afeta, alguma coisa... sei lá, sobre dinheiro, um exemplo, pode... esse dinheiro que pode sair por lá, pode ajudar aqui na educação. É isso.

**Kloe Ward** - É verdade. Sobre a reforma do ensino médio. Qual é a sua opinião?

**Bits Walker** - Bom, sobre a reforma do ensino médio, pra mim isso pode melhorar, mas, ao mesmo tempo, pode dar ruim. Muitas vezes o que tá bom, eles querem melhorar e fica ruim. É isso que eu quero dizer.

**Kloe Ward** - Entendi. É... Você acredita no EJA? Na Educação para adultos, né? E você acredita que o governo tá cuidando "bem" tá tratando bem o EJA, tá fazendo tudo o que deveria ser feito ou você acha que é uma perda de tempo?

**Bits Walker** - Bom... Isso, eu fazer... falar como falei agora pouco. Também acho das duas partes, porque, porque o que acontece ... o que é do EJA isso tem que cuidar, mas, ao mesmo tempo, o que, que eles tão fazendo, eles estão cuidando, mas não estão cuidando também. Tão fazendo as duas coisas e tudo ao mesmo tempo. Por isso, que eu acho que assim, o EJA ele tá, tá, tá legal, mas poderia melhorar um mais pouco.

**Kloe Ward** - O que você acha da educação atual e o que pode ser ... melhorado, eu diria assim, pra que a gente tenha cidadãos excelentes?

**Bits Walker** - Bom, assim, o que pode ser melhorado... Pra mim, pra ser melhorado o que... a parte principal disso é a própria educação da escola que isso vai causar o que, vai subir o nível de, sei lá, de atitude na escola e isso melhora pra frente. É como se fosse uma pessoa que estuda, passa pra frente, ela recebe um salário bem, a pessoa que não estuda depende. Aí vai, vai por vai.

**Kloe Ward** - E também não é só a questão de salário, né, a gente vai... a gente formaria cidadãos mais... evoluídos que entenderiam mais de política e de sociedade, né. Muito obrigada ao nosso amigo e foi um prazer ter essa conversa com você sobre educação.

**Bits Walker** - Eu fico grato e até lá.

(Transcrição da produção inicial, realizada em 29/05/2017 pela participante Kloe Ward).

- (67) **Bits Walker** - Olá ! Estamos com a Kloe Ward. Ééé... E iremos fazer umas perguntas sobre rap. E estamos aqui para fazer umas perguntinhas e... e o que... e a ação dela o que ela vai fazer. Olá, Kloe!

**Kloe Ward** - Olá! Tudo bem?

**Bits Walker** - Tudo.

**Kloe Ward** - Que bom!

**Bits Walker** - Kloe, o que você acha assim sobre o rap e o que você tem a dizer sobre ele?

**Kloe Ward** - Eu acho que o rap nacional tá crescendo muito e tá muito evoluído na cena atual. E eu acho que a gente tem ótimos MCs e que a gente pode crescer muito como potência entre aspas, né, no rap nacional.

**Bits Walker** - Muito bom! E assim, sobre o rap nacional, pode ter assim... casos de você uma, uma hora parar, não gostar mais do rap, ou assim, é pra sempre mesmo?

**Kloe Ward** - Não, não. Rap, eu acho que é uma coisa que evolui. Então, é fase de adaptação. Então, a gente sempre vai tá crescendo junto com o rap, tá evoluindo junto com o rap. Acho que não esse troço de enjoar, sabe?

**Bits Walker** -Hum.. Ok. Então, vamos iniciar as perguntas. A primeira pergunta que eu tenho pra você: você já sofreu algum preconceito de gostar do rap?

**Kloe Ward** - Assim, os meus pais, eles não curtem, né, que eu ouça rap e tals. Mas assim, fora... fora os meus pais, na minha família não, não. É de boa.

**Bits Walker** - Muito bom. Sem constar que ...os adolescentes agora gostam muito de rap também, né?

**Kloe Ward** - É, mas a gente tá numa geração que escuta o rap, o rap por status, sabe? Não é o rap por, por... por amor ao rap. É rap por status, saca?

**Bits Walker** - Entendo. Vamos para a segunda pergunta então. Em sua opinião, qual é o papel do rap na sociedade? Saber me dizer?

**Kloe Ward** - Claro, claro. O papel do rap. Que tipo, na real, o rap não tem um papel, mas se ele te... tivesse, né, seria... mostrar pras pessoas que... a sociedade não é só, só a elite, sabe? Que... E o rap, ele é uma coisa marginalizada, tipo, porque são pessoas que, sabe, cresceram num meio mais violento e tals. Não sempre, claro. A gente não pode generalizar, mas normalmente. E a visão do rap é mostrar pras pessoas que a cultura do rap nacional não é só dinheiro e drogas, sabe? É também ajudar a sociedade a olhar pra outros lados.

**Bits Walker** - Muito bom! Sim. Você acabou de falar sobre a parte do preconceito que também... as pessoas que, por não saber do rap, acham que é uma coisa, sei lá, tudo sobre drogas. Não. É sempre diferenciado. Vamos para a quarta pergunta. Um grupo de rap que você mais gosta?

**Kloe Ward** - Cara, na real, eu acho que isso de grupo de rap, de MC favorito não existe. Quando a visão do cara é boa, é... a gente gosta da visão do cara, não do cara, sabe? Mas uma galera, não é um grupo, mas uma galera que tem uma visão forte é essa galera mais antiga. Não, tem um grupo sim. Tem Racionais, mas essa galera mais antiga que tá no rap há muito tempo, normalmente tem uma visão mais forte.

**Bits Walker** - Muito bom! Temos aqui várias perguntas, né? Agora, para a quinta pergunta. Teria vontade de criar um grupo de rap? E se sim, quanto, quantas pessoas no solo? E se sim, qual daria tal nome para esse grupo de rap?

**Kloe Ward** - Cara, atualmente, eu não tenho esse, esse... essa coragem de meter a cara nesse trampo, porque é ... é um meio muito machista. Isso a gente não pode negar, mas não é por isso que eu não teria coragem. É porque realmente, é... o meu rap por amor é o... é gostar de ouvir o rap. Acho que, se eu produzisse, não ia ser uma coisa muito boa.

**Bits Walker** - Bom. Então, é isso. Espero que vocês tenham gostado da nossa primeira entrevista com a nossa amiga Kloe. E o tema da entrevista, o tema da entrevista foi o rap nacional. E é isso, espero que vocês tenham gostado. Até logo! Fui.

(Transcrição da produção inicial, realizada em 29/05/2017 pelo participante Bits Walker).